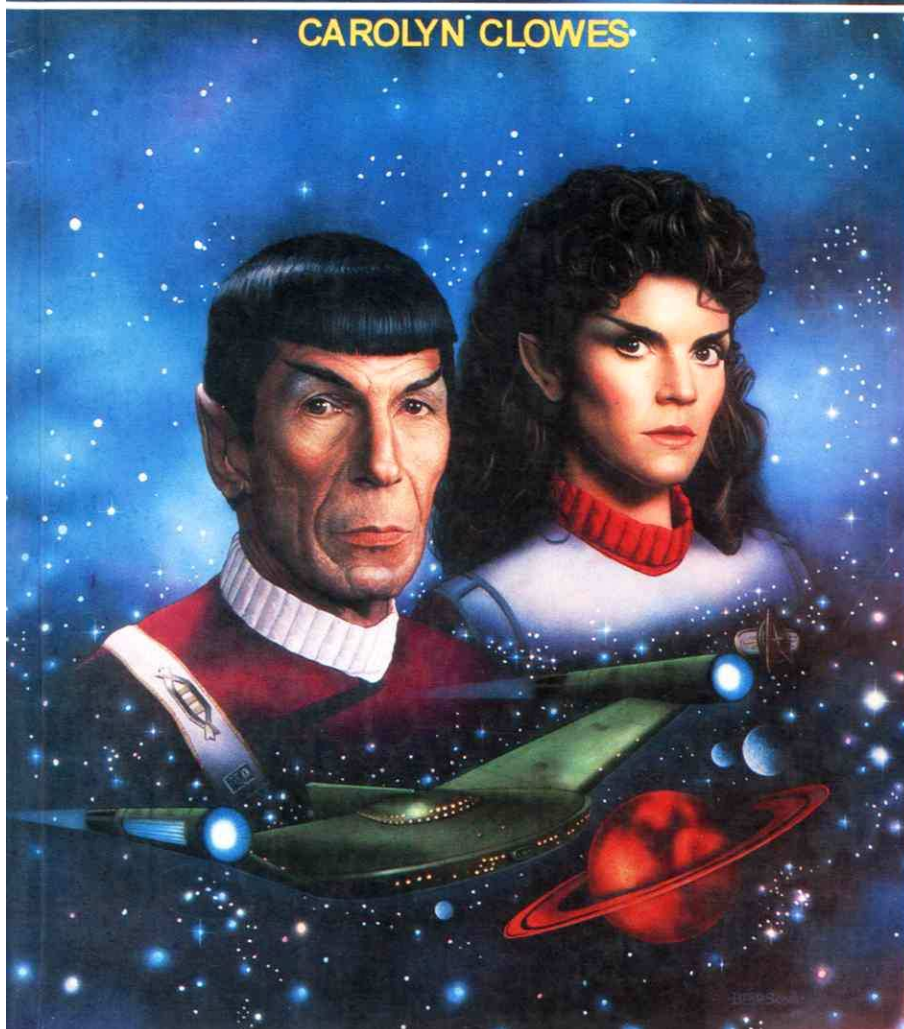


STAR TREK

# JORNADA NAS ESTRELAS

O PRINCÍPIO PANDORA

CAROLYN CLOWES





*Audaciosamente indo aonde  
nenhum Homem jamais esteve*

## O PRINCIPIO PANDORA

**Uma espaçonave romulana  
ultrapassa, misteriosamente, a Zona Neutra  
e penetra no território da Federação  
Quando o capitão Kirk e a tripulação  
da Enterprise investigam a estranha invasão,  
defrontam-se com uma nave abandonada.  
O comando da Frota Estelar ordena, então,  
que a misteriosa nave seja levada para a Terra.  
Mas a Ave de Rapina romulana traz,  
escondida, uma perigosa carga,  
uma força mortal que é liberada  
no coração da Federação  
Somente Spock e sua pupila, a cadete  
Saavik, poderão descobrir o segredo  
que existe por trás da mais mortal  
ameaça romulana**

**E mais: Glossário Jornada nas Estrelas Glossário  
Cultural**



Av. Dr. Luiz Migliano, 110 3º and. - B 05711-001 - S.Paulo - 8(011) 843-3202

*Tradução: Stanlei Nelson Bellan*



índices para catálogo sistemático: 1. Ficção: Século 20 : Literatura norte-americana  
813.5  
2. Ficção Científica: literatura norte-americana  
813.0876  
3. Século 20: Ficção : Literatura norte-americana

# COLEÇÃO



01	Portal do Tempo	A. C. Crispin	<i>Série Clássica</i>
02	Encontro em Farpoint	David Gerrold	<i>Nova Geração</i>
03	Efeito Entropia	V. N. McIntyre	<i>Série Clássica</i>
04	A Terra Desconhecida	J. M. Dillard	<i>Série Clássica</i>
05	O Navio Fantasma	Diane Carey	<i>Nova Geração</i>
06	A Teia dos Romulanos	M. S. Murdock	<i>Série Clássica</i>
07	Kobayashi Maru	Júlia Ecklar	<i>Série Clássica</i>
08	Crime em Vulcano	Jean Lorrah	<i>Série Clássica</i>
09	Os Guardiões da Paz	Gene Deweese	<i>Nova Geração</i>
10	Tempo Assassino	Delia Van Hise	<i>Série Clássica</i>
11	I.D.I.C.	Jean Lorrah	<i>Série Clássica</i>
12	O Filho de Spock	A. C. Crispin	<i>Série Clássica</i>
13	Emissário	J. M. Dillard	<i>Deep Space 9</i>
14	Imzadi	Peter David	<i>Nova Geração</i>
15	Meu Inimigo, Meu Aliado	Diane Duane	<i>Série Clássica</i>
16	O Princípio Pandora	Carolyn Clowes	<i>Série Clássica</i>
17	Sobreviventes	Jean Lorrah	<i>Nova Geração</i>
	Manual da Enterprise	Shane Johnson	<i>Série Clássica</i>
	Mundos da Federação	Shane Johnson	<i>Nova Geração</i>
	Dicionário Klingon	Marc Okrand	<i>Star Trek VI</i>

Todos esses volumes podem ser encontrados nas melhores livrarias do Brasil. Caso seu livreiro não tenha o de seu interesse em estoque, escreva-nos e teremos o máximo prazer em atendê-lo pelo correio:

**Editora Aleph**

**Depto. de Venda Direta ao Leitor**

**R. Dr. Luiz Migliano, 1110 - 3<sup>º</sup> andar**

**05711-001 São Paulo SP**

**Tel: (011)843-3202**

**Fax: (011)843-3263**

# O PRINCIPIO PANDORA

*Ao longo deste livro aparecem termos e personagens com os quais o leitor pode não estar familiarizado.*

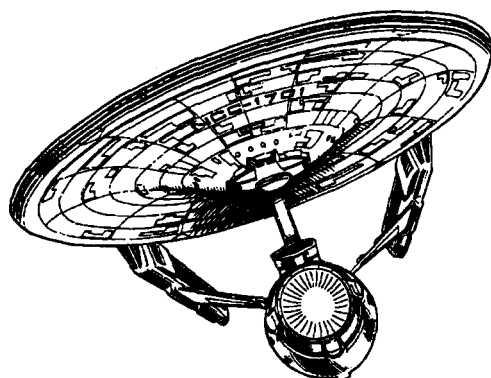
*Por isso, colocamos nas páginas iniciais uma apresentação dos principais personagens e, no final, dois glossários: um relativo aos termos da série Jornada nas Estrelas e outro relativo a Cultura Geral.*

*Talvez fosse conveniente lê-los em primeiro lugar para não interromper a leitura do romance*



*"O Espaço, a fronteira final.*

*Estas são as viagens da nave estelar Enterprise, em sua missão de cinco anos para explorar novos mundos, pesquisar novas vidas, novas civilizações, audaciosamente indo aonde nenhum Homem jamais esteve"*



*U.S.S. ENTERPRISE NCC-1701A*

A *Enterprise* utilizada na missão exploratória de cinco anos foi a única sobrevivente das doze naves de classe *Constitution* construídas. Após o término da missão, ela foi inteiramente reformada, incorporando o que havia de mais atual em termos de tecnologia. Novos motores de dobra, novos sistemas de impulsão e defesa, computador mais possante, novos armamentos. A reformada *Enterprise* revelou-se tão extraordinária que a Frota Estelar decidiu construir outras naves, criando uma nova classe: a classe *Enterprise* de cruzadores pesados. Durante a missão Gênesis o capitão Kirk se viu forçado a explodir a *NCC-1701* usando o sistema de autodestruição da nave em órbita em torno do planeta Gênesis. Algum tempo depois, uma outra nave da classe, a *USS Ti-Ho*, foi rebatizada de "*Enterprise*", recebendo o código *NCC-1701 A*.



**James Tiberius KIRK** é o comandante da *Enterprise*. O mais jovem capitão, e também o mais jovem almirante da Frota Estelar tem uma destacada folha de serviços. Natural do planeta Terra Após a missão exploratória de cinco anos, foi promovido a almirante e designado para chefe de operações da Frota. Depois de dois anos e meio voltou ao comando da *Enterprise* durante a missão contra VGER Fará resgatar o corpo de Spock no planeta Gênesis e levar o *katra* do Vulcano ao seu planeta, Kirk e sua tripulação desobedeceram às ordens da Frota e seqüestraram a *Enterprise*. Quando voltavam à Terra para serem julgados por seus atos, Kirk e seu pessoal salvaram o planeta ameaçado por uma sonda espacial de origem desconhecida Novamente sua coragem foi reconhecida, mas por desobedecer ordens foi rebaixado a capitão, podendo assim, continuar a fazer o que melhor sabia comandar uma nave estelar.



O imediato e oficial de ciências da nave *Enterprise* é o capitão **SPOCK**. Filho de um vulcano e uma terrestre possui uma mente extremamente analítica. Recebeu a educação de um vulcano, treinado em lógica, computação e controle das emoções. Terminada a missão de cinco anos voltou a Vulcano para se submeter à doutrina do *Kolinahr*. Durante os eventos envolvendo VGER reuniu-se à antiga equipe decidindo voltar à ativa Durante a missão Gênesis sacrificou a vida para salvar a *Enterprise* e sua tripulação. Antes de morrer passou seu *katra*, sua alma, para McCoy que a levou até Vulcano e através da cerimônia do *fal tor pan* reunificou-a ao corpo de Spock regenerado pelo "efeito gênesis".



**Leonard H. McCOY** é o oficial médico-chefe da *Enterprise*. Um médico da Terra apegado às tradições e pouco afeito à tecnologia de seu tempo - reflexo de seu temperamento extremamente humanista e

romântico - que não o impede de ser um exímio conhecedor do uso dos modernos e sofisticados instrumentos médicos. É amigo pessoal e conselheiro do capitão Kirk. Após a missão de cinco anos retirou-se para fazer pesquisas médicas, só retornando à ativa após ser convocado para a missão contra VGER. Quando Spock morreu salvando a *Enterprise*, o vulcano fez com que McCoy fosse o Guardião do seu *katra*.



**Comandante Montgomery SCOTT**, Capitão de engenharia da *Enterprise*. Um escocês que possui profundo conhecimento da alta tecnologia utilizada nas astronaves, sendo considerado uma das maiores autoridades no assunto. É o responsável pela engenharia e manutenção da nave.



**Comandante Nyota UHURA**, oficial de comunicações da *Enterprise*. Nasceu nos Estados Unidos da África e seu nome significa "liberdade" na linguagem *swahili*. Excelente em matemática e física. Colecionadora de canções e magnífica musicista.



**Capitão Hikaru Kato SULU**, Ex-piloto da *Enterprise*. É o atual capitão da *USS Excelsior*. Um oriental apreciador de botânica e de personalidade romântica. Campeão interplanetário de esgrima, colecionador de armas antigas e especialista em artes marciais.



**Comandante Pavel Andreievich CHECOV**, navegador e chefe da segurança da *Enterprise* Um russo que frequentemente proclama as qualidades de seus ancestrais soviéticos, que alegavam ter inventado e descoberto quase tudo no universo. É jovial, impulsivo e de espírito alegre



**Cadete SAAVIK**, mestiça vulcano-romulana, cresceu no planeta Hellgard em circunstâncias deploráveis. Encontrada por Spock, tornou-se sua pupila, estudou na Academia da Frota e foi destacada para a *Enterprise*.

IKKOP FLKP



# AGRADECIMENTOS DA EDITORA

Agradecemos a todas as pessoas que tornaram possível a publicação desta obra mantendo a máxima fidelidade à série Especialmente à



**FROTA ESTELAR  
BRASIL**

**(Clube de fãs da série Star Trek - CP 14592 - CEP 03698-970 SP)**

e, também, a Stener Bellan, Cláudia Ronzi, Sérgio Figueiredo, Luis A. Navarro, Cristina Nastasi, Ivo L Heinz, Paolo Pugno, Roosevelt Garcia, Silvio Alexandre, pela assessoria, Júlio Sirota, Marlene Freitas, Geórgia Robles, Michel Friedhofer, pelas revisões, Vivi Humphreys, Cláudia Freitas, Lilia Oliveira, Salmy de Lacerda, Humberto Kawai, Jung Jai Lee, pelas traduções, Leonardo Bussadori, pelos desenhos dos personagens na apresentação e Christiano Nunes pela inestimável ajuda no trabalho de editoração.

# UM

Alguém estava gritando.

Ela odiava aquele som, odiava esta armadilha de estranhas luzes ondulantes, este lugar sem ter onde se esconder. Além da luz havia a escuridão...não! Ela não podia ocultar-se ali. Era o local em que Aquilo esperava, onde procurava e gritava por ela. Por causa dela. Pelo o que ela havia feito.

Se apenas pudesse se lembrar o que era Aquilo...

Mas o grito era tão alto que ela não podia pensar. A fome a corroía. O medo martelava em sua mente. E uma nova dor; um choroso e torturante sofrimento que ela não compreendia. Amontoou-se firmemente, encaracolando-se em torno de si mesma, abraçou seu joelhos e prendeu a respiração para fazer a dor ir embora. Mas isso não ajudou e ela sentiu gosto de sangue. O seu próprio.

Se ao menos aquele grito parasse...

Não se mover. Não agora. Não produzir um ruído sequer. Não deixá-lo me ver, fazer com que nunca me ouça, fazê-lo ir embora...Mas Aquilo estava sempre lá, aguardando por ela entre as sombras, afiado, mortal como uma lâmina.

Então repentinamente, Aquilo não a esperava mais.

Corra! Corra, corra, corra...

Dor. Rasgando, cortando, mais afiado que as pedras quando retalharam seus pés. Um suor gelado escorreu por sua face, penetrou, queimou dentro de seus olhos e esfriou-a. Muito, muito frio.

Nunca deixá-lo me machucar! Nunca deixá-lo me pegar!...

Ela precipitou-se por terríveis corredores de luz, passou por paredes curvas de rocha sólida, junto à túneis estreitos e tortuosos até que a luz foi tragada e nada mais ela viu. Agora, o terror a possuía e ela estava correndo contra a dor, correndo por sua vida, cada vez mais para a profunda e terrível escuridão. Mas não rápido o suficiente. Gritos, passos soavam atrás dela, aproximando-se mais e mais. Então, lembrou-se de algo; uma coisa que exauriu sua vontade e fez seu coração gelar novamente. Aquilo a caçaria até o fim, porque ela não poderia fugir eternamente, porque este lugar era uma armadilha. Sem rota de fuga.

Ela iria morrer.

As noites eram frias no planeta Thieurull. Durante o dia dois sóis aqueciam sua superfície e as formas de vida desafortunadas, sequiosas e tórridas que não encontravam abrigo. Um calor inexorável branqueava a cadeia de montanhas escarpadas contra um céu rubro, fundindo as planícies estéreis em uma paisagem vaga. Entre as montanhas e o deserto, repousam

os restos do que um dia havia sido uma colônia. A poeira fazia redemoinhos nos umbrais vazios. A escória se amontoava, aquecendo-se aos sóis, e servo-mineradores estavam abandonados em crateras abertas na terra. Botas pesadas não pisavam mais a argila ressecada. Vozes escabrosas e iradas não mais amaldiçoavam a poeira sufocante. Risos grotescos, pragas e gritos bêbados não ecoavam mais ao vento. Os soldados se foram. Os operários, as mulheres e naves também. A comida se fora.

Um mundo e suas poucas almas restantes tinham sido deixados à morte. Quando a escuridão caiu na mina estéril, fissuras e poças castigavam o solo ressequido, criaturas rastejavam ou esgueiravam para a superfície, caçando os mortos do dia. Se mais de um necrófago disputasse a mesma carcaça putrefata, a luta seria até a morte; o mais letal sobreviveria. Batalhas ganhas e comida garantida, eles iniciavam a busca novamente por segurança e abrigo contra o cruel amanhecer do planeta. Dolorosamente, de maneira quase impossível, a vida ainda era fiel à Hellguard.

Ele não possuía luas. À noite, havia somente o brilho das estrelas queimando através da fraca atmosfera, a ferrugem e o âmbar da luz do dia ardente, sangrando em nuances de cinza e preto. Os sóis distantes, que fulguravam no céu fundos de Hellguard, eram frios e ao mesmo tempo ardentes, lançando sua terrível beleza através das infinitas curvas do espaço.

Muito além da colônia, dispostas na planície aberta, um círculo de tendas erguia-se sobre o céu pontilhado de estrelas. O vento varria ao redor delas, uivando em meio ao deserto, e suas lanternas faziam um anel de poeira flutuar na escuridão. E nas sombras da colônia, sem serem vistos por aqueles que traziam esta nova e estranha luz, cujo leve tremeluzir arrebatou-os ardentemente, olhos famintos vigiavam a noite.

Spock sentou-se em meio às sombras que oscilavam contra as paredes e a tenda principal. Ao redor da chama de uma lanterna isolada, mais doze vulcanos estavam reunidos; sentados, esperando. Em algum lugar do lado de fora, uma orla de tenda desprendeuse, sacudindo e chicoteando com o vento. O dispositivo de gravação parecia deslocado, estirado lá no chão coberto com uma esteira; uma peça metálica e reluzente de tecnologia, anacrônica à vista da lanterna, homens vestidos em roupões e o vento gélido e cortante que soprava através dessa traiçoeira noite alienígena.

Spock observou que seu pai acionara o gravador. O semblante de Sarek, sempre inexpressivo, mudou sutilmente por um instante, quando a luz de uma lanterna que chegava feriu-lhe os olhos; por um momento eles arderam como chamas. Então Sarek começou a falar. E Spock estava grato pelas sombras, grato pela escuridão, grato por saber que sua parte ali fora feita. Hoje à noite os anciãos encontravam-se para testemunhar uma tragédia; ele tinha sido apenas um mero mensageiro, trazendo notícias de um passado

esquecido.

A Frota vulcana havia perdido quatro naves nos últimos quinze anos: Criterion, Perceptor, Constant e Diversity, todas naves de investigação científica, todas tripuladas por vulcanos, todas perdidas no espaço. Uma a uma, elas simplesmente desapareceram, sendo que Diversity, a última, havia sumido há seis anos atrás. Em todos os casos as transmissões eram rotineiras, desde setores às margens da Zona Neutra, até quadrantes no interior da Federação. Então silêncio. Nenhum sinal. Nem bóia de registro e nem destroços. Até três meses atrás.

A Enterprise estava cruzando o setor Gamma Hydra, patrulhando o difícil perímetro da Zona Neutra Romulana, quando a ponte ouviu um leve e frenético pedido de socorro, em um obsoleto código da Federação. Provinha de um cargueiro romulano que fugia rumo ao espaço da Federação, de uma nave de guerra do Império, que a estava alcançando. No momento em que a Enterprise rompeu a Linha e chegou à distância de transporte, a ave de rapina lançou um raio de fogo que envolveu a sua presa. O único ocupante, uma mulher vulcana, foi transportada à bordo inconsciente e queimada demais para sobreviver. Spock chegou ao seu lado na enfermaria momentos antes do fim, tocou gentilmente com seus dedos a face chamuscada da mulher, juntando-se à mente que se esvanecia para que ela não morresse só. O seu relatório do incidente dizia: "Explicação: Nenhuma." Mas quando a Enterprise aportou na base estelar ele requereu uma licença e contratou transporte para Vulcano.

Tudo isso tomou um tempo precioso. O conselho de Vulcano levou ainda mais tempo com discussões internas a respeito do Império e das leis da Federação, as quais eles estavam prestes a quebrar. No fim a Federação não foi informada. A Symmetry não carregava armas complementares; os veículos vulcanos de pesquisa nunca o faziam. Cruzar a Zona Neutra e penetrar o espaço do Império Estelar Romulano eram tarefas melhor executadas por sensores de longo alcance e por naves rápidas e discretas. Mesmo uma nave estelar como a Enterprise ou a Constitution não teriam chances contra a Unha de frente do Império. Uma simples nave vulcana de registro estaria condenada, mas é assim que teria de ser.

Para esta missão, decolar baseado somente no último pensamento de uma vulcana moribunda no derradeiro elo mental de sua vida, era uma idéia que enviava ondas de choque através do Conselho e de suas famílias: Em um mundo abandonado chamado Hellguard, o quinto planeta da Triangule 872, existiam crianças, crianças vulcanas, morrendo em uma rocha ardente no espaço.

— ...Mas nenhum traço das nossas naves de ciência ou de suas pequenas tripulações, - dizia Sarek, falando ao gravador. - Quinhentos e cinquenta e seis cidadãos de Vulcano, nossos irmãos e irmãs, filhos e filhas estão

perdidos para nós. Se estiverem vivos, - e o pensamento surdo de treze mentes ecoaram como uma oração, - estão além do nosso alcance. Em sua memória eu digo seus nomes...

O Império havia negado tudo. Ele não sabia nada a respeito de naves vulcanas! Que evidências tinham os vulcanos para fazer tais acusações?... Crianças? Como poderiam ser crianças? Era biologicamente impossível, disseram os seus cientistas, era lamentável que as naves haviam se perdido, mas os vulcanos tinham alguma prova?...

Agora eles tinham uma prova, uma prova viva. E os vulcanos não iriam mais manter segredo, ao menos uns dos outros. Sarek falou o último dos nomes. A luz das lanternas tremeluziam na poeira. Sombras dançavam pelas paredes da tenda; o ar fazia-se pesado e o tempo parecia não andar. O gravador ainda estava ligado.

— Os habitantes remanescentes variam em idades aproximadas de cinco a quatorze anos. As sondas em busca de vida confirmaram o que nos foi contado. Entretanto, elas são meio-vulcanas. - Desligou o gravador para permitir um momento de reflexão.

Cabeças se curvaram em silêncio e em dor. Não havia necessidade de verbalizar o que cada vulcano sabia, nem testemunhas para reconstituir os fatos. Apenas a gritante e irrefutável verdade: um bando de crianças famintas que nunca deveriam ter existido.

Os homens vulcanos e suas companheiras estão sujeitos a uma condição tão primitiva e inexorável quanto as areias varridas pelo vento de seu planeta. Normalmente, se acasalar (ou não) é uma questão de escolha pessoal; mas a cada sete anos torna-se uma questão de vida ou morte; de ser Vulcano. Pon Farr: o eterno paradoxo da natureza Vulcana, é sofrimento particular, é ilógico, a alma secreta. Quando essa época se aproxima, os vulcanos nunca escolheriam aventurar-se a uma saída do planeta em naves de pesquisa. Vulcanos nunca optariam por acasalar-se longe do lar. E vulcanos nunca optariam por acasalar-se com romulanos. De alguma forma, neste mundo remoto e decadente, fenômenos químicos internos foram adulterados. As mentes Vulcanas foram destroçadas. Os ciclos pessoais sagrados foram perturbados.

Os Vulcanos foram violentados.

Sarek levantou a cabeça e acionou o gravador mais uma vez. As chamadas em seus olhos não vieram apenas das lanternas, e a sua voz calma encheu a tenda como um dobrar de sinos; ou um soar de distantes e perigosos trovões.

— Eu concluo a declaração do fato. Agora Salok falará sobre os sobreviventes e o que há para ser feito.

Salok estava velho até mesmo para os padrões vulcanos, um curador com um talento muito especial: lidava extraordinariamente bem com crianças. Quando Salok lhes dizia para não temerem, assim elas procediam.

Quando Salok lhes dizia que não iria doer, não doía. E qualquer coisa que ele dissesse, elas nem sequer perguntavam ou argumentavam. Salok sempre as curava e sempre as compreendia. Mas não hoje à noite. Esta noite ele parecia exausto e frágil. Suas mãos tremiam. Seus olhos estavam nublados. Ali estavam coisas que ele não compreendia e nunca havia enfrentado antes. Lamentou com os Vulcanos pelas perdas, mas a dor que sentia era pelos sobreviventes.

— Como Sarek disse, - ele começou, - nós nos reunimos para discutir sobre as crianças. A informação de Spock estava certa: Elas foram deixadas aqui para morrer. Muitas morreram. As sobreviventes se escondem nos edifícios vazios e nos escombros da colônia abandonada. É uma vida ultrajante, sendo um milagre que elas ainda estejam vivas. Desnutrição é o problema imediato, mas não o mais sério. É o que está em suas mentes, sua ignorância e selvageria. Eu observei que não há sistema de valores, nem mesmo um código primitivo de comportamento. Por um bocado de comida, elas matam sem pensar ou arrepender-se. Elas até mesmo se matam entre si; as mais jovens, as mais fracas. Os corpos... - sua voz ficou vaga, - ...são consumidos como alimento.

Treze pares de olhos fecharam-se brevemente. Os vulcanos não matavam nenhuma criatura para comer, e canibalismo estava além de sua imaginação.

— Esse planeta está morrendo. Nós não podemos ajudá-los aqui. Eu sugiro a nossa estação de pesquisa em Gamma Eri, um ambiente protegido onde eles podem ser curados e ensinados. Acho melhor eu ir com eles, e lhes enviaremos nossos melhores médicos e professores. Quando as crianças civilizarem-se um pouco e ganharem um pensamento racional, poderão ser recolocadas em mundos onde seus progressos e dons melhor se encaixarem. Isso levará... um longo tempo. - Salok fez uma pausa, exausto. Cabeças menearam positivamente em silêncio e um alívio surdo refletiu suas palavras. - Então será feito. Amanhã a nave retorna. Ao amanhecer nós começaremos...

— Desculpe-me. - Spock estava de pé, as mãos espalmadas atrás das costas. - Creio que eu não possa concordar.

As cabeças voltaram-se. Spock sentiu os sinais de desaprovação por sua impertinência, a qual não seria tolerada. Ele respirou fundo e continuou.

— Algum dia essas crianças procurarão conhecer suas origens, suas identidades, seus lugares no Universo. Gamma Eri é uma estação orbital científica, não um mundo, não um lar...

— Nós salvamos as vidas delas Spock! - O retumbar na voz de Sarek já não estava tão distante. - Nós buscamos restaurar suas mentes. O que mais você quer que façamos?

— Tratá-las como o faríamos com os nossos. - Spock respondeu tranquilamente. - como de fato elas são. Desarraigá-las de sua terra natal, o

que devemos fazer, jogá-las em uma estação que nem mesmo orbita o sol de Vulcano, introduzir-lhes uma "parcela" do pensamento vulcano e então deixá-las seguir seus caminhos; é esse o pagamento de nosso débito para com aqueles que mencionamos esta noite? Estas são as suas crianças. Elas merecem um lar.

O semblante de Sarek estava petrificado. Os demais afastaram o olhar, aceitando a repreensão de um pai para com seu filho genioso, que estava se portando de modo tão incorreto.

— Estas crianças, Spock, - explicou Sarek, - são produtos de coerção. De estupro. Lembranças vivas da natureza Vulcana totalmente envergonhada e desonrada. Nossa família foi violada. Eles não escolheram os seus destinos.

— Nem tampouco as suas crianças. - Spock olhou seu pai através da tenda, através do tempo de uma vida. - Nosso mundo é deles por direito de nascença. Cabe a eles decidirem quais conceitos de Vulcano eles irão seguir.

— Veja bem, Spock, - entrevistou o ancião Salok, - dissemos que iríamos ajudá-las e vamos mesmo. Não as responsabilizamos pela desgraça de suas naturezas, mas devemos reconhecê-lo. Adaptar-se à vida em Vulcano será difícil e doloroso, tanto para elas quanto para nós. Devemos procurar fazer o melhor para o maior número possível.

— Perdoe-me Salok, mas esta equação falha quando o melhor é meramente evitar certas dificuldades às custas de uns poucos desamparados. Dizemos que nós valorizamos a diversidade em suas infinitas combinações. Vamos abandonar tal princípio simplesmente por conveniência?

— Não venha nos falar de nossos princípios Spock! - A voz de Sarek cortou feito uma faca através da desconfortável e chocada platéia. - Esta decisão nunca lhe coube. E não lhe cabe agora. A sua... divergência ...foi anotada

Spock lamentou a que ponto isso chegara.

— Constrange-me dizer, - falou, em meio ao silêncio gélido. - que o Conselho da Federação concordará com a minha postura. Ter um mundo que sirva de lar é considerado obrigatório para uma população deslocada, e povos deslocados são de interesse da Federação.

Pura chantagem. Todos fitaram-no em descrédito; Sarek fechou os olhos, envergonhado, e disse:

— Você trataria disto com alienígenas?

S'Tvan, filósofo e médico, estava em pé, sua voz insegura com o esforço do controle; sua única filha e seu filho mais novo estavam à bordo da Constant.

— Você ameaçaria fazer tal revelação? Humilhação pública? Como ousa! Isto não é um problema da Federação! É um problema Vulcano! Cuidaremos destes mestiços à nossa própria maneira!



Spock deixou estar.- Eu sou um oficial da Frota Estelar, S'Tvan, jurei manter a lei da Federação, que o próprio planeta Vulcano ajudou a estipular. Violação do Tratado nesta missão resultaria somente em nossas próprias mortes, uma vez que viemos desarmados, e a perda de outra nave. Não provocamos guerra, por isso meu silêncio, bem como minha vida e meu posto, eram minhas próprias. Mas agora falamos de outra coisa. Eu não poderia manter-me em silêncio. Elas são crianças e são Vulcanas.

— Não são! Enraivecido S'Tvan sentou-se de novo e um por um os demais se viraram. Spock pensou ter visto um lampejo de respeito nos velhos olhos mas então, ficou sozinho.

— Você está dispensado de nossas atividades, Spock. - disse Sarek.

Spock meneou a cabeça. Tudo bem, a coisa já estava feita. Ele apanhou seu tricorder e caminhou para a única saída da tenda. Conforme desatava as



amarras da porta, seu pai lhe falou tristemente ao ombro:

— Você trairia todos os Vulcanos, Spock?

— Se tivesse. - A borda da tenda cortou o vento, e puxou a sua mão. - Eu não acredito que isso seria necessário. Ou que todos em Vulcano seriam tão frágeis.

— Antes de fazê-lo, Spock, considere isto: Você não falou logicamente aqui. Talvez sua natureza humana tenha traído você... mais uma vez.

— Talvez. Acontece às vezes. Eu sou o que eu sou, pai.- Spock soltou a borda e caminhou para fora. Quando abaixou-se para prendê-la atrás de si, viu que já estava fechada.

Deixou o acampamento e caminhou pela planície; estava tão concentrado em seus pensamentos que não percebera uma sombra, não a sua própria, movendo-se logo atrás dele no escuro.

O que ocorreu na tenda não causou espanto, até mesmo a menção, por Sarek, de suas falhas humanas. Dificilmente Spock precisaria ser lembrado disso.

Somente meses atrás ele tinha se ajoelhado sobre a planície de Gol, deixando para trás as coisas da Terra, para finalmente pertencer à Vulcano e entrar na paz e liberdade de Kolinahr. Mas a Hora da Verdade não estava a seu alcance. E seu mestre o vira falhar. Tua resposta repousa em algum outro lugar Spock... não em Vulcano. Spock saiu de Gol naquele mesmo dia, sabendo que ele nunca estaria livre, ciente de que algumas coisas não poderiam ser deixadas para trás.

Agora estava em uma outra planície, observava os céus, e sabia que seu pai estava certo: sua natureza humana traiu-o, no passado e agora. Mas já sabia de tudo isso antes. Nada mudara. Naquela noite ele falou por causa do que ele era, por causa do que ele vira.

Spock vira seus rostos. Temerosos, desconfiados e sem esperança. Ossos e mentes famintos. Olhos indiferentes e vazios que nada prometiam, que vigiavam e esperavam pela escuridão. Meio-crianças e meio-mortas, meio-animais e meio-vulcanos. Ele caminhou sobre seu mundo bem servido, nutrido pela filosofia milenar de sua civilização, por bênçãos e aspirações, por tudo que representava ser um vulcano. E exceto por uma feliz circunstância de origem, qualquer um daqueles selvagens, daquelas criaturas famintas poderiam facilmente ter sido ele próprio.

Não ele não poderia manter-se em silêncio. Eu faço o que devo, - ele pensou - mas o destino das crianças não é a única coisa que conta aqui.

Haviam questões demais a serem consideradas. Devia encontrar as respostas, ou outras naves e seres poderiam nunca ver seus lares. Se aconteceu aos vulcanos, poderia acontecer a qualquer um.

Mas porque isto ocorreu no final das contas?

Spock virou-se contra o vento, pôs seu tricorder no chão, e protegeu-o da

poeira que o vento soprava enquanto monitorava suas leituras. Elas confirmavam seus dados mais recentes e não informavam nada novo: instabilidade sísmica. Abalos no planeta teriam feito da mineração algo extremamente perigoso, que poderia ser o motivo da saída dos romulanos, mas também poderia ser muitas outras coisas neste mundo tão inóspito.

Por que eles estiveram aqui em primeiro lugar? E o que estiveram minerando? Não encontrou nada que tivesse valor científico ou militar. Na área de escavação seus exames indicaram somente minério de ferro comum: hematita, pirita e alguns materiais mais úteis que poderiam ser minerados em qualquer outro lugar sem nenhum problema. Investigações de duas minas revelaram serem ambas bloqueadas por furnas, a expedição não tinha tempo de explorar mais além. Mas Spock sabia que devia.

Porque nem os instrumentos de Symmetry, nem seus próprios exames de superfície poderiam penetrar no terreno de charcos daquele penhasco rochoso. Um fenômeno natural? Ou algo de valor enterrado ali? Talvez isto justificasse a colônia de mineração, mas não explicava o desaparecimento das naves Vulcanas. Se houvesse uma resposta aqui, elas repousavam embaixo daquelas montanhas, e ele tinha até o amanhecer para encontrá-las.

Ao apanhar seu tricorder, Spock sentiu uma pontada nos cantos de sua mente; e em sua nuca. Um novo pressentimento entrou em seus pensamentos, enviando mensagens de alerta por sua espinha.

Ele não estava só. Algo o vigiava.

Com um semblante de indiferença, ele teclou seu bio-analisador, ficou em pé e começou a fazer uma varredura do horizonte. Em meio a análise, o aparelho registrou. Forma de vida: pequena, vulcanóide; distância: 30,2 metros -entre o próprio Spock e a ravina. Ele lançou um olhar em direção à escuridão de ventos uivantes, nada viu, então continuou a rastrear e avaliar sobre o que fazer. Ele não notou perigo, nenhuma intenção hostil, apenas a sensação palpável de estar sendo observado. O seu "vigia" o permitia estudar e pensar sem ser molestado. Naquele instante ele decidiu fazer igual. Pendurando seu tricorder no ombro, ele atravessou a planície sem sequer dar uma olhadela rápida para trás. Spock sabia que estava sendo seguido.

Um desmoronamento de pedras proveniente das montanhas, compunha uma barreira natural, separando parcialmente a colônia das planícies. Spock deveria ter dado a volta. O que já não adiantava muito, ele estava sem atalhos e terminando num beco sem saída. Ele remapeou seu caminho através do labirinto de pedriscos e diante de um campo aberto, resignou-se a, novamente, seguir em frente.

O lampejar de um aviso não foi o suficiente. O atacante caiu das rochas acima, jogando-o com força sobre uma pedra irregular. O barulho doentio que ouvira, era o impacto de seu próprio crânio; e para Spock, o mundo começava a desvanecer. Ele lutou para permanecer consciente, ciente de ter,

sobre si, seu braço direito imobilizado, e o esquerdo sendo arremessado de volta pela rocha, então, a luz das estrelas reluziu em um pedaço de metal afiado que era pressionado contra a sua garganta.

Um rosto furioso, com dentes puídos, e um rosnar, provinham de um jovem, um jovem surpreendentemente forte. Spock soube tarde demais que havia subestimado o perigo ali, mas estava tão certo...

O rapaz resmungou um alerta apertando um joelho no peito de Spock.

A visão do vulcano escureceu, sua mão esquerda parecia distante, porém livre; se ao menos ele conseguisse distrair esse jovem por um instante... o metal pontudo feriu sua carne um pouco abaixo de seu maxilar e Spock sentiu sangue escorrer por seu pescoço. Qualquer movimento iria fazer o objeto pontiagudo penetrar ainda mais. Uma mão tateante encontrou um pacote de ração; estava rasgado na boca. Após debater-se um pouco, Spock ouviu-o cair ao chão. O pacote de comida estava vazio, e aquele propósito agressivo estampado no rosto que se aproximava, era inconfundível. Spock sabia que não havia meios de distraí-lo e nem mais tempo.

Súbito, o rapaz levantou-se enrijecido. Sua boca aberta para um grito que nunca veio. A luz se apagou de seus olhos, cambaleou para trás até cair e lá ficou.

Spock moveu-se nas pedras para ajoelhar-se ao lado do corpo, buscando as sombras, protegendo-se de um novo ataque, que não veio. Mas se o rapaz estava sozinho, o que o teria matado? O corpo permanecia prostrado no chão; na boca um silêncio gritante, os olhos, ainda abertos, encaravam um céu que jamais viria novamente. Ele fora jovem. Vagarosamente Spock fechou os olhos dele e virou o corpo de lado.

Então ele viu a faca.

Ela perfurara a caixa torácica do lado direito embaixo, onde estaria o coração, se este meio-vulcano fosse como ele próprio. Alguém lá fora havia sido eficiente - e até aqui, invisível.

Spock encontrou seu tricorder, acionou-o e tentou ignorar o retumbar em sua cabeça. Seu misterioso vigia parecia querê-lo vivo; ou tinha intenções de matá-lo depois. Então seus ouvidos captaram o mais inaudível dos ruídos: uma pedrinha deslocando-se rocha abaixo, espatifando-se no chão. Ciente dos riscos ele sentou-se em um canto onde a luz das estrelas mal chegavam e aguardou. Finalmente, dentre dois grandes rochedos, a sombra separou-se da escuridão. Rastejando em sua direção, pôs-se na luz. Pelo menos o seu vigia havia se revelado; e uma sobancelha ergueu-se na penumbra.

Fascinante. E uma pequena menina.

Ela estava faminta. Nua, exceto por alguns trapos atados em sua cintura, era um esqueleto vivo. Cada costela, cada osso em seu corpo salientava-se, cobertos apenas por sua pele e camadas de sujeira. A criança estava imunda. Os cabelos negros, desgrehados e emaranhados caíam-lhe pelos ombros.

Feridas estouravam em bolhas nos seus pés e pernas, e pó de toda uma vida encrostava-se entre seus dedos. Com um olhar desconfiado sobre Spock, ela circulou até o corpo estar entre eles, arrancou sua faca, então cutucou e empurrou até virar o corpo. Apanhou o pacote de ração e examinou-o habilmente. Jamais encarando o menino, ela pegou a lasca de metal, examinou-a e enfiou-a nos trapos na sua cintura. Então com a faca de prontidão, ela avançou.

Spock sentou calmamente. Uma repentina sensação de inquietação surgia à medida que ele a observava aproximar-se, e a razão para isso era impossível.

Ela perscrutou-o atentamente por entre seus cachos embaraçados de cabelo e sujeira, com olhos brilhantes e fundos. Olhos curiosos, inteligentes, criativos. Quantos anos ela tem? Ele imaginou. Nove? Dez? E quão rotineiramente ela tem matado? Ela parou fora de alcance, levantou a faca à altura de seu rosto e avistando-o pela lateral da lâmina. Eles estudaram-se mutuamente em silêncio. O que estava na mente de Spock simplesmente não podia ser: era absurdo, mas... ele sentia que a conhecia. Sem sentido. Ele obviamente estava abalado e deveria estar alerta para demais sequelas. Ela esgueirou-se mais para perto, inspecionando-o centímetro por centímetro. O rosto, as mãos, as roupas e os sapatos perderam o atrativo. Os olhos dela estavam fixos em seu tricorder. Ela o apontou com a faca. Relutantemente, Spock empurrou-o pelo chão até ela.

— O quê? - ela sibilou, descontente por não conter comida. Sua linguagem era romulana e assim Spock respondeu na mesma língua:

— Ele... me conta coisas, - disse ele. Arregalando os olhos, ela sacudiu o aparelho, colocou-o perto do ouvido, escutando-o, e então franziu a testa.

— Conta! - ela ordenou, chacoalhando-o com força. Sem receber uma resposta, bateu nele com o punho fechado. - Estúpido filho bastardo! - ela bradou, voltando-se para Spock. - Você conta!

— Certamente. O que você gostaria de saber?

— Estrelas! - ela apontou para o céu e o vulcano olhou. Ela falou esta palavra em vulcano. Quando, e como, ela aprendeu isso?

— Você sabe o que elas são? - ... e o que mais você sabe?

Ela correu o braço sobre sua cabeça, como que percorrendo o céu.

— Minhas estrelas! - Ela disse com firmeza, apontando a faca na direção do coração dele, caso não concordasse.

— Sim, eu entendo. - Este encontro estava ficando mais estranho a cada minuto, e Spock achou por bem fazê-la ficar mais segura. - Eu não quero machucá-la. Eu estou indo por ali. - Ele apontou com a cabeça para as montanhas à frente. - Se você quiser pode... - Um olhar de puro terror apossou-se de sua face. Ela se virou para onde ele havia mostrado, e revolveu-se em fúria: -Não!

— Mas por quê? E quanto àqueles...

— Não, não! - Ela bateu os pés; olhos faiscando, narinas dilatadas e bramiu a faca para enfatizar. Ela se apoiou em uma pedra na planície aberta, empurrou a lasca de metal do garoto para debaixo da rocha e sentou-se para observar. A faca nunca vacilou. Com a sua mão livre, sacudiu o pacote da ração, pegando as migalhas na poeira. O vento uivou a redor deles e ela tremeu de frio.

A cabeça de Spock latejava. Ele procurou identificar essa impressão incomoda, a qual não podia entender nem ignorar: ela ainda parecia familiar. Ou lembrava alguém... quem? A mulher vulcana trazida à bordo da Enterprise era T'Pren, mas T'Pren estava em serviço na Diversity, desaparecida há apenas seis anos atrás. Essa criança não podia ser sua filha; ela era muito velha para tanto. Não, ele não podia conhecê-la... mas ele conhecia. Explicações envolveram-no e o tempo estava escoando. Quando ele tentou mover suas pernas para uma posição mais confortável, ela ameaçou-o com a faca:

— Como você quiser, mas eu agora eu preciso ir.

— Não! - A faca passou rente ao seu rosto, errando por uma fração de centímetros, alojando-se em uma fenda na pedra que estava atrás. Ela puxou-a de volta; e não havia errado tanto assim. Alguma coisa pequena remexia-se em sua lâmina: uma espécie de habitante-das-rochas com aproximadamente oito centímetros de comprimento, debatia-se enfiado na ponta que o trespassava. Ela mostrou-o como um tipo de exemplo. - Não vá! - ela sibilou, parecendo bem irredutível quanto a isso.

Spock concluiu que estava em desvantagem e que deveria manter isto em mente. A criança recolheu-se para a sua rocha e retirou sua presa, cujos músculos ainda contraíam-se mesmo depois dela cortar a cabeça, jogá-la na boca e começar a mastigar. Resoluto ele concentrava-se na planície aberta onde as luzes das tendas vulcanas ainda ardiam, mas ele não podia eliminar os sons de ossos sendo esmagados e de dentes afiados rasgarem a carne por entre o duro couro. Ele não se sentia bem. Sem dúvida que aquele machucado em sua cabeça...

— Você comer, - ela ordenou, oferecendo-lhe o último pedaço de carne. Um presente precioso... mas ele terminava em três garras, e um sangue escuro escorria, entre os dedos sujos, até o chão.

— Não, - ele respondeu, esperando que ela não insistisse. - É seu. Franzindo o rosto ela arremessou o resto em sua boca. Sangue escorreu-lhe pelo queixo. Ela o lambeu, lambeu os dedos e se agachou em direção às gotas de sangue caídas no chão. Juntou-as, mesmo com a areia e as comeu; e durante todo o tempo, vigiara-o incansavelmente.

Spock olhou para o céu, tentando calcular as horas pelo movimento das estrelas. Elas ardiam próximas, brilhantes e bonitas contra a fraca luz da

aurora. Aurora, não havia tempo para alcançar aquelas montanhas agora. Lá no meio da planície os vulcanos estavam saindo de suas tendas, começando a desfazer o acampamento. Hoje seria o sucesso ou a o fracasso de sua missão. Symmetry estaria fazendo o seu resgate através da Zona; um risco calculado, um pouco mais seguro do que ficar em órbita sem defesas ou dispositivos de camuflagem. Mas se ela não conseguir iludir as patrulhas e jamais chegar, eles estariam presos ali, junto com as crianças de Hellguard.

Em um piscar de olhos a criança movera-se tão furtivamente que ele não percebera. Agora ela estava parada em um canto distante da rocha em que ele estava sentado, vendo-o observar as estrelas. Depois de um instante ela subiu e sentou-se ao lado dele olhando o céu, tão quieta e compenetrada, que Spock sentiu que estava testemunhando alguma cerimônia particular. Sua faca pendia esquecida na mão dela.

— Estrelas, - ela suspirou, com uma face solene e esperançosa. Ela vasculhou o céu como se esperasse algo que fosse acontecer; ou tentando lembrar-se de alguma coisa. Onde ela aprendeu essa palavra? Por que ela salvou a minha vida? E por que, Spock questionava a sua própria racionalidade novamente, por que tudo isso parece ser tão.... importante?

— Eu estou indo para lá, - ele murmurou, - ver as suas estrelas. E você pode vir comigo. - Ela fitou-o perplexa, os olhos enormes e desejosos. - O meu povo vem para levar-nos. Eles trazem comida. Você irá comer. E então nós vamos...

— Não! - Ela desmoronou da rocha e voltou pra trás, segurando a faca e o pacote de ração em suas mãos, balançando sua cabeça com medo, passando os olhos por ele, pelos vulcanos que se aproximavam e para as montanhas nas suas costas. Então ela apontou para o céu: - Corra! - ela gritou, e lamentavelmente, para Spock, ela desapareceu na escuridão.

O incidente deixou-o profundamente perturbado. A última palavra dela também era vulcana, e significava fugir, correr pela vida. Qualquer que seja o significado destas palavras para ela, a tentativa de conquistar sua confiança havia falhado. Mas ela estava faminta; ela viria junto com os outros para ser alimentada. Claro que viria. Senão, o rosto dela o perseguiria por todos os seus dias.

Ele levantou o corpo e carregou-o até as planícies, o corpo que quase era o seu próprio. Ele sobreviveu por que esse garoto morreria, por que uma criança inteligente e perigosa havia salvo sua vida por razões que só ela sabia. Spock jurou sobre as estrelas flamejantes de Hellguard que, hoje mesmo, ele iria retribuir o favor. E começou a construir uma sepultura de pedras.

— A decisão já foi tomada Spock, gostaria de saber o resultado?

Um amanhecer rubro estava levantando-se no céu, o calor já era forte, e todas as estrelas, exceto as mais brilhantes, haviam desaparecido. O vento

morrera com a luz matutina, e a areia redemoinhava ao redor dos vulcanos silenciosos enquanto realizavam suas tarefas. Um abrigo aberto foi montado no centro do complexo. Spock abriu caixas de comida, bolos úmidos de nutrientes especificamente formulados e misturados com sedativos para deixar as crianças dóceis, acalmar seu temores e facilitar o seu transporte para a Symmetry. Se ela conseguisse chegar.

— Sim, Salok, - ele fez uma pausa, grato ao velho e cansado homem.

— Achei que você apreciaria, visto a sua ausência de nossa discussão. Sem dúvida os seus estudos científicos eram mais prioritários.

Spock sentiu uma pitada de humor nos olhos do idoso curador. Então a sua confrontação na tenda, as suas palavras embaraçosas, sua abrupta partida do encontro, seria tratada da típica maneira vulcana: Ela nunca acontecera. Além da colônia, as montanhas recortadas elevavam-se sobre eles, escarpadas e fissuradas em uma aurora escarlate. Ele refletiu sobre naves, vidas e o terror repentino em uma pequena e faminta face.

— Os meus estudos são de meu interesse, Salok.

— Estou gratificado em ouvir isso, Spock. Foram proveitosos?

— Talvez, não, Salok, mas somente o tempo irá dizer.

— Ah, o tempo, - falou Salok - o tempo nos dirá muitas coisas, Spock. Nossa reunião foi de certo interesse também. - A luz em seu velhos olhos brilhou. - Os anciãos acham que é melhor oferecer às crianças lugares com os seus familiares em Vulcano. - Com cuidado, Spock não mostrou nenhum sinal de alívio. - Parece que do contrário, seria necessário discussões embaraçosas com a Federação, que levariam os de fora de nosso mundo à questões sobre os nossos ciclos reprodutivos, às quais seríamos obrigados a responder. Para não mencionar nossa desobediência às leis da Federação e Acordo Inter-Estelar com o Império Romulano. - Spock estava bem ciente das consequências, ele já havia refletido sobre elas. - Mas as crianças devem estar de acordo. Se elas desejarem identificar-se e se declarar como cidadãos de Vulcano, o procedimento médico será administrado. O direito de pedi-lo será sempre delas.

— Mas elas são apenas crianças, Salok. Certamente...

— Assim são nossas leis e costumes. Elas não estão isentas. A sua natureza precisa ser domada. Será difícil para todos nós. Aquelas incapazes de compreender serão levadas, mas não para Vulcano. Nós não podemos fazer essa escolha por elas, ou por todas as vidas que elas irão afetar. Nossa decisão é justa, e não foi feita indolentemente. Esta escolha deve ser delas, Spock, nem sua nem minha.

A justiça Vulcana: O que foi dado deve ser ganho, e o que foi ganho deve ser dado. Essas crianças devem escolher algo que toda criança vulcana já tem por direito de nascença; e ainda descobrir que a sua família vulcana desejava que elas nunca tivessem nascido.

— A situação delas deve ser explicada para elas, Salok.

— Com certeza será, - ele murmurou.

— Perdoe-me. Eu não questiono seu zelo.

— Muito sábio, Spock, - Salok entrelaçou os dedos de suas mãos.- Porque não serei eu quem irá explicar. Desde que você parece capaz de falar o que acontece na linguagem delas, a tarefa é sua. Isto como você vê, também foi decidido.

Interiormente, Spock suspirou; isso não era exatamente o que ele tinha em mente. Não se poderia dizer que ele tinha uma afinidade com crianças. Em sua defesa, arriscaria sua vida com prazer; na presença delas ele preferia muito mais estar em outra parte. Mas ele não estava em posição de...

— Então eu devo fazer isto ficar claro para elas Salok. Eu entendo.

— Não estou tão certo Spock. - Os olhos dele cintilaram. - Elas devem ser cuidadas, entenda, prevenidas para não causar qualquer dano à nave ou a elas mesmas para não se tornarem uma fonte de interrupção em nossa viagem para casa.

— Mas - Spock franziu o cenho -, isso irá requerer... supervisão constante, Salok. Acredito que minhas responsabilidades à bordo...

— Já foram redefinidas.

— Entendo. - O que foi ganho deve ser dado. Existia uma certa elegância na justiça vulcana; seria um longo caminho de volta.

— Afinal de contas, as crianças são o motivo de nossa vinda. Você e eu devemos trabalhar juntos nesta importante missão.

— Então minha responsabilidade é minha honra, Salok.

— Talvez. Assim como muitas coisas que apenas o tempo nos dirá. Crescentes gêmeos de fogo riscavam o horizonte, e grupos de busca começavam a sair. Exausto como estava, Salok foi atrás deles.

— Ah, Salok, eu acho que o solo sobre os meus pés está um tanto quanto penoso. Seria melhor para as crianças se você ficasse para encontrá-las.

— O solo é o solo. Mas pelas crianças eu esperarei e você não precisa se preocupar quanto às suas responsabilidades, Spock. O velho e o jovem não são tão diferentes quando o solo é penoso. De certa maneira, nós somos muito parecidos. - Salok podia sentir a picada de qualquer coisa. Até mesmo da justiça vulcana.

Os grupos de busca moviam-se em dois ou três com sondas e tradutores em mãos, procurando em esconderijos, parando para falar suavemente. Os sóis caminhavam no horizonte. As rochas, o solo, o ar tremulante no esfuziante calor. Nenhum sopro de vento, e cada movimento levantava poeira. Ela anuviava o ar, queimava seus olhos e gargantas e envolvia-os em uma nuvem sulfurosa à medida que eles andavam pelas ruínas da colônia.

Somente Sarek falava agora, sua voz preenchia o silêncio, o ar fino sobre os sóis tórridos, ecoando através dos tradutores na língua nativa das crianças.



Ele falava de coisas simples: comida para todos, todo dia; um lugar onde as pessoas não machucavam nem matavam e onde não era necessário ter medo; refúgio do calor do sol, e quartos à noite onde nenhum mal viria e eles pudessem dormir.

E um por um, dos umbrais, passagens e dentre as rochas, crianças saíam para escutar. Para algumas esse amanhecer seria o último; nenhuma parecia selvagem agora. Os seus corpos sequiosos, enfraquecidos pela falta de comida. Suas peles ressecadas e enrugadas pela insolação. Atrás de olhos vagos, os seus espíritos moribundos aguardavam. Não compreendendo e resignando-se ao que quer que o destino lhes tenha reservado. Os seus cabelos eram a única coisa que crescia. Sem defesa, jovens e atemorizadas, elas permaneciam sobre a luz queimante do dia, o legado esquecido de um império brutal e negligente. Poucos resistiram quando os vulcanos se aproximaram ou quando mãos carinhosas os levaram através da argila ressecada. As palavras de Sarek não significavam nada, exceto pela promessa de comida. Mas havia verdade e bondade na voz que as guiava e era um som que não entendiam: elas estavam sendo salvas.

Enquanto o dia passava, as buscas continuavam; os sóis passaram de seu zênite e começaram a declinar no céu. No inferno que era a tarde em Hellguard, até as peles vulcanas secavam dolorosamente, começando a coçar sob seus mantos. As pedras tornavam-se pontiagudas ao toque. O chão crestava através de suas botas e em qualquer lugar a areia os envolvia. Ela sufocava os pulmões, entupia as sondas e machucava-lhes os olhos, enquanto eles contavam os vivos e contavam os mortos. Encontraram ossos secando ao sol, deixados muito tempo atrás por saqueadores; corpos destruídos por avalanches da montanha; um pequeno menino aprisionado sob um edifício caído cuja vida lhe foi tirada de suas mãos. E acharam mais onze, muito fracos para se moverem, mas vivos. Nenhum deles entretanto, possuía uma faca ou olhos inteligentes.

Nem qualquer um dos outros. O abrigo fora ocupado e estava cheio, quando o último grupo de busca retornou. Trinta e dois sobreviventes comiam, recebiam cuidados médicos e começavam a adormecer em meio às sombras. Spock caminhou entre eles, olhando para todos os rostos. Todos os pares de olhos vagos e confusos. Ela não estava ali. Ela não estava em lugar algum. Então um novo som retumbou mais alto que a voz calma e ressonante de Sarek, um ruído que deveria ser doce e bem vindo aos ouvidos de Spock: o chiado claro do comunicador de uma nave.

A Symmetry havia chegado.

— Mas eles estão todos contados, Spock... - Sarek escutou impassivelmente as notícias de seu filho. O primeiro grupo de crianças foi levado do abrigo até um ponto além das rochas onde o transportador da nave poderia pegá-las. Sedadas ou não, a imagem de pessoas desaparecendo

diante de seus olhos era atemorizante. Spock estava grato por esta visão; iria dar a ele algum tempo.

— O número delas está de acordo com as nossas sondagens. As suas leituras indicam algo diferente?

— Não, Pai. - Segundos preciosos estavam sendo perdidos. Estratégias desesperadas colidiam com a lógica inevitável em sua mente: Permanecer em órbita? Sondar o planeta? Arriscar todas as vidas por apenas uma? Nada disso poderia ocorrer. - Mas existe uma outra. Noite passada eu vi uma criança que não está aqui agora.

— E que está se escondendo de nossos sensores? Como você explica isso? Sim, como? Da mesma maneira que ela o seguiu sem ser vista através de terreno aberto, salvou sua vida, rendeu-o com uma faca, falou-lhe em Vulcano... Esses fatos não ressaltariam sua credibilidade nem melhoraria sua causa. - É verdade, Pai. A criança existe. Ela irá morrer se for deixada para trás. Não quero colocar outros em risco, mas enquanto houver tempo eu peço para fazer uma busca sozinho.

— Você pede, Spock? Ou você informa?

— Eu preferia ter o seu consentimento. - Spock religou seu tricorder.

— Isso é ilógico... procurar sem ter assistência. Um oficial da Frota Estelar deveria saber disso melhor que eu. Leve aqueles que puderem ser dispensados.

— Obrigado, Pai... - Alguma coisa chamou a atenção de Spock, pega na periferia de seu olhar: somente um movimento além da multidão, uma impressão momentânea de furtividade. Apenas um lampejo, mas foi o suficiente. -... Mas não é mais necessário.

Ela estava parada do lado mais distante do abrigo, observando sem ser notada, ouvindo as vozes ao seu redor do mesmo jeito que fitava o céu; como se estivesse tentando se lembrar de alguma coisa. Ela moveu-se de novo. Em suas mãos o pacote vazio de ração, e aproximava-se para atingir seu objetivo: um engradado aberto de comida, há apenas alguns metros de distância. Debaixo de seus narizes; como ela fazia isso? Spock segurou sua respiração e começou a fazer seu caminho por entre os grupos de crianças adormecidas e pelos vulcanos que carregavam aquelas muito fracas para caminhar. Ele não teria tempo de parar o que acontecia.

As costas se viraram quando ela chegou ao engradado e começou a encher o saco vazio. Sentindo uma presença e movimento atrás de si, S'Tvan olhou ao redor. Aquilo a assustou e o pacote escorregou-lhe das mãos. Ela gritou irada e rolou para a luz do sol, fora de alcance.

Então puxou a faca.

Ela reluzia em sua mão, ameaçando todos enquanto olhava o seu depósito de comida, e planejava como o pegaria de volta. Seu pé, com bolhas, sangrava na argila fervente, mas seus olhos eram astutos e a faca

pontiaguda estava firme em suas mãos. Atrás de si, o campo aberto, havia uma trilha de fuga para as cabanas e entulhos da colônia. Ela havia planejado bem.

— Você pode pegar a comida. - S'Tvan manteve uma certa distância e falou com a menina pelo seu tradutor - Dê-me essa faca e eu lhe darei o alimento.

O tradutor devolveu um praguejar.

— S'Tvan - Spock moveu-se ao seu lado -, talvez eu possa...

— Isso é um círculo vicioso, Spock. Ela deve nos entregar a faca antes de ser alimentada. Não há tempo a perder.

Spock jogou para trás o capuz de seu roupão. Os olhos da menina cintilaram em sinal de reconhecimento. Então ela fez uma careta furiosa e hostil com todos e esbravejou.

— Minha faca! - ela gritou, segurando-a com ainda mais força. O jogo havia começado: agora era uma questão de orgulho. Atrás deles a evacuação continuava. O abrigo esvaziava-se rapidamente.

— S'tvan, eu creio que...

— Como queira, Spock. - S'tvan reconheceu que Spock era o mais qualificado para conversar com alguém tão ilógico quanto ele mesmo. - Ela deve entregar a faca - ele insistiu -, ou ser deixada aqui.

— Ela entende, S'Tvan. Você entende, não é? - perguntou gentilmente. Ela fitou venenosamente os grupos de crianças sendo levados para trás das rochas, e então virou-se para Spock, agitando-se com fúria, formando no rosto um ar de desconfiança.

— Spock, você deve...

— Silêncio, S'Tvan - a calma voz de Salok interrompeu. - Spock saberá o que fazer.

O problema é que ele não sabia. Ele estimou suas chances de agarrá-la caso fugisse; e não gostou delas. "Se ele falhar" - uma outra voz sussurrou, "nós iremos perdê-la. Não há tempo..."

Falhar? Não havia lugar para falhas aqui. Spock sentiu uma multidão se formando atrás dele e desejou fervorosamente que todos fossem embora. Não queria a presença de uma platéia...

— ... Há algo errado aqui? - ...ou de seu pai.

— Sim, Sarek. Spock irá cuidar disso. Não interfira.

Todos permaneceram em silêncio, aguardando que ele achasse alguma pérola de sabedoria, algum pedaço de lógica para convencê-la. Ele pegou o pacote de ração, segurou-o à sua frente e se aproximou um passo.

— A comida - disse -, é sua. Coma. - Jogou o pacote em sua direção. Ela tirou-o do chão e olhou dentro dele. Então olhos cerraram-se em seu rosto. Ela olhou novamente para as crianças aturdidas e adormecidas, e para os vulcanos à espera. Sorrateiramente, abraçou o pacote e franziu o cenho na

direção deles, por baixo de uma mecha de cabelo.

— A faca - disse Spock. - Também é sua.

Isto a agradou. Ela endireitou-se com orgulho e atirou a cabeça para trás, fazendo uma nuvem de poeira no ar.

— Não Spock! Ela não deve trazer a...

— Silêncio, Sarek.

— Existe um jeito. - Spock abaixou sua voz, movendo-se outro passo à frente. De maneira que ninguém pudesse ver, abriu o bolso de seu manto. - Nós podemos escondê-la, aqui. Eles nunca irão saber - disse, enquanto ela fitava os vulcanos por um instante -, porque nunca vamos contar para eles.

Os olhos arregalaram-se e em seguida cerraram-se com astúcia. O sigilo lhe suplicava, assim como a sua faca. Ela segurou a empunhadura quebrada com afeição.

— Minha faca! - Sussurrou em desespero. Lágrimas caíram de seus olhos. A sua boca começou a tremer, e ela a apertou até se tornar uma pequena e singela linha. Spock meneou a cabeça, sabendo o significado do que pedir. Tudo que esta criança tinha na vida era a sua arma e seu orgulho; e na frente de todos, ela estava perdendo ambos. Também estava faminta, cansada de se esconder, e mortalmente amedrontada. Mas ele iria ganhar dessa vez, e sabia disso, e só o que importava era como.

— Eu irei mantê-la a salvo para você, - disse. Em um impulso pegou o tricorder nas mãos, apertou uma tecla, e deixou-o pender pela alça. Os olhos dela se abriram. - Lembra disso?

— Não faca.

— Melhor - disse Spock. - Ele pode lhe contar coisas. — Balançou-o de um lado para outro, reluzindo com a luz, parecendo mais atraente agora. Os botões e teclas brilhavam como uma fileira de jóias; linhas de informação jorravam misteriosamente pelo pequeno visor em um campo azul real, e o crepúsculo dos sóis rio firmamento rubro iluminava o metal resplandecente, mudando sua cor para um ardente dourado. Aquilo preencheu os seus olhos, sua mente. Ela tinha que vê-lo, tocá-lo, tê-lo.

A faca titubeou. Ela deu um passo. Outro; dentro de alcance.

— Isto - Spock disse -, é meu. Você pode guardá-lo para mim.

Vagarosamente, receosa, ela soltava a faca. Por segundos agonizantes o instrumento ficou a milímetros da mão dele. Finalmente ela a deixou ir e olhou os dedos dele se fecharem em torno da arma. Escondendo a transação de olhos curiosos, Spock deixou-a escorregar para dentro de um de seus bolsos. Então às vistas de todos e colocou o tricorder nas mãos cansadas dela. Puxou-o para si e encarou os outros em triunfo.

— Meu! - ela gabou-se com imponência, os braços ossudos carregados com o prêmio, e se pôs a virar e apertar as teclas do tricorder. Spock pensou a respeito dos dados armazenados. Aquela unidade era para trabalho de

campo, dita à prova de impacto e de variações térmicas. Ela seria o teste definitivo para a durabilidade do aparelho; e de sua própria, isso ele tinha certeza.

Os vulcanos acompanharam todo o procedimento em um silêncio sepulcral. À medida que iam embora com olhares significativos e balanços sisudos de cabeça, a voz de Salok voltou a soar.

— ... Recomponha-se, Sarek... É difícil para os pais quando os seus filhos conseguem acertar pelos próprios meios.

— Venha comigo agora - Spock disse, firmemente seguindo-os.

Por simples obstinação a criança ficou parada, franzindo o cenho e recusando-se a mover. Spock suspirou. Parecia-lhe que este tinha sido um longo dia e que a justiça vulcana realmente tinha um longo braço. O seu braço, infelizmente, era muito curto para rendê-la inconsciente. Um phaser em atordoar resolveria o problema, só que ele não tinha nenhum. E não restava mais nada para barganhar... ou havia?

— Você me disse que mais uma coisa era sua - ele a lembrou. Quando ela entendeu, perscrutou a abóbada celeste, mas ainda era de dia.

— Minhas estrelas foram! - ela zombou, com desdém dos truques dele.

— Suas estrelas estão lá - ele disse, com absoluta autoridade. - Só que agora o céu está muito claro para vê-las. - Ela olhou novamente, cerrando os olhos. - Claro - ele deu de ombros, propositalmente. - Eu sei muito sobre as estrelas, e você não. Mas os outros irão saber. Os outros irão ver as suas estrelas. Devo lhes dizer que você estava com medo?

— Não não não! - ela guinchou, começando a balançar seu punho, para cima e para baixo, e amaldiçoando-o com todas as suas forças. - Filho bastardo você vai morrer no pó desgraçado! As coisa filhabastarda vão comer os seus olhos filhabastardo! ... - E assim foi. Depois de uma verdadeira enxurrada de maledicências, ela finalmente ficou sem palavras.

— Então, - disse Spock, - você não está com medo. Portanto venha comigo e você terá as suas estrelas. - Ele se virou e caminhou. Nada aconteceu. Ele forçou a si mesmo a continuar andando...

— Minha faca! Minhas estrelas! Seu filhobastardo!... - Ela começou a segui-lo.

O sóis esconderam-se por detrás das montanhas, e sombras espalharam-se pelo planeta. O vento e a areia começaram a agasalhar as pegadas deixadas para trás. De manhã já estariam todas apagadas. À medida que o mundo adentrava na escuridão, as estrelas iam pontilhando o céu, reluzindo sobre o deserto.

E lá no fundo, Hellguard murmurava em seu sono.

## DOIS

Alguém estava gritando.

Isso era sempre assim. Estava presa naquele lugar com as paredes de olhos, luzes que se moviam como poeira sobre os sóis, refletindo cores existentes apenas em sonhos. Elas cresciam, se transformavam e submergiam dentro de si mesmas, eternamente, como o céu. Elas sabiam tudo sobre o grito e quão ferida ela estava no seu interior. Elas a odiavam. Ela as odiava. Ela não queria morrer.

Corra, corra, corra...

O sangue brotou e borbulhou em sua garganta. O medo rasgava-lhe a mente em pedaços. Uma armadilha, uma armadilha à prova de fuga, sem ter onde se esconder. Nenhum lugar escuro o suficiente, nenhuma corrida rápida o bastante, nunca mais o firmamento eterno. Aquilo viveria e ela iria morrer; mas ela queria algo antes. Vingança. Ela o odiava, odiava fortemente, fortemente...

E então já não corria mais.

Uma chance, uma última oportunidade para salvar sua vida: Ela o mataria; antes que Aquilo a matasse. O grito aumentou e alimentou sua fúria. Segurava com a mão retesada a faca, cujo aço duro e afiado a permitiria viver. Muito escuro para mirar e lançar, mas ela conhecia outra maneira: Perfurar o coração d Aquilo! O espírito dela elevou-se. Ela provou sangue e triunfo. Machuque-o! Faça-o perecer! Mate-o agora!.

Ela se virou, e lá estava aquilo, aproximando-se a ela por fora da escuridão, moldando-se, tomando forma. Conhecia aquela feição. Sempre soube. Aquilo... Aquilo...

Explodindo, um horror inimaginável ocultou a imagem em sua mente, e cada nervo, cada músculo, cada célula em seu corpo bradava um último comando: Mate-o! Mate-o AGORA! O seu braço se ergueu para desferir o golpe, mas nunca desceu.

A sua mão estava vazia. Não havia faca. Não... NÃO! Isto estava errado! Não poderia ser! Onde ela estava? Onde?

A existência mergulhava e rodopiava para longe, em um negro e congelante desespero; e o grito, o brado sem fim, desceu com ela. Podia sentir o aroma de sua própria morte. Um temor frio e doentio a estava sufocando, iludindo, matando. Em um delírio mortal de dor e pavor, ela tateou a sua cintura, onde a faca costumava ficar. Mas agora era tarde demais. E não havia nada lá. Nada, exceto; exceto...

...Tecido. Tecido vermelho. Um uniforme.

Saavik estremeceu acordada, e a realidade irrompeu em vida ao redor dela: Seu uniforme, sua mesa, suas equações na tela. Seu quarto.

Academia da Frota Estelar.

Maldito seja aquele sonho! Lágrimas quentes e iradas ardiam em seus olhos. Seus dedos estavam em carne viva, doloridos de escavarem os apoios dos braços da cadeira. Gotas de suor ainda escorriam de sua testa. No fundo de seu peito, o coração continuava a martelar. E em alguma parte em outra época e lugar, em certo local abaixo de um abandonado planeta empoeirado, onde montanhas irregulares mostram-se como cicatrizes num firmamento flamejante e atroz... em algum lugar, alguém ainda estava gritando. Maldito seja aquele sonho! Maldito seja aquele odioso, horrendo, imundo planeta! Maldito seja o Império Romulano! E malditos sejam todos os romulanos; por me fazerem ser uma deles!

Jogou o cabelo para longe de seus olhos e contemplou o seu quarto, agradecidamente absorvendo as luzes suaves, a limpeza, as superfícies brancas, o seu design funcional e compacto. Correu a mão por sobre a escrivaninha, demorando-se no console de comunicação e no teclado do terminal de seu computador. A equação em que estava trabalhando a fitava através da tela, ainda incompleta; e ainda errada. Isso era real. Nada tinha mudado.

Eu estou aqui. Eu realmente estou aqui.

Ela alisou o tecido do seu uniforme, querendo apagar as dobras deixadas pelo sono. Como um passe de mágica os vincos desapareceram, sumiram como se nunca tivessem existido. Tão fácil. Tão...

Civilizado. Eu não sou mais vulcana quando estou dormindo do que quando estou acordada, ela pensou, amargamente. Humanos só pensam assim por falta de conhecimento, uma honra a qual eu não aspiro. Verdadeiros vulcanos nunca tem esses sonhos. Verdadeiros vulcanos nunca odeiam o medo ou sentem-se envergonhados. Verdadeiros vulcanos nunca desejam matar.

Mas Saavik não era uma verdadeira vulcana. Apesar de todo o seu progresso e de sua veneração pela civilização, embaixo daquele belo uniforme vermelho da Academia da Frota Estelar, ela sempre seria meia-romulana. E nenhum número de conquistas próprias poderia esconder essa realidade.

Não é lógico sonhar a respeito do passado, disse a si mesmo com firmeza, enquanto se endireitava e arrumava, elegantemente, sua jaqueta no lugar. O passado tinha acabado. Havia, ainda, muitas lutas a se travar com o presente e era vergonhoso de sua parte o desejo de matar o que quer que seja.

Mas ela queria. Ela ansiava matar aquele sonho.

Apenas não vou pensar sobre isto, decidiu, e deixou sua escrivaninha para abrir a janela. Nunca mais terei esse sonho! Um ar frio e úmido peneirou no quarto, sobrepujando os controles ambientais. O campus

dormia. Uma leve chuva de primavera caía, e as luzes ao longo do caminho entre árvores alinhadas, faziam as gotas no vidro brilharem como estrelas dispersas na eterna noite do espaço. Já era tarde; ou mais precisamente, muito cedo. Logo a luz do sol inundaria a terra. O único som que ouvia era o singelo e estranho tamborilar da chuva. Água. Tão abundante. Aqui que se precipita do céu.

Como será pertencer a este mundo, nadar em oceanos de água? Nunca morrer de sede ou apodrecer ao sol no deserto. Não! Eu não devo pensar sobre isto... Ela voltou a contemplar o lugar em que vivia. As prateleiras estavam vazias, os compartimentos de estocagem sem nada. O tapete duro que ela pedira, descansava sobre a plataforma de sua cama. Uma fila de uniformes padrão de cadete, pendiam em seu armário, junto com algumas poucas roupas dela mesma. Itens pessoais ocupavam somente uma gaveta. Seus tapes de estudo estavam na sua escrivaninha.

O educado jovem que a conduziu a este quarto, na sua chegada, olhou constrangido para as duas pequenas caixas que ela recusara deixá-lo carregar, e então comentou que quando o resto das coisas dela chegassem, ele tinha certeza de como iria se parecer com o seu próprio lar.

Saavik cogitou o que significariam tais palavras. Só que como ela nunca tivera um lar e outros pertences, não era possível aceitar tal fato. Não viu nada de errado com o seu quarto da maneira que estava. Talvez ele tentara ser gentil, uma qualidade que ela mesmo buscava desenvolver. Sem saber como replicou, ela simplesmente aguardou em pé até que por compaixão o rapaz foi embora. Desfazer as malas não demorou muito.

Ao sentar para trabalhar, seus pensamentos foram perturbados por uma leve, mas (para suas orelhas) clara discussão acontecendo no quarto ao lado. O certo seria ignorá-la, mas era mais fácil dizê-lo do que fazê-lo. Aquelas vozes eram humanas. E Saavik era curiosa. Por isso ela escutou, a princípio alarmada, depois absolutamente confusa.

A ocupante do outro quarto estava reclamando em altos brados que sua vida tinha acabado porque não conseguia achar algo chamado cafeteira. O companheiro dela disse que esquecesse isso e viesse ter algum divertimento! Ela o acusou de ser insensível; tinha perdido a cafeteira, como poderia se divertir? Ele se ofereceu para mostrar-lhe uma maneira, mas ela estava enlouquecida: Como poderia agüentar sem a cafeteira? Ele lhe mostraria isso também, e agüentaria a noite inteira se fosse necessário! Ela queria que ele falasse sério; o que ela precisava era uma cafeteira! Ele até compraria uma nova, se ela fosse lá naquele instante, ou ela poderia beber o café da Frota Estelar como todo mundo. Aquela água suja? Saída de um buraco da parede? Ele era um monstro em apenas sugerir isto! E não, ela não iria lá; ela preferia estar morta! Por que não havia como dizer, o que um monstro... como ele... poderia... fazer...



Estar morta. Saavik arrepiou-se ao lembrar dessa frase inconsequente. Ela sentiu um irracional furor surgir contra todos esses humanos mimados que necessitam de luxúrias e posses para sobreviver, e não tinham noção das palavras que proferiam.

Mas aquelas palavras pertenciam a eles. Não deveriam utilizar de sua linguagem como bem entendessem? Por que aquilo a deixava irada? De repente ela se sentiu confusa. Deslocada. Sozinha. E talvez o seu quarto estivesse muito vazio.

Perto do comunicador estava o tape com a mensagem, esperando por ela no dia de sua chegada. Já o tocara duas vezes, e não havia encontrado razão lógica para escutá-lo novamente - talvez não houvesse. Mesmo assim ela o colocou em um compartimento, apertou uma tecla e sentou para assistir. Os pontos flutuantes e os padrões de cores se rearranjaram em um rosto familiar, enquanto uma mão postou-se na tradicional saudação vulcana:

— Vida longa e prospera, Cadete Saavik - disse a imagem. - Eu acredito que a encontre com boa saúde e no horário. Você é agora um Cadete de primeira classe da Academia da Frota Estelar. Congratulações, estou confiante que você irá sobressair-se ainda mais nos estudos, do que no seu exame de admissão.

— No que diz respeito à sua concordância para com a diretriz de informação da Frota Estelar, nós discutimos as opções disponíveis a você quando da sua apresentação ao Oficial de Registro. Sinto ser de minha responsabilidade lembrar-lhe uma vez mais que reivindicar sua família e cidadania vulcana, apesar de evitar a questão de seu planeta natal, é uma maneira simples de requerer o exame de anti-gene. Isso será sempre a sua escolha e o seu direito. Você já superou e realizou muito até agora em sua vida. A sua relutância em revelar isto para a Frota Estelar ou para Vulcano é incompreensível. Mas a recusa de se auto-conhecer é ilógica. Você confia em suas conquistas, Cadete Saavikam, mas há a necessidade de se encarar os fatos, mesmo quando eles são agradáveis.

— Para várias experiências há uma primeira vez, Saavikam, e muitas estão aguardando por você. O seu grande desafio na Frota Estelar não será o dever de casa, para o qual você está bem preparada, mas sim aprender a trabalhar e a se comunicar com os humanos. Nossas formas físicas são similares, contudo a forma deles pensarem e seus conceitos são vastamente diferentes. Para você os humanos irão parecer irracionais, frívolos, cheios de contradição e constantemente exaltados; e isso tudo é verdade. Entretanto eles são engenhosos e capazes de grandiosos e valorosos estudos. Tente ser benevolente e tolerante nos seus contatos com eles. Se esses atributos momentaneamente a iludem, pratique levar os seus pensamentos a refletir sob o princípio da Infinita Diversidade. Isto de vez em quando me ajuda.

— Sem dúvidas você já tem diversas questões cujas respostas devem ser

encontradas. Eu suspeito ser fútil recomendar que você descanse em preparação para o dia de amanhã. Não obstante, eu fizesse o mesmo. Você conseguiu atingir um objetivo desejado, Cadete Saavik. Amanhã você embarcará em uma nova jornada. Boa noite, Saavikam. Vida longa e próspera...

Saavik congelou a imagem e a observou por um longo tempo. Do lado de fora, a chuva havia parado. O céu estava clareando, um amanhecer chuvoso pintado de rosa e dourado. Uma suave brisa soprou através de sua janela, onde os galhos de uma árvore roçavam, deixando o odor de suas flores a perscrutar o ambiente. E na lentidão da manhã um pássaro começou a cantar.

Nesse planeta extravagante até as árvores possuíam flores.

Ela pressionou uma tecla, e a face desvaneceu-se. Saavik não conseguia exprimir com palavras, mas agora tudo havia mudado, já não se sentia confusa ou irada, somente como um explorador em um mundo estranho. E seu quarto não estava mais vazio.

Não, a Cadete Saavik não precisava de pertences; era trabalho suficiente ter que cuidar de si mesma.

Ela retirou o tape, guardou-o cuidadosamente, e abriu seu canal de comunicação com uma série de códigos de destino. Outra maneira de endereçamento era mais apropriada no momento, ela lembrou-se, enquanto arruma o uniforme e jogava o cabelo para trás.

COMECE A MENSAGEM, lia-se na tela, e a Cadete Saavik sentou-se ereta e orgulhosa, levantou a mão e fitou a lente da câmara:

— Vida longa e próspera, Spock - ela disse. - Estou começando o meu primeiro dia na Academia da Frota Estelar ...

— ... E eu apreciaria um maior aprofundamento a respeito do termo "diversão", que parecer ser o fundamento do comportamento humano. Sobre este assunto, eu tenho um número de questões...

Spock deixou a sua cabine na Enterprise e andou pelo corredor vazio do Deck 5, mexendo, pensativo, o tape de resposta em sua mão. A porta do elevador abriu, e ainda perdido em seu raciocínio, ele entrou. Como havia acontecido há alguns anos, havia gasto a sua hora diária de meditação respondendo às questões de Saavik. Curiosamente, o efeito era o mesmo. Talvez fosse estranho que ele pensasse sobre isto apenas quando não havia tempo de refletir sobre o porquê.

O turbo elevador se abriu e Spock entrou na ponte. Olhares indignados vindos da tripulação sênior disseram-lhe que a situação continuava a mesma: Esta patrulha monótona e entediante estava afetando negativamente o capitão; o capitão estava afetando negativamente o resto da ponte, e o problema era constantemente agravado pela contínua presença dele na ponte.

— Comandante Uhura - Spock sussurrou. - À sua conveniência, você me

faria um favor? - Ele colocou o tape sobre o console dela.

— Certamente, Sr. Spock. Para onde desta vez?

— Para a Academia da Frota Estelar, complexo três. O acesso do terminal está codificado. Obrigado Comandante. - Sem dúvida, há anos. Uhura estava intrigada a respeito dessas mensagens diárias, mas ela nunca perguntara o seu conteúdo. Admirável autocontrole; para um humano.

— Seja bem-vindo, Sr. Spock, e - seus olhos se viraram na direção do capitão - bem-vindo à ponte.

— Deveras - disse Spock com um suspiro.

O Almirante James T. Kirk estava irritado na cadeira de comando, dando pancadinhas nos dentes com o dedo, e olhando para formação de estrelas na tela, como se o fixar cada vez mais fixo, pudesse produzir alguma ação. Nenhum problema, claro que não. Mas deveria haver alguma razão que justificasse mandar a Enterprise, e ele mesmo para este lugar, ou quem sabe um certo Almirante já começara a cortar ordens, para que um certo Capitão de Nave Estelar da Ativa fosse parar atrás de uma mesa no Q.G., onde o único desafio na vida era permanecer acordado naquelas malditas reuniões de...

— Capitão?

— Spock - Kirk se virou. - Está adiantado não está?

— Não, capitão. E você tem estado na ponte por dezesseis ponto dois, cinco horas. Como parece não haver uma causa imediata de preocupação, eu penso que talvez você devesse... ocupar esse tempo.

— Fazendo o quê ?

— Talvez algum... divertimento, capitão: Uma atividade de lazer, uma busca intelectual, um exercício físico...

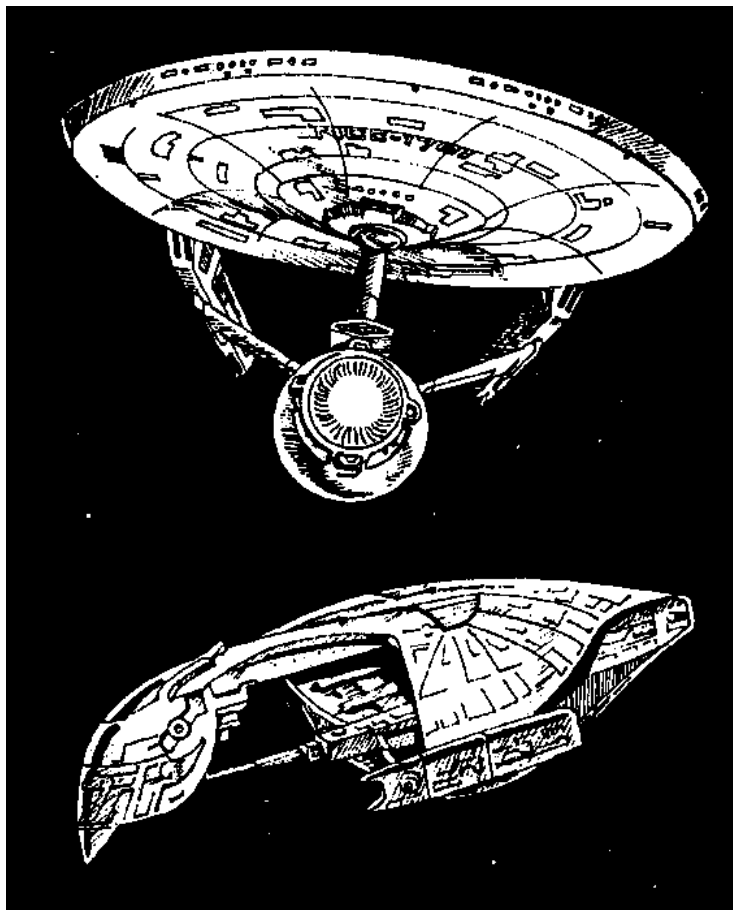
— Capitão - Uhura se virou do painel. - Chegando mensagem da Base Estelar Dez. Prioridade Um, via única. Gostaria que fosse transferida para a sua cabine, senhor? — ela sugeriu esperançosa.

— Não. Coloque no principal, Uhura, todos nós iremos ver.

— Bem-vindo ao setor, Jim. - O amigável rosto do Comodoro Stocker preencheu a tela. - Nós temos um errante para você. Nossos sensores estão na trilha de uma nave não identificada se aproximando do espaço da Federação, velocidade sub-luz. Nenhuma camuflagem, nenhum sinal, nenhuma resposta às nossas tentativas de contato. Não é uma das nossas, e as linhas comerciais afirmam ter todas as naves em contato. Dada a postura de não-agressão, nós duvidamos que os romulanos estejam envolvidos; mas apreciá-íamos se você desse uma olhada. Proceda com discrição, capitão, mas identifique aquela nave. Coordenadas e dados de sondagem seguem. Reporte-se URGENTE (ou tão rápido quanto possível). E obrigado, Jim.

Isto pode ser interessante, Kirk pensou, enquanto as informações piscavam na tela. - Senhor Sulu - disse -, marcar curso. Uhura, diga ao

Comodoro que nós estamos a caminho. - Apertou um botão no descanso de braço. - Scotty, podemos ir a dobra cinco sem problemas?



- Sim senhor, mas...
- Nós temos uma nave vindo da Zona Neutra em impulso. Ela não se manifestou até agora e a Base Estelar quer uma identificação.
- Eu não me preocuparia, senhor! Desligando.
- Sulu?
- Curso traçado e em prontidão, senhor.
- Tempo estimado em uma hora e vinte minutos, capitão. - Chekov completou.
- Sensores de curto e longo alcance em varredura, Sr. Spock. Se os romulanos estão lá fora, eu quero saber antes de estarmos no meio deles, e antes deles saírem daqueles dispositivos de camuflagem. Monitore aquela nave, Uhura; e mantenha seus ouvidos abertos.

— Sim, senhor! - Ela se virou para o painel, com um sorriso no rosto.

— Aqui vamos nós, então. Dobra cinco.

— ... Sim, pode ser muito interessante. Ele observou a tela, enquanto a imagem se congelava por um instante, para logo após explodir em centenas de raios de luz, à medida que a Enterprise cavalgava por entre as estrelas.

— Se divertindo, capitão? - seu primeiro oficial murmurou passando por ele.

— Diversão, Spock? - Kirk se virou, inocentemente ultrajado. - Isto pode ser muito perigoso, você sabe. Nós estamos sob ordens, é claro, esta nave não tem interesses na Zona, e qualquer violação do Tratado irá recair sobre o meu pescoço; e você me pergunta se eu "estou me divertindo?"

— Eu... entendo o que quer dizer, capitão.

— Fico feliz que compreenda, Sr. Spock. - Kirk se recostou e vagarosamente, um largo sorriso de satisfação surgiu em seu rosto. - Sim droga, eu estou me divertindo - disse, suavemente.

O ruído do alarme finalmente parou. Postos de batalha em prontidão. A imagem na tela crescia paulatinamente à medida que a Enterprise com os escudos levantados, aproximava-se mais e mais. Todos aguardavam. Na tensão da ponte o único som era uma voz, simples e paciente:

— ... Aqui fala a USS Enterprise... por favor responda. Nave Enterprise da Federação tentando estabelecer contato... por favor responda...

Ela rastejava através do espaço, luzes de serviço acesas, comportas iluminadas os faróis da nave cintilando medonhamente enquanto iluminava a ponte e rasgava o tênue véu da escuridão espacial.

Os sensores da Enterprise vasculharam a Zona Neutra e detalharam as linhas ameaçadoras, o casco e as cores amarelas, vermelhas e verdes de suas asas pintadas como plumas. Uma gigantesca nave de rapina se aventurou longe de seu campo de caça, o Império Romulano.

E distante das luzes de sóis ou mundos habitados, as duas naves se aproximaram de uma linha invisível, pela primeira vez desenhada há quase um século atrás por astronavegadores em suas cartas estelares, no meio da carnificina e ruína do final da Guerra Romulana. Uma fronteira mútua era impossível de ser definida, ainda é. daquelas últimas e sangrentas batalhas, que jogaram os Romulanos de volta ao seu quintal derrotados, um acordo nasceu - e uma zona neutra, dentro do qual incursões por qualquer um dos lados resultaria tecnicamente um Ato de Guerra. Satélites e subestações foram dispostas ao longo desse estreito corredor. Bóias sinalizadoras colocadas para avisar naves descuidadas. E embora a Zona tenha sido violada algumas vezes, por reides romulanos no espaço da Federação, "ocasionalmente trespassada" pela Frota Estelar em missões de resgate e espionagem, rotineiramente ignorada por mercadores, traficantes e piratas -

ambos, a Federação e o Império se apegaram às suas conflituosas redes com determinada vigilância. Porque em uma centena de anos, ninguém pensou em uma maneira melhor. E pelo motivo da única alternativa ser a guerra.

— ... Por favor responda... aqui é a USS Enterprise...

— Parada total, Sr. Sulu. Isso é perto o suficiente. - Os olhos de Kirk estavam vidrados na tela. - Relatório!

— Ave de Rapina Romulana, senhor - disse Sulu. - Torpedos de plasma e fótons.

— Spock, os sensores?

— ... Eu estou lendo... sem vida à bordo, Capitão.

— Eu não acredito nisso.

— Nem eu, sondei duas vezes, e...

— Uma vez mais, Spock. Para dar sorte. - Spock começou a repetir o fútil procedimento.

— Terceira sondagem, capitão. - murmurou Spock - Não há vida à bordo. Kirk deu um grande e lento suspiro.

— Todos os decks, aqui é o capitão. Indo agora para Alerta Amarelo e aguardando ... Spock? Não aparenta estar danificada. Falha no sistema de suporte de vida ou o quê?

— O casco não foi perfurado, Capitão. Travas de ar e lacres estão intactos, níveis de radiação normais. Sistemas de suporte de vida estão funcionando. - Spock franziu o sobrolho, intrigado.

— Checov, Sulu, mantenham a procura. Quero até sombra de qualquer coisa. Se eles estão lá fora, escondidos...

— Nós os pegaremos, senhor. Sabemos o que procurar.

Lógico que sabiam; Spock tinha-os treinado. E os sensores da Enterprise foram atualizados durante a última reforma.

Uma nave sob o dispositivo de camuflagem em um rastreo de curto alcance produzia um eco visual negativo, uma pequenina distorção no campo. E já que era limitada a distâncias sub-luz, eles deveriam ter um aviso de qualquer aproximação.

Kirk levantou o olhar e encontrou Spock de pé ao seu lado:

— Alguma coisa apagou aquela nave, Spock. - ele disse calmamente -, e nós temos que descobrir o quê.

Kirk esperou até que a nave romulana deixasse a Zona Neutra: Então ele tinha Spock, McCoy e o Sr. Scott teleportados para dentro dela, em trajes ambientais completos e com phasers em atordoar.

Os três oficiais se materializaram entre um vislumbre de corpos sem vida através de uma nuvem de vapores vermelhos, que imediatamente nublaram as viseiras do capacete. Spock começou a ler os dados de seu tricorder, um catálogo de toxinas químicas. Scott disse primeiro:

— Gás do sistema de refrigeração do banco de phaser, Capitão, suficiente para abater um regimento. Há um rombo no sistema. No rastro, senhor. - Tateou seu caminho até uma portinhola no deck e desceu por uma escada.

McCoy correu uma mão enluvada por sobre seu visor e ajoelhou-se ao lado de um corpo em traje de batalha.

— Droga, Jim, este aqui é apenas uma criança.

— Quatro mortes na ponte, capitão, - Spock relatou. - Ninguém acima do posto de subcomandante. Oficiais seniores devem ter estado em baixo. Não vejo sinal de equipamentos de suporte de vida de emergência... - Começou a examinar várias estações e painéis. - E os controles de fluxo de ar estão inoperantes. Eles foram incapazes de ventilar a substância, mas o painel não registrava uma ruptura no sistema de refrigeração. Não posso lhe dar visual: esses circuitos estão incapacitados. Armas estão em Unha, todos os sistemas em automático e o seu curso traçado. Senhor, esta nave está em rota de colisão com a Base Estelar Dez.

— *O que você acha, Spock? Um ataque que não deu certo?*

— Assim parece. Aparentemente eles foram para velocidade sub-luz quando o defeito foi detectado. Um silo de torpedo foi aberto e depois fechado.

— *O lançamento de uma bóia de registro?*

— Possivelmente. Por essas e outras razões, eu gostaria de interrogar o computador. Romulanos são agressivos, mas não tolos. Lançar um ataque de uma nave, contra a Base Estelar Dez, não é lógico.

— São todos crianças, Jim. - McCoy passou seu tricorder sobre o quarto corpo e sentou-se nos calcanhares. - Mortos há pelo menos dois dias. Não há dúvida a respeito do que os matou. Este gás é tão tóxico que eles não tiveram a mínima chance. Deus, essa nave está uma bagunça! Que diabos ...

— *Pior que uma bagunça!* - A voz furiosa de Scott veio através do comunicador. - *Uma linha rompida do sistema de refrigeração foi o que o provocou, senhor. Explodiu justo onde corre junto com o duto de ar e ainda está vazando para dentro do sistema. Não há condutores exclusivos ou sistemas de segurança, uma péssima coisa, Sr. De qualquer maneira estou selando esta linha. A nave vai demorar horas até estar ventilada.*

— Quando você acabar, cheque os motores, Scotty. Spock, deixe o computador por agora. Conduza uma busca, eu quero saber quantos estavam à bordo. Vá com ele, Magro. Tenham certeza de que todos morreram pelo mesmo motivo.

— E a respeito desses corpos, Jim? Eles deveriam ser postos em estase.

— Sim, Magro. Nós iremos transportá-los. Agora vocês a caminho.

— Muito bem, Capitão. Nós tentaremos usar o elevador.

Eles caminharam através da ponte, arrastando a fumaça que ainda

rodopiava ao redor deles. McCoy chegou primeiro ao elevador.

— Olhe aqui Spock! O que é isto? - Ele apontou para um nicho na parede. Lá havia um objeto de brilho incandescente. Spock observou-o e começou a examiná-lo com o tricorder.

— O que foi, Magro?

— É, - Spock disse sucintamente - um objeto tridimensional de seis lados, com dois destes de comprimento desigual, aproximadamente sessenta por quarenta e cinco por trinta ponto cinco centímetros. Um poliedro retangular que aparentemente possuem um campo eletromagnético luminescente, e qual...

— Esqueça a geometria, Spock! Jim, é uma caixa. Apenas uma caixa. E a única coisa interessante nesta armadilha de moscas, é que ela tem luzes coloridas dentro dela, fazendo padrões em espirais... como será que eles fizeram isso?

Spock ficou atônito sentindo-se sugado pelas cores vibrantes e as correntes de desenhos do espectro. - Capitão, - ele estudou as leituras do seu tricorder. - Eu nunca vi nada parecido com isto antes. A camada exterior é primariamente feita de silicone e contém algum tipo de proteção, que o meu tricorder não consegue penetrar. Não existem controles de qualquer natureza. Ela... - é linda, ele pensou, mas disse, - não tem propósito aparente.

— Deve ser algum tipo de arte, Spock. Não deve ter um propósito.

— Doutor, todas as coisas tem um propósito. Particularmente a arte. A sua visão fortuita da natureza das coisas é muito...

— Ca-va-lhei-ros, - O tom de sua voz estava macia e perigosa - Minha paciência está se esgotando. Eu quero uma busca nesta nave, agora! Não estou interessado em arte romulana.

— Entendido, Capitão. - Mas Spock duvidava disso. Essa ponte não tinha equipamento de suporte de vida de emergência; por que deveria ter arte? - Vamos, Doutor, - ele disse com alguma relutância. Eles entraram no elevador, mas Spock não conseguia tirar o objeto de sua mente. Tinha um apelo estético e era estranhamente hipnótico...

Seus passos ecoavam à medida que andavam pelos corredores e olhavam dentro de um cubículo que se passou de enfermaria, dos quartos da tripulação. Não havia traços de ninguém. Mas uma caixa transparente com padrões piscantes de luzes ocupava um nicho na parede, entre a junção do corredor principal do segundo nível. No próximo convés, descansava um pedestal, uma outra depositada em uma grande cabine de canto:

— Aqui há mais uma, Capitão. - Spock relatou. - Com essa são três. E todas parecem iguais. Eu gostaria de...

— Depois Spock. Nada ainda?

— Não, capitão. Esta parece ser a cabine do capitão, julgando por seu relativo luxo. Mas não encontramos nenhuma pessoa de tal posto. Na



verdade, não encontramos ninguém. Parece que errei.

— Spock, isto não faz sentido. Um ataque kamikaze com uma tripulação de esqueletos? Eles nunca passariam pelas defesas da Base Estelar Dez. Por que perderiam uma nave em uma...

— *Capitão!* - era a voz de Scott - *Eu acho que sei. Encontrei algo muito interessante. Sr. Spock, você poderia vir até cá? Quatro níveis abaixo à bombordo.*

— O que foi Scotty? Você achou a tripulação? - Kirk prendeu-se à sua cadeira.

— *Nem uma alma, capitão. Mas aqui está outra dessas belezinhas, e uma pequena engenhoca para os olhos do Sr. Spock se deleitarem. Estou precisando de sua opinião.*

— À caminho, Sr. Scott. siga-me, Doutor...

Kirk odiava esperar. E de repente odiava aquela nave romulana, com os seus conveses vazios e suas perguntas sem respostas; a única coisa que detestava mais, era não estar lá:

— Droga, Scotty, que "engenhoca"? O que você pensa que achou? - ...Isso era ridículo, ninguém dizia nada a ele...

— Cheguei Capitão. Onde está, Sr. Scott? - Spock demonstrava-se calmo como sempre, mas então o silêncio pareceu eterno. -...Ah, sim, - ele finalmente disse. - Sim, eu vejo.

— Bom, cavalheiros, eu não! - grunhiu Kirk. - Então, algum de vocês faria a gentileza de me pôr a par do que diabos está acontecendo aí embaixo?!

— *Não, senhor.! - Scott replicou com firmeza - Não agora, Sr.. \bcê não gostaria que falássemos disto através do comunicador.*

— Falar de quê?

— Eu estou de acordo, capitão. Não devemos discutir tal assunto por meio de um canal aberto.

Kirk esfregou um ponto no meio de sua testa, tentando apagar sua frustração.

— Bom, transporte-os de volta a bordo, imediatamente; a menos ,é claro, que vocês tenham alguma objeção! - Ele não aguardou a resposta. - Uhura, pegue o comando! - disse, entrando no elevador.Quando as portas se fecharam atrás dele, sua fúria começou a desvanecer, substituída por uma crescente curiosidade. O que eles teriam encontrado naquela nave?

— ... E isso é tudo, - terminou Scott. - Não exatamente boas notícias para a Federação.

Eles sentaram no silêncio da sala de espera, enquanto a mente de Kirk rodopiava em torno do que ele havia escutado.



— Um dispositivo de camuflagem com alcance ilimitado, no Propulsor de Dobra?

— Tudo indica que sua existência é comprovada. - concordou Spock. - Como uma função integral do próprio propulsor. Em vez de desperdiçar as reservas de anti-matéria, ele coleta e recicla a energia provinda das emissões de sua bobina. Com o fator do consumo de energia resolvido, as suas armas poderiam ser disparadas ainda sob camuflagem. Uma nave com essa vantagem, aproximando-se à velocidade de dobra, não daria tempo suficiente para as nossas defesas reagirem. A Base Estelar Dez sustentaria dano crítico, rapidamente.

— Então... isto foi um teste, usando uma tripulação de esqueletos, carregada com poder de fogo e com velocidade de dobra, tudo de uma vez? Mas eles tiveram este pequeno problema?

— Esta é a explicação óbvia, capitão. - Olhou Spock, incomodado. Kirk

aguardou. - Não posso oferecer-lhe uma outra.

— Se eles arriscaram uma. - raciocinou Scott - isso significa que eles tem outras. Eles vão voltar.

Spock assentiu com a cabeça.

— Este dispositivo deixa a Federação vulnerável e traz más expectativas, para esta parte da galáxia. Sem um estudo profundo dele, não podemos saber se foi desenvolvido pelos klingons, romulanos, ou por um esforço mútuo. Devemos supor que ambos impérios o possuem.

— E agora nós também o temos. Não vamos devolver esse aqui! - disse Kirk com um ar soturno. Ele tocou o intercomunicador. - Uhura, mensagem para a Base Estelar Dez, Prioridade Um. Use aquele novo código e o embaralhe.

— *O novo código se embaralha automaticamente, senhor.*

— Ótimo. Envie para o Comodoro Stocker, Comando da Frota Estelar, neste setor. Item: Nave de guerra romulana, em curso para Base Estelar Dez. Ruptura na linha do sistema de refrigeração matou a tripulação de quatro pessoas. Item: Dispositivo de camuflagem desenhado para uso em velocidade de dobra. Engenheiro e oficial de ciências à bordo conjecturam a utilização das armas sob tal efeito. A caminho da Base com nave à reboque, aguardando ordens posteriores.

— *Sim senhor. Sendo enviada agora.*

— Obrigado Uhura. - Kirk se recostou, agradecendo uma distração momentânea. - Um novo código, cavalheiros, o Rosecrypt. Ele codifica e decodifica através dos manuais de operação do destinatário e das naves individualmente, então ele faz referência cruzada com as datas do Calendário da Frota Estelar. Mas só consigo entender até aí. Uhura deve saber o que está fazendo.

— Sem dúvida que ela sabe. - disse Spock. - já que foi ela quem o inventou. Capitão, peço permissão para reabordar a nave e interrogar o computador. Apesar de eu acreditar que os tapes de gravação foram completamente apagados, o terminal que eu examinei parece estar funcionando. Devemos checar por armadilhas em potencial. Deve ser possível programar e conduzir a nave no automático à partir da nossa ponte, sem o gasto de energia de um raio trator nos motores do Sr. Scott.

— Ótimo, e eles lhe serão gratos, Sr. Spock. Capitão, a Frota Estelar tentará adaptar este modelo. Acho que nós somos muito sortudos.

— Bendita sorte, desta vez. Senhores, vocês conquistaram o pagamento dessa semana. Realize sua busca, Spock. Eu estarei na ponte. Scotty, talvez você gostasse de vasculhar aquela nave quando nós chegarmos à Base Estelar...

Eles deixaram a sala de reuniões e cada um seguiu seu caminho.

Após aproximadamente três horas, Spock não encontrou nada nos bancos de dados do computador, nenhum registro a respeito do que havia sido lançado pelo silo de torpedos. O diário de bordo? A explicação óbvia, exceto por eles ainda estarem ali. Então ele reprogramou o sistema de navegação com cautela, tendo antes checado e rechechado meticulosamente a existência de armadilhas.

Em seguida cruzou a ponte e olhou fixo para a caixa fluorescente. O seu vívido refluxo de cores extendia-se, expandia-se em torno de si mesmo. Ele correu sua mão ao longo dele, sentido sua lisa e fria superfície. Retirou-o de seu nicho e o colocou de volta. Surpreendentemente pesado, espantosamente belo. Quatro deles. Uma forma de vigilância de imagens? Transmitido por algum tipo de onda não registrada em seu tricorder? Ou simplesmente um objeto agradável, sem explicação, seja lógica ou não?

Ele não deveria se demorar; o capitão estava ansioso para seguir caminho. Poderia requerer permissão para levá-lo à bordo, e realizar uma completa análise espectrográfica satisfazendo assim sua curiosidade. Mas ele continuou a observar. Realmente fascinado.

— Spock, como está indo? - a voz de Kirk rompeu por seus ouvidos. - Há uma coisa que você deve escutar.

— O programa de navegação está pronto, capitão. Não encontrei nada de suspeito que pudesse indicar algum tipo de detonador nos motores. Mas esses artefatos... gostaria de levar um...

— *Não agora, Spock. Nós temos novas ordens. Aguarde. Uhura interligue-o com a linha principal...Toda a tripulação, aqui fala o capitão. Mensagem vinda da Base Estelar Dez para a U. S. S. Enterprise: " Nova batata muito quente para a Base segurar. Ordens do Comando da Frota: Conservar a nave e todos os seus sistemas intactos. Dirijam-se à melhor velocidade para a Terra." E belo trabalho, todos vocês. Estaremos a caminho o mais rápido possível Spock, volte à bordo. Isso é tudo, meus amigos; estamos voltando pra casa. Kirk desligando.*

Spock ouviu as vivas que vieram de toda a nave, mas ele tinha franzido o sobrolho quando o transportador o pegou...

...E continuou assim durante os testes de manobra perfeitamente executados, mesmo quando as naves aceleraram e entraram juntas em velocidade de dobra. Antes de Kirk deixar a ponte, este rondou o posto de ciências, se perguntando por que Spock continuava com aquele olhar se as coisas iam tão bem:

— Spock. Há algum problema? Se você quiser tempo de folga ou... bem, qualquer coisa...

— Não vejo razão para interromper a rotina, - começou Spock com indiferença. - Entretanto... há um pedido pessoal, capitão. Quando a

## *Enterprise*

atracar, poderia convidar uma pessoa à bordo? Uma estudante minha da Academia.

— Mas é claro. - Curioso como era, Kirk teve que se segurar; aquela sobranceira finalmente abaixara. - E a respeito daquela nave, nós iremos pegá-la à parte, consiga todas as respostas.

Spock meneou a cabeça, seu sobrolho subiu novamente e voltou ao trabalho.

Kirk deixou a ponte sentindo-se apreensivo. Mas quando passou pelas festividades à pleno vapor em cada convés, sua apreensão foi relegada a segundo plano, e ele se juntou àquela alegria. Hoje havia se tornado num belo dia afinal de contas.

E a *Enterprise* estava a caminho de seu lar.

Em uma esquecida e remota província do Império Estelar Romulano, o Pretor Tahn amaldiçoava a umidade e o frio. Ele ajustou o modificador de voz que usava em torno de seu pescoço, envolveu-se firmemente em sua capa, e puxou o capuz sobre a cabeça. Suas mãos tremiam. Seu estômago gelava de medo, ele amaldiçoou estes longos vinte anos, em que vinha, na calada da noite, a salas como esta. Então abriu a porta.

Ele foi o último a chegar, o último dos Dez, uma aliança nascida em segredo, alimentada pela arrogância e desprezo do Império. E se Tahn pudesse por um nome em qualquer desses sinistros vultos, não o faria; ele preferia continuar vivo. Havia grande poder aqui: Comandos de naves e tropas, fundos particulares para armamentos, acordos com os klingons. E erros ocasionais as investigações do governo sobre um incidente, quase o levava à porta disso tudo. Mas a maioria dos seus esforços trouxeram resultados, semeando a desconfiança acima de tudo, com o Império enraivecido pelas intervenções da Federação, furiosa quando sua Palavra não era acreditada. Isto era tudo para o bem.

Para os interesses deles, aqui era a derrota do governo. Nada de nomes, nada de rostos, nada de vozes sem filtros que revelassem as identidades. Os segredos eram profundos, e os planos sussurrados. Muito breve, isso iria mudar. Tudo teria que se transformar; pelo menos foi isso que O Primeiro prometeu, naquela escura noite há mais de vinte anos, quando suas palavras chegaram pela primeira vez ao coração deles, mudando suas vidas para sempre. Tahn era jovem então; estava mais velho agora, o suficiente para saber o destino de um traidor descoberto em seu meio. Motivo pelo qual seu ventre doía e suas mãos tremiam. Estava ficando sem tempo.

O Primeiro, que sabia todos os nomes deles, fez um sinal, um murmúrio vindo de dentro de sua capa negra. O Segundo ativou um escudo de som e desligou as luzes. Então alguém falou dentre a escuridão:

— Primeiro, grandes notícias! Foi exatamente como você disse, eles pegaram a nave!

— Excelente. E a sonda?

— Entregue e indetectada, ou os tolos acham que é uma das deles. As transmissões entre eles e a base estão num código ainda desconhecido, mas eles falam abertamente entre as naves. Como o senhor disse, estão levando-a para a Frota Estelar. Sua nave está em rumo para a Terra.

— Excelente. - disse O Primeiro de novo. - Agora vocês vão escutar o porquê. Nossa Causa não depende de pressa ou de planos sem visão para prevalecer. Hoje à noite vou contar-lhes de um outro plano, de duas décadas de preparação e o mundo de onde ele nasceu. Vocês sabem o seu nome, mas não seu segredo. Suas tentativas até agora, foram apenas testes de caráter, escaramuças, meros ensaios para um Grande Desígnio; um Desígnio que não pode falhar, nem mesmo por traição interna... Décimo?

O coração de Tahn parou dentro de seu peito. *Ele sabe! Ó deuses...*

— Décimo, eu preciso de naves e soldados. Os seus.

— Mas... - *Sem eles eu ficarei indefeso! Ele sabe disso também! Ó deuses...* - Primeiro, eu tenho apenas uma, e dois modestos batedores.

— Sacrifique-os modestamente então, Décimo. Prepare-os.

— Eu... estou honrado. - *O que mais poderia dizer? Ó deuses...*

— Sim Décimo, honrado. Lembre-se disso. Por agora, - sua voz tremeu através do filtro. - Logo haverá muitas naves e muitos novos mundos. Desta vez o Inimigo irá cair. E os covardes em nosso governo que vendem a honra para comprarem paz; irão se juntar a nós. Ou serão depostos! Não pode haver honra em um apaziguamento! Nenhuma glória nessa jaula de estrelas! E nenhuma paz em se render a essa Federação inimiga! Nosso Inimigo é precipitado e previsível e nesse ponto está o seu destino. Pois hoje eles pegaram uma nave, e o resto; não temam...

A voz deu lugar a um suspiro, a sala aguardou suas palavras: -... O resto eles farão por si mesmos.

## TRÊS

Protegido do sol pela incandescência de Marte, um ponto distante, de luz cintilante azul e verde, na noite do espaço: Uma ilha adornando o veludo negro do infinito, no meio de vigorosos e desinteressados vizinhos. Ela cresce, como o reflexo no mármore dos olhos de um gato que se aproxima. Nuvens entrelaçada como chumaços de algodão percorrem e encobrem porções de terra, oceanos. Serenamente, como já fizera bilhões de vezes antes, um exuberante e tranqüilo planeta trilha seu caminho em plácidas revoluções em torno de uma estrela de quinta grandeza. Em três curtos e esplendorosos séculos de corrida espacial, esta fachada safira se tornou famosa. Centro da Federação, lar da Frota Estelar, parque de diversões da galáxia. Um pequeno lugar, fora-do-caminho e pouco provável de se tornar uma lenda, mas aqui está ela: A Terra.

— Capitão - disse Sulu, que estaria de licença. - A doca pegou nosso amigo emplumado. Ai vai ele. - A nave romulana seguiu em direção ao grande cogumelo duplo que era a Doca Espacial da Frota Estelar. As portas gigantescas abriram-se, tragando-a para dentro. - E senhor, parece que estaremos em casa a tempo de comemorar.

— Mas que mundo! - disse McCoy, enquanto fitava a tela principal com afeição. - Eu comemoraria apenas por poder vê-lo.

— Vamos primeiro chegar até lá, cavalheiros. Então veremos. - Um suspiro de alívio saiu de Kirk, agradecido por ver o último vestígio daquela maldita nave, desaparecer. Então ele voltou sua atenção para o quadro de licenças em sua mão, escutou a voz de Uhura murmurando no comunicador:

— Sim, eleja a tem... Não, eu não posso ver os nomes...

Spock observou os olhares, os cutucões, o ar de elevado excitamento; levantou-se de seu posto com uma expressão perplexa, pondo-se perto de Kirk:

— Capitão - disse - há algo que sempre me intriga. Por que este porto em particular evoca uma espera sobremaneira eufórica? Apesar da conduta permanecer adequada, o pessoal de serviço parece estar mais... exuberante... do que a situação garante.

*Exuberantes?* Kirk olhou a sua volta, na ponte, e não viu nada além rostos sorridentes e dedicada eficiência. Claro que eles estavam *felizes*...

— Nós apenas estamos alegres de estar em casa, Spock. A Terra na primavera, não há lugar que se assemelhe a isto.

— Exatamente a minha questão. - O olho castanho avolumou-se.

— Bom... - Kirk cobriu sua boca com a mão, aparentemente em pensamento profundo, mas McCoy pegou o desafio.

— Não se preocupe, Jim, eu tomo conta disso. Lar, Spock, é onde a

gente tira as máscaras, chuta os problemas pro ar, se joga de cara.

A dúvida de Spock complicara ainda mais.

— Em oposição a quê, doutor? - perguntou. Kirk não podia mais agüentar.

— Magro, deixe-o sozinho. Spock, eu... eu não sei o porquê: - ele pronunciava com a maior dignidade possível. - Acho que são apenas uma dessas... coisas. Spock pareceu esclarecido.

— Deveras. Obrigado, capitão. Sem dúvida que isso explica tudo. - Ele voltou para o seu refúgio de bancos de dados e resoluções lógicas.

*Agora, Spock começou tudo isto com algum propósito*, pensou Kirk. *Eu poderia jurar que ele está de bom humor.* Ele estava se perguntando por que, quando a voz do Controle de Atracamento o interrompeu:

— *Aguardando por seu comando, capitão. E senhor, a respeito das turmas de licença: os transportadores do Q.G. estão designados para manutenção hoje à noite, e os Postos da Cidade estão desligados esta tarde. Entretanto, as docas inferiores estão à disposição e temos naves de transporte de sobra para a tripulação ir ao planeta. Desculpe senhor.*

— Recebido, Controle de Atracamento. Kirk desligando.

Ótimo, pensou, *nada é perfeito*. E ele não iria a lugar algum, exceto para o seu alojamento; definir a licença do pessoal em paz.

Uhura não estava se sentindo filosófica. Ela teria que lidar com naves de transporte a noite inteira; e ainda havia a voz de um oficial júnior incomodando o seu ouvido:

— *Comando da Frota Estelar para a Enterprise! Responda Enterprise!*

— Aqui fala Enterprise, - ela respondeu docemente.

— *Aqui, tenente-ajudante Michaels! Transmitindo ordens do Almirantado! Prioritária! Codificada! Enviando agora! Confirme a transmissão, Enterprise, e informe seu nome e posto!*

— Mas é claro, tenente-ajudante Michaels, - ela disse, com um tom afiado.

— Aqui é a *tenente-comandante* Uhura, recebido. - Deleitada com o engolir nervoso do outro lado da linha, ela retirou o *tape* e interceptou Kirk em seu caminho para o elevador. - Ordens vindas do Almirantado, senhor...

— Oh? - Kirk olhou com cautela. - O que eles querem?

— Codificado, capitão. Agora, o que fazer a respeito das licenças? Com todas essas naves atracando...

— Sim, Uhura, eu irei direto para o meu quarto, fazer minha lição de casa. — disse enquanto pegava o *tape* e entrava no elevador.

Uhura ficou de pé, com as mãos no quadril; o começo de uma dor de cabeça despontava em algum lugar próximo de suas têmporas. Esta noite toda seria uma confusão. *Naves amontoadas, pessoas em saídas erradas, todo mundo reclamando.* . ela sentou, visivelmente irritada, e pressionou



uma tecla.

— Ponte para todos os conveses! A tabela de licenças será posta à disposição, quando ficar pronta. Consultem os seus *terminais*. Não chamem a *ponte*! Repito! *Não* chamem...

Spock olhou atento ao redor da ponte, agradecido pelo fato dos instrumentos de atracagem não serem afetados pelas emoções da volta ao lar. E não era apenas a tripulação. O pessoal de serviço na engenharia, estava recontando uma anedota um tanto velha, e bastante imprópria, visto que devido às gargalhadas eles não estavam mantendo uma postura adequada. Os senhores Sulu e Chekov conduziam uma elaborada aposta em suas respectivas resistências à intoxicação por etanol, que eles planejavam consumir antes do fim da noite. O oficial médico chefe estava se apoiando na cadeira de comando e, apesar do fato de ninguém estar ouvindo-o, continuava falar de seus pontos de vista a respeito dos reparos no transportador e transportadores em geral.

Uhura fitava furiosa as luzes piscantes em seu painel, jurando vingança à todos os quais assumiam que a ordem "de não chamar a ponte" pudesse não ser aplicada a eles. Ela correu um dedo por sobre todas as chamadas, desligando-as, enquanto levantava seu olhar para Spock que estava ao seu lado.

— Se for importante, eles chamarão de novo! - disse com propriedade. Instantaneamente seu painel estava todo aceso de novo. - Viu? Eles ligam mesmo quando não é. - A sua dor de cabeça não mais despontava, latejava de acordo com as luzes piscantes. - É sempre assim! - lamentou. - Fascinante, certo?

— De maneira alguma. - Spock estudou o painel cintilante com franco desinteresse. Então ele guinchou da maneira que sempre faz, quando o capitão abre o seu canal:

— *EU QUERO SPOCK AQUI! AGORA!* - A comunicação foi cortada.

— Agora isto é um pouco mais interessante. Em sua opinião, comandante, o capitão pareceu um pouco perturbado?

— Não, Sr. Spock. - ela observou - Em minha opinião, o capitão está tendo um ataque. E será que o Sr. poderia pegar aquela lista de dispensas dele? Até o pessoal saber o que está acontecendo por aqui.

— Entendido, comandante. O comando é seu. Ninguém está dispensado.

— Sim senhor. - Uhura olhava pasmada enquanto Spock virava as costas e saía, pegar o comando dentro da Doca Espacial era o que faltava para completar o seu dia...

— Há algo errado, Uhura? disse McCoy, interessado.

— Eu...eu não sei, - ela confessou. - Quer dizer, eu estou com uma enxaqueca. - Imediatamente McCoy pegou um *hipospray* e começou a ajustá-lo. - Agora, veja só, doutor, eu também tenho o comando.

— A é? E quem precisa de duas dores de cabeça? - O *spray* penetrou pelo seu braço, e como mágica a dor foi diminuindo. Rapidamente ela se sentiu aliviada, mais leve... maravilhosa...

— O que é esta coisa? Você o carrega por todo lugar?

— Mas é claro, Uhura. Eu sou um médico. Agora escute. - McCoy aproximou-se do ouvido dela, confidencialmente, e usou de seu charme. - Você poderia me fazer um pequeno favor?

— Ele está te cantando. - avisou Sulu. - Nós vamos desembarcar daqui a pouco.

— Que tipo de favor, doutor? - Ela perguntou, esperando pelo pior.

— Você encontraria uma dessas pequenas naves para mim?

No ancoradouro nº. 27 da Doca Espacial, o Tenente Robert Harper entrou através de uma escotilha aberta na cápsula de locomoção à espera, enquanto a nave romulana atracava. Fred DiMuro já estava lá, sua face negra pressionada contra a janela.

— Olá, Fred. Veja o monstro em que nós iremos trabalhar. Grande né?

— Estou olhando, Bobby. A segurança está realmente preocupada com essa aqui. Ninguém me contou nada.

— Tudo o que me disseram é para quem nos reportarmos; comandante Dorish. Mas há algo acontecendo. Tive que me identificar para chegar até cá.

— É. Aposto que é algum tipo de arma nova. Por qual outro motivo eles a trariam... ei, onde está o garoto?

— Consertando um distribuidor de bebidas no bar. Não deve demorar. Algum imbecil tentou reprogramá-lo para dar doses duplas. - Harper começou uma averiguação de rotina no painel de vôo. Na Academia era sempre Harper; com seu cabelo loiro, suas sardas, seu jeito calmo, e sua mente afiada; que estava no topo das listas de todo mundo.

— Fiquei sabendo que você desistiu de outra designação. - disse DiMuro, criticamente. - Isso é loucura! *Ninguém* desiste da *Enterprise*.

— Ora, se preocupe com seus próprios problemas, Fred. Você não sabe o...

— O que eu sei é que seu pequeno companheiro não vai a lugar algum, e você ainda está no chão. Uma carreira não espera para sempre. Existe muito o que perder, você sabe.

— Bom, um cargo na Doca não é exatamente estar no "chão". Eu gosto disso. Se eu quiser ver outros mundos, sempre posso ir para casa.

Foi divertido crescer em um museu. Life City se estendia sobre o escaldante deserto da Califórnia debaixo de seus fulgurantes biodomos. O gigantesco projeto de xenocultura era o maior de toda a Federação, um passeio turístico galáctico por trabalhos de arte e exposições holográficas. Bobby Harper passou sua infância explorando as cavernas de Epsilon Indi V,

brincando com os felinos tropicais de Menkar VII, construindo castelos nas areias púrpuras de Beta Algenib III, e ajudando sua mãe a catalogar os artefatos de mais de mil culturas variadas, tanto dentro quanto fora da Federação. Ela era a diretora do museu. As paredes de seu escritório eram recobertas de diplomas e prêmios; tantos que ela perdeu a conta.

— Eles nunca deveriam ter aceitado a entrada deste pequeno rapaz na Frota, Harper. Encare os fatos.

— Você não sabe de nada. Este "pequeno rapaz" é mais forte do que...

— Eu sei, Bobby. Apenas não existe lugar para alguém que não suporte o baque, mesmo sendo um mago com as máquinas.

A mandíbula de Harper se enrijeceu.

— Então, Sr. Sabe-Tudo, agora você é a autoridade a respeito de quem pode ou não agüentar?

— Você não consegue nem mesmo ter uma *namorada* com este garoto no seu pé.

Cansado de argumentar, Harper se virou para observar o movimento.

A nave romulana estava fora de vista. Ao longo das diversas docas encontrava-se a Enterprise. Harper se imaginou vagando através das estrelas, estando à bordo dela. E ele poderia estar lá, exceto por um pequeno...

— Bbbobby? - um gorgolejar choroso soou pelo corredor.

— Aqui! - ele chamou.

DiMuro começou a balançar a cabeça.

— Soa como um refrigerador de água falante! Ei, desculpa, Bobby, mas é o que parece.

— É, eu sei - murmurou Harper. Uma confusão no saguão foi seguida por uma leve batida contra a porta e um queixoso gemido.

—Uuuuops, Bobby!

— Use sua identidade. Levante sua mão.

— Oookay, Bbbobby! - Com um leve zunido a porta se abriu.

Um belandrida estava em pé, com seus olhos amarelo-neon brilhando. Nem um metro de altura, pesando apenas doze quilos, se movia em delicados pés emaranhados, sustentando seus frágeis dedos estendidos em cumprimento à Harper. Essa espécie estava classificada como "humanóide": dois braços, duas pernas e simetria bilateral. Mas sua estrutura óssea era cartilaginosa; possuía tanto pulmões quanto guelras; seus dedos (sete em cada pé e mão) terminavam em extremidades filamentosas, que realizavam tarefas com a mesma eficiência. Sua cabeça, sem cabelos, tem formato de um ovo, suas pálpebras verticais e sua boca formam uma face oval. Mesmo em terra, sua voz gorgolhava ao falar. À medida que subia através da escotilha, sua pele azul-pálido, translúcida, começou a corar, ao se aproximar afetuosamente de Harper.

— Oolllááh,Bbbobby!

— Oi, Obo. - Harper dando umas pancadinhas nas costas dele, pensou como ele sabia pouco de seu amigo, incluindo a maneira de se soletrar o seu nome verdadeiro.

Todos os belandridas eram semelhantes, mas apenas esse aqui deixou o seu planeta aquático, Belandro, e retornou para a terra com o grupo de contato da Federação. Ninguém sabia porquê. Ou porque esta espetacular facilidade em consertar todo o tipo de maquinaria passou despercebida até ele encontrar um oficial novo na Doca Espacial: tenente engenheiro Robert Harper.

Vestido com uma leve roupa que lhe cobria por inteiro, Obo seguiu Harper no seu primeiro dia, se oferecendo para segurar coisas, fazendo-se útil. Harper pensou que ele fazia parte daquele lugar. E quando o Comandante Dorish veio reclamar a respeito de alguns relês que estavam fora de Unha, Obo disse: "Ffáccil conssertto." Enfiou os seus dedos dentro dos circuitos e consertou o painel inteiro em questão de segundos.

A notícia se espalhou. E no dia seguinte Obo estava escalado como ajudante no departamento. Ninguém questionou seu talento. Obo se adaptou tão naturalmente que até mesmo os grandes como o comandante Dorish, assumiram que sua pequena presença era de alguma forma autorizada pela Frota Estelar. Verdade seja dita, ninguém queria que fosse de outra maneira. Então Obo ficou. E Harper também, esperando que ninguém tivesse que cavar muito a fundo.

Mas DiMuro estava certo: Obo não poderia servir na Frota.

Apesar de seu vocabulário ser limitado e infantil, Obo falava bem o inglês; podia entender e seguir ordens. Mas não tinha conceitos de postos ou disciplina. Era incapaz de defender-se ou a alguém. Não compreendia desprezo, malícia ou raiva. Ele desaguava em lágrimas quando criticado duramente; quando elogiado, abraçava o supervisor. (Harper já o havia exortado a respeito disso, várias vezes, mas ocasionalmente ele esquecia.) Então as pessoas ficavam agradecidas e faziam pequenas piadas, dispensando Obo com um tapinha na cabeça, que era tudo quanto ele parecia querer na vida: ser amado, consertar coisas e estar com Bobby Harper. Obo não se importava se ninguém o levava a sério. Era Harper que se incomodava, apenas ele acreditava que havia algo mais em Obo, e que um dia todos iriam perceber isso. Neste meio tempo, não iria para lugar algum sem seu amigo. E se uma garota não gostasse de ter Obo "pegando no pé", então ela era a garota errada para Bobby Harper.

— As pessoas estão pegando seus drinques agora? Obo acenou vigorosamente com a cabeça.

— *Ffáccil conssertto! Muiitto ráppiddo!* Bomm, bomm, Obo!

— E o que *você* tomou agora à noite?

— *Ááágua! Miwhiiajffavoritta!*

DiMuro sorriu. Você é uma companhia barata, Obo, sabia disso?

— Ssimm, Fffred.

O painel do terminal veio à vida com um visual de sua posição, destino e rota de tráfico designadas. O computador de vôo passou as instruções: **doca central para cápsula 27: proceder com o reparo na doca 4. vocês estão liberados, oficial responsável, confirme análise de voz e insira código de segurança.**

— Entendido, Central. Tenente Robert Harper. Código 8121.

— Vê o que eu digo? - sussurrou DiMuro. - Não podemos dizer a ninguém o que estamos fazendo aqui em cima!

— Ssegredo, Bobby? - Os olhos de Obo abriram-se e brilharam de espanto. - Segredo para rnmnim?

— Grande segredo, especialmente para você - avisou Harper. Ele se preocupava a respeito de segredos. Algumas vezes Obo se esquecia disso também.

DiMuro guiou a cápsula pelas vias de tráfego, e Harper observou a Enterprise se aproximar. As luzes dispostas sobre sua carcaça reluzente, e suas letras de identificação NCC-1701 passavam embaixo deles, à medida que seguiam por sua rota programada de vôo.

— Nnuncca contar! Ookay, Bbbobby?

— Certo Obo. Agora seja bonzinho hoje à noite. Faça só o que eu falar. Não caminhe por aí e não conserte nada sem permissão...

A cápsula acelerou enquanto voava ao longo dos labirintos curvos dos ancoradouros, debaixo da constante penumbra que permeava a Doca Espacial.

— Talvez seja mera rotina, capitão, - disse Spock, fitando a mensagem decodificada na tela de Kirk, que balançou a cabeça:

— Rotina? Você não acredita nisso, certo?

— Difícil dizer, capitão. A falta de clareza com a qual...

Kirk não estava escutando. "Maldito Nogura!" Ele olhou para a mensagem novamente, no caso das palavras, de alguma maneira, terem mudado. Elas não tinham: ALMIRANTE JAMES T. KIRK, CMDO, U.S.S. ENTERPRISE: RE: DESCOBERTA/RECUPERAÇÃO DE NAVE ROMULANA: ENTREGAR RELATÓRIO DO INCIDENTE EM PESSOA ATÉ ÀS 08:00 H, DIA 15. ALMIRANTADO ENVIA SEUS CUMPRIMENTOS E TEM BOAS NOTÍCIAS. O QUE ACHA DE ALMOÇAR?... HEIHACHIRO NOGURA.

— Dia 15, é depois de amanhã. - Kirk espalmou sua mão na mesa. - Eu o derrubei, você sabe, quando me esquivei do Almirantado, e ele não consegue *aceitar* isso!

Spock aguardou pacientemente, mão atrás de suas costas, esperando o

temperamento de seu capitão se esfriar.

— Eu *mais* que justifico meu comando aqui! Nós trouxemos uma *nave de guerra romulana*!

— O que só serviu para aumentar a sua reputação, - Spock parou por uns momentos com intuito de continuar a debater certas perspectivas. Mas ao concluir...

— É exatamente isso, você não vê? Agora ele pode me dependurar uma *medalha*, e me jogar atrás de uma *mesa*, novamente, enquanto me *congratula*! Já estava arrumado, eu iria ser pego se tivesse ou não feito isto. Eu devia ter percebido antes.

— Eu não estou certo de ter seguido...

— É o princípio fundamental da burocracia, elevar-se para o cargo da própria incompetência de alguém.

— Com certeza não, capitão. Isto seria absurdo.

— Acontece o tempo todo. É assim que funciona. Aqui está o cara, veja, e ele faz; oh, digamos, programas...

Desejando não interromper, Spock inclinou sua cabeça e tentou parecer atento.

— ... e ele faz programas, programas realmente bons, é o que ele adora fazer. Então ele está sempre no horário, trabalha duro, e até encontra maneiras de fazer programas *melhores*. Daí, o que eles fazem?

Spock balançou a cabeça, curioso.

— Eles o põe como vice-presidente! Algo que ele não tem nenhum conhecimento! Que ele não é bom em fazer! E eles treinam um outro alguém para fazer os programas, que era tudo o quanto o primeiro cara gostaria de fazer...- Kirk olhou a cabine à sua volta, como se a estivesse vendo pela última vez. - Tudo o que sempre quis era comandar uma nave estelar, Spock. Esta nave. É o que eu faço de melhor. Nogura não precisa de mim. Por que ele não pode apenas me deixar em paz?

Spock pensou por um momento. Se o capitão quisesse simpatia, ele teria chamado o Dr. McCoy. E mesmo que não entendesse as irracionalidades da burocracia ou as intenções do Almirante Nogura, tinha um sentimento ilógico de que seu amigo estava correto a respeito de ambos.

— Você não pode simplesmente declinar uma designação em terra?

— Teoricamente. - Kirk estava lúgubre - No papel, talvez, mas cara a cara... - Não uma segunda vez. O pior momento de sua carreira, pior que disruptores klingons e entidades alienígenas, se passou no escritório de Nogura, em uma batalha de vontades para recuperar o comando da Enterprise. Ele venceu aquela, por causa de algum tipo de poder não identificado que estava ameaçando a Terra e Nogura foi obrigado a admitir que a experiência de Kirk com o desconhecido poderia aumentar as chances de vitória, as quais de tão remotas mal se podiam calcular. Kirk o derrotou

de qualquer maneira. Em meio à sua aclamação e gratidão públicas, ele achou que conseguiria escrever o seu próprio caminho, e conseguiu. Mas isso foi a bom tempo atrás.

Não havia emergência agora, nenhuma alavanca que Kirk pudesse usar. A Enterprise descansava indiferente em sua doca. A Terra se mostrava segura abaixo deles, e Kirk se sentiu manipulado por uma mão a qual ele já não tinha mais controle.

— Muito bem, então... que assim seja. - A sua fúria começava a dar lugar à depressão e uma voz interior, fria, dizia que talvez ele não conseguisse fugir dessa vez. Spock não conhecia Nogura como ele. Não poderia esperar que Spock lesse as entrelinhas. *"O que eu esperava de Spock, no final das contas? Que ele puxasse um coelho de sua cartola?"* Envergonhado de si mesmo, Kirk descobriu que era exatamente isso o que ele esperava; e além de ser impossível, não era justo para com Spock. Ele se recuperou abruptamente.

— Desculpe Spock, não é seu problema. Você poder ir. Falaremos sobre isto depois.

— Como quiser, capitão, mas... o senhor, me satisfaria a curiosidade em relação a um pequeno ponto? Por que você sente que deve se encontrar com o Almirante Nogura no dia 15?

Kirk encarou-o profundamente, não era do feitio de Spock perder todo o raciocínio.

— Porque essas são as minhas ordens!

— Não, capitão. Sem querer parecer presunçoso, mas essas não são suas ordens. - Boquiaberto, Kirk fitava com descrédito a sua tela. - Como eu disse previamente, a mensagem é imprecisa e aberta para interpretação...

Finalmente, Kirk viu. Ele começou a sorrir.

— Você está certo, Spock. Você está certo! "Até" as oito horas!

— O que poderia significar a sua prontidão em...

— Uma Unha morta.

— Você deve entregar o *relatório* em pessoa, isto está claro. O almoço, entretanto, parece ser opcional. Este tipo de erro não ocorre entre os vulcanos. Talvez a ambigüidade inerente de sua linguagem...

— Ou talvez - Kirk riu - eu devesse entregar este relatório agora mesmo.

— Hoje à noite?

— Bom... por que não? Nogura não vai estar por lá. Dificilmente qualquer um estará. - Kirk começou a se acalmar novamente; as peças estavam se encaixando: uma rápida viagem de ida e volta, e haveria provas irrefutáveis de que estivera lá... e eles só descobriram isso apenas no dia 15, quando seria tarde demais.

— Spock. Nós desatracaremos às 23:00 amanhã à noite. Informe aos chefes de departamento. Esta nave tem uma missão a completar!

— Ah. Sem dúvida. E o senhor dará as *licenças*? - perguntou Spock, intencionalmente.

— Eu terei um motim em minhas mãos se o não fizer. Então vamos fazer a coisa simples. Revezamentos de doze em doze horas, metade da tripulação em cada... oh, droga. - Kirk notou as listas intocadas sobre sua mesa.

— Permita-me, capitão - ofereceu-se Spock, pegando o tão esperado documento. - Devo chamar uma nave?

— Agora mesmo. Quer vir comigo? Participar de uma pequena conspiração?

— Sinceramente, Capitão, - Spock tentou ao máximo parecer indignado. - Eu não estou a par de que exista alguma conspiração. Planejo visitar o Q.G. amanhã, porém, hoje à noite eu estou esperando um convidado à bordo.

— Ah sim. Aquele estudante seu. Eu estarei de volta em algumas horas. Se houver tempo, gostaria de conhecê-lo.

— Sim, isto seria...muito interessante. Obrigado.

— Obrigado a *você*, Spock.

— Desnecessário, capitão. Eu apenas o ajudei a realizar suas ordens. O que, obviamente, é a minha função.

— É claro. - *E algumas coisas*, pensou Kirk sorrindo, *como a lua e o sol e Spock, simplesmente nunca mudam...e o que eu faria se elas fossem diferentes?* - E o que acha de me ver partir? Ou você precisa voltar para a ponte?

— Acho que não, - disse Spock, aliviado em poder evitar certas situações, que devem ter-se deteriorado em sua ausência. - Juntar-me-ei ao senhor no convés do hangar. E se posso expressar uma opinião, estou gratificado de que a sua pronta submissão à diretiva do almirante não vá interferir em nossa rotina. A perda de eficiência seria lamentável. Agora, se me dá licença, Capitão...

— Claro, Sr. Spock... - Kirk observou a porta se fechar, e daí gargalhou ruidosamente. *"Não se preocupe. Eu não contarei a viva alma, ninguém me acreditaria de qualquer maneira..."* Mas por apenas um momento, poderia jurar que vira o seu eficiente, imperturbável e lógico Sr. Spock... calmamente puxar um coelho de uma cartola vazia.

Quando Spock chamou a ponte, minutos depois, Uhura respondeu friamente:

— Ponte, e eu ainda não sei!

— Fala Spock. Comandante, você se sente bem?

— Ótima, Sr. Spock! Sem problemas aqui! - Houve um estouro de gargalhadas ao fundo. Prudentemente, ele optou por ignorá-las.

— Muito bem. A lista de licenças está aparecendo agora em todos os monitores. Achei que gostaria de informar à tripulação.



— *Certamente, Sr. Spock! Alguém já te disse que você é um mágico?*

— Provavelmente não, comandante. Isto seria um absurdo. - Não há mágica envolvida em realizar um pedido ao computador da nave, nem no um ponto cinco minutos que demorou para programá-lo, sem mal-entendidos, acessos de ira, ou exaustiva profusão. - Dispense o pessoal da ponte e a si mesma quando suas licenças chegarem.

— *Oh, eu vou ficar, senhor. Eu não desejaria isto para mais ninguém, e eu estou bem agora, de verdade. Apenas...*

— Deveras. Elogiável de sua parte. Eu estou esperando uma chegada em vinte e seis minutos. Por favor informe-me quando ele sinalizar e dirija-o ao convés do hangar. Neste instante, entretanto, o capitão requisita transporte para o planeta. Quando a primeira nave estará disponível.

— *Em aproximadamente dez minutos, senhor, mas... está designada ao Dr. McCoy.*

— Esta servirá perfeitamente. Dirija-a ao convés do hangar e desvie todas as outras naves para as travas de ar.

— *Sim senhor. Mas, hã, o que devo dizer ao doutor?*

— Você pode dizer, comandante, que ele foi... - a pausa foi preenchida com possibilidades. - ...relegado a segundo plano devido às necessidades de um oficial superior. Spock desligando.

Felizmente, ele nunca escutou a resposta do doutor.

Harper e DiMuro estavam estáticos na ponte romulana, relendo as ordens de despacho e inspecionando dois objetos brilhantes dispostos lado a lado no posto de navegação. As caixas pareciam idênticas: As mesmas luzes ondulantes em padrões espirais, o mesmo matiz multicolorido, a mesma superfície transparente.

— Impressionante, Fred. Eu nunca tinha visto nada como isto.

— Nem eu. O Sr. Spock disse qual dos dois ele quer?

— Não. Apenas um, entregue em mãos ao Exo-Sci lá embaixo no Q.G., onde todos os artefatos alienígenas são analisados. O grande problema com essas ordens, são as especificações de transporte: anti-gravs, sem mudanças de temperatura, sem transportadores. Ele não sabe o que essas coisas são mais do que nós.

— Lógico que é *delicado*, não é?

— Foi o que eu escutei, mas delicadeza é o Procedimento Padrão de Operações quando você não sabe com o que está lidando. - Harper ativou o colchão de ar em um receptáculo de remessa, o colocou em uma caixa com anti-gravs, lacrou a tampa e etiquetou-o. Então ficou observando aquele que restava, imaginando o que haveria lá dentro. - Gostaria que mamãe pudesse ver isso. Com todo o respeito ao Sr. Spock, ela é a especialista. Ela fica com a pulga atrás da orelha ao ver como a Frota destrincha primeiro essas coisas.

Bom, talvez. - Ele procurou seu comunicador.

— Vam'bora Harper, toda a ação está lá embaixo na engenharia!

— Pêra aí, Fred; comandante Dorish? Harper falando. A encomenda do Sr. Spock está pronta para ser enviada, encontramos quatro delas. Parecem uma espécie de obra de arte, mas é um tanto difícil dizer sem...

— *Não é nosso departamento, Harper. Eu preciso de vocês aqui embaixo, e desse seu amigo com todos os dedinhos.*

— Sim, senhor. Mas será que a Life City poderia dar uma olhada em um desses?

— *Arranjando serviço para sua mãe, hem ?*

— Bom, senhor, é algo que a faria feliz, e ela teria licença para tal. Devo checar com o Sr. Spock? Só levaria um minuto.

— *Não, eu que liberei o pedido dele, acho que posso liberar o seu também. Se ela não se importar, que mal faria? Pode deixar comigo. O seu mensageiro está atracando agora, portanto termine aí e venha aqui para baixo.*

— Sim senhor, hã, obrigado senhor! Harper desligando... o bom e velho Dorish! - Ele começou a trabalhar em outro receptáculo enquanto fechava seu comunicador.

— Vamos logo. Você escutou o que o homem disse.

— Sossega, Fred, nós estamos esperando o tal mensageiro. - Ele selou a segunda caixa. *Oi, mãe!* escreveu na tampa, *Fresquinho do Império Romulano!* Sem notar que alguém havia entrado na ponte, mas DiMuro percebeu imediatamente:

— Olá! Posso ajudá-la?

Harper se virou, e encontrou-se fitando uma jovem mulher, de sua idade (ou talvez um ano ou dois mais velha), altura média, esbelta, leves cachos marrons e um rosto cativante. Nesse momento ela era toda profissional, consultando as ordens em suas mãos.

— Sim, se for o senhor Harper. Eu sou Korbet, e estou encarregada de... uau! - Ela perscrutou a pardacenta ponte. - Uma nave de guerra romulana de verdade, que *tralha!*

— Claro que é. Esses romulanos são muito predatórios, você sabe. Agora o que uma garota bonita como você está fazendo em uma ponte como...

— Fred... oi, eu sou Harper. Não ligue para ele. Alguém deve tê-lo solto da coleira. - *Ela é linda*, pensou enquanto ela ria. *Aposto que sempre a recebem assim. Ao menos ela achou engraçado.*

— Tudo bem - disse Korbet - Muitas pessoas ficam afetadas pelo ambiente que as cercam. - Ela e Harper riram juntos da piada. Então os seus olhos se encontraram, e eles continuaram sorrindo um para o outro, sem ter motivo. Finalmente, corada, Korbet refez-se. - ...É...esses vão lá para o

Q.G.? O que são?

— Hã? Ah, ninguém sabe. Este é para o Q.G...- *Como que os olhos de alguém podem ser tão azuis?* - ...E esse aqui vai para Life City. Dorish está arrumando as suas ordens neste momento. Nossa, desculpa pela vigem extra...- A sua voz dissipou-se. Ele não conseguia parar de sorrir, ela continuava a sorrir de volta.

— Não tem problema. Eles estão prevendo tempestades sobre São Francisco hoje à noite, mas será legal dirigir pelo deserto. - Vagarosamente, ela checkou as listas e procedimentos de transporte; eles gastaram algum tempo examinando os papéis uns dos outros. - Bem, hã... isso é tudo... Sr. Harper?

— Bobby. Sim, receio que... quer dizer, obrigado, senhorita...

— Jessie. - Os olhos azuis brilharam. - De nada.

Harper se abaixou para regular os anti-gravs dos receptáculos e DiMuro tentou salvar o que restara de seu ego com uma última recomendação:

— Tenha cuidado com eles, Korbet; ou o Sr. Spock irá pegá-la.

— Sou sempre cuidadosa - ela disse, levando a carga para o elevador. - Portanto diga para que não se preocupe, seja ele quem for. - Ela fitou Harper por entre as portas que se fechavam. Ele voltou-se para DiMuro, abobado:

— Oh... *é ela*, Fred! Ela é *perfeita*! Esperta, bonita... ela *gosta* de mim! Irá, inclusive, gostar de Obo, eu posso *sentir*, não me pergunte *como*, mas... ah, não! - Harper foi jogado de volta à realidade. - Onde está Obo? Não o vejo desde... oh, isto é terrível.

— Nós vamos estar no relatório, isso *sim* é terrível!

— ...Pode estar em qualquer lugar agora! Droga, eu disse pra ele não ficar vagando por aí... Obo? - Procurou freneticamente, esperando que estivesse em algum canto da ponte. Até que por fim, escutou um leve e miserável soluço.

Obo sentou triste. Amontoado sob o posto de comunicação, os braços enrolados em torno de seu corpo e os olhos piscando desconfiantes.

— Nós vamos pra cccasaa, Bobby! - lamuriou impaciente.

— Não, nós acabamos de chegar aqui. Ei, há algo errado? Você está doente ou alguma coisa? - Ele se ajoelhou para ver melhor.

— *Mmm*au lugar, Bobby! Pra casa *agggoraa*! DiMuro gemeu.

— Ótimo, tudo que a gente precisava; Obo tendo um ataque de nervos. Já o imaginou em uma nave? Sob fogo?

— Quietos Fred. Escute, Obo, não podemos ir para casa. Temos trabalho para fazer. Agora, você quer ficar aqui? Por sua conta?

— Não! - ele gritou, atemorizado. - Ficar com você!

Obo estendeu um braço para Harper, que o colocou em pé. O belandrid estava assustado.

— Gostaria de saber o que está incomodando-o. - Harper pensava alto

enquanto os três entravam no elevador.- Sempre existe uma razão...

— Quem se importa? Essa coisa toda tem sido uma enorme perda de tempo.

— Não, não tem, Fred. Nós apenas estamos fazendo um favor, e como disse Dorish,"que mal faria?"

*Isto é ilógico, meditava Spock, estar ansioso por um evento. Eles raramente se desenrolam como planejado.* Mas enquanto ele assistia a nave de seu capitão partir e contemplava a doca de aterrissagem vazia ante si próprio, Spock admitiu que estava ansioso pelo desenrolar dessa noite.

Foi um longo caminho desde a poeira de Hellguard até o convés do hangar da Enterprise. Somente ele e Saavik sabiam o quanto. Hoje à noite, as pessoas iriam conhecer uma cadete em sua primeira visita a uma nave estelar da Federação, não achando nada de incomum, exceto o fato dela ser vulcana, e jamais saberiam que essa simples aceitação era a maior forma de a elogiar. E mesmo ansioso, Spock não podia evitar uma lembrança, uma noite muito diferente desta, há apenas seis anos atrás.

Ela tinha desmantelado o computador naquela manhã e quebrado a sua última datapad aquela tarde. Acreditando-se preparado para a ocasião, Spock arranhou uma grande pilha de papéis, uma caixa de lápis de grafite, e um intrincado quebra-cabeça desenhado à mão. A lição noturna era apenas uma simples frase:

*Meu nome é Saavik, escrito em vulcano.*

Os lápis foram quebrados. As folhas rasgadas. A ascendência de Spock amaldiçoada, e os deuses invocados com ira desmedida. Desavisado que estes eram apenas os sinais da tempestade, ele enfrentava cada explosão de fúria com um novo lápis, uma nova folha de papel e implacável encorajamento.

— Você já sabe escrever seu nome no computador, Saavikam. Agora você vai aprender a fazê-lo com as próprias mãos. Não seja impaciente. Para tudo existe uma...

— ODEIO SUAS PRMEIRAVEZ! - ela chiou, batendo em um monte de lápis e papéis. - ODEIO SUAS ESTÚPIDA PALAVRAS FILHABASTARDA!

ODEIO VOCÊ! Ela jogou o quadro através da sala e virou sua mesinha ao chão. - VAI, SPOCK! VAI EM-BO-RA!

— Saavik. Você está exausta, e eu acredito que... - A caixa de lápis zuniu próximo de sua cabeça, espatifando-se contra a parede. -... já tenha feito sua oposição. Acompanhe-me agora. É hora de dormir.

— NÃO! NÃO DORMIR! - Os olhos dela se tornaram selvagens com o medo, ela subiu na mesa, fora de alcance, decidida a correr pelo lado oposto se ele chegasse mais perto. - VOCÊVAI ESTÚPIDO DORMIR! VOCÊVAI ESCREVER SEU ESTÚPIDO NOME! VOCÊVAI EM-BO-RA, SPOCK!

VAI EM-BO-RA!

— Muito bem, Saavik, não há necessidade de provocar mais danos. - Ele olhava a cadeira que ela balançava por sobre a cabeça. - A nossa lição acabou. - Ele se virou, dignamente calmo, e saiu; a cadeira navegou através da sala partindo-se em vários pedaços ao chocar-se com a porta que se fechava. Fora uma longa noite. O silêncio era pontuado com espasmos de maldições e xinga-mentos, seguido de mais silêncio. Spock estava deitado em sua cama, observando a escuridão e se perguntando onde teria errado.

Pela manhã abriu a porta dela e presenciou uma cena de devastação, impressionado com a quantidade de objetos quebráveis existentes ali. Esgueirou-se por entre os destroços e retalhos de papel até a mesa em que Saavik, curvada, dormia, segurando uma folha em sua mão. Ele retirou-a de seus dedos. As palavras estavam mal formadas, acalcadas, mas legíveis e corretamente escritas: NÃOVÁ SPOCK MEU NOME É SAAVIK.

Ele olhou para as palavras e para a face adormecida de Saavik. Olhou para o quarto. E perguntou-se onde iriam morar depois que pedisse a Saavik para escrever um parágrafo. Dobrou cuidadosamente o papel e o colocou de lado.

Spock não conhecia nada a respeito de crianças, exceto que ele mesmo havia sido uma, e que conseguira passar por isso. E não viu motivo para debater sobre algo que não o ajudaria. Uma coisa era salvar uma vida, outra, bastante diferente, era tomar conta de sua educação por uma razão que ele nunca poderia explicar para alguém, nem para si mesmo: a profunda e incômoda convicção que este pequeno destino não deveria ser deixado ao léu. Além disso, Saavik não toleraria mais ninguém e ninguém a suportaria. Em Gamma Eri ela se recusou a clamar sua cidadania vulcana e atacou outras crianças na primeira oportunidade. Então Spock tirou um ano de licença (tempo para fazê-la apresentável, para modificar sua mente, um *longo* tempo) e levou Saavik para um outro lugar.

Dantria IV, um mundo remoto, bucólico, ideal para o seu propósito. Os seus gentis habitantes de pele cinza não raramente se indagavam a respeito do homem alto e da criança cheia de energia que viviam além da floresta. Spock almejava um grande desafio. Desacostumado em proceder sem teorias ou perícia prévia, tinha a sensação de estar constantemente à beira do fracasso. Saber como lidar com crianças não teria ajudado muito nesse caso, portanto ele se aplicou em conhecer a respeito de Saavik; transformando a sua vida numa constante crise.

Ela frequentemente desejava ver a sua faca, em particular quando era repreendida por alguma ofensa, e sabia exatamente onde era guardada: em uma caixa, em cima de uma prateleira. Spock sempre mostrava-lhe o objeto, lembrando-a que nunca deveria usar a faca, e que nem tentasse imaginar o que aconteceria se o fizesse. Mas ele jamais trancou a caixa. Na verdade,

tratava Saavik da mesma maneira que tratava todo mundo, com gentileza, dignidade e respeito. E com o tempo algo curioso começou a acontecer: Saavik começou a tentar imitar essa aproximação cortês. Ela, inclusive passou a obedecê-lo, na sua própria maneira e após exaurir todos os porquês, o que parecia uma troca justa. Se isto não se adequara às adequações vulcanas, servia muito bem a Spock e Saavik. E ela manteve sua palavra: Nunca mais matou, mas não desistiu de caçar também. Não por comida (Aqui havia mais alimento do que ela poderia engolir), mas por este planeta estar repleto de criaturas que ela nunca havia visto antes, e Saavik cuidava de trazê-las vivas para casa. Havia uma verdadeira procissão da vida selvagem de Dantria para dentro e fora da casa: roedores, répteis, aves e... numa bela manhã, uma criança.

Ouvindo a voz dela, Spock saiu da casa e ficou atônito com o que viu: Uma criancinha dantriana de cabelos finos e pele acinzentada (que ainda não falava), amarrada com firmeza em uma árvore com uma corda ao redor de sua cintura. Ela sentou desajeitadamente e chupava os dedos, enquanto Saavik (com as mãos atrás das costas) andava de um lado para o outro, instruindo-a nos rudimentos do comportamento.

— ...E agora eu digo prá você como ser um vulcano! Não matar ninguém nunca mais! Não comer pequeninos animais! Pare de xingar! Use seus sapatos! Tentão interromper! Seja lógico, como Spock! *Não não! você idiota!* não comer *próprios* dedos! - Ela chorou exasperada, e puxou com não muita delicadeza, os dedos da boca da criança. Não lógico! Você come os dedos de *outro alguém!* - Privada de seu único sustento, a criança começou a gemer, Spock interveio rapidamente.

— Onde você a pegou, Saavik?

— Encontrei! Quebrada! - ela respondeu, como faria qualquer consumidor que *tivesse* adquirido um produto defeituoso - E *idiota!* Ela come os próprios dedos! - gritou em altos brados.

— Deixe que ela o faça - ele avisou, estremecendo com o som intolerável,

— então parará de fazer este barulho. - Ela cuidadosamente abriu o singelo pulso, localizou os dedos apropriados e os colocou de volta na boca da criança, onde ficaram ignorados enquanto o choro crescia cada vez mais insistente. Spock e Saavik se olharam com muito desalento. - Talvez esteja com fome. Devemos descobrir de onde ela pertence e devolvê-la; imediatamente. E *com cuidado*, Saavik! Sem machucá-la! - *Rapto, Seqüestro... como iria explicar*

— Não, não! Não de cabeça para baixo, Saavik! Tenho certeza que assim está errado! - Mas dada esta nova perspectiva da vida, a criança cessou de prantejar e começou a dar gritinhos de alegria.

E no momento mais próprio o grupo de busca chegou: dois pequenos e

culpados garotos e uma mãe aflita, todos claramente aliviados. Segurando a criança firmemente pelos tornozelos, Saavik começou a se aproximar.

— Saavik, deixe-me... - mas uma alegre reunião estava em progresso.

— Oh, vejamos, eles encontraram o *Bebê* e o *Bebê* está *bem*! *Bebê* está *tão feliz*! isso não é *maravilhoso*!

— Eu que fiz! *Eu* o encontrei! - Saavik entregou o *Bebê*, estufou o peito com orgulho e ignorou o olhar de repreensão vindo de Spock.

— Os meus não são tão espertos assim! Você é uma garotinha esperta, não é?

— Sim eu sou! Ele não foi em-bo-ra! Eu *ensinei* coisas para ele e...

— Ela não pretendia fazer mal, madame. Ela trouxe a sua criança aqui para...

— Eu o amarrei com uma *corda* e *ensinei* coisas para ...

— Que grande *idéia*! Melhor que confiar nos *meninos*! *Os meninos* levaram o *Bebê* para *a floresta*! *Os meninos* voltaram e o *esqueceram lá*! *Os meninos* deveriam ser apenas meninos, não é? - *Os meninos* estavam tristemente de acordo. Saavik ardia com a vontade de contar a sua notícia:

— E você sabe o que ele faz? *Ele come os próprios...*

— Com licença, Saavik. Madame, sua criança aparenta estar com fome, mas...

— Ele come os próprios dedos!

— Sim querida, um costume muito feio e *Bebê* precisa parar com isso. Desculpem pelo trabalho! E *muito* agradecida! O que poderia pagar...

— Nada, não foi nada, madame, de verdade.

— Bom, a bela garotinha podia vir fazer uma visita! A bela garotinha gostaria disso? Uma pequena visitinha?

— Não! - Saavik se agachou e escondeu atrás de Spock, escapando por pouco de um tapinha na cabeça. *Os meninos* olharam com inveja.

— Que coisinha tímida, não é?

— Não... precisamente...

— Mas *tem jeito* com *Bebês*! Apenas uma *visitinha*? Não hoje? Bem, então logo... - Finalmente eles se foram, detendo-se de vez em quando, para abraçar, agarrar, apertar e beijar o *Bebê*.

Spock levou uns minutos para se recompor do encontro, então virou para Saavik com um número de coisas em sua mente. Ele começou pelo mais fácil.

— Você estava interrompendo, Saavik.

— *Eu* falando *primeiro*! Você estava in-ter-rom-pen-do! Eles queriam aquilo, Spock, e ele era tão *idiota*.

Intrigada, ela observou-os até que ficaram fora de vista.

— Eles são a família dele. O lugar da criança é com eles... e você também tem uma família, um povo. Em vulcano. Você gostaria de achá-los

também?

— Por quê? - Ela perguntou desconfiada. - Eles estão perdidos?

— Não. Mas vocês deviam estar juntos.

— Eles não *me* encontraram. *Eu* não me perdi. - Ela o fitou, os olhos negros e profundos - Você não me quer também, Spock? Porque eu interrompo? Porque eu faço você me dizer coisas? Você quer que eu vá embora?

— Não, Saavikam... Não precisamos mais falar sobre isto de novo.

— Se eu me perder, você vai me achar?

— Sim, Saavikam. Eu irei.

— Bom, se você se perder, eu vou te achar. Mas não tente se perder, Spock. E eu tento não interromper mais. Me conte algo novo agora! Primeira vez!

— Deveras. Você tem expressado um desejo de se juntar à Frota Estelar, portanto ...

— Não *é* desejo! É o que eu *quero*!... Me desculpe.

— Portanto você deve aprender a seguir nossa mais importante regra. Agora escute atentamente, Saavikam. É chamada de *Primeira Diretriz*...

A impressão de um destino iminente, gradualmente deu lugar à maratona diária da vida com Saavik.

Ela era energia em constante movimento. Ela possuía uma inteligência formidável, percepção acurada e uma mente cruelmente lógica. O seu temperamento era turbulento, sua atenção estendia-se extensamente e ela era ainda mais curiosa que Spock. E ele descobriu que gostava de sua companhia. Algo inesperado. Tanto quanto começar a contar histórias de seu capitão e sua nave e de todos os mundos e pessoas que havia visto, noite após noite à medida que eles observavam as estrelas.

Para ensiná-la, ele aprendia. E por mais que não quisesse admitir, apreciaria, ao menos uma vez, vê-la sorrir. Mas Saavik nunca sorriu. E se ela chorou, ele nunca vira.

E Spock descobriu algo mais, algo que não havia examinado de perto: o respeito e confiança de alguém que precisava dele, que necessitava exatamente do que ele tinha a oferecer e nunca esperava por algo que não pudesse dar. Não havia utilidade para ela, de simpatia e sentimentalismos. Saavik precisava de informação constantemente, sem fim, completa - e Spock possuía um estoque inesgotável disto. E ela deu algo em troca, uma coisa tão simples, tão rara que ele nunca havia encontrado em sua vida: aceitação. Sem emoções, aceitando-o exatamente como era. Ela nunca o julgava como os vulcanos faziam e como Spock se *auto-julgava*, por um rígido código de comportamento. Ela nunca o observava como os humanos faziam, esperando que ele escorregasse, que demonstrasse sentimentos, *que fosse humano*... que falhasse. O que ela sabia sobre os humanos ou



vulcanos? Ela era apenas Saavik, e Spock era apenas Spock, aquele que respondia as questões. Spock sempre respondeu. Ele achava que nunca deixaria de fazê-lo.

Mas uma vez chegou bem perto disso. Perto do fim daquele ano, em uma tranquila tarde no campo, Saavik tirou os olhos do seu tricorder, apontou para uns arbustos e disse:

— Olhe, Spock! Coelhos!

— Sim, - ele murmurou com os olhos no seu diário, introduzido para os predadores após a seca. Terrestre, *Oryctologus cuniculus*; família *leporidae*, ordem *lagomopha*, classe *mammalia*, sub-filo ...

— O que eles estão fazendo?

— ...Acasalando, Saavik. Sub-filo *vertebrata*, filo...

— Para fazer mais coelhos? Mas eles já tem um monte. Ela franziu o sobrolho, segurou o queixo com as mãos e observou o processo criticamente. Spock contemplou a formação das nuvens esperava por chuva. - Vulcanos se acasalam? Existe um monte de vulcanos Spock?

— Não, Saavik... e nem sinal da chuva.

— Por que existe um monte de coelhos e não existe um monte de vulcanos?

Sim, uma mente lógica. Spock lembrou-se de uma série de problemas populacionais de diversas espécies: período de gestação, números de filhos a cada nascimento e frequência de acasalamento.

— Coelhos - ele concluiu, voltando para o seu diário -, se acasalam de seis em seis semanas, enquanto os vulcanos precisam copular somente uma vez a cada sete anos.

— *Precisam?* - Ela cuspiu a palavra como se estivesse comendo algo horrível. Uma pequena alternativa a qual nunca havia considerado. - *Precisam?*

— ...os homens vulcanos... precisam, sim.

— Mas isso pode ser *inconveniente!* - Essa palavra, contudo, era a sua preferida. - O que aconteceria se eles não quiserem? Se eles estiverem ocupados fazendo alguma outra coisa? Se eles...

— Spock conteve sua expressão da melhor maneira, mas a face de Saavik ficou pálida:

— *Morrer? Nós morreríamos se...*

— Não, a menos que, isto é... mulheres raramente morrem. Não se perturbe, Saavikam. É... diferente para você. - *Eu não estou me saindo bem*, ele pensou. Talvez um *tape* de estudo em um momento mais apropriado.

— Então vá se acasalar agora mesmo, Spock! Daí você não irá morrer! Quando você fez pela última vez? Que tipos de vulcanos você produziu? E onde eles estão? - Ela vasculhou a paisagem com os olhos, como se eles

fossem aparecer no descampado junto com os coelhos. Abruptamente, Spock levantou-se.

— Saavik, nós precisamos ir agora. Está ficando tarde.

— Não, não está. E isto é importante. Eu quero saber...

— Não discuta Saavik - disse o comandante Spock da nave estelar *Enterprise*. - Agora ponha os seus sapatos e venha comigo.

— Não. Eu prefiro não pôr os meus sapatos e não ir com você - ela o informou, emburrando o rosto. - Isto seria inconveniente. Eu quero saber como se fazem vulcanos, e o que você fez com os seus! - Ela sentou no chão olhando para cima. Spock a encarou.

— Você está sendo deliberadamente difícil, Saavick! - No instante em que disse isso ele sabia que não era a verdade. Ela eslava profundamente assustada.

— Você diz que sou uma vulcana, mas - a sua voz tremeu -, mas você não me diz o que irá *acontecer* comigo! Por que esta é uma pergunta ruim?

E então todas as lembranças retornaram, uma outra tarde vista através dos olhos de uma criança de sete anos de idade: o sol quente de vulcano brotando pela janela, a areia do lado de fora, tremulando no calor, a estranheza na voz de seu pai. Amanhã Spock deveria ver T'Pring; estava tudo arranjado. Eles iriam tocar a mente um do outro; e algum dia se reencontrariam... e então, Sarek contou a ele *o porquê*. Grãos de poeira flutuaram, presos em seus raios de sol. A areia lá fora úmida tremulara no calor, mas ela nunca mais seria a mesma. A areia, o sol, o seu pai... depois daquele dia, nada mais seria igual.

Spock se ajoelhou ao seu lado. - Não existem perguntas ruins, Saavikam, apenas questões complicadas. E questões pessoais, as quais nós devemos discutir amanhã. Eu não sei como será para você. Só sei como foi para mim. Se

eu te contar - ele barganhou pacientemente -, você promete não argumentar e ir para casa agora? Com os olhos arregalados ela se pôs de pé desajeitadamente.

— Eu devo pôr os meus sapatos?

— Não, apenas... tente não me interromper...

Eles deixaram o campo e caminharam pela azinhaga por entre as sombras profundas do crepúsculo. E indiferente, como se tudo tivesse acontecido com outro alguém a muito tempo atras, Spock contou-lhe a verdade. Saavick não interrompeu uma vez sequer. Ela caminhou ao lado dele em um turbulento silêncio.

— Eu estou feliz que não tenha morrido, Spock. Nem você nem o seu capitão.

— Eu também, Saavikam.

— Ela era uma cadela!

— Isto, entre outras coisas, é um tanto quanto inexacto. O termo se refere...

— Ah, eu sei à que se refere, e é exatamente o que ela era! O que ela fez foi feio! - Saavik parou aonde estava batendo os seus pés com força no chão.

— Você diz que é errado machucar as pessoas, mas ela fez pessoas se machucarem entre si! Isso é muito pior! Ela era uma cadela! - Spock não confiava em si próprio para tecer algum comentário; estava prestes a concordar com ela.

— E por que ela mesma não lutou?

— Porque... não é permitido. Homens não lutam com mulheres.

— Por que não? Isso é estúpido! *Eu* mesma teria lutado com você! Eu posso brigar com qualquer um, matá-los também! Exceto - ela disse com virtude,

— pelo motivo que eu não mato mais. Eu não irei fazer esse acasalamento também.

— Eu entendo perfeitamente. Mas você tem um bom tempo para se decidir.

— As sombras estavam crescendo à medida que eles voltaram a caminhar. Saavik andava bem próxima, ao lado dele, chutando as pedrinhas do caminho.

— Eu já me decidi, Spock. Meus vulcanos não iriam ser muitos bons.

— Por que você acha isso, Saavikam? - ele perguntou, a despeito de si mesmo.

Ela começou a contar razões em seus dedos.

— Eles iriam discutir. E seriam *deliberadamente* difíceis. E iriam interromper, amaldiçoar e odiar colocar seus sapatos. E fazer questões complicadas.

— Ela olhou para ele com uma expressão sábia. - Eles seriam *muito* inconvenientes, você sabe.

A sobancelha de Spock já doía e passou um longo momento até que ele falasse.

— Não... necessariamente - disse ele.

Mas no decorrer daquele ano das perguntas de Saavik, algumas questões complicadas dele próprio ficaram sem resposta - ainda mais intrigantes do que como ele "reconhecia" aquela criança que nunca havia visto antes. E a questão mais frustrante de todas era a própria Saavik. Naquele mundo onde crianças matavam para sobreviver, por que ela mataria para salvar um estranho? Quem a ensinou aquelas palavras em vulcano? Por que a sua constante obsessão pelas estrelas? E agora, apesar do reconhecido progresso dela, por que ela atacava os estudos tão agressivamente como se o desconhecido fosse um inimigo? E por que, apesar de rondar pela floresta à noite sem medo, seus olhos enchiam-se de terror com a simples menção da

palavra *dormir*? Saavik lhe contaria as suas descobertas nos mínimos detalhes, admitiria com certo embaraço suas incertezas e falhas e seguiria confiantemente os conselhos dele. Ela confidenciaria os seus problemas do presente e as aspirações do futuro. Mas Saavik jamais falaria sobre o seu passado. Nunca. E Spock jamais insistiria.

Um ano não é tão longo afinal de contas. Ele a preparou para o dia em que fosse partir. Mas quando esse momento chegou, ele se achou menos preparado que ela. Pela primeira vez em sua vida, Spock pensou a respeito do retorno de uma missão, imaginando se iria ou não sobreviver. Ela não tinha mais ninguém e isto era uma idéia desconcertante.

De volta a bordo da *Enterprise* ele começou a desfazer as malas, para organizar seus pertences e encontrou suas coisas um pouco diferentes do jeito que as havia deixado. Prensada no fundo da mala embaixo de todas as roupas, Saavik havia escondido a sua faca. Spock ficou na privacidade de sua cabine brincando com a faca em sua mão; e relembrando cada palavra do adeus:

— ...Mas por que eu não posso ir com você em sua nave?

— Porque você ainda é muito pequena, Saavikam. Você deve passar pela academia primeiro. Nós já discutimos isso várias vezes.

— Eu não gosto de ser pequena!

— Então coma sua comida e aprenda as suas lições. O tempo fará o resto. Envie-me as suas perguntas todos os dias para que eu possa devolver-lhe as respostas e *tapes* do estudo. Em pouco tempo você irá viajar em uma nave; entre as estrelas. Quando essa época chegar, eu irei lhe dizer exatamente o que falar, e estarei esperando por você. Um novo mundo Saavikam, com uma escola de verdade. Você irá gostar.

— Sim. Mas eu não preciso daquela família para cuidar de mim.

— Nós sabemos disso, mas eles não. E é por pouco tempo. Portanto seja educada. Aquelas crianças te respeitam Saavikam. Você deve se lembrar de ser amável para com elas.

— Eu irei, Spock. Eu irei me lembrar.

— E os dias se passarão mais rápido do que imagina. Até que nos encontremos novamente Saavik, vida longa e próspera.

— Vida longa e próspera, Spock. Eu irei aprender tudo, eu prometo! E vou parar de ser pequena! E algum dia eu irei na sua nave! Eu *vou fazê-lo*, Spock você verá...

— ...*Para o Sr. Spock, ponte para o Sr. Spock, dizia o comunicador.*

— Spock falando.

— *Senhor, uma nave está pedindo permissão para atracar, sob sua responsabilidade,* - disse Uhura com um tom brincalhão - *O piloto diz que uma cadete Saavik pede permissão para vir à bordo.*

— Obrigado Comandante - replicou Spock, com formalidade e sem

nenhuma brincadeira. - Por favor responda. Diga que a permissão está garantida. E que a *Enterprise* dá as boas-vindas à cadete Saavik.

## QUATRO

Eu estou aqui...verdadeiramente, aqui! O coração de Saavik batia enlouquecidamente.

No momento em que ela pisou na ponte, todas as histórias de Spock ganharam vida, no mesmo lugar em que cada uma delas começara. Foi aqui que Spock observou os tholianos tecerem uma teia enquanto o seu capitão estava na não-existência; aqui o doutor caiu sobre sua própria *hypo* e quase mudou o universo; aqui oficiais morreram quando Khan cortou o sistema de suporte de vida deles; e aqui o capitão fazia jogadas de poker de alto cacife quando esta nave tinha apenas alguns minutos de vida. E centenas de outras coisas aconteceram aqui, as quais Spock tinha-lhe contado e (quando ela lhe implorava) recontado através dos anos. Ela conhecia todas de cor; e queria escutá-los novamente. Uma vez ele lhe enviou uma fita de treino da Frota Estelar, desta ponte em um dia calmo, e ela a viu várias e várias vezes, memorizando cada rosto, cada centímetro de cada painel que ela pudesse ver, almejando, um dia, tocar esses painéis ela mesma, ser uma dessas pessoas, pertencer a essa nave entre as estrelas.

Portanto não importava, agora, que todas as pessoas tivessem ido embora, as telas estivessem escuras e eles atracados em um ancoradouro na Doca Espacial. Apenas finalmente estar aqui, de pé, na ponte da Enterprise, fazia Saavik se sentir nas nuvens.

*Uma reação emocional, ela repreendeu-se, para a melhor primeira vez que eu já tive! Eu não vou demonstrá-la. Eu agora pertenço à Frota Estelar. Tenho meu próprio número, meu próprio uniforme. Irei lembrar-me de dizer "Senhor" Spock, e não farei nada para envergonhá-lo, eu juro... não, não farei isto também...* E as pessoas não tinham ido todas embora. Havia alguém sentada no posto de comunicações, seu queixo apoiado em suas mãos. Ela parecia estar meditando, mas Spock aproximou-se e falou com ela:

— Comandante Uhura. Esta é a minha estudante, Saavik. Ela está em seu primeiro ano na academia. Saavik, esta é tenente-comandante Uhura, nossa oficial chefe das comunicações.

— Vida longa e próspera, tenente-comandante Uhura.

Uhura levantou o olhar para o rosto mais grave e intenso que ela já havia visto, e um dos mais belos. Cabelos compridos, negros, passando por cima de sobranceiras esguias e contornando delicadas orelhas vulcanas. Cílios pretos circundavam grandes olhos, cintilantes com uma curiosidade e excitamento não muito vulcanos. A garota permaneceu ali, alta e esbelta, impecavelmente arrumada no seu uniforme vermelho de cadete; e carregando um tricorder arcaico e robusto em um estojo novinho em folha. A não ser por sua posição solene e digna ela parecia ser muito jovem. Os olhos

dela percorreram tudo com surpresa e estudaram Uhura sem misericórdia. Uhura não pode ficar sem sorrir:

— Bem-vinda à bordo, Saavik. É a sua primeira vez na *Enterprise*?

— Sim. Você inventou o *Rosecrypt*. Ele é impressionante. Como você pensou nele?

— Oh, bem... - Uhura se viu respondendo. - Eu fiquei cansada dos romulanos e klingons sempre quebrarem nossos códigos. Começou como um jogo... mas eles não ensinam isso a cadetes, certo?

— Certo. Ele foi o assunto de um tape de estudo do comandante Spock, falava sobre inovações no embaralhamento de transmissões sub-espaciais de segurança e aplicações criativas da lógica computacional. Foi muito informativo. - Saavik fitou Spock; ele estava olhando calmamente à meia-distância, portanto ela continuou. - O que me fascina é que eu sei exatamente como ele funciona, e ainda assim não consigo decifrá-lo.

Uhura estava morrendo de vontade de ver aquele *tape* de estudos.

—... E tudo começou como um jogo? Interessante. Jogos são considerados "divertidos", não é? Eu estou estudando isso. - Saavik franziu o sobrolho e continuou com o intenso escrutínio. Uhura tentou não demonstrar que estava se divertindo.

— Bom, jogos podem servir para um monte de coisas. Mas sim, geralmente eles são divertidos... Saavik? Há algo errado? - perguntou delicadamente, imaginando se o seu cabelo tinha se desarrumado ou alguma coisa do gênero.

— Não - Saavik disse. - Mas eu nunca tinha visto alguém tão agradável esteticamente. Não estava a par desta característica nos humanos. Oh! - Ela mordeu o lábio inferior, franziu o cenho e olhou para Spock de novo. - Creio que isto foi uma observação indiscreta.

— Realmente - ele concordou.

— Peço desculpas - ela disse - não queria ser descortês.

— Não se preocupe, Saavik - Uhura falou, quase rindo, - De onde eu vim isso não é uma descortesia.

— Se me permite um palpite, acredito que a Comandante Uhura irá sobreviver a essa experiência - Spock murmurou. - Podemos explorar o resto da ponte?

— Sim, - Saavik meneou a cabeça ligeiramente e então lembrou-se de alguma coisa. - Eu apreciei nossa conversa, tenente-comandante Uhura. Gostaria de voltar a falar com você se o tempo permitir. Tenho várias perguntas a fazer-lhe. Devo estar à bordo até amanhã.

— Tudo bem, Saavik, também me agradaria. Já lhe foi designada uma cabine?

— Não. Ela faz-se desnecessária, visto que não planejo dormir. Seria uma perda de tempo.

— Entendo. - Uhura deu um largo sorriso compassivo para Spock, mas ele pareceu nem perceber. - Então eu irei vê-la mais tarde... e Saavik, você já se olhou no espelho?

— Sim - ela respondeu, obviamente intrigada.

— Bem - Uhura sorriu -, talvez você deva olhar novamente.

— Eu... irei. - Saavik se virou, confusa, para seguir Spock pela ponte.

No posto de ciências ela observava por cima dos ombros do vulcano, enquanto ele fazia uma demonstração dos sensores, sentando-se, em seguida, para que ela mesma pudesse sondar as naves da doca e os padrões de tráficos externos. Uhura escutou apenas pedaços de sua conversa, que era conduzida em baixo tom e em vulcana

— ...Mas o que ela quis dizer, Sr. Spock? Por que eu devo me olhar em um espelho? Minha aparência está incorreta?

— Não Saavikam, a comandante estava devolvendo o seu elogio.

— Eu não entendo.

— Os humanos consideram as observações sobre suas aparências ou um insulto ou um elogio. Como eles os distinguem um do outro é uma questão deveras complicada, visto que depende do grau de bajulação envolvido e da moda do momento. Terreno perigoso, Saavikam. Melhor evitá-lo.

— Oh. Estou aliviada que não a tenha ofendido, mas eu não pretendia elogiá-la, Sr. Spock. Acho que eu fui totalmente objetiva. Jogos são muito importantes para os humanos, não são?

— Sim, Saavikam, eles realmente são, e frequentemente postos acima de todo o resto. Isto é ilógico, claro...

*Eu não perderia isso por nada, Uhura concluiu. Esta garota não está dando um minuto de paz para Spock; e ele está tão feliz quanto uma ostra. Vamos ver, com Spock nunca se sabe...*

— ... Sim, Saavikam, nós podemos voltar, - ele disse quando começava a sair. - Comandante, eu estou aguardando uma chamada do Quartel General dentro de uma hora. Até lá devo estar em meus aposentos. Tenho certeza que você irá resistir ao excitamento da chegada ao lar.

— E ó mesmo para você, Sr. Spock. - Uhura abriu um sorriso.

Saavik meneou a cabeça educadamente, escolhendo não interromper outra conversação; mas murmurou em vulcano enquanto esperavam o elevador.

— Sr. Spock, qual o significado da chegada ao lar? Por que isso causa excitamento?

— Agora isto também é muito complicado, Saavik...

Uhura não conseguia tirar o riso do rosto depois que eles foram embora. ...É, realmente nunca se sabe...

Um temporal estava chegando.



As passadas de Kirk ressoavam alto no caminho pavimentado que levava até ao Quartel General da Frota Estelar. Um relâmpago acendeu um grupo de nuvens que sobrevoavam a baía, e ele começou a contar os segundos. No mil e nove, o trovão soou à distância. Tudo à sua volta, as fragrâncias cativantes e doces de uma noite de primavera, o seduziam: as flores desabrochando, a grama recém cortada e o peculiar e carregado cheiro no ar, que antecedia à tempestade.

*A Terra na primavera, nenhum outro lugar é assim.* E de repente ele se viu entregue em um desejo irracional e doentio: Voltar desesperadamente para sua nave. A luz cegante da praça estava à sua frente, e ele se escondeu atrás de uma árvore se sentindo um pouco tolo.

Do ponto de aterrissagem, alguém estava atravessando a pista, levando um receptáculo suspenso por anti-gravs. Kirk pôde ver o cabelo castanho dela, balouçar ao vento e brilhar sobre as luzes, e imaginou como ela pareceria mais de perto. À noite tem-se que entrar pela porta frontal, a menos que você tenha acesso prioritário pelas docas; ou a menos que você não queira a sua identificação no computador de entrada. Ele esperou até ela ter entrado, aguardou um momento a mais, e então cruzou a praça e galgou os largos degraus de granito que conduziam ao Q.G.

As portas externas abriram e com um familiar zunido, fecharam-se às suas costas. Por entre as portas internas, Kirk acenou com a cabeça a um guarda de serviço à mesa da frente e caminhou rapidamente em direção aos elevadores.

— Almirante... almirante Kirk; senhor! Droga.

— É realmente você, senhor! - O Alferes estava em posição de sentido, corado até as raízes de seu cabelo ruivo. Fitando Kirk, sem se preocupar em esconder a admiração. Kirk suspirou.

— Boa noite, Alferes, - disse, imaginando como conseguiria camuflar a sua vinda ao Q.G. - sim, a última vez que eu chequei, era realmente eu. Por quê? Estou sendo procurado vivo ou morto?

O rosto do Alferes ficou rubro:

— Não, Senhor! Não que eu saiba; quer dizer... - O garoto estava em agonia. Kirk ficou com pena dele e lhe deu um sorriso. - Quer dizer, eu li a seu respeito na aula de História, senhor, e nunca pensei que fosse *encontrá-lo* um dia!

— *História?* - Muito pior que estar sendo procurado vivo ou morto! - Antiga ou moderna? - Kirk perguntou com um tom afiado.

— Hã... - O Alferes não tinha muita certeza. - Organização de Tratados de Paz, Senhor.

— Ah. Bem, não acredite em tudo que lê, e pelo o que eu vejo é algo que você faz com frequência. Sabia que isto é contra o regulamento, não é? - O alferes olhou consternado para o livro em sua mão esquerda, com um dedo

traíçoeiro marcando uma página. Kirk abriu a sua mão, como um inspetor de alunos a confiscar um estilingue. - Vamos ver o que é mais excitante do que ficar de serviço na secretaria à noite.

— Livro de crianças, senhor - o alferes murmurou, embaraçado. - É um presente para o meu irmão menor. E o vi em um antiquário e gastei todo o meu... bem, senhor, então eu simplesmente não pude mais deixá-lo de lado.

Kirk segurou o livro em suas mãos, e por um momento os anos perderam o sentido. Parecia exatamente com a sua própria cópia; papel de verdade, e este estava com algumas das páginas se soltando e parte da encadernação de couro faltando. Esta era uma edição do fim do século XXI, laminada em acrílico, com a garantia de nunca desgastar, mas, o título não havia mudado em mais de quatrocentos anos: *A Ilha do Tesouro*, por Robert Louis Stevenson. E as palavras na contracapa continuavam as mesmas:

*Se contos e canções de marinheiros,  
Tormenta e aventura, frieza e fúria,  
Se escunas, ilhas e bucaneiros  
E naufragos, e o ouro que à terra iria,  
E todo o velho romance, quem diria,  
Recontado no antigo e ultrapassado estilo,  
Pode me aprazer, como aos de outrora, ao senti-lo.*  
Os jovens sábios desta era...

— Que irmãozinho sortudo, - disse Kirk, mais para si mesmo, enquanto devolvia o livro. - Eu tenho motivo suficiente para confiscar isto, alferes, e lê-lo eu mesmo, mas eu já fui um irmão menor uma vez. Além.

— PREPARE-SE RARA ANÁLISE DE RETINA. - uma voz metálica, vagamente masculina o instruiu. O computador confirmou sua identidade e mostrou algumas linhas impressas. Kirk praguejou livremente por um longo tempo.

Lá estava: A sua designação para ficar em terra, no Q.G., a sua comenda, até mesmo uma data para a cerimônia de condecoração. Todas as coisas importantes de sua vida inteira, jogadas ao lixo por algumas palavras verdes insensíveis em uma pequena tela negra.

— Não desta vez, Nogura! - ele murmurou por entre os dentes cerrados. - Computador, devolva aquele arquivo do... almirante.

— INSTRUÇÕES NÃO CLARAS. POR FAVOR REPITA.

— Reposicione aquele arquivo! Apague o meu pedido de vê-lo! Apague este pedido, e apague o meu acesso à toda informação por este terminal. Redirecione a minha entrada pela Recepção, Gabinete de Registro, quarto andar, terminal dois. *Isto deve dar conta do recado*, ele pensou.

Kirk se reclinou na cadeira, juntou suas mãos atrás de sua cabeça e colocou seus pés sobre o console.

— Abrir novo arquivo - disse - Relatório do incidente...

No laboratório Científico de Assuntos Alienígenas, no 18º andar do Quartel General da Frota Estelar, os doutores Goldman e Rakir estão se beijando. E isto não é tão incomum. O desafio mais difícil da já distinta carreira de Janet Goldman era manter suas mãos afastadas de seu colega quando as outras pessoas estavam por perto, mas ninguém estava por perto agora. Era bobagem, de qualquer maneira, visto que todo o departamento sabia que eles iriam se casar, e achava isso graciosamente tradicional e meigo. Janet Goldman também achava.

Mas El-Idorn Rakir era tímido, envergonhava-se com facilidade e culturalmente... Bem, era um pouco *antiquado*. O seu povo sempre foi, chegando ao extremo do celibato até que houvesse uma troca formal de votos. Ela acariciou a face macia e nobre de Rakir e suspirou. Ah, sim, se ele acreditava que eles deveriam estar casados... então longe de Janet Goldman infringir a integridade cultural de outro ser!

Eles estavam tão entretidos em comunicação interespécies que não escutaram a campainha de cortesia nem a porta quando esta se abriu:

— Com licença? ... Com *licença!* - Jessie Korbet estava parada no meio da porta, com a sua mão em um receptáculo flutuante.

— É melhor isso ser importante, alferes. - Goldman não fez esforço para parar, mas Rakir se afastou e tentou parecer ocupado.

— E é - disse Korbet. - É a sua encomenda da Doca Espacial. - Eles olharam-na inexpressivos. - Vocês são os cientistas de serviço hoje à noite? É esperado que vocês confirmem a entrega com um tal de Sr. Spock na *Enterprise*. A Doca não colocou isso em sua lista de atualização?

— Oh, eu estou certo que sim - Goldman disse com rapidez. - Devo ter me esquecido. E então, o que o Sr. Spock nos mandou?

— Nós não sabemos, por que não vimos a atualização - Rakir informou Korbet com um olhar culpado, em direção à tela de mensagens.

*Não brinca* pensou Korbet. Ela segurou o receptáculo enquanto eles retiraram o conteúdo com antigravs e o colocavam no console.

— O que é isto? - suspirou Rakir. - É lindo!

Todos eles fitaram o objeto retangular, brilhante, onde um ponto de luz misturou-se e se separou, expandindo-se em uma forma geométrica instável, reluzindo em um vibrante arco-íris com as cores do espectro. Quando o padrão encheu a caixa, a luz pareceu romper-se. Cores e linhas foram dragadas dentro de si mesmas e diminuíram-se a um ponto oscilante de luz que começou o ciclo novamente.

— Não sei - disse Korbet - mas com certeza é bonito, não é? Veio daquela nave romulana que a *Enterprise* trouxe esta noite. Eu acho que eles não conseguiram descobrir.

— Nem mesmo Spock? Uau! Tomara que eu consiga! - Goldman deu

um gritinho. - Vamos colocá-lo sob o Infrascan. E daí é melhor ligar para ele. Por que ele mesmo não fez isso?

— Não sei nada sobre isto também, doutores, mas tenho que ir indo. Outra dessas coisas vai para Life City, e há uma tempestade vindo por aí. O tráfego vai estar uma confusão.

— Tenha uma boa viagem, alferes. Espero que você não pegue a tempestade.

— Obrigado, doutora. Não trabalhem muito, ok? - Korbet piscou. Goldman sorriu, e Rakir ficava vermelho à medida que a porta fechava.

Então Goldman começou a olhar a caixa. As luzes saltitantes rodopiavam ao redor de sua face.

— Veja isto, Dorn. Venha cá - ela chamou -, e eu vou mostrar-lhe algo.

— Você me mostra muitas coisas, minha Janet - ele hesitou, e depois moveu-se cautelosamente o seu lado -, e todas elas me distraem. Talvez nós devêssemos chamar o Sr. Spock.

— Em um minuto. Agora, olhe o... peguei! - ela de um risinho.

— Ah, você é uma tortura, minha Janet... - Rakir começou a rir também. E quando eles pararam de rir, voltaram a se beijar.

A nave de Jessie Korbet passou sobre a tempestade. Uma lua cheia brilhante refletia sua luz no cinza borbulhante das nuvens, mas acima de si, tudo estava calmo e parado. Ela checkou o monitor de sua carga: tudo certo e seguro.

Hoje foi a minha noite de sorte, ela pensou, *Ele é bonitinho, o tal de Bobby Harper, e legal, muito legal. Eu tenho um bom pressentimento a respeito dele...*

Ela sempre ouvia esses pressentimentos, aquela vozinha que vinha de algum lugar além dos manuais de operação e das informações dos instrumentos. Distinto ou intuição, "voando pelo assento por sobre suas calças" ou bons fluidos; qualquer que fosse o nome, no fim era apenas sorte. Jessie Korbet acreditava em sorte. E além disso, a sorte acreditava em Jessie Korbet

As abóbadas da Life City já estavam à vista, e a tempestade havia ficado para trás quando ela cruzou os picos das Montanhas Panamint.

*Uma parada agora à noite em Life City, e amanhã, uma outra visita a Bobby Harper...*



— ... E você está bem acomodada na Academia, Saavikam? Existe alguma coisa que você queira?

No calor sufocante da cabine de Spock, Saavik tirou os olhos do tabuleiro de xadrez sobre sua mesa para responder-lhe. A formalidade dela esta noite o agradava. Ele sabia muito bem que ela podia estar mexendo em suas coisas e fazendo perguntas uma atrás da outra. Paradoxalmente isto também o agradava.

— Sim, Sr. Spock, eu estou bem instalada agora. E tudo é providenciado pela Frota Estelar. Não há nada que eu precise.

Spock estudou-a por entre seus dedos entrelaçados. Ela parecia estar bem, uma sombra distante daquela criança perigosa, furiosa e faminta de Hellguard. E apesar de ser irrelevante, Uhura estava absolutamente correta.

— Não obstante, devem existir certas coisas que mesmo não sendo necessárias, poderiam ser de seu benefício ou simples prazer. Se houver, você pode obtê-las. Os seus créditos são suficientes para qualquer contingência, Saavikam. Você não precisava ter comprado sua passagem em um cargueiro.

— Os créditos não foram o problema, Sr. Spock; o tempo de vôo é que foi. Eu gosto de estar em uma nave, você sabe. Parece importar mais para onde as pessoas estão indo do que de onde elas vieram.

— Mais ou menos, Saavikam. Posso perguntar-lhe como esclareceu esta última questão junto à Frota Estelar? Se preferir, eu não preciso saber.

— Eu... eu decidi reivindicar o Ato de Privacidade. - Ela entrelaçou os dedos em seu colo, evitando o olhar dele. - Foi exatamente como você tinha dito. O *tape* está selado, classificado e seu conteúdo não foi visto, nem mesmo nos arquivos da Academia. Eles perguntaram que planetas eu tinha visitado por razões médicas, mas só nos últimos três anos. Eu sou grata por essa lei, mas... os humanos assumem que eu sou vulcana. Se eu não os corrijo, estou mentindo?

— Não. Os humanos pressupõem várias coisas erradas, e embora eles respeitem a privacidade requerida por outras espécies, para eles é um termo relativo. Você deve defini-lo para si mesma.

— Mas para eles *todo* termo é relativo - ela suspirou. - A fala humana é muito difícil; cheia de peculiaridades idiomáticas, mesmo quando dando ordens. E isso pode acarretar em sérios problemas, "se você entende o que eu digo!" Aprendi esta ontem.

— Você não é obrigada, entretanto, a participar de suas excentricidades. Essas expressões são apenas... o topo do iceberg, como um todo. Você deve estudar suas emoções.

— Sim. E eu escolhi um assunto com esse propósito, Sr. Spock. É - ela franziu o cenho, segurou a respiração -, é um jogo.

— Ah. Você observa as reações humanas durante o mesmo?

— Sim. E eu também... participo.

Ela suspirou de novo.

— Eu sabia que você diria isso.

— Eu não disse nada, Saavikam... ainda. Qual é o jogo. e por que você o escolheu?

Essa era a parte difícil de se explicar. O sol estava tão quente aquele dia, o céu tão azul e perfeito enquanto ela caminhava através dos campos de

jogo, vindo do escritório de Registro. Ela se pegou lembrando de um céu alaranjado, montanhas recortadas, e de uma poeira sufocante e mordaz. Odiava se lembrar daquilo. Odiava todas aquelas questões que não podia responder: Data de nascimento? Nome dos Pais? Atual planeta em que reside? E conforme andava, pensava como seria saber todas essas respostas e não ficar envergonhada, como seria... pertencer...

Uma multidão de pessoas juntas ao redor de linhas brancas pintadas no chão, vários humanos e uma esquisita gama de alienígenas. Alguns revezavam-se em balançar um bastão, enquanto um deles arremessava uma pequena bola branca; muito mal por sinal. Saavik observou por um longo tempo antes de se aproximar dos dois humanos que pareciam estar no comando.

— ...Então Koji pode pegar. Vamos colocar aquele cadete na terceira.

— Mas treinador, ele não pode correr!

— E daí? Ele pode alcançar, não pode? O que qui cê quer de mim?

— Mas treinador, nós não temos arremessador; a não ser que você conte aquele garoto, o Walker.

— Pelo menos ele pode arremessar direito.

— Com licença - disse Saavik, apontando para o arremessador inepto. - Eu posso fazer aquilo?

— Você quer tentar entrar para o time? - O humano de pele rosada cheia de pontinhos, olhou meio depressivo. O de pele escura enterrou o rosto em suas mãos. Saavik não sabia o que O Time era, mas ela queria arremessar aquela bola. E ela não sabia que uma brisa havia descoberto uma de suas orelhas.

— Sim - ela disse.

— *O quê? Você tá louca?*

— Hã, Ho... - O humano rosado administrou um chute no de pele escura.

- Lógico que você terá uma chance. Esta é a regra. Nome?

— Saavik. Com dois "As". Posso saber os seus nomes?

— Hã? Ah, eu sou Tommy. Este é Ho, o técnico. Ei, Ho - ele murmurou -, quer que eu pegue essa?

— Nãã - ele gemeu melancólico. - Eu vou. - Ele substituiu um jogador que não estava exatamente dominando a sua posição. Saavik não entendia o porquê dele estar desapontado com ela; o seu uniforme estava limpo e correto, que era mais do que se podia dizer a respeito da maioria dos que estavam ali.

— Não ligue pro treinador - disse Tommy, à medida que eles caminhavam para um círculo de terra no centro das linhas brancas. - Ele está com um monte de problemas. Agora aqui está a bola, Saavik. Você só tem que jogá-la através do campo até o Ho, o mais forte que puder.

— Tem certeza? - ela perguntou, com dúvida.

— Lógico, que eu tenho certeza! Somente... tente mirá-lo, certo?

— Entendi - disse Saavik.

— Ah é? Então você está bem melhor do que todo mundo por aqui hoje. Ei, você! - ele gritou para a pessoa que esperava para balançar o bastão. - Para trás. Isto só vai demorar um minuto.

Os dedos de Saavik se fecharam em volta da bola, sentindo a sua textura de couro, a maneira como encaixava em sua mão. O sol batia em sua cabeça e ela cheirava a poeira sob seus pés. Mas era o calor de outros sóis, o cheiro de outra poeira que preenchia a sua mente. E alguma coisa confortavelmente familiar, algo que ela sabia como fazer... a forma e o peso eram diferentes... mais fácil, na verdade...

— Vê se me acerta, garota! - Ho levantou sua mão que estava coberta com um tecido marrom grosso. - Já tá pronta? Não temos o dia todo!

— Eu estou pronta - disse Saavik, e lançou a bola.

Antes de sair de sua mão (juram todos que viram acontecer) Ho estava caído de costas, a bola alojada em sua luva. Gritos e assovios de aprovação saíram da multidão. Após algum momento, ele rolou sobre si e ficou de joelhos, segurando a mão e rindo de orelha a orelha.

— Você está machucado? - Saavik perguntou, alarmada; os gritos se transformaram em ondas de riso.

— Não, não! Ei, garota, qual é o seu nome? - ele ignorou um pacote de gelo e foi em direção dela - Você pode fazer isso de novo?

— Saavik. E não parece ser aconselhável. Está certo que...

— Oh, droga - ele resmungou -, pare de perguntar; faz de novo? Ei, Koji! Vá lá e pegue! - Um cadete grande e robusto se apresentou, e com um floreio teatral, começou a colocar as proteções em cima de seu uniforme. O pessoal aplaudiu vigorosamente. - Muito bem, - disse Ho, - não precisa matá-lo. Apenas dê uma forçada.

Ela lançou a bola de novo, e de novo com uma leve economia de movimentos, pegando-a de volta no ar com as mãos vazias. A multidão aplaudia a cada lançamento. Quando os jogadores começaram a se revezar em balançar o bastão, ela perguntou:

— Devo jogar mais devagar para que eles consigam acertá-la?

— *O que, você tá louca?* Eu chamo os lançamentos, garota, você apenas lança a bola! Diga, será que dá para colocar uma curva nisso aí? Sabe o que eu quero dizer?

— Variar a trajetória? Interessante. Acredito que sim.

— Jóia, bem, não é tão fácil quanto... que *droga*, isso foi um *slider*! Uma hora mais tarde ele murmurou:

— Está bom, não quero cansar o seu braço, - e olhou para ela de cima a baixo em relutante aceitação. - Esteja aqui, 0800 horas, amanhã. Acho que conseguiu entrar para o time, hã... qual é o seu nome de novo?



— Saavik. Mas o que significa "entrar para o time"?

— Significa que cê tem *trabalho*, garota. Você vai participar do jogo. Tem que ser obstinada; e bater as calças dos aspirantes em três semanas. Acha que pode fazer isso?

— Sim, - disse Saavik, apesar da referência às roupas tê-la intrigado. - Posso jogar a bola de novo amanhã?

— O que, você tá *louca*? Ah, sim, garota; você vai jogar a bola!

— Muito bem, - ela disse, devolvendo-a para ele. - Vou vir amanhã. Só gostaria de fazer uma pergunta.

— Há, o que é, garota?

— Como esse jogo é chamado?... Saavik decidiu não explicar.

— Base Bali, Sr. Spock. Este jogo é chamado Base Bali, e eu sou a pessoa que lança. Eu também observo as reações emocionais deles - ela insistiu -, e sua troca verbal consiste completamente de expressões idiomáticas. Não há razão para ir contra, Sr. Spock, porque o jogo é de estratégia, bastante lógico e complexo. Ele depende de progressões matemáticas relacionadas...

— Eu captei o básico, Saavikam. - Spock levantou a mão para impedir o discurso que viria. - E apesar de não compartilhar do entusiasmo humano de correr atrás da bola, na suas variadas formas, ele tem se espalhado por quase toda a galáxia. Dada a sua facilidade para projéteis, não estou surpreso que tenha sucumbido à esse jogo. Tenho certeza que irá manter o senso de perspectiva.

— Ah, sim! - ela prometeu instantaneamente. - Mais tarde. Mas amanhã é o Grande Jogo. Cadetes sempre perderam para os aspirantes. Mas desta vez - os olhos dela arregalaram-se -, nós iremos *vencer*.

Spock não tinha dúvida disso.

— Considere este antigo provérbio deles, Saavik: O que importa não é vencer ou perder, mas sim competir.

— Oh. Bem, isto deve ser muito antigo, Sr. Spock, porque não acreditam mais nisso. Os humanos querem ganhar todos os tipos de jogos. Eles inclusive discutem sobre qual foi o melhor. Mas agora eu faço parte do Time, portanto, é claro, eu devo querer vencer também.

— Lógico. E quando este extraordinário evento irá ocorrer?

— Às 1400 horas, amanhã.

— Então eu devo comparecer, a não ser que prefira a minha ausência.

— Oh, de maneira alguma, Sr. Spock. - Melhor não mencionar como a estavam chamando por volta do campus "O Torpedo Photon". Na verdade era melhor não mencionar mais nada. Desesperadamente os olhos dela se tornaram vagos novamente. - Eu gostaria de fazer uma pergunta, Sr. Spock, se não for muito pessoal. O que são aquelas figuras na estante?

Spock pareceu se animar.

— Aquelas são peças de xadrez, Saavik. Quando estão em jogo, elas são movidas de um nível a outro do tabuleiro. Algo em que me interessa. Algum dia eu posso ensiná-la.

— Quer dizer que isso é um *jogo*?

— Sim. Um jogo deveras diferente, entretanto, - disse Spock com altivez. - Xadrez é considerado exercício *mental*.

— Ah. As peças se movem em pequenos quadrados? E isso é tudo?

*Tudo?* Spock fechou os seus olhos, como se banindo uma pontada momentânea de dor.

— Dificilmente seria "tudo", Saavik. Isto pode desapontá-la, mas ele não é arremessado pelo ar. Xadrez é um contesto de *estratégia*. As peças são movidas em progressões lógicas, baseadas na matemática... - Ele fez uma pausa.

Saavik inclinou a cabeça, aconchegou as mão em seu colo e aguardou que ele continuasse. As sobrancelhas dela se levantaram em um olhar tolerante e de estranho prazer, lembrando Spock de algo que há muito não via. - ... Portanto evite usá-los para praticar o seu *baseball*

— Isso poderia danificá-los, - ela apontou-os. - Eu não danifico mais as coisas. E eu treino Base Bali no raiar do sol, toda manhã.

— Uma fascinante ordem de prioridades - disse Spock. - Diga-me, o seu currículo se compõe de mais alguma coisa além de *baseball* e idiomas? Abandonamos a física e astronomia? A Academia manda os seus graduados para a Frota, armados apenas com bolas de *baseball* e um conhecimento prático da fala coloquial? Alguém pode ter declarado a ciência tradicional obsoleta.

Saavik franziu o cenho na direção dele severamente. De vez em quando Spock ia por esse caminho, e então observava a reação dela. Há um bom tempo atrás, ela tinha concluído que isto era um tipo de teste.

— Nada disso ocorreu. E eu tenho lhe contado sobre as minha aulas. As vezes. Sr. Spock, você diz coisas muito esquisitas.

— Uma fraqueza ocasional - ele admitiu. - Você deve atribuí-la à minha natureza meia-humana.

— Oh. Bem, eu não ia mencionar *isto*, Sr. Spock. Eu estou tentando me portar corretamente hoje à noite.

— E os seus esforços não foram...- O intercom assoviou levemente. - ...Desculpe-me... Spock falando.

— *Sr. Spock, eu estou com a sua chamada da Frota Estelar, agora.*

— Obrigado, Comandante Uhura. Eu vou recebê-la aqui.

— Quer que eu espere em outro lugar?

— Não é necessário, Saavik. Isto irá levar apenas um momento. Sinta-se à vontade para examinar o que quiser... ah, Dr. Goldman. É bom vê-la de serviço hoje à noite...

Agradecida pela desculpa de poder se mover, Saavik se levantou de sua cadeira para admirar o mosaico cintilante na parede, com o triângulo e círculo. Ela concluiu que o Base Bali na Academia da Frota Estelar era um caso pontual da Infinita Diversidade; particularmente se Spock iria assistir.

— ... Um objeto interessante, não é? - ele estava dizendo. - Acredito que o atraso foi devido a dificuldades no transporte?

— Bem, não. As coisas estão um pouco... enroladas hoje, Sr. Spock, - disse Goldman polidamente. Fora de vista os seus dedos acariciavam o braço peludo de Rakir. Ele pegou-os e afastou o braço para fora do alcance deles enquanto ela olhava inocente para a tela.

— *Sem dúvida. Devo estar aí pela manhã. Se o tempo permitir eu apreciaria algumas informações preliminares, composição do invólucro, etc... Mas eu não quero sobrecarregá-la, doutora. Parece que você já tem serviço suficiente. É simplesmente curiosidade.*

— Não, há problema, Sr. Spock. Ele está no Infrascan. - Ela mudou o ângulo do visor para que ele pudesse ver. Não havia mudado: Uma caixa transparente na plataforma transparente do Infrascan à base de raios de alta frequência, as suas luzes oscilantes tecendo os desenhos, expandindo e contraindo. - Você quer mais que um relatório superficial?

— *Não, isso será o suficiente. Mas você deve me passar ainda hoje o que descobrir. Não importa que horas sejam. Obrigado por sua assistência, Dr. Goldman. Spock desligando.*

— Certamente, Sr. Spock. - A face dele desvaneceu da tela. - Sobrecarregada! - Ela deu risinho abafado e começou a calibrar o Infrascan. - Desculpe, Dom, isto não vai demorar. Eu também estou um pouco curiosa.

— Isto é normal entre a sua espécie, não é, minha Janet? E entre vulcanos também, só que eles raramente admitem-no. Você deveria aprender com o Sr. Spock a respeito de sinceridade. Você deixou implícito que nós estávamos trabalhando duro hoje à noite, quando sabe que nós não estávamos.

— Ah, não? Fale por si mesmo, meu amor!

— Eu vou falar por nós dois e completar nosso relatório de serviço enquanto você está ocupada, - disse Rakir com grande dignidade. - Se você permitir que eu me concentre, não irá demorar muito, também.

— Rápido, beije-me!

— Não, minha Janet. Eu vou fazer isso depois, e por completo. - Ele se deslocou para um console próximo e começou a trabalhar.

— Então é assim. - ela riu enquanto regulava o Infrascan.

Raios gêmeos de cima e de baixo penetravam a caixa com uma luz azulada radiante, tão brilhante que pareciam varrer os padrões e cores lá dentro... não, não era isso.

Elas haviam *sumido*. E abaixo do centro, na fonte dos raios de análise,

apareceu uma minúscula rachadura. Ela cresceu.

Então com um som de vidro se quebrando, a caixa arrebentou.

*Oh-oh, Spock não vai gostar disso!* Goldman tentou desligar o Infrascan, mas a sua mão não se movia... *Há algo errado, não estou me sentindo bem.* Um calor, uma terrível dor apunhalava-a. *Ataque do coração? Mas eu sou muito nova! Isto não é justo! Dorn!* Ela não podia emitir um som. A dor irradiou-se por seus braços e pernas, queimando sua garganta, guinchando em suas orelhas. Isto não era um ataque do coração... cada célula do seu corpo estava em fogo. A sua visão nublada. Através da sala, em um outro universo, Rakir estava se virando de sua tela. Ela tentou dar um passo, sentiu-se despencando... *Alguma coisa na caixa!* CAIA FORA DAQUI, DORN! a sua mente gritara para ele. *Conte para Spock! Conte a todos...*

A dor se tornou uma onda carregando-a para longe. Ela estava no chão, escutando o suave sussurro do ar passando por uma ventilação aberta. Algo estava errado, mas ela não conseguia lembrar o quê. As periferias de sua visão enegreciam-se, fechando-se em direção a um ponto distante de luz. E naquela luz estava a sua mãe e seu pai, seus irmãos e amigos, cada dia que tinha vivido, cada pensamento havia tido, e Dorn. *Então é assim que é,* ela pensou claramente, *mas eu não posso morrer agora... isso não é... justo...* Então entre a luz ela pode ver a si mesma. Ela vendo ela. Deixando-a. Dorn... *devia ter me beijado... mas eu já tinha...*

Rakir piscou seus olhos. Uma dor explodiu em seu peito, escorreu por seus braços e pernas, martelava sua cabeça. Tão difícil respirar, como se o ar fosse sólido, feito de cera. Tão difícil se virar. Ele viu a luz do analisador, os fragmentos refletindo-a. E Janet estava largada no chão, os olhos castanhos abertos, perplexos, sua face retraída em dor, um jorro negro mosqueava sua pele. E El-Idorn Rakir sabia que ele estava morrendo. Ele não temia a morte, mas ninguém havia-lhe dito que seria tão triste. Espere por mim, minha Janet! Eu estou indo com você... primeiro preciso...

Letras vermelhas na parede surgiram diante de seu olhos. Ele se forçou em pensar apenas na palavra: ALERTA-CONTAMINAÇÃO. Um botão selado através de um pedaço de vidro, um alvo a muitos centímetros de distância. Ele fechou o punho, estourando o vidro. A periferia de sua visão se enegrecia. Os cacos de vidro percorriam seus dedos, mas o esforço foi inútil. Antes de conseguir apertar o botão, estava escorrendo pela parede, aproximando-se do piso, sabendo que havia falhado.

Agora era apenas a dor, dor e o amargo arrependimento. O seu mundo gelado, as tempestades de neve, até mesmo esta falha sumiu de sua cabeça. Mas o seu coração chorava por Janet, por todos os beijos que ela ainda teria, por aquele que a pouco recusara; e a distância que os separava agora: três metros, três anos-luz que ele jamais conseguiria passar. Implorou por tempo, começou a se arrastar pelo chão, centímetro por centímetro. *Perdoe-me,*

*minha Janet... nunca beijei você o suficiente... mas eu teria aprendido... por você.* Toda a sua vida condenada a uma insignificante luz, uma cruel verdade: nunca mais a tocaria, nunca mais. Ele ergueu a sua mão de qualquer maneira; e alcançou; à medida que as luzes se apagavam, para sempre.

Dez segundos depois, porque ninguém havia cancelado a sequência disparada automaticamente ao se quebrar o selo de um Alerta de Contaminação, um alarme principiou-se a soar nos corredores vazios do Quartel General da Frota Estelar. Mais dez segundos depois, como não havia ordens contrárias, o computador principal passou a fechar as portas de segurança a cada entrada para o nível de ciência, bloqueando todo acesso por turbo-elevadores, lacrando os dutos de ar que alimentavam o 18<sup>2</sup> andar, com o intuito de isolar a contaminação em sua fonte. E como ninguém veio desligá-lo, o alarme continuava a soar.

— ... E equipado com um dispositivo de camuflagem redesenhado, o qual meu engenheiro chefe e meu oficial de ciências acreditam, irá funcionar em longas distâncias e... Computador, o que é isso?

**ALERTA ALERTA ALERTA ALERTA ALERTA...** Com o modo vocal ainda desligado, as palavras vermelhas piscavam na tela de Kirk.

— Identifique!

**ALERTA: CONTAMINAÇÃO NO EXO-CIÊNCIA.**

— Natureza da contaminação? Situação atual!

**DESCONHECIDO**

— Estado de segurança!

**CONTENÇÃO EM PROGRESSO**

Tudo bem então. Ele bateu no intercomunicador de áudio.

— Richards! Aqui é Kirk. Minha tela mostra um problema lá em cima no Exo. Qual a sua informação? ...Richards? - A única resposta era o sibilar do ar. Ao fundo um alarme estava tocando. *Deixou seu posto, droga! Provável-mente foi checar...* Ele tocou outra tecla:

— Exo, reporte-se! Um alerta de contaminação está em progresso. Qual a sua situação? - *Deve ter sido feio. Por que não estão...* - Nível de ciência! Qualquer um! - Nada.

— Sala de oficiais, aqui é o Almirante James T. Kirk. Nós temos um problema no laboratório Exo-Ciência. Está tudo sob controle aí em cima? - *Quando alguém chegar a me responder, ele pensou, vão querer saber onde eu estou!* Mas ninguém veio.

— Richards! - Kirk tento de novo. *Talvez ele tivesse voltado. Talvez haja algo de errado com o comunicador... talvez...* - Operações chamando Q.G., checagem de segurança! Reportem-se imediatamente, qualquer departamento!

— Kirk sentiu um frio percorrer sua espinha. Isto era *impossível*. Mesmo

às altas horas da noite, a maioria dos departamentos tinham alguém de serviço.

— Qualquer um, reporte-se! *Ninguém é capaz de responder? Ninguém?* Nada. Exceto...

Kirk virou-se com um som não vindo do comunicador: um silvo leve, pneumático, e um clangor distante, seguido por alto estalido metálico da gigantesca porta blindada do Refúgio.

Novas palavras piscavam na sua tela:

**\* FALHA NA SEGURANÇA\* FALHA NA SEGURANÇA\* ESTE NÍVEL ESTÁ SEGURO.**

**LIVRE DE CONTAMINAÇÃO.**

— Quem deu esta ordem, computador? - ele se escutou gritando. - Quem soou esse alarme?

**SEQÜÊNCIA DE CONTAMINAÇÃO IN IÁ DA NO EXO-CI ÀS 20:52:32.07 SEM INTERRUÇÃO NÃO MUITO CLARA. PROCEDIMENTO REALIZADO EM TODOS OS NÍVEIS.**

— Visual. - Kirk segurou sua respiração. Seu coração batia contra suas costelas. Ele tinha que olhar, não interessava o quanto não quisesse. As palavras na tela dissolveram-se em uma visão da entrada principal de um ponto atrás do balcão de informações.

Richards não havia deixado o seu posto. Uma cabeça de cabelos ruivos descansava em um braço. Os dedos, que ainda seguravam um livro aberto, se escureciam. O alarme continuava a soar... no Exo-Ci, uma mulher estendia-se morta no chão; um companheiro de trabalho morrera tentando ajudá-la, a mão dele a apenas alguns centímetros de distância.

A sala dos oficiais estava cheia de cartas, peças de gamão, aperitivos entornados ... e corpos sem vida. Eles espalhavam-se pelas mesas, curvados nas cadeiras, os rostos desfigurados em agonia, as peles escuras e pontilhadas. Muitos dele haviam sido seus amigos. *O que poderia ter acontecido tão rápido?* Bradley quase alcançara o intercomunicador antes de morrer, e Conklin — parecia que tentara abrir seu caminho através da janela. Pobre Conklin. Aquela janela jamais se abriria.

*E o Refúgio também não, não agora!* Adrenalina e reflexos tomaram o controle. Kirk arrancou o comunicador de seu cinto e o abriu.

— Kirk para *Enterprise!* Kirk para... *droga!* - Ele voltou o comunicador de volta ao seu lugar. O que ele estava *pensando?* Este era o Refúgio, o seu comunicador não funcionaria aqui embaixo! Dirigiu-se à cadeira, ciente do tremor em seus joelhos. Todas aquelas pessoas lá em cima, mortas. Do 18º andar ao primeiro, e ao 69º; em segundos!

Nada aconteceria tão rápido.

Mas havia uma outra razão pela onda repentina de náusea e medo que o trespassava: comunicadores não eram a únicas coisas que não funcionavam

dentro do Refúgio.

Transportadores também não funcionariam.

Uma solidão serena o rodeava, e Kirk podia escutar o bater de seu coração. Ele respirou profundamente, expandiu suas costelas, e tentou pensar.

— Lógico, - ele murmurou.

— ... Importa que horas sejam. Obrigado por sua assistência, Dr. Goldman. Spock desligando.

A imagem do objeto desvaneceu assim que a transmissão terminou. Spock fitou a sua tela vazia por um momento, então tocou uma tecla rodou novamente a gravação. No ponto em que se mostrou o objeto e o Infrascan, ele desligou o áudio, marcou o lugar, rodou novamente a gravação. *Realmente, um objeto curioso... e estranhamente atrativo.*

— Saavik - disse -, este item é de considerável interesse. Os detalhes de sua descoberta estão classificados, mas não o objeto. Você pode vir vê-lo, se quiser.

Ela foi observá-lo por cima dos seus ombros: a caixa, pousada sobre a plataforma limpa do analisador, as suas luzes ondulantes em desenhos multicoloridos, cintilando, expandindo, retraindo-se de novo...

Spock não soube o que o fez olhar para cima, mas a visão do rosto de Saavik o colocou de pé: estava rígido, pálido, os olhos abertos em temor.

— Saavik! - Ele avançou em sua direção. Ela se esquivou.

— Não! - Ela sibilava, recuando e balançando a cabeça. Tremia violentamente, mas seus olhos não largavam a tela. - Não... não... era um sonho...

— O que, Saavik? O que era?

— Eu... já vi isso... antes! Em... uma caverna... em Hellguard...

A mão de Spock estava no intercomunicador, sinalizando para a ponte.

— ... Havia milhares deles!

## CINCO

— Nada, senhor, mas eu posso jurar que o sinal está chegando. — Uhura mudou as frequências, tentou de novo. Alguma coisa estava muito, muito errada. — E eu estou enviando para o canal do capitão, Sr. Spock, mas ele não está respondendo. Ele levou o comunicador consigo?

— Sim, levou. Você está tentando todos os departamentos? Todos os níveis?

— Sim, senhor; mas nós tínhamos o Q.G.! Há menos de cinco minutos atrás! Ou todo o sistema de comunicação pifou ou... onde o capitão ia hoje à noite, Sr. Spock? — Por um momento ela pensou que ele não fosse responder; aquele vulcano frio, calmo, normalmente confortante, estava assustado e estático. Seu rosto parecia ser esculpida em pedra.

— Quartel General — ele disse muito serenamente. — Nós precisamos localizar o almirante Nogura imediatamente... e o mais discreto possível.

— Sim, senhor. — *Nogura?* Ela virou para o seu console e Spock usou o painel auxiliar para fazer uma outra chamada:

— Doca Central, quem fala é Spock, da *Enterprise*. Por favor, me liguem com o comandante Dorish. Ele está à bordo da nave no ancoradouro de reparo quatro... Comandante, aqui é Spock. Acredito que você e sua tripulação estejam em grande perigo. Eu devo insistir que suspendam o trabalho e evacuem completamente a Doca... Sim, comandante, creio que... Não, comandante, *ninguém deve permanecer à bordo*... Não Comandante, não posso dar-lhe mais informações, porque eu ainda não as *tenho*... Então que seja em *minha* responsabilidade, Comandante!

— ... Mas como eu *registro* isso, Spock? E o meu *relatório*? — Dorish mexeu no seu bigode cinza, não muito feliz. — *Parada total* na Doca? Tudo bem, eu vou fazer... — Ele fitou o comunicador inerte em sua mão. — Que maldição, Montgomery... e que *você* está fazendo agora? Você desistiu da licença para vir aqui! — Dorish cruzou seus braços no largo peito e observou. Scott tinha largado aquele emaranhado de maquinaria para recolher suas sondas e ferramentas, e estava limpando carinhosamente cada uma delas antes de as colocar de volta no lugar.

— Você escutou o homem, filho. Spock disse para fechar tudo.

— Mas... — Dorish olhou em volta a sala de máquinas desmantelada, frustrado. — Ele não vai dizer o *porquê*! Acho que ele nem mesmo *sabe*!

— É — Scott meneou a cabeça —, e ele vai ser o próprio demônio até que descubra. Você escutou uma coisa rara, Malcomb. O som de um vulcano "grilado".

— E que droga eu digo para o Q.G.? — Dorish reclamou. — Eles estão esperando por esse relatório.



— Bom... — Scott tirou uma impressão digital de seu lacre *laser* e o pôs em um compartimento de sua mala. — Comece contando como o Sr. Spock passou por cima de nós dois... e conte também sobre isto. — Ele segurava um pedaço de metal e fios fundidos, mostrando para Dorish que o olhou, franzindo a testa.

— Isso parece parte de um *detonador*.

— É isso aí. Estava um pouco atrás do que restou do condutor da refrigeração. Essa banheira foi *sabotada*, Malcomb, e se Spock disse para abandonar tudo, eu digo que vamos fazer isso de qualquer jeito! Agora, me passe o calibrador sônico, Malcomb... oh! — Ele o resgatou de mãos irreverentes. — Mostre um pouco de respeito, rapaz. Isso foi feito em *Aberdeen!*

— Eu não entendi! — DiMuro observava pela janela enquanto a cápsula deles flutuava sobre uma asa pintada de verde e amarelo. — Todo esse segredo, e daí eles nos mandam *cair fora*?

— Hã-rrã... — Harper disse, num tanto ausente, colocando um dos braços em volta dele. Obo ainda estava assustado, os seus olhos fechados tão fortemente que a pele de sua cabeça se encontrava enrugada. — Fale comigo. Obo. Diga-me o que está errado.

— Nós vamos para casa *agoraa*?

— Não, Obo. Infelizmente não. Nós temos que aguardar até nos disserem estarmos dispensados.

O belandrida levantou a cabeça do ombro de Harper. Uma pálpebra vertical, longa, partiu de um lado para outro, e um olho amarelo-neon brilhava triste.

— Não, Bobby. Nós vamos para casa *agoraa*! DiMuro pigarreou.

— Talvez nós devêssemos ir para casa agora, Harper. Parece que o pequenino sabe de algo que a gente não sabe.

— Talvez — disse Harper, enquanto Obo se enfiava em seus ombros de novo. Alguma coisa tinha realmente amedrontado o seu amigo.

Ele imaginava o que poderia ser.

— ... Por que eu quero saber, esse é o porquê, tenente! *Ajudante de ordens!* Michaels! — Uhura sibilava com ferocidade. — E eu quero isso pra *ontem!*... Então vá *achá-lo*, senhor! O *alferes* Michaels pode empurrar uma *vassoura* em algumas asquerosas e pequenas.... Ah, *obrigado*, Michaels... sim, sim, foi de grande ajuda... — Uhura desligou e se virou para Spock. — Ainda na Doca, senhor. Ele vai ligar de volta.

Spock meneou a cabeça, colocou um plug de comunicação em sua orelha e ouviu ao repetitivo sinal em intervalos de dez segundos:

— *Enterprise* para capitão Kirk, — ele disse —, responda por favor.

*Enterprise* para capitão Kirk...

Isso não vai adiantar nada, e ele sabe disso! Uhura observava-o pelo canto dos olhos. Apreensão e temor a rodeava como um nevoeiro. O seu painel silvou; era interno.

— Ponte. Oh, Sr. Scott... — Ela ouviu atentamente. — Sim, senhor eu direi a ele... Sr. Spock, Scott encontrou pedaços de um detonador naquele sistema refrigerador, ele diz que foi sabotagem, um trabalho de dentro. Todos eles estão fora da nave, e o comandante Dorish está no seu escritório. Ele está esperando por uma exp... hã, uma atualização, senhor. — O comunicador silvou novamente; ela ampliou o sinal que estava vindo. — *Enterprise... capitão!*

— Capitão! Você está bem? Onde você está?

— *Q.G., Spock. Você tem que alcançar Nogura...*

— Nós estamos tentando, capitão. Você pode nos dar visual?

— *Eu...sim, está bem...* — A tela principal veio à vida com o rosto de Kirk, o engasgo de Uhura foi audível: ele parecia desfigurado e contraído com o choque. — *Spock, nós temos um problema.*

— Sim, capitão. Onde no Quartel General? Nós tentamos..

— *Eu estou... aqui embaixo, Spock. Eles estão todos mortos lá em cima. Algum tipo de contaminação no Exo-Laboratório. Deve ter se espalhado no...*

— Todos estão mortos... ninguém sobreviveu?

— *Não, Spock, ninguém.*

— Senhor, — Uhura interrompeu. — Eu vou notificar a sala de transporte. Nós podemos triangular e trazê-lo para...

— *Não Uhura, vocês não podem.* — Kirk disse, com pesar.

— Mas, capitão... — Um olhar de Spock fê-la parar. Ele engoliu a seco, parecia entender mais do que estava contando. O painel soou de novo. — *Enterp... sim, almirante! Aguarde por favor... Sr. Spock, o capitão está em um canal de segurança, mas eu não sei...*

— Almirante, aqui é Spock. A sua transmissão é segura?

— *Afirmativo. Qual é o problema, Enterprise?*

— Aguarde, senhor. — disse Spock. — Nós estamos redirecionando a sua chamada. Uhura, coloque ambos na tela, e embaralhe a nossa saída.

A tela principal se dividiu e Heihachiro Nogura encarou-os. A sua face asiática, sempre jovem, estava totalmente desenrugada; o cabelo prateado fazia um contraste gritante com os olhos negros brilhantes. Sua presença enigmática evocava reações variadas: Spock respondia com uma deferência dada a poucos humanos; McCoy o achava uma pilha de nervos insondável. O misto irritante de admiração e rebelião que Nogura produzia em Kirk, manifestava-se em tênues disputas de vontade, contra a única mente tática que Kirk acreditava poder derrotá-lo. Mais irritante ainda para ele era uma

suspeita desconfortável de que essa reação estúpida era criancice, e que qualquer disputa era unilateral e feita por ele mesmo. Nogura parecia estar acima de tais coisas, mas ele estava? Esse era o problema com Nogura: você nunca sabia como posicionar-se. Kirk não gostava disso tudo, de qualquer maneira.

— *O que foi, Kirk? Onde você está?*

— *No Q.G., senhor. Aconteceu... um desastre aqui embaixo. Algum tipo de contaminação vinda do Exo-Lab. Eu tenho visual, almirante. O bloqueio de segurança não foi rápido o suficiente.*

— *Em que nível você está, Kirk? Qual a gravidade?*

— *Ninguém está vivo nos andares superiores. Eu estou... no Refúgio.*

— *No Refugio? Para quê?*

*Kirk respirou fundo; parecia tudo tão sem sentido, agora.*

— *Aquele relatório do incidente, almirante. Suas ordens eram... até as 0800...* — Ele não se incomodou em terminar a frase.

— *Entendi* — disse Nogura; Kirk não tinha dúvidas disso. — *Mostre-me o mie estamos enfrentando. Alguém mais viu isso?*

— *Não, senhor. Aconteceu há apenas alguns minutos.*

Pesadelos invadiram a tela da ponte em forma de imagens. Uhura levou uma mão à boca, mas seus olhos se encheram de lágrimas. Spock permanecia frio, sem expressão e acabrunhado. O laboratório, a sala de recreação, a recepção, nível após nível, corpo após corpo...

— *Note o fator tempo, almirante. O selo do Alerta-Contaminação foi às 20:52:32.* — A visão da caixa do alarme veio em zoom. — *O vidro quebrou, mas o botão nunca foi acionado. A manutenção acionou o alarme após dez segundos, o lacramento de segurança em vinte. Agora, aqui está a recepção...*

A fila mostrava Richards lendo o seu livro, debruçando para a frente na agonia de uma dor invisível. Quando sua cabeça despencou sobre o braço estendido, os dedos paralisados no alarme de segurança, sem tê-lo ativado, Kirk parou a fita e ampliou o visor do cronômetro que corria na parte inferior da tela.

— *Veja isso, almirante, 20:52:46; um total de quatorze segundos, e ele estava há dezoito andares de distância! Eles não tiveram a menor chance, senhor. Morreram antes que o alarme começasse a soar.*

— *Mas o ar não circula através do sistema tão rápido. Nada poderia fazê-lo. Nós sabemos o que causou isto?*

— Sim, almirante. — Na ponte, Spock acionou a fita da chamada da Dra. Goldman. — Esse foi o causador. Minha conversa com a doutora terminou às 20:51:33. Os fragmentos sobre o Infrascan eram o...

Novamente, inocente e bela, a caixa transparente brilhava na plataforma do analisador da Dra. Goldman. Correntes luminosas de arco-íris ondulavam

e a preenchiem, repetindo-se infinitamente.

— Nós encontramos quatro dessas à bordo da nave romulana — Spock continuou, inalterado. — Na ponte, em um corredor, em um alojamento do comando, e na engenharia. Não havia nada que indicasse... — Ele parou. — Eu quis... estudar um deles. Notifiquei as autoridades na Doca, ordenei a liberação no Exo-Ci, e requisitei análise preliminar para a Dra. Goldman. Parece que o feixe do Infrascan o destruiu. Eu sou o responsável, senhor.

— *Esqueça isso agora, Spock,* — disse Nogura, bruscamente. — *E a tripulação que estava naquela nave?*

— Evacuada para a Doca, também sob minha responsabilidade. Eles encontraram evidências de sabotagem deliberada. As implicações são graves, senhor. O comandante Dorish era o encarregado. Ele está esperando por mais...

— *Deixe-o esperar!* — retrucou Nogura. — *Olhe, Spock, não foi sua culpa; essa coisa é intrigante. Se você não a tivesse checado, alguém iria, isso é tudo. Jim, todas as portas estão lacradas?*

— *O computador diz que sim. Os transportadores ainda estavam desativados.*

— *Eu estou posicionando guardas.* — Nogura apertou algo em seu teclado, falou baixo pelo seu intercomunicador pessoal, e voltou para eles. — *O pessoal de emergência já está sendo notificado. A segurança está preparando um grupo para se reportar ao ciências da vida. Nós vamos ter que trabalhar com possibilidades. Recomendações, cavalheiros?*

— Eles irão necessitar de acesso a arquivos protegidos — disse Spock. — informações da Inteligência sobre o Império Romulano, por exemplo. O sistema de segurança terá que ser aberto. Capitão, você tem acesso livre, mas... com o devido respeito senhor, não a experiência necessária. Almirante, vai ser um trabalho delicado. Iremos precisar um *expert* em computadores.

— *Então desça aqui, Spock.*

— Almirante... existe uma outra linha de ação que eu devo seguir. É... imperativo.

Na tela, Nogura cruzou seus braços, a espera de uma explicação. Não veio nenhuma.

— *Vamos acabar com isso, cavalheiros. Jim, acesse o banco de dados do Comando e avalie pessoal qualificado. Monte-me uma equipe, um cientista de alto-nível e um especialista em computadores. Envie-os para o terminal na sala da Administração. Spock, junte-se a eles assim que puder. Você irá instruí-los do Refúgio, Jim, e mantenha tudo sob controle. Esta é uma situação de reconhecimento; não precisamos de um pânico em nossas mãos.*

Kirk fitou o vazio lúgubre e quente do Refúgio, e disse a si mesmo que não havia motivo para sentir tal pânico crescente, ou a ilusão das paredes se fechando. O que quer que fosse isso, eles tinham que o eliminar, encontrando um antídoto ou descontaminando ou qualquer coisa do gênero. Até lá... bem, ele tinha tudo o que precisava, bem aqui por um longo tempo. De qualquer jeito aquele pensamento não o confortara muito. Para manter a si mesmo calmo, ele reviu as seleções que fizeram para a equipe.

*Dra. Ayla Renn, tenente-comandante:* chefe do Exo-Ciência, enquanto o Dr. Syng está ausente. Mestre Doutora em medicina, Ph.D., ZBA... as credenciais dela rolaram. Seis anos na Frota Estelar, três na Terra, e uma lista impressionante em trabalho de campo. Kirk meneou a cabeça satisfeito. Dra. Renn era uma flecha certa.

*Alferes Maxim Kinski:* Colocação no computador A-7.1. *Expert.* Quatro meses fora da academia, oficial sem experiência. Mas essa não era uma designação de comando, e aquela colocação! Somente oito décimos de pontos abaixo de Spock, que é o possuidor do recorde atual. Seria difícil encontrar alguém com mais sete décimos, e Kirk achou que Kinski daria conta até quando Spock...

O comunicador silvou.

— *Boa noite, almirante. Eu sou a Dra. Ayla Renn, e na sala 2103 do prédio da Administração. Foi me dito para vir aqui e chamar este número.*

Uma coisa que a arquivo dela não havia mencionado: Dra. Renn era um monumento. Ela tinha o rosto de uma boneca chinesa de porcelana, a cor pêssego com realces creme, olhos verde-esmeralda e o cabelo vermelho revoltado, ainda molhado de chuva. A visão dela levantou o espírito de Kirk.

— Sim Dra. Renn, você está no lugar certo.

— *Aias senhor, eu sou uma cientista. Só existem computadores aqui.*

— *Licença.* — Um jovem pálido entrou no alcance do visor. O seu cabelo negro, parecendo faíscas elétricas, necessitava de uma arrumação, e o uniforme da Frota descansava em seu corpo esquelético. — *Acredito que eu esteja aqui por causa dos computadores. Alferes Kinski, senhor.*

— Sim, alferes. Vocês dois estão no lugar certo.

— *Há algum tipo de emergência, senhor?* — Kinski perguntou, quase sumindo. — *Nós tivemos que nos identificar com a segurança...*

— *Sim, almirante,* — Renn confirmou. — *Existem guardas por toda a Praça. E dois do meu pessoal estão no laboratório do Q.G.. Posso apenas chamá-los, para ver se está tudo bem, senhor?*

— Não, doutora, você não pode. Este é o porquê de estarmos aqui. Eu vou rodar uma fita e lhes contar o que sabemos até agora, o que não é muito. E acho melhor vocês sentarem.

Kirk esperou eles se acomodarem. Renn estava calma e compenetrada, Kinski quieto e assustado; provavelmente a primeira crise real que já

enfrentara. Não, não era um oficial experiente...

O que estaria segurando *Spock* por tanto tempo?

Saavik abandonou suas meditações; não estava funcionando de qualquer jeito. Dentro do alojamento quente de Spock, suas bochechas ainda queimavam de vergonha pela maneira vergonhosa que havia se comportado. Suas mãos ainda se cerravam quando *não* estava olhando, e correntes de luzes ondulantes ainda dançavam em suas pálpebras, quando fechava os olhos e tentava pensar. Já fazia tempo que Spock saíra, muito tempo para ser um simples erro. Mas como um sonho pode não ser um sonho? Como um pesadelo pode virar realidade? Perguntas rodopiavam em sua mente.

Quando a porta silvou ela sentiu uma onda de pânico, que odiava, e um impulso absurdo de fugir e se esconder. Mas não havia aonde ir; o passado a encontrara, mesmo aqui. Ela tocou o botão na mesa de Spock, a porta deslizou, e um olhar para o rosto dele varreu as questões de sua mente. O passado tinha encontrado a todos.

Ele permaneceu parado, fitando-a, e por um instante ela sentiu uma sensação de arrependimento tão profunda, que doía de uma forma jamais pensada. Então ele puxou uma cadeira e se sentou, encarando-a em silêncio.

— É muito ruim, Saavikam — ele disse com a calma usual. — Aquele objeto se rompeu sob o Infrascan no Quartel General. Todos no prédio principal... estão mortos.

Saavik fechou os olhos e tentou parar o rugido em seus ouvidos. Pessoas tinham morrido. Um pedaço de seu mundo as matara. E ela se lembrou que foi Spock a dizer para aquele doutor a...

— Muitas vidas já foram perdidas — ele dizia. — Se não agirmos rápido, outros poderão morrer. Você reconheceu aquele objeto, Saavik. E você pensou que fosse um sonho?

— Sim. — Ela meneou a cabeça miseravelmente. — Eu sempre sonhei com isso. Tentei não sonhar, mas... ele sempre voltava. Eu sei que vulcanos não devem...

— Saavik. Você deve me contar a respeito desse sonho.

— Eu lhe contaria qualquer coisa... — Para sua interminável desgraça ela começou a tremer; e com interminável delicadeza dele, Spock a ignorou. — ... Mas eu não sei mais nada!

— Você deve saber mais do que imagina, Saavikam, só que não tem os meios de discernir o que é importante e o que não é. Eu preciso de sua ajuda. Eu preciso conhecer o que você sabe, mesmo além da sua capacidade de relembrar-se. E eu só tenho uma maneira de fazer isso.

— Eu entendo. — Ela cruzou seus dedos, juntos sobre seu colo.

— Tenho certeza que sim. Nós praticamos disciplinas mentais. Às vezes eu passava conhecimentos ou conceitos abstratos, mas nunca olhei além do

que você desejava me mostrar. Eu devo pedir isso agora. É necessário, Saavikam, desculpe-me.



Ela meneou a cabeça. Seus dedos estavam congelando. Spock aproximou-se, falando suavemente.

— Eu estou com você. Você está segura à bordo da *Enterprise*. Nada pode machucá-la aqui.

Saavik queria acreditar nele. Seu rosto estava tão perto do dela, que ela o sentia respirar. Tentou pegar coragem daquele calor, daquela vida; mas tudo dentro dela havia se congelado.

— O que eu devo fazer? — Ela perguntou em um sussurro.

A voz de Spock voltou em outro sussurro, suave e quente em seu ouvido.

Pela primeira vez em sua vida, Saavikam, tente não fazer nada. Pense no sonho. Pense apenas no sonho...

O quarto estava vago. O ar, seco e parado. Mortalmente quieto. Saavik observou longos dedos se movendo em direção à sua face. Ela fechou seus olhos, sentiu o calor da mão de Spock antes que a tocasse, um contato tão leve, não parecia ter acontecido.

Então ela estava caindo em seu passado, de volta ao medo, fome e dor. Aterrorizada, ela lutou para fugir, mas uma força inexorável a sugava para aquele escuro e perigoso caminho. Velhos instintos se ativaram: O gosto por sangue, a sede de uma vingança cega. Um ímpeto esmagador a possuiu, levando-a a seguir por onde iam, ver, saber, *matar...*

O tempo corria para trás. Segredos guardados, portas escondidas abriam-se em sua mente. Pensamentos e sentimentos enterrados, suspiros, sons e aromas levantaram-se como fantasmas a derrubar as barreiras do passado. *Não me resista, Saavikam. Eu preciso de você... preciso de você... preciso...*

A fina cobertura de civilização se rasgou e dilacerou, foi podada. As paredes de sua própria vontade, os firmamentos de sua alma desabaram e se esmigalharam sob a luz escaldante do sol, fúria cega. Fragmentos de existência; caçando, matando, aversão; estilhaçada na vergonha... e sentimentos... e uma enorme suavidade pegou todos os pedaços, analisou-os, reconstruiu-os, e inexoravelmente moveu-os.

*Existia a noite, o céu e as estrelas. E debaixo das estrelas havia poeira e morte, vento e montanhas. E debaixo das montanhas, debaixo das montanhas... aquele lugar... de sonhos e do mau, sem lugar para se esconder, morte naquelas paredes de estranhas luzes faiscantes, onde Aquilo estava sempre esperando por ela na escuridão. Correndo e a dor, correndo e o sangue... e alguém estava sempre gritando...*

Havia acabado. Aturdida, tremendo, Saavik sentia-se sentada em uma cadeira, dedos frios descansando em seu rosto. E quando eles saíram, deixaram para trás uma distância em sua mente, distância do medo e dor... e algo novo; uma clareza, um conhecimento.

Ela abriu seus olhos para um lampejo da face de Spock que nunca vira: Pálida, chocada, em sofrimento agonizante. A respiração estava acelerada e difícil; a mão tremendo enquanto a recolhia, e havia um olhar por trás de sua vista que ela não compreendia... Mas não era reprovação. Alguns momentos se passaram até que ele falasse.

— Eu não sabia.

Saavik desviou o olhar; a meiguice em sua voz trouxe lágrimas à sua visão, mas ela se recusou em deixá-las rolar por sua face. Nunca, *jamaís*, ela deixara Spock vê-la chorar; e preferia morrer a insultá-lo agora.

— Eu não *queria* que você soubesse! Eu não queria que ninguém soubesse! Eu estou tão... *envergonhada...*

— Não há lógica nisso — ele disse calmamente. — Almirante Nogura pode desejar lhe fazer algumas perguntas. Você deve responde-las o melhor



que puder. Eu só tenho uma. Você poderia achar aquele lugar novamente?

*Voltar lá?* Saavik experimentou um horrível reverse tomando lugar, uma sensação do tempo se desintegrando. Tudo que a permeava parecia insubstancial; a realidade se dissolvendo, o seu presente se tornara um sonho. Somente Hell-guard era real. *Voltar lá?* Spock estava em silêncio, aguardando por uma resposta. Ela forçou as palavras a escorregarem pela garganta:

— ... Sim. Eu posso achar.

Spock acenou com a cabeça e pôs-se em pé. Ficou observando-a, como se quisesse dizer algo a mais mas não encontrasse as palavras.

— Você era apenas uma criança, Saavikam — disse, finalmente. — Você não é a causa disto. Fique aqui. Prepare-se para as questões. — A porta fechou atrás dele.

E então as lágrimas vieram. Débeis e furiosas, lágrimas de mágoa e ira, pelas mortes de pessoas que ansiavam por viver, por esse mundo generoso e maravilhoso que oferecera-lhe tal oportunidade. E por Spock. Por razões próprias, as quais ela nunca iria entender, ele tinha-lhe dado tudo sem pedir nada em troca.

Até agora. Saavik começou a ter calafrios no calor do alojamento. As lágrimas se secavam em seu rosto. Mesmo a raiva a abandonava, deixando temor quase palpável. *Somente uma criança... não é a causa...*

Mas ela aprendera alguma coisa nova quando aquela ligação mental se dissolveu, e o medo e a vergonha transpareceram no rosto de Spock. As palavras suaves dele desvaneceram como um eco, e ela não acreditava nelas. Pessoas haviam morrido. E Saavik *tinha* causado algo; ela sabia disso agora. Porque, lá, todos esse anos atrás, lá naquela caverna em Hellguard; ela havia feito uma coisa terrível.

Se apenas pudesse se lembrar o que *era*...

— Um branco, almirante. Sem memória dos eventos ou circunstâncias que os precederam. Ela estava aterrorizada e seriamente ferida naquele momento.

— *Pode ser feito com que ela se lembre?*

— Eu... tentei, almirante. Está além da minha habilidade. E acho que uma nova tentativa não é aconselhável ou mais propensa a ter sucesso. Senhor, não há dúvida a respeito do que ela viu.

— *Armas.* — O rosto de Nogura se enrijeceu perigosamente.

— Sim. Caixas transparentes, preenchidas com padrões de luzes; filas delas, estocadas no subterrâneo do quinto planeta do sistema 872 Trianguli, bem dentro do perímetro do Império Romulano.

— *E você acredita que isto foi planejado.*

— Estou convencido disto. Considere o seguinte, almirante: Um aparente ataque abortado, uma aparente nave desabilitada em curso travado

para a Base Estelar Dez, com uma tecnologia que nós não possuímos... e, dada a sua natureza, uma a qual não poderíamos resistir. Nós tomaríamos precauções, estar alerta por possíveis perigos, mas também levaríamos a nave para a nossa mais segura base de comando, com a finalidade de estudá-la. E à bordo, colocadas como objetos comuns, talvez itens úteis, estariam as caixas. Interessantes, mas insignificantes em vista da descoberta militar. Mesmo a evidência de sabotagem, e isso não foi intencional, não traria nenhum esclarecimento sobre o propósito daquela missão. O perigo real estaria onde menos suspeitássemos. Foi bem planejada, almirante, e por um bom tempo.

— *E nós mordemos a isca? Eles tiraram a sorte grande.*

— Será, senhor? Considere a mente romulana: rodas dentro de rodas, um ataque dentro de um ataque. Você mesmo disse que se eu não tivesse investigado o objeto, alguém o faria. Eu concordo. Nós nos comportamos previsivelmente a cada momento, almirante. Nós somos curiosos e os romulanos estavam contando com isso.

— *Se você estiver certo, Spock, sabe o que isso significa?*

— Sim, almirante. Entre outras coisas, significa que a Terra está sobre ataque.

— *E tudo que nós sabemos dessas coisas, além do fato que matam pessoas, é que uma criança lembra delas? Em um sonho?*

— Uma testemunha ocular. A única que temos.

— *Aias o que uma criança vulcana estava fazendo em um planeta quê?...*

— Pergunte a ela, senhor. Acredito que irá acreditar em nós.

— *Certo, Spock. Mas eu peço a Deus que você esteja errado.*

A tela principal ficou vazia. Spock abriu um arquivo particular que não via a anos. As análises gravadas dos campos de Hellguard; talvez elas contivessem alguma coisa que não notara antes. Kirk estava instruindo a equipe de dados, agora. Sua vida, e uma grande batalha, iria depender da experiência e julgamento deles.

— ... *Estão todos mortos!* — Kinski estava de pé, vários tons mais pálido que antes. — *£ as seus rostos! O que aconteceu com a?...*

— *Quieto, Kinski,* — Renn murmurou, incapaz de evitar as lágrimas e de afastar os olhos da tela.

— *E sente-se, Sr. Kinski. Dra. Renn, me desculpe,* — disse Kirk, gentilmente desligando a fita. — Amigos seus?

— *Os melhores.* — Ela meneou a cabeça, lutando para se recuperar do choque e do choro. — *Os melhores. Obrigada, senhor Kinski!* — ela gritou — *Sente-se antes que você caia!*

— *Eu... eu estou bem* — disse baixinho, mas obviamente não estava. Ele

se reclinou em seu assento. — ... *Eu, eu fui treinado para isso, mas...*

— Eu sei, Kinski, é diferente quando a coisa é real. — Kirk estava tendo sérias dúvidas a respeito deste alferes, mas não havia nada que pudesse fazer agora, exceto dar tempo ao garoto para se recuperar. — Doutora Renn, entre em contato com a sala de transportes no ciências da vida. Eles estão esperando para enviar sondas. Mantenha-se ligada com eles, você irá avaliar os dados. E doutora, as informações devem ser catalogadas *somente* como classificados. Ordens do almirante.

Renn balançou sua cabeça.

— *Eu gostaria de anotar uma objeção a isto, senhor. É extremamente perigoso, irá nos atrasar e criar um prejuízo em potencial. Todos os envolvidos diretamente na pesquisa, precisam saber com o que estamos lidando.*

— Objeção, anotada, doutora. Você pode esclarecer isso com o Almirante Nogura, assim que nós nos conhecermos. — Kirk deixou-a furiosa olhando para ele. Quando ela começou um ataque às teclas de seu comunicador, ele voltou a atenção para outra metade da equipe.

— Sr. Kinski, pelo que eu sei você é um especialista em computadores.

— *Ah, claro... quer dizer, sim senhor.* — Kinski ainda estava bastante abalado, mas respirando mais devagar e parecendo dolorosamente embaraçado. Ele passou a mão pelo seu cabelo liso. — *Desculpe-me, almirante. É que... eu nunca tinha visto nada como isso...*

— Eu entendo. Mas agora você irá ver apenas computadores. O seu arquivo diz que você é o homem certo para o serviço,... isso está certo?

— Sim, senhor.

— Bom. Agora, aqui está o que nós precisamos... — Kirk começou a contar-lhe.

— ... Não, Spock, não há dúvida, —disse Nogura com pesar. A sua breve conversa com Saavik eliminou qualquer esperança disto ter sido uma mera fantasia de adolescente. Esta jovem provavelmente nunca fantasiou a respeito de nada, e se tivesse feito saberia relatar o ocorrido com precisão. — Eu acredito nela, mas é apenas uma criança. O Comando não irá aceitar isso baseado em testemunho telepático. Você sabe disso.

— *Motivo pelo qual eu lhe peço que aja de acordo com as minhas recomendações, senhor, enquanto ainda esteja no alcance de seus poderes pessoais.*

— Já está fora de minhas mãos, Spock. A estação está sob alerta. Nada pode deixar a Doca sem ordens específicas. E tenho uma reunião com o Conselho e a cadeia de comando. O melhor que posso fazer é realizar isso antes de ir ao Conselho.

— *Irá levar muito tempo, almirante. Esta arma é deveras eficaz, mesmo*

*se encontrarmos os meios de neutralizá-la. E a Terra não será o único alvo. O Império tem um arsenal delas, e nós sabemos onde.*

— Se elas ainda estiverem lá, Spock. E esse é um grande se. Eu não posso comissionar a Enterprise para uma missão de encontrar evidências.

— *Perdoe-me almirante. Eu devia ter sido mais explícito. Evidências seriam bem-vindas, senhor, mas não era o que eu...*

— *Senhores,* — A voz de Uhura os interrompeu. — *O capitão Kirk diz que a sua equipe está pronta com as sondas. Vocês pediram para serem notificados.*

— Um momento. O que você está sugerindo, Spock?

— *Alguma sabotagem da nossa parte, almirante. Sem atrasos.*

— Dentro do Império Romulano? Isso é suicídio. Não vou comissionar a Enterprise para isso também. Nós precisamos saber com o que estamos lidando. Comandante Uhura, coloque-nos em contato com eles.

Ayla Renn fitou a fila de monitores e teclados que preenchiam a parede limpa e cheia de janelas, por toda sua extensão. Do lado de fora ainda chovia, a neblina estava tão densa que ela mal podia ver a torre do Q.G. logo além da Praça... e um lampejo fraco no corredor do 18º andar. Dentro da sala 2103 as luzes estavam ligadas; o relógio mostrava 21:58, e Kirk, Spock e Nogura olhavam para ela de telas separadas. Mais três monitores cintilavam com os padrões de testes e números seriais das sondas, e os quatros próximos terminais estavam colocados para recepção e análise de dados.

— *Manos logo com isso, doutora.* — Nogura franziu o cenho impaciente.

Renn podia ouvir até o tamborilar do dedos dele. Ela cerrou os dentes, segurou a língua, e falou com o oficial de transporte aguardando no Life Sciences. — Tudo bem, uma de cada vez. E mande-as para os lugares certos. Uma para o 18º andar, centro do Exo-Lab. Agora uma ao primeiro e outra no 69º andar. Almirante, essas sondas médicas fazem a coleta e análise de organismos e contaminantes conhecidos. Estamos usando-as primeiro porque estavam à...

— *Vamos fazer isso rapidamente, doutora. Eu tenho uma reunião em dez minutos. Preciso saber o que matou o nosso pessoal.*

Renn retrucou, afiada:

— Nós já estamos recebendo a telemetria, senhor.

Um após o outro, os monitores à sua frente vieram à vida. Linhas de dados começaram a encher as telas.

Renn olhou para o monitor de uma das sondas com descrédito. Kinski viu o mesmo por cima dos ombros da doutora.

— Isto está errado — Renn murmurou. Ela congelou os dados de entrada das três sondas e checkou a leitura do primeiro andar. A mesma coisa. E o

sexagésimo - nono...

— *Defeito, Dra. Renn?* — Spock perguntou calmamente. Ela balançou a cabeça, incapaz de acreditar no que via.

— Não, senhor, todas dizem o...

— *O que, doutora?* — Nogura ordenou. — *O que matou o nosso pessoal?*

A boca de Renn estava seca. Ela observava os números e tentava encontrar a voz. — Senhor, não faz nenhum *sentido*, mas... não há oxigênio no ar!

## SEIS

O silêncio se prolongou.

— *Cavalheiros, Doutor* — Nogura disse finalmente — *Eu estou atrasado para uma reunião. Eu retornarei a vocês. Spock...* — Com um ligeiro movimento de cabeça, ele indicou um desejo por privacidade. Spock cortou o som nos outros canais. — *... Já ouviu falar sobre algo assim?*

— Não, almirante. Nunca ouvi.

— *Tenha certeza de que ninguém mais ouviu,*

— Isso é necessário, almirante? O fator tempo...

— *Aquele edifício está completamente vedado?*

— Tanto o quanto nós sabemos, senhor, mas...

— *Acredito que isto não seja algum gás-do-nervo que nós poderíamos neutralizar e expelir na próxima meia hora?*

— Não, almirante.

— *Então, exceto para Kirk ou para Enterprise, nenhuma informação sai dessa sala. Entendeu?*

— Haverá especulação, senhor, dos cientistas que estão esperando começar o trabalho. E o comandante Dorish pediu...

— As pessoas necessárias estão sendo informadas, Spock, e Dorish é uma delas. Para o momento, descubra o que puder e fique firme. Eu precisarei de um relatório.

A transmissão terminou antes que Spock pudesse fazer alguma objeção. Ele voltou ao comunicador e estudou a telemetria que chegava. Kirk deu a ele uma bela olhada, mas não disse nada. Kinski eslava menos refreado.

— Spock, tive uma idéia. Eu estava pensando...

— Sr. Kinski. Um momento, por favor.

— *...Não é um microorganismo, Sr. Spock* — Renn estava balançando a cabeça. — *E isso não é uma radiação. Eu estou fazendo uma referência cruzada com os dados dos armamentos Klingons e Romulanos e compostos químicos conhecidos. A falta de oxigênio esta numa escala que eu nunca vi. Até descompressão no espaço deixa algum resíduo...*

Enquanto Kirk monitorava a informação se decodificando na sua tela, ele abençoou os arquitetos e engenheiros que, apesar do custo, desenharam o sistema-de-ar-fechado do Q.G. independente, e deram ao Refúgio o seu próprio sistema. Na época era uma experiência. Agora era obrigatório para estruturas que abrigassem alienígenas ou materiais perigosos, e padrão para qualquer requerimento de um meio ambiente controlado.

A mistura do ar no Quartel General da Frota Estelar era fabricado, reciclado, umidificado, carregado com íons negativos e contendo 22,76% de oxigênio. Levemente mais alto que os níveis atmosféricos. O sistema de

entrada, "trava-ar", com porta dupla, compensava qualquer troca (que era, no final das contas, uma atmosfera compatível) e acomodou-se muito bem aos procedimentos de segurança. O *design* refletiu e fez uso do que a Frota Estelar sabia melhor: espaçonaves. Nenhum odor doce de flores entrava através das janelas abertas, nenhuma mudança de tempo ou de estações; e nenhuma poeira, polens, bolor ou outros irritantes externos para causar dano aos computadores, desconforto a muitos humanos, e reações mais graves em alienígenas. O ar da Frota Estelar era bom para o equipamento e mantinha o pessoal de serviço alerta. Ao menos costumava ser. Agora, o ar no interior daquelas paredes sólidas, de alumino transparente era 22,76% a mais de alguma coisa. Exatamente 22,76%. E as sondas pairando acima da devastação nos salões dos escritórios, sobre a escrivaninha de informação na recepção, e sob o Infrascan no laboratório, liam o mesmo nível de oxigênio disponível: zero. Nem 2% ou 1% ou 0,01%. Zero.

— Com licença, senhores — Kinski insistiu — Eu tenho uma sugestão. Talvez nós pudéssemos apenas...

— *...Todo o resto aparece, Sr. Spock* — Renn continuou — *Nitrogênio, CO2... até os traços. Apenas um fator-X de 22,76... e sem oxigênio. As sondas médicas não podem nos dizer o que está acontecendo lá. Isto não será fácil, senhor, neutralizar algum elemento alienígena que nós nem ao menos podemos identificar.*

— Os Romulanos não tem o hábito de tornar as coisas fáceis, Dr. Renn. E estas sondas são inadequadas. Eu sugiro a deep-space 424 para estender as análises atmosféricas.

— *Almirante Kirk* — Kinski apelou a ele em um sussurro. — *Se eles apenas ouvirem por um segundo...*

— Spock, Doutora. O Sr. Kinski gostaria de fazer uma sugestão. Acho que podemos ouvi-lo.

Spock assentiu com infinita paciência, Renn com algo menos:

— *Ah, pelo amor de Deus... o quê?*

— *Bem...* — Agora que Kinski teve a atenção deles, não sabia muito bem o que fazer com isso — *Não há oxigênio lá, certo?*

Spock fechou seus olhos. Renn afundou seus dedos no cabelo.

— *E nós queremos saber porquê. Mas eles fazem oxigênio, não fazem? Para hospitais e kits de suporte-de-vida? Bem, talvez nós pudéssemos transportar alguns lá dentro. E colocar o ar de volta!*

Após um momento de silêncio, a sobancelha de Spock se levantou. Kirk pigarreou. Renn começou a fazer um pedido de cilindros de oxigênio.

— *... E ponha controles naquelas válvulas. Eles terão de trabalhar com um sinal do computador* — Ela olhou para cima e suspirou — *Vale a pena tentar.*

*Spock inclinou a cabeça:*

— *Deveras. Designar uma área teste e monitorar a reação. Com as novas sondas, nós poderemos determinar com o que estamos lidando. Uma sugestão de mérito Sr. Kinski.*

— Obrigado, senhor.

— Sim, bom raciocínio, Kinski — Kirk adicionou. — Agora ponha alguns gráficos neste seu experimento. Eu quero ver todos os significados desses números.

— *Sim, senhor.*

Spock ignorou a conversa. Enquanto a informação fluía pelo computador e pela sua mente, outro processo analítico ocupou seus altos reinos do pensamento.

Para perpetuar um ato de terrorismo num planeta que eles nunca poderiam conquistar, para apunhalar o coração do Comando da Frota, na segurança de um império a meia galáxia de distância... estas coisas eram óbvias mas vitórias de curta-duração. Não. Este era um longo plano no seu feitio, além da destruição aleatória ou um simples ataque bem-sucedido. As memórias enterradas de Saavik eram prova disso. Anos atrás os romulanos construíram um arsenal naquele planeta esquecido, morto; e a sua antiga busca pela batalha está viva hoje, mesmo depois de cem anos de comparativa paz. Mas, diferentemente dos Klingons em assuntos de guerra, os romulanos tenderam a ter uma visão mais longa. Spock acreditava que, nos assunto de paz, os humanos devem aprender a fazer o mesmo. Se o armamento pudesse ser neutralizado aqui, o Conselho poderia resistir ao que a Frota Estelar iria propor. Senão, seria uma questão aberta, e Spock não gostava dos ímpares. E então lá estava Hellguard...

— *Se vocês me perdoarem, senhores!* — Renn estava olhando com raiva de uma tela a outra — *Quando nós deixaremos todos a par disso? Estamos pegando mais informações e projeções do que eu posso manejar, e todos os outros lá na Ciências estão sentados em seus pudins. Nós temos guardas lá fora que não têm idéia de estarem instalados num edifício contaminado. Com todo o respeito, senhores. Este procedimento fede!*

Doutores, Spock conjecturou, todos devem ter lições com McCoy. Ela realmente tem certa razão, mas essa não era a hora para um debate.

— *Dra. Renn, nós estamos sob ordens diretas do almirante Nogura* — Kirk disse austeramente — *E, devo lembrá-lo que esta é uma questão de segurança da Federação? O almirante está preocupado em prevenir o pânico...*

— E eu estou preocupada em fazer o meu trabalho com as mãos atadas. Isto é perigoso, senhores. Nós não teríamos armado seguranças lá fora se não fosse. Nós não teríamos requisitado sondas do almoxarifado se não pudéssemos entrar lá em trajes e analisar por nós mesmos. E agora estamos pedindo por oxigênio?



— Eu estou à bordo da *Enterprise*, Dr. Renn — disse Spock, franzindo o sobrolho — E eu lhe asseguro que a contaminação está contida. O Quartel General está fechado e não se pode entrar lá. Os guardas estão à postos para assegurar que nenhuma tentativa seja feita. Também peso o atraso de não se informar mais pessoal, mas as instruções da almirante para mim foram muito específicas. Depois que a cadeia de comando estiver totalmente instruída, eu acredito que a nossa investigação irá proceder numa maneira mais ordenada. Até lá, nós devemos fazer o melhor que pudermos. Senhor, uma palavra com você, se eu puder. — Nesse momento Spock cortou o canal de Renn e esperou até Kirk fazer o mesmo. Pela primeira vez desde que os terríveis acontecimentos dessa noite começaram, eles estavam sozinhos.

— Jim. Você está... bem?

— *Sim, Spock. Kinski e Renn estão fazendo um bom trabalho, mas... quando você vai descer até aqui?*

Spock hesitou. Este não era o momento para discutir a evidência de Saavik, ou a possibilidade de uma missão a qual Jim não estivesse no comando. Isso já seria difícil o suficiente quando chegasse a hora, se chegasse.

— Tem havido... desenrolares, Jim, mas eu prefiro esperar até sabermos mais. Eu estou preocupado de que as autoridades locais não tenham sido informadas, ao menos, que há um problema. Obviamente o almirante não ordenou-o a fazer isso.

— Não, Spock. Ele não ordenou.

— Então talvez ele já tenha feito.

— É, talvez, mas é melhor você checar isso.

— Deveras. E Jim, está sendo feito de tudo...

— Eu sei Spock. Pode ir.

Spock meneou a cabeça, e foi.

— Ainda em reunião, Sr. Spock. Ele retornará a chamada.

Spock suspirou e então sinalizou para seu próprio alojamento. Finalmente Saavik atendeu, pálida e serena.

— Eu devo ser breve, Saavik. Você está livre para explorar a nave. Observe as áreas restritas. Obedeça as ordens da tripulação.

— *Eu falei com o almirante Nogura, Sr. Spock. Você gostaria de saber o que foi dito?*

— Certamente. Você pode relatar.

— *Bem, primeiro ele me disse que eu poderia recusar a responder as questões. Eu não queria recusar, portanto disse-lhe tudo sobre a minha origem, o que vi e como nós sabíamos que isso era mais do que um sonho. Então ele perguntou se eu me submeteria a um exame e eu disse sim. Mas afirmei não ter mentido e que o elo mental era muito mais acurado. Então*

*ele disse...*

— Seja mais breve, Saavikam. Temos pouco tempo. Saavik franziu o rosto e começou a falar mais rápido.

— *Ele me perguntou sobre a mesma coisa que você, a respeito de encontrar aquela caverna novamente. Ele fez muitas perguntas sobre Hellguard e a missão de Vulcano. Parecia desconhecer os detalhes. Eu lhe disse o que sei e que poderia vistoriar minha fita de Privacidade se quisesse. Eu também sugeri que contactasse T’Pau em Vulcano, mas ele não se mostrou inclinado a fazê-lo.*

— Sem dúvida — Spock murmurou. — T’Pau talvez fosse o único ser na galáxia com o qual Nogura preferia evitar cruzar o caminho.

— *Então ele disse que o meu depoimento se manteria privado, o máximo possível. Isto foi o substancial de nossa conversa, exceto pela questão da minha idade exata. Desde que eu... não estou certa, ele me perguntou quem falava por mim em tais questões. Por quê?*

— Um detalhe técnico dos humanos — disse Spock. — Isso não tem consequência, exceto para eles. O que você respondeu?

— *Que eu falo por mim mesma. E se isso era insuficiente, você falaria por mim. Será que eu disse algo errado?*

— Não, Saavikam. Você agiu corretamente em tudo. — E eliminou um dilema pessoal também. O problema da informação de Hellguard foi resolvido: ele não foi forçado a quebrar uma confidência, e Saavik não estava limitada por uma. Nem mesmo ela perdeu o seu direito a privacidade. — Eu não devo retornar ao meu alojamento hoje à noite, Saavikam. Você pode descansar ou trabalhar lá, como bem entender.

— *Sr. Spock, eu gostaria de fazer uma pergunta. Eu voltarei a academia amanhã?*

— Nada está certo, mas... acho que não. Quando eu...

— Senhor...

Uhura virou de seu posto:

— É o comandante Dorish. Ele quer falar com você, se tiver tempo.

— Saavik, devo lhe pedir licença.

— *Sim.* — Sem mais palavras, ela desobstruiu o canal. E Spock refletiu que aquele seria a única conversa direta e audaz que aquela noite traria. Era, mais do que tudo, informativa.

— Sobre dispensar a tripulação dele, senhor.

— Comece ligando novamente para o nosso próprio pessoal. Licenças serão canceladas sob minha ordem. Informe a liderança do departamento para se prepararem para saída a qualquer momento. Comandante, fala Spock.

— *Aqui é Dorish, Spock. Você pode me dizer mais sobre esta tragédia?*

— Não agora, comandante. Dorish balançou sua cabeça.

— *Eu não entendo porque você nos tirou fora da nave afinal de contas.*

*Quero dizer, nós não éramos os que estavam em perigo, éramos? Eram aquelas pessoas lá embaixo em...*

— Comandante! Você está embaralhando esta transmissão?

— *Bem, não, eu só queria perguntar...*

— Por favor, diga de uma vez, senhor!

— ... *Feito, Spock, mas...*

— Comandante, eu tinha certeza que você havia sido informado.

— *Sobre as mortes no Q.G. ? Sim, Spock, já fui informado.*

— E a nave está desconectada da alimentação de ar da Doca? O acesso foi colocado sob vigia?

— *Sob vigia? ora, não. As pessoas lá estão autorizadas...*

— Desligue-a, comandante! E ponha a vigia de uma vez!

— *Agora, espere um minuto, Sr. Spock. Não há necessidade disso. A doca quatro é uma área restrita!*

— Comandante, eu... — Spock hesitou. Esta situação estava intolerável, e o perigo era claro e presente. Assim como a necessidade de o conhecer.

— Eu estou abrindo uma brecha nas ordens lhe contando isso, mas a contaminação veio daquela nave.

— *Mas não é daquela... não, Spock. Nós estamos todos bem!*

— Perdoe-me, comandante. — Spock pegou uma fita que ainda descansava sobre seu painel. — Minhas palavras foram imprecisas. A contaminação veio... deste objeto. Três outras como esta estavam a bordo...

— *Aquilo?* — Dorish engasgou. Toda a cor de seu rosto belo e rosado desapareceu. — *Aquela coisa matou pessoas?*

— Muitas... *Comandante?*

— *Ah, não, Spock* — Dorish murmurou — *Ah meu Deus...*

— *Tenente Robert Harper, reporte-se ao comandante Dorish em seu escritório... Tenente Robert Harper, reporte-se ao comandante Dorish...*

— Ah, não agora! — Harper ouviu seu próprio nome soando pelo intercom. Ele hesitou no corredor, então virou no Setor da sala 20. Dorish só poderia esperar — Ei, caras, vocês viram Obo em algum lugar?

Um grupo amontado de oficiais surgia por perto, balançando suas cabeças e conversavam em cochichos animados. Harper continuou andando, procurando debaixo dos grupos de pessoas apertadas dentro do bar, sombriamente ciente de que os boatos na Frota Estelar estava girando mais do que o normal esta noite. — Obo, Obo! Onde você está?

— ... Mas você não pode ligar lá embaixo agora. Você só consegue "Os circuitos estão ocupados, por favor tente de novo mais tarde." Eu tô lhe dizendo, alguma coisa está *acontecendo...*

Em uma mesa perto da janela, com uma vista privilegiada da *Enterprise* flutuando na Doca 21, três oficiais pediram mais uma rodada de drinques. O

progresso deles era representado por uma fileira de xícaras de sakê e copos de vodka.

O olhar de Harper vagava para a doca de atracagem lá fora, e ele sentiu uma angústia a qual não estava acostumado. Engrinaldada com cordames umbilicais e linhas gantry, protegida por módulos de serviço que trilhavam através de seu casco, a *Enterprise* flutuava em campos gravitacionais opostos, como uma rainha branca e radiante.

*Muito ruim nós não termos pego serviço na doca 21 hoje à noite; ele pensou. Obo teria gostado daquilo. É um privilégio, é um grande privilégio só olhar para ela...* E um sentimento pequenino e vazio o tocou, um rápido e desleal pensamento: Esta noite apenas olhar para *Enterprise* não pareceu... o suficiente. *Esqueça isso. Apenas esqueça. Eu nunca iria deixando Obo para trás. Não seria correio. Já consegui muito; mãe e casa e talvez se eu tiver sorte, um encontro com Jessie Kobert. Mas Obo só tem a mim. Onde estava Obo, de qualquer modo? Eu devia ter sido...*

— Harper! — Uma mão morena amigavelmente tocou no seu ombro. — Tenho que falar contigo! Adivinha o quê?

— Oi, Fred. Viu Obo em algum lugar?

— Nem. Não se preocupe, ele irá aparecer. Ouça, algo está acontecendo lá no Q.G.. Eles estão com guardas em volta do prédio; ninguém está entrando ou saindo. Você não ouviu?

— Sim, acho que sim. Eu disse a ele para esperar aqui por mim, e agora Dorish está me chamando para o escritório dele. Eu já preenchi o meu relatório e tudo o mais! Ele apenas terá que esperar!

— Isso aí, deixe-o esperar. Obo também. Deixe-me te comprar um drinque.

— Uma outra hora, Fred. Eu realmente tenho que encontrar...

— É exatamente *isso*, Harper, não *haverá* uma outra hora! Escute, eu já tenho a palavra... — DiMuro o arrastou para uma mesa vazia no canto, onde a única luz provinha do brilho das lâmpadas balançantes da *Enterprise*, e o única conversação audível vinha da mesa ao lado.

Um insistente chiado de um comunicador acompanhou a troca do oficial sênior. Ele finalmente pegou-o aberto e praguejou.

— É bom ser importante, Uhura! Esta é a minha *licença*...

— Escute-me, Harper, isto é importante! Eu recebi...

— *Zarpando?* Nós acabamos de *chegar*!

— ... *novas ordens*... acabaram de chegar! Eu estou zarpando amanhã! Harper arregalou os olhos ao entusiasmo explícito no rosto de DiMuro, e um soluço começou a formigar em sua garganta. Parecia que todo mundo estava se indo... e deixando-o para trás.

— Parabéns, Fred. Você realmente trabalhou para isso. Só que... ah, é só que, eu vou sentir saudades. Vamos lá, me diga para onde você foi

designado. — Ele sorriu. — É melhor alertá-los.

— Não precisa. Nada mais de travessuras, Bobby, você está olhando para um homem mudado. Amanhã eu vou pegar transporte para a Base Estelar Dez, daí vou me transferir para... — Uma repentina comoção na multidão do bar, interrompeu a estória de DiMuro. Ele chamou a atenção de Harper para a tela de vídeo. — Espere, olhe para aquilo!

As palavras piscando boletim de notícias eram superpostas à vista dos domos cintilantes de Life City contra a noite do deserto. Luzes de busca de naves de emergência circulavam-na, varrendo a cena, dando carona para a forma e logotipo de uma embarcação de linha terrestre e o empurra-empurra da multidão de passageiros que estavam sendo ordenados de volta por grupos da polícia civil.

— Aquela é a minha casa, Fred! O quê?...

— ... *Interrompemos nossa programação para um acontecimento na Califórnia. Você vê a cena como está se desenrolando, nesse exato momento, fora das biosferas do mais famoso museu da Terra; a linda comunidade no deserto de Life City. Esta história trágica pode ter ficado oculta por horas, exceto por uma simples luz de alerta no painel de controle de uma nave...* — Harper assistiu, dizendo a si mesmo que iria acordar em alguns segundos. Mas o pesadelo continuou. — ... *e não há resposta da estação de voo de Life City Nós temos uma fita daquele pouso de emergência, gravado por um fotógrafo à bordo...*

As cúpulas gigantes de Life City, completamente transparentes em contraste com a escuridão, brilhavam como uma constelação de faróis no chão do deserto. À medida que a nave começava a trajetória descendente, quase vertical, a câmera focalizava a cidade dentro dos domos: cenas de passarelas e árvores, lojas e parques floridos... e corpos. Espalhados por todos os lugares. No meio do caminho, entre um instante, tudo havia parado.

No bar, murmúrios abafados correram pela multidão. As pessoas começaram a se aproximar para ter uma visão melhor.

— Harper, aonde você está indo?

— ... Vou... ligar pra mamãe... ter certeza que ela...

— Espere. Veja o que eles... oh, Deus... — Enquanto a câmera planava sobre a massiva íris fechada do domo do hangar, a fita se congelou sobre a sua última imagem, começou a se aproximar, dolorosamente claro.

Uma nave de transporte da Frota Estelar descansava sobre a plataforma de pouso, sua escotilha aberta. Dois técnicos de terra com suas vestes brancas estendiam-se sem movimento pelo chão. A agonia da morte se mostrava sofrivelmente em seu rosto retorcidos. Assim como as manchas escuras que se espalhavam em suas peles.

— ... *Não há um comentário oficial a respeito., mas nós estamos cientes que exames preliminares não registram sinais de vida, por toda a extensão*

das biosferas...

— Harper... ei, Bobby, sente-se...

— ... *Ou o que deu errado lá fora no deserto da Califórnia. Até onde sabemos, aparentemente, Life City está morta.*

Mãos carinhosas levaram Harper ao seu assento. O tampo da mesa veio ao encontro dele, sustentando-o quando suas pernas falharam. Vozes reverberavam por um estranho túnel escuro, chegando a ele de um distante lugar. Uma mão firme, segurou-lhe pelo braço. Um som como zunido em sua frente, o leve odor de bourbon, e um par de gentis olhos azuis.

— Vá com calma, filho. Eu sou um médico... você conhecia pessoas lá embaixo? — ele estava perguntando, e DiMuro dizia alguma coisa, e Harper tentava pegar o fôlego para lhes dizer como tudo isso eslava errado. Mas a respiração veio tão pesada, e os olhos azuis não iriam ouvir. — ... Teve algumas más notícias, filho... está em choque, agora... isto vai ajudar. — Algo assoviou contra o seu braço.

— *Tenente Robert Harper, reporte-se ao comandante Dorish. Acelerado! Tenente Robert Harper...*

— Ah, não! Esqueçam dele! Eu... — O *hypospray* começou a fazer efeito. Harper inspirou ar para os seus pulmões, encarando a preocupação naqueles olhos azuis, o medo no rosto de DiMuro.

— ...Mas, ei, não é verdade... minha mãe?...ah, não...

— Eu temo que sim, filho, — o médico disse, ainda apoiando-o. — Agora tudo o que você precisa fazer, é sentar aqui por um minuto. Eu sou o Dr. McCoy.

— Da Enterprise?

— Exatamente, filho. Sente-se melhor, agora? Bom, parece que alguém quer vê-lo. — O doutor deu um tapinha no ombro de Harper. — Você pode ir com ele? — perguntou para DiMuro.

— Sim, senhor. Vamos, Bobby. Vamos ver Dorish.

A mente de Harper começou a fazer conexões: as coisas que eles enviaram por aquela nave, rumores sobre o Q.G., as notícias de Life City, e a nave vazia... isso tudo estava levando para alguma coisa, uma coisa terrível.

— Oh, Deus, Fred... o que foi que *eu fiz*?

Rostos cinzas preencheram as telas dos comunicadores. Da Doca Espacial Nogura presidia uma conferência na mesma mesa que estava o almirante Komack e mais três oficiais do alto escalão do Comando da Frota Estelar; o presidente do conselho e mais dois almirantes se faziam presentes pelos monitores. A bordo da *Enterprise* Spock se postou à frente do visor. No Refugio, Kirk batia com os dedos em seus dentes e esperava. Notícias de cobertura em andamento, tremulavam ao fundo, inclusive uma entrevista com um grupo, reunido rapidamente, de "*experts*" em causas potenciais de

desastre.

Ayla Renn examinava uma seção isolada de um corredor do 18º andar do Q.G. e verificava os sinais de duas novas sondas que flutuavam em cada extremidade. Doze cilindros de oxigênio aguardavam naquele laboratório improvisado, um vestíbulo entre o Laboratório e a sala dos oficiais previamente isolada pela paralisação da manutenção e livre de controles, painéis de circuitos, ou qualquer coisa elétrica que pudesse causar um mal funcionamento. Na presença de tanto oxigênio, a menor faísca poderia provocar uma conflagração.

— Apague os sinais, Sr. Spock — ela disse, ativando o visual. O corredor apareceu nos monitores. Ela tentou colocar a fúria e mágoa para fora de sua mente; pelo menos o pessoal da Ciências estavam no trabalho. Mesmo que não soubessem de toda a história, não havia poder intelectual para perder-se. — Aguarde, Ciências. Checagem cruzada em tudo.

— *O que nós iremos ver, Dr. Renn?* — Nogura perguntou.

— *Pelo o que eu entendi, senhor, — Kirk tomou a palavra —, as novas sondas devem nos dizer o que este contaminante é, e então nós poderemos determinar o procedimento necessário para expeli-lo ou neutralizá-lo. O Sr. Kinski tem gráficos preparados para nós sobre as leituras.*

— Sim, senhor... — Kinski manteve um olho nas notícias enquanto colocava um revestimento na imagem do corredor. — Nós iremos ver pontos azuis, amarelos e pretos. Os azuis para o oxigênio, os quais não vemos agora, porque não há nenhum ainda. Os amarelos são todo o resto, e os pretos são o contaminante. E cada ponto representa uma parte por bilhão...

Assim que o primeiro cilindro foi aberto, o visor mostrou um denso salpicar de pontos pretos ao redor da válvula, crescendo, espalhando-se como um enxame, depois como uma nuvem. Parecendo um apinhado de insetos virulentos, a nuvem flutuava, espessando-se no centro, dispersando-se nas extremidades até preencher todo o espaço que estava confinado em uma questão de segundos. Renn observava os dados, horrorizada.

— Vocês estão pegando isso, Ciências? Verifiquem aquela...

— *As sondas estão funcionais, Dra. Renn* — Spock confirmou.

— *Kinski* — Kirk disse, meio tímido. — *Onde estão os pontos azuis?*

— Eu não Sei! Eu fiz tudo certo!

— O seu visor também está correto, Sr. Kinski. Por favor fique tranqüilo. Outro tanque, outra nuvem, outro enxame; e a escuridão crescia mais e mais na tela. À medida que os cilindros se esvaziavam, um por um, os gráficos do revestimento escondiam a imagem do corredor.

— *Remova os pontos, Sr. Kinski — Spock disse, finalmente. As telas clarearam. O corredor parecia o mesmo de antes, decepcionantemente normal. As sondas ainda piscavam e funcionavam, indiferentes a um ambiente cheio de morte. O único som era o murmúrio abafado de um*

noticiário.

À bordo da *Enterprise*, Spock olhava no visor do seu posto de ciências, assimilando a enxurrada de informações enquanto que chegavam. Até que ele se virou para a tela principal.

— Sr. Presidente, senhores — disse —, nós estávamos errados. — Enviou uma simulação computadorizada para os computadores deles, uma hélice de constituintes globulares de moléculas entrelaçados como corda. — Aqui está o nosso fator-X, cavalheiros.

— *Bom, o que é isto, Spock?* — Nogura perguntou.

— O componente identificado é silício, mas um isótopo. Uma variação do elemento silício, a qual foi desenvolvido para ser uma arma. Ele absorveu todo o oxigênio confinado no Q.G. e em Life City. E é um isótopo que eu nunca vira antes.

O significado das notícias se fizeram pesar: Se Spock nunca havia visto isto antes, ninguém mais havia.

— Quando exposto ao oxigênio e a sub-microns de silício normal, ele reage tão rapidamente que no tempo levado por nossos aparelhos para registrar, o processo já aconteceu.

— *Que processo, Spock?* — Nogura estava ficando impaciente. — *Com o que, exatamente, nós estamos lidando? Algum tipo de arma química?*

— Reprodução, Almirante. Como eu disse, nós estávamos errados. De certa maneira ele está vivo, como um organismo gasoso, à base de silício; entretanto, ainda invisível para as nossas sondas médicas. Ele não está metabolizando vidro ou outros materiais de construção. Mas na presença de oxigênio e de minúsculas partículas de silício encontradas no ar, forma esta complexa cadeia de moléculas similares a genes. É um vírus, cavalheiros, um vírus molecular. E se prolifera à uma velocidade incrível.

— *Então nós o paramos. O que vai ser necessário para fazer isto?*

— Almirante, — Spock disse, — Eu não tenho idéia.

— *Comandante Spock?* — o presidente do Conselho da Federação falou pela primeira vez. — *Como você sabe que isto foi uma ação deliberada?*

— Minha... evidência empírica — Spock respondeu cautelosamente — é a própria arma. Por favor observe. — Ele apertou uma tecla.

E uma caixa clara, brilhando, linda, tão inocente quanto um arco-íris, surgiu diante de seus olhos. Nas profundezas de sua transparência, um ponto de luz despontou e começou a crescer, rodopiou, retorceu-se e cardou a mente. Cores estouraram em correntes vibrantes, do rubro ao violeta e todo o espectro cintilante entre eles.

— O que vocês estão vendo — Spock continuou — é, obviamente, irreal. O vírus é visível somente para os instrumentos. As cores e o movimento são estética... sedução, provavelmente gerada da carapaça interna de sua compartimento escudado por um campo holografia) ou



energético. Mas olhem...

Superposta sobre os desenhos, a simulação apareceu em monocromo simples e funcional. As luzes coloridas tecnicamente dentro da caixa se desfizeram em uma cadeia molecular idêntica.

— Um toque irônico, não é? Sim, Sr. presidente, foi deliberado. Arma molecular, uma classe completamente nova de equipamento bélico.

— *E este... vírus... tinha como objetivo ir para a atmosfera?*

— E teria ido — Spock disse —, se os ambientes da Frota Estelar e de Life City não fossem auto-suficientes, ou se alguém houvesse passado por uma porta na hora errada. Eu suspeito que a arma também seja fotossensível para detonar sob um raio de luz de alta intensidade. Um projeto bem engenhoso, desde que os mundos de alta tecnologia teriam meios de se defender e seriam difíceis de se conquistar. Mas eles também possuíam instrumentos para análise espectro-química e habitantes curiosos o bastante para usá-los. Não se engane, senhor, esta arma foi decididamente enviada contra a Terra. Uma estratégia ousada, mas lógica: o que funcionasse aqui funcionaria em qualquer outro lugar, com as defesas da Federação severamente comprometidas. Mas o Império procura expansão, mundos para colonizar. Talvez os idealizadores também tenham planejado isto. Talvez este vírus tenha um tempo limitado de "vida", ou exista algum remédio que o neutralize; depois do qual a atmosfera do planeta pudesse ser regenerada. Este é o motivo de precisarmos descobrir, e rapidamente. Se ele escapar, não haverá tempo para pará-lo.

— *Quanto... tempo, comandante Spock?* — o presidente perguntou.

— Temo que a questão seja acadêmica, senhor, mas... a total eliminação do oxigênio da atmosfera da Terra ocorreria em menos de... dez horas.

No Refúgio Kirk observava as faces em seus monitores. Renn balançava a cabeça, soturna, enquanto avaliava o fluxo de informações que ainda passava pela tela dela. Kinski estava roendo as unhas. Spock estava de costas à sua vista. Todo o resto estava nervoso, com expressões de descrédito e desaprovo, o olhar do paciente que recebe a notícia de uma doença terminal de seu médico.

— Spock — ele começou —, eu sei que o vírus consegue pegar o oxigênio necessário para a sua reprodução. Mas talvez se não houver silício...

— *Aias há, senhor. Em cada centímetro cúbico da atmosfera, em todo lugar da Terra, até mesmo na mais limpa sala de computadores: Pó. Pó comum e oxigênio é tudo que ele precisa.*

Houve silêncio por um momento.

— Cavalheiros. — Na Doca Espacial Nogura direcionou os almirantes ao redor da mesa de conferências. — *Nossos cientistas tem a missão deles*

*para cumprir. Nós temos outros assuntos para considerar. Primeiro, a questão da segurança. Acredito que todos concordamos que...*

— *Almirante Kirk?* — Na sala 2103, Kinski se aproximou da tela. O rapaz estava claramente assustado. — *Desculpe-me, senhor, mas eu não concordo com nada do que essas pessoas estão falando! Senhor, isto não é apenas um acidente industrial! Nós estamos falando a respeito do fim do MUNDO!* — O olhar de Kinski se cruzou com o de Kirk. — *Você entende o que eu estou dizendo?* — ele implorou.

Das profundezas isoladas do Refúgio, Kirk assentiu.

— Sim — disse. — Eu entendo.

## SETE

— *Eu recomendo o procedimento padrão, almirante. Os regulamentos de quarentena, dizem especificamente...*

— Obrigado, doutora — disse Nogura, com suavidade e uma veia saltada no pescoço. — Eu sei o que eles dizem. Você e o Sr. Kinski irão permanecer à postos até o fim desta crise. Ao redor dessa partição, vocês irão encontrar todos os confortos de uma casa. Isto é tudo. — Nogura cortou o canal deles. — A *Enterprise* está operacional, Sr. Spock?

— *Para que?* — Kirk se aproximou da tela.

— *Parcialmente, senhor. Aproximadamente metade da tripulação estava de licença de doze-horas. A situação do transportador tem atrasado o embarque deles.*

— Entendido. Eu vou designar-lhe adicional...

— *Operacional para o QUÊ?*

— Jim... — Nogura o silêncio com um olhar. — Você e o seu primeiro oficial tem certos assuntos para discutir. Vocês devem fazê-lo agora. — E a um toque de sua mão mais duas telas ficaram escuras. — Cavalheiros — disse para os seus almirantes —, alertem todas as bases estelares e postos avançados. Sem informações adicionais sobre este novo dispositivo de camuflagem, nós devemos assumir sua operabilidade; e antecipar o uso de naves não tripuladas travadas em alvos da Federação. — Com um aceno cortês de cabeça ele desconectou todas as ligações, menos uma, e aguardou até a sala de conferência estar vazia. Então ele se virou para encarar o Presidente do Conselho. O fardo do comando nunca pesara tanto, e parecia que o seu velho amigo havia sentido isso.

— *Você está à frente de um dilema, não é, Heihachiro?*

Vários na verdade, mas somente um o qual ele pudesse discutir agora.

— Sim. A Terra não é a soma total da obrigações da Frota Estelar. Os romulanos monitoram as nossas transmissões de mídia. Se eles souberem da situação no Quartel General, eles podem ser tentados a usar essa vantagem. Entretanto a quarentena deve ser invocada.

— *Você irá encontrar uma maneira. E o conselho vai se reunir com os extraterrestres em uma reunião de emergência; em um lugar não revelado, pelo que eu sei.*

— Os delegados estão à caminho da Doca. As naves estão aguardando. Almirante Komack irá falar ao Conselho.

— *Mande para mim as suas melhores mentes, Heihachiro. Eu preciso deles agora.*

— E eu preciso de tempo, senhor. Outras opções estão sendo exploradas, e outras vozes serão ouvidas. Sarek está vindo.

— *Entendo. E você, Heihachiro?*

— Não, Sr. presidente. Acredito que o meu lugar é aqui. Eu o manterei informado... — A tela piscou e escureceu. Nogura deixou sua sala de conferências por uma porta privada e permaneceu em pé, imóvel quando ela se fechou, focando os seus pensamentos em uma vista desenvolvida para acalmá-los.

No seu escritório da Doca Espacial, crescia um antigo pedaço da Terra, uma herança de família passado de mão em mão por gerações. A misteriosa bonsai ficava em cima de uma mesa negra de ônix, contra uma janela cheia de estrelas. Nodosa e matizada com um musgo esmeralda; os seus galhos nus e esguios trilhavam seu caminho rumo ao habitat pedregoso. Ela poderia ter sido um carvalho, Nogura sempre pensou, sempre soube que o seu ancestral tinha algo mais em mente. Este pequeno salgueiro ensinava uma lição que o poderoso carvalho jamais aprenderia: como se entortar. Para Heihachiro Nogura esta lição demorava a ser assimilada. E não poderia acontecer hoje à noite.

FARÁ DOCA CENTRAL/DOCA ESPACIAL FROTA ESTELAR/0155 H.

REF: TRANSPORTE DOS DELEGADOS DO CONSELHO ENTERPRISE, CONSTITUTION, POTESKIN PARTIR NO HORÁRIO: ENTERPRISE 0300, CONSTITUTION 0330, POTESKIN 0400 H. COORDENADAS DE DESTINO SEGUEM. TABELA DE TEMPO CRÍTICA. CONFIRMEM TODAS AS SAÍDAS.

HEIHACHIRO NOGURA, ALMIRANTE EM COMANDO, FROTA ESTELAR

— *Aguardem subida de pessoal: tripulações da Enterprise, Constitution e Potemkin. Integrantes da Enterprise têm prioridade nas plataformas. Todas as licenças estão canceladas. Repetindo: tripulações subindo agora, da Enterprise, Constitution e Potemkin...*

A fila na sala de transporte para o Setor 20 virava o corredor. Harper tentava passar, espremendo-se entre a multidão. Talvez se ele apenas olhasse com mais atenção, talvez apenas mais alguns minutos, talvez ainda houvesse tempo...

— Por aqui, Harper! Eu empacotei o seu equipamento. — DiMuro o puxou para a fila e abaixou a voz: — Olhe, você não tem que fazer isso, Bobby. Esqueça o que eu disse sobre... ei, onde está Obo?

— Não consegui encontrá-lo. — Harper chacoalhou sua cabeça, muito próximo das lágrimas. — Ele não vai entender por que eu saí assim. Eles deveriam ter me *prendido*, Fred. Deus, eu queria que sim. Eu *matei* a minha própria...

— Pare com isso! — DiMuro o interrompeu. — Você vai ficar louco se

continuar assim. Olhe, você não tem que ir.

— Não! Eu tenho que fazer isso! Ache o Obo para mim, Fred. Faça-o entender. Promete?

— Claro. E não se preocupe, esse garoto é mais forte do que a gente pensa, como você sempre...

— Vocês tem algum assunto a tratar aqui? — A mão firme de um guarda de segurança pousou sobre o ombro de DiMuro.

— Eu tenho, — disse Harper. — *Enterprise*... mas espere, Fred! Você também está indo embora! E eu nem sei qual...

— Então entre lá, senhor! O pessoal da *Enterprise* vai primeiro. — O guarda começou a escoltá-lo pelo corredor até a sala de transporte, com DiMuro os seguindo. — Vamos, eles estão esperando em um sexto.

— Aqui, pegue sua bagagem. — DiMuro passou a alça da bolsa pelo pescoço de Harper e apertou com firmeza. — Faça o melhor, cara.

— Suba na plataforma, Tenente. Ei, você... você não pode entrar lá! — O guarda barrou o caminho de DiMuro. Harper pôs a mão em sua mochila, adentrou na plataforma, e se virou para ver seu amigo esquivando-se de um braço musculoso.

— *Aguardando para energizar, mantenham-se quietos por favor...*

— Que nave, Fred? — Harper gritou através da multidão. — Quê?...

O guarda agarrou DiMuro, que sustentava um polegar triunfante ao alto.

— Reliant, Bobby! Cinco anos! Vejo você por aí...

O chilrear do transporte preencheu a sala. A sala se dissolveu ao seu redor, e Bobby Harper deixava o mundo que conhecia, para trás.

— ... *Transmita resposta se chamado; do contrário, mantenha silêncio de rádio. Além de Vulcano desligue o seu sinal de rastreio e desvie-se das rotas estelares mapeadas. A partir daquele ponto, Spock, vocês estarão sozinhos.*

— Almirante — Kirk ouviu as ordens, tentando se controlar —, se você pudesse dar à *Enterprise* algum apoio tático de...

— Eu não posso, Jim, e você sabe disso. Se você for pego, Spock, estará por sua conta, no espaço romulano. Sem autorização. O Comando nunca irá sancionar isto.

— *Entendido, almirante. A evidência telepática sozinha...*

— A evidência de Spock! — Kirk gritou em frustração. — Eu não sei dessa testemunha ocular, mas vocês podem fazer melhor do quê...

— *Jim. Tudo que eu posso fazer é ganhar tempo. E esperar que o Conselho não faça nada irrevogável Spock, estarei dando uma coletiva à imprensa às 0255. Eu quero a Enterprise^ra daquelas portas espaciais às 0300 em ponto. E, comandante... que Deus o acompanhe.* — Abruptamente, ele cortou a ligação.

Kirk sentiu o Refúgio se fechar em seu redor... *irrevogável...*

— *Guerra, Spock?* — ele sussurrou.

— *Incerto, capitão. As chances daquelas armas ainda estarem em Hell-guard são realmente pequenas. Nós temos que tentar alcançar aquele planeta antes que qualquer oportunidade de destruí-lo seja perdida. Jim... eu preferiria servir aqui...* — Um esforço familiar e antigo passou pelo rosto de Spock: Como expressar em termos lógicos a emoção que ele não se permitia sentir? Em todos os seus anos juntos essa visão nunca falhou em tocar Kirk, alegrá-lo. Agora ele não a suportaria por muito tempo, sem emocionar-se.

— Spock, a maioria da engenharia ainda está na superfície. Nogura está lhe mandando pessoal?

— *Ele estão embarcando agora, capitão. Devo checá-los antes da saída?*

— Sim. Faça isto. Vá em frente, Spock. Você tem coisas à fazer.

Coisas para comandar. Tudo que Kirk tinha para comandar agora era uma doutora impertinente e um alferes com os nervos à flor da pele. Bem, então era isso que ele ia fazer. Alcançou o comunicador:

— *Sim, almirante,* — Kinski respondeu. Renn tirou os olhos de seu serviço esperando por alguma notícia.

— Doutora, alferes. Parece que vamos ficar aqui por um tempinho. Renn meneou a cabeça.

— *Nós nos reportamos ao senhor?*

— Sim. Eu quero saber o que vocês sabem, quando vocês o souberem. Vou estar em contato de tempos em tempos. Não deixem que isso atrapalhe o seu estilo. — Sorriu para eles. — Vocês tem o meu código de comunicação. Chamem-me se precisarem.

— *A qualquer hora, senhor?*

— Sim, Kinski, a qualquer hora, — Kirk disse, pensando o quão jovem eles pareciam. — Eu vou estar bem aqui.

— Liberem as plataformas, por favor. Liberem as plataformas... estão todos à bordo, Sr. Spock, — McInnis disse pelo intercomunicador. A sala de transporte da *Enterprise* estava abarrotada de uniformes e ninguém estava indo para nenhum lugar. — ... Sim, senhor. Eu vou dizer-lhes. O Sr. Spock está à caminho, senhoras e senhores. Só mais uns minutos.

Harper gostaria que se pudesse sentar em algum lugar. Ele se sentia abalado, fraco nos joelhos. A sala pipocava com comentários e especulações. Alguém lhe perguntou se tinha ouvido sobre Life City; ele assentiu com a cabeça, tentando para as imagens que torturavam a sua mente. A alça de sua mochila estava pressionando o seu pescoço, portanto ele a tirou e repousou em um canto vazio do chão, e esforçou-se em não pensar sobre sua casa ou

mamãe ou Obo... ou aquela nave vazia na plataforma de aterrissagem.

Então o mar de vozes aquietou-se em suspiros. As pessoas prestavam atenção a um vulcano alto e sombrio que estava parado, de pé, na porta.

— Eu sou Spock — ele disse —, no comando temporário da *Enterprise*. Esta nave saíra em dezenove minutos. Apesar do nosso status diplomático, esta missão se qualifica como serviço de alta-periculosidade. Qualquer um que quiser abandonar a missão deve fazê-lo agora, sem nenhum prejuízo. — O seu olhar varreu a sala. Ninguém se moveu. — Muito bem. Bem-vindos à bordo. Procedam pelo corredor até seus alojamentos designações de serviço. Vocês estão de folga até amanhã. Tenente Robert Harper, por favor fique. O resto de vocês estão dispensados. Isso é tudo, McInnis... agora, então. Sr. Harper.

— Senhor. — Harper permaneceu firmemente, olhos à frente e ao centro, o coração afundando-se aos dedos de suas botas. Ele sentiu olhos vulcanos o perscrutando e desejou novamente ter sido preso.

— Dra. Katia Harper era sua mãe, — A voz era profunda, calma, quase gentil, — Life City era seu lar. Você já havia declinado uma indicação para esta nave, Sr. Harper. Você está pronto, agora, para o serviço?

— Sim, senhor, — ele disse com segurança, fitou aqueles olhos e descobriu que não podia desviar o olhar. — ... mas... há algo que o senhor deveria saber, — ele se escutou falando. — Eu... eu estava trabalhando na Doca Quatro nesta noite. Eu enviei aquela coisa para Life City. Foi minha idéia, senhor... e aquilo matou todos os meus...

— Eu li o diário de serviço e o relatório do Comandante Dorish. Você fez um pedido, que o seu superior aprovou. Para o benefício da experiência de sua mãe, eu teria feito o mesmo. O meu pedido simplesmente veio por outros canais. Como você deve saber, Sr. Harper, nós temos o mesmo fardo. — Nesse momento Harper soube que seguiria esse vulcano até os confins do universo.

— A sua culpa e remorso são reações humanas previsíveis, Tenente. Mas elas não são de uso algum para essa nave. E perigosas aonde estamos indo.

— Além da *Zona*? Harper deixou escapar esse repentino salto de intuição, então desviou o olhar. — Desculpe, apenas pensando, senhor. Nós vamos fazer alguma coisa, não vamos? Quer dizer, os romulanos não podem apenas...

— Nosso destino não é assunto para discussão, — Spock disse, afiado, sem contradizê-lo. — E eu não estou certo que você esteja capaz de avaliar a sua própria... por favor, Tenente, *explique* aquilo!

— Senhor? E não... — mas Spock estava olhando para além dele, franzindo o cenho para a mochila que ele havia deixado no chão.

Estava se movendo.

— Ah, *não*... — Ele engasgou, fixo no seu lugar. A mochila estremeceu

e pulou, rolou pelo chão. Pequenos dedos azuis surgiram da sua abertura, e das profundezas do tecido uma voz começou a suspirar.

— Nnnnãoo! Não é *fffallha* de Bbobby! Nnnãoo fique brrravo... — Em um emaranhado de meias, camisas e avisos de armário, braços ondulantes e olhos brilhantes surgiram, titubearam e caíram de um salto no chão. — *Bobby!*

— Obo se arrastou até os pés dele, juntando e separando as mãos em direção à Spock em súplica. — Sejja *boom*, cerrto?

Spock olhou os dois com desaprovação.

— Você tem alguma relação com este indivíduo, Tenente?

— Hã... sim, mas eu... — Harper queria morrer, não sabia se de embaraço ou regozijo. — Como você foi parar lá?

— Ssegredo, Bobby! Nnnunca contar! Fred disse nnnunca— Os olhos saltaram e cintilaram cheios de temor. — ooopa!

— Deveras. — Spock estudou a pequena pessoa vestida com um macacão da Doca Espacial que não levava nenhuma insígnia departamental.

— Qual é o seu nome?

— Ooobo, — ele respondeu.

— É um apelido, senhor, — Harper explicou. — O nome real é muito longo para que qualquer um possa...

— O seu nome *correto*, — insistiu Spock.

— Ooobbbboollloooddrrroobbbbooonnnnooo...

— Muito bem, Sr. Obo. As suas ações são altamente impróprias. Sua presença aqui não é autorizada. Foi sua intenção embarcar clandestinamente em uma nave da Federação?

A criatura brilhou. — Sim!

— Não, senhor. Ele não entende. Obo não é um integrante oficial da Doca, nem mesmo da Frota Estelar... apenas um tipo de... adoção. Senhor, tudo isso é minha culpa. Eu voltarei e responderei por quaisquer implicações...

— Por favor, Sr. Harper. Abstenha-se de assumir responsabilidades por eventos além do seu controle. Isto tudo soa muito irregular. Sr. Obo, o que exatamente, você faz na Doca Espacial?

— Ffáccill consseritto! — Obo se iluminou e bateu as mãos. — Mmuito rápido!

— Manutenção? — Aventurou-se Spock. Harper mexeu a cabeça fracamente.

— Veja, senhor, Obo pode consertar qualquer coisa mais rápido e melhor do que ninguém. Ele sabe, inclusive, antes que algo quebre.

— Sim! — Obo andou desengonçado até Spock e abraçou suas pernas.

— Eu sou *boomm!* Você vai *gostar* de miim! — Ele pegou a mão do vulcano.



— Obo, não! Não... — Harper demorou demais. Ele assistiu, horrorizado, enquanto Obo começou a usar a mão de Spock para acariciar sua própria cabeça. Sem oferecer resistência os dedos vulcanos ali ficaram, e olhos de néon se fecharam. Obo corou-se de azul para rosa e de rosa para lavanda claro. A mão de Spock finalmente escorregou. Ele cruzou os braços, levantou uma sobrancelha; e Harper perdeu qualquer esperança de jamais servir à bordo da *Enterprise*.

— Obo! Diga que você se desculpa! Você não devia...

— Tenente Harper, — Spock disse severamente, — às 0800 horas, você irá se apresentar à enfermaria. O oficial chefe médico irá determinar a sua aptidão para o serviço. Você, Sr. Obo, é um clandestino. Portanto, irá trabalhar por sua passagem nessa nave. O que você ouviu aqui nessa sala é *estritamente confidencial!* Você entende?

Ele assentiu com a cabeça, solene. — *Nnnuncca* conntarr!

Spock franziu o cenho. — Agora, ele é sua responsabilidade, Sr. Harper. — ele disse, e deixou a sala. Harper o fitou, pasmo.

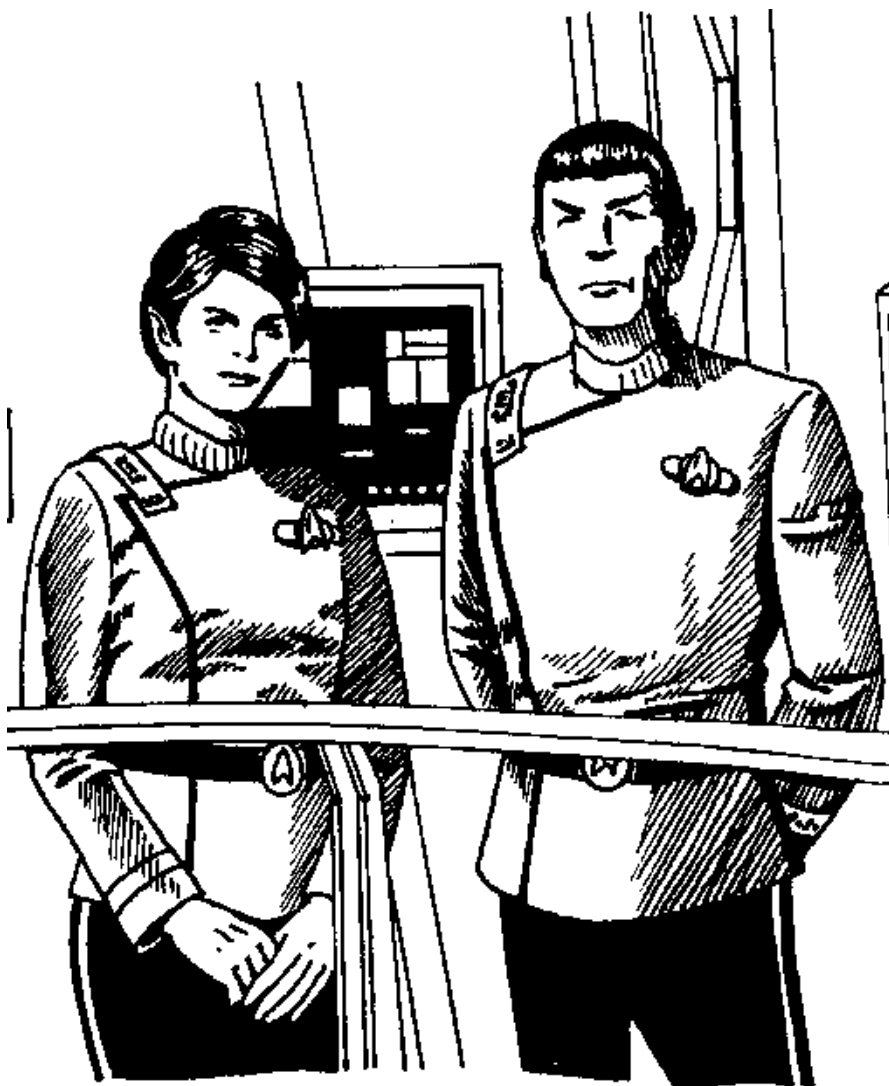
O rosto na tela de Kirk inspirou imediata confiança. Somente aqueles que conheciam bem Nogura, notariam as Unhas que não costumavam estar ali, os olhos vívidos agora já sem tanto vigor devido à fadiga. Mas essa era a própria face do comando, a reafirmação da sabedoria, a voz de autoridade. O seu tempo era perfeito, e sua fala sem falhas.

— ... *Almirante Heihachiro Nogura, falando a vocês do Comando da Frota Estelar. De acordo com os estatutos da Federação, O Código de Contingência Planetária está em efeito desde às 0300 horas, horário do Pacífico. Esta medida de precaução tornou-se necessária devido ao trágico e ainda sem explicação desastre em Life City, Califórnia. Até que a causa dessas mortes seja determinada, o planeta Terra foi posto sob Quarentena da Federação. Nós lamentamos a inconveniência aos cidadãos.*

— ... e você obteve permissão, Spock? Sem impedimentos? — Kirk olhou para o rosto de Spock em uma tela, enquanto o discurso de Nogura continuava em outra. A ponte parecia tão normal como se ele estivesse fazendo uma chamada de rotina de sua cabina. Como se essa fosse uma outra missão qualquer.

— *Nenhum, Capitão. Nós estamos zarpando agora. Silêncio de rádio, senhor. Eu acredito que futuras comunicações não serão possíveis.* — Spock não se importou com os murmúrios ao fundo de plataforma vazias, força em reverso, um quarto de força de impulso. A *Enterprise* estava à caminho.

— ... *transporte para dentro e fora do planeta irá cessar até ordens contrárias. Todo o serviço de naves de órbita-terra estão suspensos.*



— Spock, Scotty vem dizendo que a aceleração de dobra " está engraçada". Ele quer checá-la em vôo. E aquela pequena luz no painel da minha cadeira nem sempre funciona, não significa nada. Quer dizer.... bem, apenas tente pará-la. Ou então pergunte à Uhura. Talvez ela...

— *Capitão, eu intenciono retornar sua nave ao senhor em perfeitas condições de uso. Todos os sistemas serão exaustivamente...*

Ao fundo houve uma repentina comoção vindo do elevador: Uma voz irada começou a gritar na ponte.

— *Descobrir o que tá acontecendo aqui!*

— Magro. — Kirk tentou sorrir quando McCoy mostrou seu rosto preocupado.

— *Jim! Eu ouvi que você está perdendo o bote! A Terra está sob quarentena, e nós estamos comissionados para uma missãozinha diplomática... mas eu não estou vendo nenhum diplomata!*

— Spock irá explicar.

— *Hum. Vai ser um daqueles dias!*

— Cuide bem da minha tripulação, Doutor.

— *Bem, Deus sabe que eu tento. Scotty está lá embaixo fuçando nos motores, e nós não vamos nos falar, e eu tenho uma enxurrada de garotos novos precisando de remédios... você escolheu uma hora perfeita para tirar férias, Jim.*

— Desculpa, Magro.

— *Capitão,* — disse Spock, — *estamos nos aproximando das portas espaciais.*

Era assim. Alguém tinha que desligar, e Spock não iria fazê-lo. McCoy fitou ambos e se irritou.

Foi Kirk que finalmente quebrou a conexão. — Boa sorte, para todos vocês. Kirk desligando. — O Refúgio parecia repetir suas palavras. Nogura continuava a falar.

— *...restrições são temporárias, procedimentos legais requeridos. Nós esperamos restaurar...*

Ele desligou isso também. E estava completamente, absolutamente, sozinho. Pânico surgiu em seu peito. Ele lutou contra, fechou seus olhos e estava de volta à ponte, reconhecendo cada som, cada ordem, cada movimento. Sentindo a paz inquietante e os elevados batimentos dos corações de sua nave e tripulação indo atrás do perigo. Sem ele.

E sem a promessa de algum dia voltar.

Kirk abriu os seus olhos, O Refúgio cresceu sobre sua cabeça, cinza e descompromissado, todas as luzes mudas, terminais de computador e aço: uma cidade subterrânea com a população de uma pessoa. Nenhum batimento cardíaco além do seu próprio. Em cima, ainda era primavera, as flores ainda desabrochavam, e apesar de tudo o mundo continuava a girar.

*Não era?* O pensamento que poderia não ter mandado a mão de Kirk segurar o comunicador como a linha da vida, e ele apertou a tecla errada.

O alferes Richards permanecia sobre a página aberta, congelado no tempo. Kirk aumentou a imagem mais e mais. A impressão veio em foco, e por entre aqueles dedos sem vida, ele podia ler as palavras:

— **Isso é tudo? — Eu perguntei.**

— **Bom isto é tudo que você irá escutar, meu filho,** — retrucou Silver.

— **... bom,** — eu disse... — eu sei muito bem o que tenho de

**procurar. Tenho visto muita morte desde que me juntei a você. Mas há uma coisa ou duas que tenho a lhe dizer... aqui você está em maus lençóis: o navio perdido, o tesouro perdido, os homens perdidos; o seu negócio todo afundou; e se você quer saber quem fez isso tudo... foi eu! Eu estava no barril de maçãs a noite que...** a página ficou sem palavras.

E o medo percorreu até as entranhas da alma de Kirk. Pela sua nave, seu mundo, sua Federação, às portas de uma guerra... e por todos os irmãos menores. Em todos os lugares.

Saavik ficou no Deck de observação e pressionou sua testa contra a parede transparente por um último relance das docas de atracagem, que se iam. À medida que a Enterprise subia mais e mais na torre celeste, os portões massivos da Doca Espacial sumiam de sua vista. Então com os sinais mudando de vermelho para verde e começando a piscar, as portas passaram a se mover. Elas partiram devagar, adentrando em noite profunda e constante.

— *Agora deixando a Doca Espacial. Preparem-se para velocidade de Dobra.*

Ela escutou um passo atrás dela, sentiu uma quieta presença.

— Comandante Uhura, — ela murmurou.

— Não foi bem a visita que você planejou, Saavik. Que pena.

Saavik não encontrou nada para dizer, e Uhura não parecia esperar por algo. A comandante tinha estado na ponte por todo esse tempo; e deve ter ouvido... tudo. Enquanto elas ficaram ali, juntas, observando as estrelas passarem, a rotação da nave carregava a Terra à vista. Saavik pensou em oceanos e chuva, árvores de flores, baseball sob o sol safira e o céu cobalto. E pessoas. Todas as pessoas.

Talvez eles não vissem essas coisas nunca mais.

— O seu mundo é muito bonito, Comandante.

— Sim, — Lágrimas preencheram os olhos de Uhura. — Sabe, uma grande parte de nós, nunca esteve aqui. E alguns de nós não aparecem com muita frequência. Mas aqui é de onde eu vim, uma vez. É meu... lar.

Aquela palavra novamente. — Eu costumava acreditar, — Saavik sussurrou, — que em uma nave, importava muito mais aonde eu estava indo do que de onde eu tinha vindo. Eu tenho muito o que aprender.

— Bem, você está certa em achar isso... — Uma lágrima escapou, descendo pela face de Uhura; ela nunca tirou os olhos da vista. O planeta permaneceu sobre eles: um crescente azul, frágil, cheio de água, o sol amarelo surgindo e iluminando a partir do leste, trazendo um poente ainda horas distante dos domos de Life City e das paredes com janelas da Frota Estelar onde não havia ninguém vivo para vê-lo chegar. — ... por que é verdade. E nós estamos sempre em uma nave, Saavik. Quer saibamos ou não.

*Mas agora nós estamos indo para onde eu vim, Saavik pensou, para um lugar sem belezas ou bondade. Apenas um sonho. Mas eu vou encontrar aquele sonho e aquela terrível coisa que eu fiz; no meu mundo feio e odioso. E eu juro, eu juro por esse lindo planeta e por essa nave que nos mantém vivos, eu vou matar aquele sonho; mesmo que ele me mate. Farei o que for necessário, para que aquele lugar malévolo jamais, jamais machuque alguém novamente...*

A Terra afundou abaixo de seu campo de visão, e quando Saavik olhou ao redor se encontrou sozinha.

*Velocidade de Dobra em dez segundos. Preparem-se, por favor...*

Não havia som, somente um tipo de pausa, uma leve vibração no deck sob seu pés. Então o espaço ficou selvagem. Formas e cores surgiram no espectro. A luz se afunilou. Sentidos balançaram, referências se dissolveram, e Saavik tocou a janela com as suas mãos, desejando sentir o próprio campo quântico. Repentinamente a luz esvaiu-se; a galáxia se contraiu a um funil de escuridão. De bem longe do seu ponto de desvanecimento, asteróides e planetas se destacavam, arremessados em sua direção, rolando por debaixo de suas mãos.

E com os anos-luz escoando por seu dedos, Saavik quase esqueceu aonde estavam indo. Não havia Hellguard aqui, sem fúria, sem vergonha. Sem passado ou futuro, nascimento ou morte. A vida estava em uma nave, com destino ao Infinito, e lá havia apenas estrelas.

O Pretor Tahn não era um homem ideológico, ou inteligente, e provavelmente jamais estaria entre os bravos e destemidos. Mas ele tinha o conhecimento necessário para manter a sua casa até aquele fatídico encontro noturno. Sendo a tempos conhecido, um dia viria o fim para a sua inutilidade em relação à Causa, ele havia planejado bem o dia inevitável ; tanto que quando este chegou, ele desejou estar em qualquer outro lugar.

A salvo, rico, em outro lugar.

Pequenos montantes no princípio, fundos desviados de projetos secretos ou compras de naves Klingons, discretamente convertidos em moedas de ouro e prata do reino, algumas vezes um rubi precioso; negociável em qualquer local, qualquer mesmo. Pelos anos a fora o seu talento contábil e sua fortuna cresceram. Mas gastá-la neste "holding" patético, cercado por estados muito mais poderosos que o dele, iria comprar apenas desastre e escrutínio. Ele odiava esse lugar de qualquer maneira, odiava esse mundo de águas negras. Ele queria vinho, não armas; seda, não naves. A vida havia lhe deixado uma herança miserável e perigosos vizinhos, mas o Pretor Tahn sonhava com coisas melhores.

Só que aquela noite ele disparou para sua casa, o pânico batendo em seu peito, as palavras do Primeiro soando em seus ouvidos: *traição interna...*

*naves e soldados...* os seus... e tremendo dentro de sua capa, ele mandou os servos para a cama, pegou sua lanterna e chaves, e desceu rumo a uma sala trancada no profundo de seu porão mofado.

Havia sumido. Todos os seu vinte cestos, todos os seu cuidadosos planos, todos os seus sonhos de um sol quente e da boa vida algum dia; *sumido!* Sem muito mais que um arranhão na fechadura. *Oh deuses...*

De alguma maneira, o Primeiro o tinha descoberto. Aquela sala vazia era a sua sentença de morte, para ser decretada por uma mente negra e mortal; cuja identidade ainda era desconhecida por ele, cujo Grande Desígnio iria levar o Império abaixo.

O Primeiro havia se superado dessa vez: as suas armas podiam por fim a mundos. E as naves de invasão não viriam de dois ou três convenientes conflitos provocados, não. Elas viriam às centenas, aniquilando os mundos do Império, jogando a população do Império pelas estrelas, pelo que estes ousaram fazer. Protestos iriam atingir oficiais do governo, que não saberiam de nada, negando tudo, como fizeram tantas vezes antes. Eles cairiam em descrédito. E certo como o sol nascente, aquelas naves iriam vir.

Tahn sabia disso, e estava com medo. O copo tremia em sua mão; o vinho estava amargo e não lhe trouxe nenhum descanso. Ele havia gasto esses dias marcando presságios, lançando pedras, procurando sortes na mais simples das coisas. Isto era um mau sinal para si mesmo. As coisas não eram mais tão simples. Sua vida se sustentava por um fio, e ele aguardava.

Finalmente, de uma janela alta, ele viu a esperança chegando livremente aos seus portões: uma capa negra balouçando, o capuz jogado para trás, sorrindo para os guardas que o deixavam passar. Uma esperança, uma chance... mas significava confiança... *Oh deuses...* Tahn começou a suar quando passos romperam pelo corredor, se arrepiou ao abrir da porta.

— Velho amigo! — Tahn chorou, e tomou um pouco de vinho. — Pelos deuses, você veio!

— Sempre aos seus serviços, Tahn, — disse o homem, sorrindo, e se serviu de comida e bebida, como se em todo o Império não houvesse nada que pudesse temer. — Como vai o mundo?

— Oh, não fale em mundos, velho amigo. De um jeito ou de outro, eu estou deixando este aqui, brevemente. Os planos... mudaram, você entende, — Tahn se agarrou desesperadamente a generalidades. — Os eventos se movem mais depressa que...

— Por quê, você não está parecendo muito bem, Tahn. O peso do cargo, talvez? Alguma pressão governamental?

— Sim, sim... hã, não. Um pequeno problema, trivial, ainda pedindo por discrição... é, segredo, eu diria. Velho amigo, — ele deixou a falsidade de lado, — eu preciso de sua ajuda. Eu estou em perigo. Mas se você me apoiar, e for bem sucedido, pode escolher a sua recompensa.

— Quando você disser qual o problema, amigo. Um depende do outro. Tahn checou o escudo de som, e então cruzou a sala e pegou o seu visitante pelo braço. Enquanto os seus dedos afundavam nas dobras da seda escura, ele ponderou como este homem vinha de tantas luxúrias, pensou várias coisas a respeito dele; e sentiu um repentino temor. Mas não havia tempo para divagar. Os interesses deles haviam coincidido por muito anos, e Tahn tinha que confiar em alguém. O que havia sido seu, seria seu novamente.

— Então escute bem, velho amigo, — ele sussurrou com rouquidão. — E faça isto se for capaz. Minha vida depende disso ...

O seu convidado partiu tão sorridente e solto quanto chegara, e Tahn agradeceu aos deuses, apenas no caso de haver algum. Quem quer que o Primeiro fosse, aonde quer que ele atacasse, agora Tahn tinha uma chance. Agora ele tinha um plano. Agora ele tinha os serviços e a palavra de seu amigo fértil em recursos. E agora, quando havia tempo, Tahn não divagava mais. Agora ele tinha que acreditar.

Três dias depois, um nave, tripulada por apenas um homem, entrou no espaço da Federação, o que fizera sem alertar a rede de sondas e estações de inspeção que monitoram a Zona Neutra. Os sensores dela examinaram aquele setor vasto e vazio, sobrepos-se e passou novamente, examinando mais uma vez; quando um simples ponto se movendo apareceu nos limites de seu alcance, o rádio automático reagiu exatamente como programado, enviando a única mensagem que não poderia ser ignorada:

... SOCORRO ... SOCORRO... NAVE À DERIVA... SOCORRO...

# OITO

Era o terceiro dia deles fora da Terra. Com Spock no seu posto de ciências e a tripulação sênior de serviço, a cadeira de comando ficava estranhamente vazia. A Enterprise estava cruzando parsecs de estrelas, para "passar por cima da Linha" sem alertar as estações de inspeção que monitoram a Zona Neutra. Existiam pontos cegos naquela rede de segurança (Sulu os chamava de "portas de contrabando"), onde a interferência de íons ou a passagem de cometas obscureciam os sensores automáticos; embora alguns não funcionassem por causas menos naturais; e onde os olhos e ouvidos dos postos avançados poderiam ser driblados. Além da Subestação 36, a tempestade iônica NZ14 se fazia presente por meses, espalhando suas partículas barulhentas pelo espaço ao redor. Naquele ponto a Enterprise poderia entrar na Zona Neutra e margear a fronteira do Império para chegar à 872 Trianguli.

Spock tinha colocado os seus oficiais a par da extensão da crise na Terra e o objetivo de sua missão. Hoje, todos na ponte sabiam que o destino de mundos estava sob a Enterprise, mas apenas Spock e Saavik sabiam que a Enterprise estava rumando em direção a um sonho.

Ela gastou seu tempo fazendo lições em um painel próximo do de Spock, observando a rotina de uma nave estelar com infundável fascinação, tentando entender a razão pelas constantes consultas privadas que ele fazia com o Sr. Scott. Ontem ela perguntou se podia o acompanhar, mas Spock apenas levantou uma sobrancelha gélida, apontou um erro de sintaxe em sua versão de silogismos simbólicos da poesia de T'Larn, e informou a tripulação que a manutenção de rotina deveria ser conduzida em sua ausência. Então ele saiu. E em vista do que aconteceu depois, Saavik esqueceu tudo sobre esses misteriosos encontros.

O elevador que Spock chamara continha um passageiro, o ser mais estranho que jamais vira. Os seus olhos cintilavam um amarelo brilhante; os seus dedos filamentosos balançavam em uma saudação; e a sua voz borbulhava como se estivesse debaixo da água.

— Oi, Ssspock! Me veja fazeerr fffáccill conssertto?

— Não Sr. Obo. Eu estou indo a um encontro. Pode prosseguir.

— Tudo bem. Tcchau. Oi!!!, pppessoal!

Depois disso, aquilo começou a trabalhar por toda a ponte, tagarelando, usando as extensões capilares de seus dedos frágeis para remover tampas de painéis, consoles de sondas e geralmente vários de uma vez e os montava com uma rapidez inacreditável. O tempo de resposta dos instrumentos aumentou. O painel de Uhura não mais chiava; agora soava. Uma mão de passagem baniu o ranger da cadeira de Saavik, o qual ela não havia mencionado a ninguém. No posto de ciências Obo não encontrou nada para



ajustar. Ele parou, sua pele assumiu um singular nuance de rosa, e alisou o visor com grande respeito. — Sssspock! — ele inferiu corretamente. Depois de reparar o painel de

comunicação do descanso de braço da cadeira do capitão, ele subiu nela e adormeceu. Que foi onde Spock o encontrou ao voltar para a ponte.

— O nosso clandestino parece fatigado, — observou calmamente. — Comandante Uhura, talvez você possa acompanhá-lo até os seus aposentos. — Então ele sentou para trabalhar, ignorando a tripulação boquiaberta.

Saavik não viu a estranha pessoa desde então. Hoje estava apenas começando, e ela imaginava a próxima coisa a acontecer.

— Estou recebendo um sinal, Sr. Spock. Canais da Frota Estelar, — disse Uhura na quietude do turno da manhã.

— Informação nova, Comandante?

— Sim senhor. Todas as viagens não essenciais foram suspensas, e as naves estão sendo chamadas de volta para as bases estelares... — Ela escutava, franzindo a testa. — Soa como se estivessem colocando a frota de prontidão.

A notícia caiu como uma bomba. E a estória por detrás era clara para todos: não ocorrera mudanças na Terra. O seu capitão ainda estava preso, e o seu mundo ainda estava em perigo de extinção.

— Vai haver uma guerra? — Saavik perguntou.

— Nós esperamos que não, — disse Uhura.

— Mas vocês estão se preparando para uma. Isto não irá salvar o seu mundo.

— Mas pode salvar o mundo de outros, — disse Sulu com firmeza, — Ninguém quer guerra, Saavik, mas há um principio envolvido: ninguém pode eliminar planetas também. É a caixa de Pandora, se repetindo outra vez.

— Uma feliz alusão, — Spock concordou, andando pela ponte. Hoje o Tenente Harper estava sentado na engenharia, o único membro novo deste turno. McCoy o declarara apto para o serviço, e os testes em vôo que Scott estava realizando, desviava todo o pessoal menos os de tarefas não essenciais. Harper levantou o olhar, pálido sob as sardas, então voltou-se para o seu painel novamente. Ele raramente falava de qualquer maneira.

— O que é a caixadepandora? — Saavik viu a oportunidade de ir à parte baixa da ponte para dar uma outra olhada nos controles do leme.

— Um velha estória. — Sulu explicou. — Uma de nossas lendas de criação diz que Pandora fora a primeira mulher na Terra, e a ela se foi dado todos os dons dos deuses. Ela era muito inteligente e bonita. Mas os deuses também deram-lhe uma pequena caixa, e a única coisa que a proibiram de fazer era abrir aquela caixa e ver o seu conteúdo.

— Por que? — Saavik franziu o cenho. — Se era dela?

— Eu estou chegando aí. Bem, além de ser inteligente e bonita, Pandora era cheia de força de vontade... e muito, muito curiosa. E talvez ela tenha se feito esta mesma questão. Então ela abriu a caixa. E lá dentro havia o mal, pragas, problemas e defeitos. Ela fechou o mais rápido possível, mas apenas a esperança ficou presa na caixa. O mal escapou para o mundo, e tem estado conosco desde então.

— E é nisso que os humanos acreditam? — Saavik estava consternada.

— Hã... não, realmente não. Isto é apenas uma estória, Saavik, um mito. Mas mitos são parte de nossa herança, e eles tem estado conosco há muito tempo por conterem algo de verdade.

— E qual é a verdade nessa em particular, senhor? Eu não consigo perceber.

— Bem... — Sulu estava se sentindo um pouco fora de seu departamento.

— Eu acho que o ponto e que curiosidade demais não é uma boa coisa, e , hã, que os deuses devem ser obedecidos, e...

— O ponto dessa estória, Saavik, — Uhura se virou com uma chama nos olhos, — a qual certamente algum homem inventou, é que todos os problemas do mundo foram causados por uma mulher.

— Em Kiev, — Chekov retrucou. — a qual não irá retornar as minhas chamadas!

A julgar pelas risadas que seu comentário causou, Saavik decidiu ignorá-lo intencionalmente. Ela se virou para Uhura.

— Mas certamente isso está errado. Na verdade, uma visão geral da história política do seu planeta sugeriria....

— Saavik, — disse Spock, sem interromper seu trabalho, — os humanos não consideram educado discutir sua política.

— Oh. — Ela franziu o rosto, insatisfeita. — Perdoem-me. Mas então eu gostaria de lhe perguntar uma questão sobre os seus deuses.

Uhura deu um sorriso largo. — O que você gostaria de saber?

— Eu gostaria de saber por que eles fariam uma coisa tão imoral em primeiro lugar! E por que a curiosidade, que é uma função inerente ao intelecto, seria considerada uma coisa ruim?

— Porque aqueles velhos deuses não queriam ser questionados, eles queriam ser obedecidos. E as pessoas se acostumaram a achar que coisas meramente mortais, simplesmente não eram para ser sabidas. Mas Pandora não se saiu mal sozinha, os deuses puniram toda a humanidade por ser curiosa, e a esperança é tudo o que nos deixaram; pelo menos é o que conta a estória.

— Esperança? — A sobrancelha de Saavik se arqueou. Uhura suprimiu um riso. — Mas do jeito que eu entendo, esperança é uma atitude emocional, uma crença de que tudo vai estar bem, quaisquer que sejam as evidências ao contrário.

— Sim, isto é o que ela é. — Uhura meneou a cabeça, repentinamente séria.

— Eu não tenho referenciais para deuses ou esperança, — Saavik admitiu; seus olhos ardiam, e sua opinião sobre a racionalidade humana estava sendo revisada, para pior. — Mas quando o mal vem dentro de caixas, pessoas o colocaram lá. Talvez essa Pandora apenas quisesse aprender. Por que a lenda a condena, quando foi os seus deuses que foram tão ardilosos?

— Agora, essa é uma boa questão, Saavik. — Uhura sorriu, e Harper deu às duas um olhar de eterna gratidão.

— E eu também não compreendo essa adoração a deuses na completa ausência de provas de sua existência. E se seres superiores realmente projetaram... criaram o seu planeta, o progresso intelectual e o desenvolvimento de sua espécie não deveria agradá-los mais do que adoração, ou obediência cega para...

— Saavik, — disse Spock das profundezas de seu visor, — os humanos também consideram deselegante criticar as crenças religiosas de alguém. Nós devemos rever os tópicos aceitáveis de conversação na sua lição de hoje à noite.

— Sem dúvida, — Murmurou Saavik, claramente frustrada. — Perdoe-me. Eu não estou acostumada com os seus tabus culturais. Eu devo aprender e respeitá-los. Mesmo entre os vulcanos, — ela franziu o rosto na direção da cabeça de Spock, — certos assuntos são considerados embaraçosos demais para serem discutidos. Eu tenho dificuldade com o conceito, por que me parece que se uma coisa existe as pessoas deveriam ser capazes de...

— Saavik. — Spock se virou, notando um desapontamento geral com a sua interrupção. — A informação que você requereu está agora na sua tela.

— Saavik ficou em silêncio. Sim, alguns assuntos eram embaraçosos. Ela foi pega pelo olhar de Spock e se sentiu envergonhada. Sem mais uma palavra, se dirigiu para o seu assento. Spock a observou por um momento e então voltou-se, os braços dobrados e a sobrancelha levantada a perscrutar a ponte, gesto que mandou todos de volta ao trabalho cobrindo os seus sorrisos.

Nesse instante o painel de Uhura fez um chiado não usual, só que a voz irada rateando em seu ouvido era bem familiar. Ela virou um botão para deixar todos escutarem.

— Por que ninguém me disse que havia um Belandrid à bordo dessa nave? No seu posto, Harper se alarmou.

— Qual é o problema, Doutor McCoy? — Spock perguntou.

— O problema é que ele está inconsciente em cima da minha mesa, e eu não sei como tratá-lo!

— Sr. Harper, reporte-se à enfermaria, — Spock disse. Harper soltou um rápido ôbrigadosenhor! e rumou para o elevador. — Qual é o problema do

Sr. Obo, Doutor?

— Obo... bem, eu não sei isso também! Pelo o que eu entendi, Scott gritou com ele!

— ... não queria machucar o monstrengo! — Scott encostou na enfermaria e esfregou as mãos. — Ele tava pondo os seus dedos finos nos meus motores! Nós estávamos recalibrando o drive você sabe...

— Nenhum sinal de ferimentos, — McCoy disse, passando o seu analisador por sobre o corpo flácido. — O que aconteceu, Scotty? Ele levou um choque ou alguma coisa parecida?

— Agora não comece a insultar os meus motores, Dr. McCoy! Você não tem antecedentes para ficar falando de choques!

— Obo? — Passos tímidos faziam-se escutar no corredor, e Harper entrou pela porta. — Obo, eu lhe disse... hã, Doutor, Comandante Scott. Eu lamento profundamente sobre isto. — Ele baixou seu olhar para Obo, e começou a acariciar o topo da cabeça dele. — Vamos lá, — ele disse. — hora de acordar.

— Você não parece muito preocupado. Isto acontece com frequência? Ele tem desmaios sempre?

— Não exatamente, senhor. Veja, bem... Obo é meio diferente.

— Não diga! — McCoy estava examinando os dedos dele. — O que há de errado com ele?

— Bem, se o Comandante Scott... hã., gritou, isso poderia...

— O monstrengo estava mexendo no meu regulador de dilitium e...

— Consertando, senhor. Mas Obo esquece de pedir permissão.

— Nós nem sabemos o problema ainda, rapaz, portanto ele não poderia saber o que consertar! Isso sem contar o prejuízo que ele fez! Recalibrar o drive é muito, muito delicado...

— Calma, Scotty. Ele está voltando a si. Não o assuste de novo. — McCoy apontou o seu escritório para o engenheiro, e Scott foi para lá, resmungando algo sob sua respiração. Pontos amarelos começaram a brilhar debaixo das pálpebras de Obo. Dedos singelos se esticavam. Como venezianas de janelas que se abrem, um olho néon despontou, fitando Harper e McCoy.

— ... Bbbobby? — ambos os olhos estavam abertos. — Um homem grrrandde gritou coomiggo.

— Você não pediu antes, — Harper disse firmemente. — E aquele homem não te conhecia. Você o assustou, também. Já pensou nisso?

— Nnnãoo, Bbbobby. — Obo balançou sua cabeça.

— Bem, peça da próxima vez. Obo tenta ser bonzinho, Doutor, de verdade. Mas quando as pessoas gritam...

— Senntimeentos de machhucarr! Tttrisstessa! Rrruiim, rrruiim...

— Agora, está tudo acabado, Obo. Eu tenho que voltar ao trabalho. Faça

o que o Doutor disser, e eu o verei assim que puder.

— Tttuddo bbbemm, Bbbobby.

McCoy segurou Harper a meio caminho da porta. — E como você está se sentindo?

— Estou bem, senhor, obrigado, só que...

— Eu sei, filho. Algumas coisas levam tempo. Pare por essa tarde, se quiser.

— Eu irei, Dr. — Harper voltou-se para Obo. — Tchau.

— Tttchaau, Bbbobby! — Obo respondeu.

— Agora, Obo, seja realmente bonzinho e deixe-me dar uma olhada nesse seu pequeno... ei, não! Largue isso! Isso é caro e difícil de encontrar.

— Fffáccill connserattoo! — pronunciou Obo, segurando um sensor parcialmente desativado: anéis de pressão, lentes e circuitos abriram-se em suas mãos como se estivesse jogando cartas com seus dedos filamentosos.

— Não! Esse é o meu analisador de DNA. Olhe eu preciso colocá-lo de volta... — lágrimas rolaram dos olhos de Obo; ele todo parecia desmoronar.

— ... ah, droga, vai lá, pode brincar com ele. Essa coisa nunca funcionou direito mesmo. — Mãos se mexiam sobre a cabeça de McCoy enquanto ele colocava seu paciente sobre a mesa.

— Ttuddo prrrntto! — Obo pôs o sensor no nariz de McCoy. — Eu te assssusttei? — ele perguntou ansioso.

— Deixe-me ver isso! — McCoy arrancou o analisador dele. Estava todo montado. As suas luzes acendiam com intensidade; a um toque, as lentes se moveram e focalizaram. Leituras começaram a fluir pelo seu pequeno visor.

— Ora bolas! Scotty, saia daí! Você não vai acreditar nisto!

— Ah, é? — cuidadosamente, Scott apareceu do escritório de McCoy. — O que eu não vou acreditar?

— Engenharia para a enfermaria. — O intercomunicador interrompeu com um ruído. — Doutor, se você ver o Sr. Scott, poderia pedir a ele que...

— Aqui, McInnis, — Scott respondeu. — Você tem aquele relatório de danos, ou vai demorar o dia todo?

— Hã, eu o tenho senhor, mas não há nenhum dano! O drive está há noventa e nove ponto dois. Nós não sabemos como. Aquilo oquequerqueseja ficou lá por apenas alguns minutos. Nós iremos checá-lo, senhor, e rodar outra...

— Noventa e nove ponto... dois? — Scott virou-se com regozijo para Obo, cujos olhos se enchiam de lágrimas.

— Não tterminnei, — ele confessou. — Rrruiim, rrruiim...

— Deixe como está, McInnis! E a partir de agora cuidado com as suas maneiras. Esse monstrengo vale dez de vocês! — Scott desligou e saltitou pela sala. — Sr. Obo, — ele disse gentilmente, — podemos começar tudo de novo? Eu não sei como você o faz, mas se você está se sentindo...

— Ah, não, você não vai! — McCoy segurou seu paciente possessivamente.

— Esse aqui é meu. E você já o assustou demais por...

— Ir terminnar? — Obo gorgolejou ansioso.

— Sim, rapaz, — Scott falou. — Você virá comigo?

— Aaaa, ssim! — Obo se virou para McCoy, os olhos quase que saltando.

— Por ffavor? Tudo beeem aggorra!

— Está bem, acho que sim... — McCoy disse relutante. Ele observou os dois saindo pelo corredor a fora, juntos, como se fossem os melhores dos amigos. — Agora eu ainda não terminei! — ele gritou após eles. — Volte aqui mais tarde, Obo... escutou? — Um tipo de resposta ecoou pelo corredor:

— Fácil conserto...

Saavik se aproximou da tela, fitando com atenção a superfície feia e esburacada de Hellguard como aparecia nas câmeras da Symmetry a seis anos atrás. Mesmo em órbita era horrendo. Ela nunca havia visto estas fitas antes, nunca quisera, jamais desejou lembrar este lugar vil ou a criatura selvagem e ignorante que ela costumava ser. Terra ressequida passava diante dela: um mundo realmente morto, onde sóis a queimavam insensíveis e a poeira rodopiava pesada, apagando a sua nova vida, zombando de tudo o que ela esperava se tornar. O pânico a tomou, e uma raiva incoerente. Ela desligou o monitor, mas a sua imagem latejava em sua mente, um fantasma maligno que deixava atrás um escárnio de si mesma: Veja só, eu estou vencendo. Justo quando ela havia forçado sua respiração se acalmar, uma voz intrusa começou a falar na ponte... mas o que ela dizia não fazia nenhum sentido.

— ... compreensão... e um pouco de emoção humana, Spock! Isso era tudo que o nosso pequeno amigo precisava! Apenas um pouquinho da boa e velha...

— Doutor, por favor. — No posto de ciências, Spock fechou os seus olhos.

— Pelo o que eu sei, foi a emoção do Sr. Scott que colocou o Belandrid doente em primeiro lugar.

— Mas você devia vê-los agora. E você sabe o que ele fez? Sabe o meu microscópio novo? Aquele que não...

— Doutor. A que nós temos o prazer da sua companhia? Há algum propósito real para esta visita?

McCoy dobrou os seus braços e sorriu capciosamente. — Claro, isso apenas acontece, aqui está! Algum cadete da Academia chamado Sahvek, ainda não se apresentou para o exame físico!

— Saavik! — disse Saavik, virando-se em sua cadeira, com um tom

esverdeado nas suas bochechas. Ela fitou o humano cuja conduta causava um profundo desrespeito à autoridade do Sr. Spock, a qual nenhum dos oficiais sêniores parecia estranhar. Para Saavik, aquilo era ainda era estranho, e todos estavam olhando para ela...

— Ó meu Deus, — suspirou McCoy, — Outro!

— O meu nome, — Saavik o informou friamente, — contém duas letras A pronunciadas como uma só. E eu não preciso de atenção médica porque eu nunca adoeci. — Ela voltou ao trabalho.

— Um minuto aí! Isto foi uma ordem médica, Cadete! E eu serei o juiz de quem está ou não doente por aqui.

Saavik deu uma olhadela para Spock, as mãos posicionadas sobre o seu teclado, aparentemente desapercibido de sua discussão. Ela sabia melhor. Ela estudou McCoy duvidosamente, como se fosse algum espécime de laboratório.

— Você é um doutor? — ela o inquiriu.

— Sim, eu sou um doutor. Dr. McCoy. E você é a paciente. Portanto venha comigo, mocinha! — Ele entrou no elevador e segurou a porta. Os olhos de Saavik se acirraram em consternação.

— Um momento, senhor, — ela disse, e se achegou a Spock para começar uma conversa um tanto veemente. Mesmo nas sílaba ponderadas do vulcano, o desagrado dela era evidente. — ... e todos aquele doutores da Academia, então por quê eu devo ir com esse aí? Eu não estou doente!

— Uma das razões seria óbvia, Saavik, se o seu estado mental estivesse claro: nós não tivemos tempo para acessar os arquivos da Academia. O Dr. McCoy é o nosso oficial médico chefe, e até mesmo eu tenho que me submeter às suas ordens. Você questiona a sabedoria dos regulamentos da Frota Estelar?

— Sim! E a sua escolha de médicos! — Ela declarou efusivamente. — Há alguma outra razão, Sr. Spock? Você disse uma das...

— A outra razão é que eu fiz o requerimento. Agora, vá com o doutor, Saavikam. A nossa lição será às 1600, quando deverá provar a existência da tangente dimensional em termos abstratos e concretos. Aguardarei ansiosamente.

— Eu também, — ela disse firmemente, se aproximou do elevador como se fosse uma forca, então se virou para cumprimentar a tripulação. — Eu apreciei de sobremodo nossa discussão sobre as crenças humanas, — ela os contou. — Foi, — olhos fixos em Spock, — na sua maioria, muito informativa.

— Pronto, não se preocupe, — McCoy sorriu, — não vai doer nem um pouco.

— A dor não me aflige, senhor. E eu não me preocupo.

— Eu devia saber...

— Sabe, — disse Uhura, recostando na sua cadeira, — talvez aqueles velho mito esteja errado. Talvez algo mais tenha sido deixado dentro da caixa, e nós tenhamos que descobri-lo por nós mesmos. O que você acha, Sr. Spock? Você supõe que os deuses nos deixaram a lógica?

Spock levantou o olhar de seu visor com um zelo mortal.

— Comandante, — ele disse — você será sábia em esperar que sim.

\* \* \*

— ...uh-hã, e isso aqui? A incomoda?

— Não. — O toque do humano era gelado para Saavik enquanto ele passava o analisador em seu ombro. Ela tentou não tremer nem recuar, mas o contato era repugnante. Assim como o seu desrespeito ao Ato de Privacidade: Doenças de infância? Acidentes de infância? As coisas eram boas em casa? Após uma bateria de testes, sondagens e de uma enfadonha e interminável tagarelice, ela tinha estado lá fazia uma hora. Ela queria socar a parede.

— Nada me incomoda, senhor. Os resultados dos seus instrumentos estão dentro dos padrões aceitáveis, não estão?

— Bem, vamos falar de você. Faz tempo que conhece Spock?

— Sim. — Ela não gostava de falar sobre si a essa pessoa. O tom dele era vagamente indulgente. Ele fazia perguntas estúpidas e irrelevantes enquanto fugia das perguntas sensatas dela. E ela iria fazer algo terrível se ele não parasse com aquele...

— Uh-hã. Ele é seu parente? Ou um amigo da família?

— Não! Eu não vejo como isto se relaciona com a minha saúde, mas Spock é o meu professor. Agora você irá me dizer os resultados dos meus exames?

— Bem, eu acho que a sua saúde é um pouco mais complicada do que um monte de leituras. — A boca do doutor se estreitou em um sorriso tolo.

— Eu conheço Spock há um longo tempo também. E eu aposto que ele é realmente um ótimo professor, não é? Sabe todas as respostas?

— Claro. Ou ele as encontra.

— E ele sempre espera o melhor de você, não é?

— Certamente!

— E eu tenho certeza que é importante para você... viver do jeito que ele espera, certo? — O doutor perguntou.

De repente Saavik sabia que havia caído em alguma armadilha, que qualquer resposta a qual ela desse a condenaria, ou a Spock. Ela queria fugir dessa sala fria, longe deste humano com suas mãos suaves, o rosto sorridente e a mente confusa. Ele a deixou furiosa.

— Doutor, por que eu não deveria sempre fazer o meu melhor? Você não o fez?



— Sem dúvida, mas ninguém é perfeito. Pode ser muito desgastante, sempre tentando fazer a coisa certa. Professores não entendem isso muito bem. Mas garanto que Spock compreende, mesmo que não demonstre.

— Não vejo razão para se desculpar pela busca da perfeição! Muitas coisas estão além do meu conhecimento, mas nada está além do de Spock. Eu não tenho dificuldades com o meu professor. Diferente de alguns indivíduos que eu conheci, ele sempre faz a coisa certa!

— Ah, ele faz, não faz? — McCoy arregalou os olhos, e Saavik estava feliz de ter sido a causa disto; ela preferia batalhas abertas. — Bem, Saavik, por que você não pergunta a ele a respeito daquela vez em que ele... hã, não...

— ele mexeu sua mão no ar, como se isso pudesse apagar suas palavras.

— ...pensando de novo, é melhor não. — Ele programou um dispositivo, e ele espirrou tabletes em uma garrafa. — Agora eu quero que tome três ou quatro desses todos os dias, ouviu?

— Com precisão. O que elas são?

— Uma coisa que o doutor mandou! — McCoy retrucou, então se recuperou. — Um tipo de vitaminas vulcana. Spock as toma, portanto fará bem para você. E na sua busca da perfeição, mocinha, você devia tentar comer e dormir de vez em quando.

— Muito bem, Doutor, — Saavik concordou, para não prolongar a visita. Ele grunhiu um final — Uh-hã! — e deixou ela se trocar em privacidade. Ela o fez rapidamente, ignorou o vidro de tabletes em cima do contador, e fez uma saída tão furiosa que colidiu com alguém esperando no corredor.

— Desculpe-me, eu... oh, boa tarde... Sr. Harper, não é?

— O nome é Bobby, — ele disse falando num tom de admiração. — Uau, eu estou feliz de finalmente poder falar com você!

Saavik não conseguia pensar porque. Ela não queria falar com ninguém agora. E no fim do corredor atrás de Harper, Spock estava saindo de uma sala de reuniões e no caminho deles. Saavik queria menos ainda falar com ele. — Perdoe-me, eu lamento que eu...

— Você está brincando? Você é o Torpedo Fóton! Escute, eu assisti todos os seus jogos de treino. Fale sobre fumaça!

Sem escapatória; Spock continuava vindo, escutando cada palavra.

— Falar sobre o quê, Tenente Harper?

— Hã, oh, Comandante! — Harper respondeu em posição de sentido — Bom, eu só estava dizendo como a cadete Saavik aqui...

— Talvez uma outra hora, — ela sugeriu desesperada.

— Não, deveras. — Spock ergueu os ombros e cruzou os braços. — Vá em frente, tenente. Eu acharei fascinante. Este cadete se destacou de alguma maneira?

— Hã...sim, senhor. — Pego entre a cruz e a espada, Harper deu uma

olhada de desculpa para Saavik, mas os seus olhos estavam fechados. E ele não podia conter o seu entusiasmo. — No baseball, senhor. A cadete Saavik fez três lançamentos perfeitos! Ela mandou a bola bem entre os braços do cara. Muito mal a respeito do grande jogo, senhor. Os aspirantes não teriam chance.

— Ah. Eu entendo. — Agora Spock estava olhando intencionalmente para Saavik.

Harper se sentiu supérfluo, repentinamente. — Hã, bem... acho melhor... ir indo e... — ele deu uns passos para trás, então se virou e sumiu. Saavik o fitava indo embora e fervia sob olhar petrificante de Spock.

— Era isso ou o "Vetor Vulcano", Sr. Spock! — ela finalmente deixou sair. — E sob tais circunstâncias eu pensei...

— Muito sábia, eu tenho certeza.

Saavik não estava tão certa. — Posso ir agora?

— Mmmm, — disse Spock. Saavik escolheu por aceitar isso como permissão e marchou em direção ao elevador, a cabeça erguida, e imaginando se ela iria escutar o fim disso. Um murmúrio de reprovação a seguiu.

— O Torpedo Fóton... realmente, Saavik... Ela se manteve firme.

— Entre, Harper, vá para... ah, é você. — McCoy franziu o cenho, para Spock sobre o seu monitor. Sua voz se tornou fria, os olhos de poucos amigos.

— Se você está aqui pela Saavik, devo dizer que está um pouco atrasado. Você se importa em me dizer o que eu tinha de procurar?

— Doutor, eu acredito que já lhe contara: qualquer condição que pudesse explicar a inabilidade dela de lembrar certos eventos durante os seus primeiros dez...

— Ela estava morrendo de fome, Spock! Aquela criança nunca teve o suficiente para comer. Ainda há uma deficiência de proteínas, e você está preocupado sobre uma lembrança total? Tudo bem: sem danos cranianos, nenhuma evidência de traumas cerebrais. Satisfeito? — Ele perguntou asperamente. — Então me diga o que, em nome de Deus, eles fazem com as crianças em Vulcano?

Spock quase recuou. — Doutor, o que você encontrou?

— Dê uma olhada. — McCoy gesticulou para uma série de imagens em seu monitor. — Ela teve costelas quebradas, um pulmão perfurado, múltiplas fraturas, hemorragia interna; e ela não foi tratada na época! Droga, Spock! O que aconteceu a essa criança?

— Eu não sei. — Spock ficou estático. — E nem Saavik, sendo este o porquê de eu pedir sua opinião.

Como ele faz isso, mudar de expressão sem mover um só músculo em seu rosto? — Droga, a menos que ela tenha sido lançada de um prédio de

quinze andares e por algum milagre...

— Não.

Meu Deus, ele é quase devastador. McCoy pensou. — Não achava que fosse, — ele disse mais gentilmente. — Os machucados não se encaixam nisso. Olhe, eu só posso dar o meu melhor palpite. Eu nunca vi muito disso em todo meu tempo de serviço, graças a Deus, mas eu diria que alguém bateu naquela criança deixando um fio da vida. Agora, como isso poderia acontecer em...

— Não aconteceu em Vulcano, Doutor, — disse Spock calmamente; ele se manteve olhando para a tela. — Saavik nunca esteve lá. E vulcanos não batem em suas crianças.

— Bem, Spock, eu nunca achei que batessem. Mas injúrias como essa... se ela não pode se lembrar de como aconteceu, provavelmente é por causa que a experiência deve ter sido tão traumática que sua mente não pode assimilá-la. Se algum dia ela o fizer, irá acontecer no seu próprio tempo. E não a faça se sentir culpada por não conseguir.

— Doutor, eu lhe garanto que eu...

— Escute-me, Spock. Aqueles são velhos machucados, eles cicatrizaram a muito tempo atrás. Eu estou preocupado com o que a está machucando agora.

Spock arregalou os olhos em sua direção. — Saavik está... sofrendo?

— Sim! Do tipo que ela não pode identificar, do tipo que você não admitiria que existe. Os exames do psicomonitor acusaram uma penetrante culpa e medo; medo! Ansiedade aguda, fúria deslocada, profundos sentimentos de inadequação que se refere a esse perfeccionismo em tudo o que ela faz. Auto-cobrança é uma coisa terrível, Spock; e a sua aluna está sofrendo disso. E eu acho que sei porque. Spock meneou a cabeça. — Esta missão é deveras estressante...

— Eu estou falando sobre você, Spock! Aquela criança idolatra você! Ela está se suprimindo para viver segundo as suas metas impossíveis, as quais nem mesmo você consegue sempre seguir. Você quer se colocar no inferno, tudo bem, vá em frente! Eu o conheço a bastante tempo para esperar que você mude. Mas não faça isso com ela. Ela vem passando por coisas o suficiente; não que ela tenha voluntariamente me dito isso. Totalmente não cooperativa, na verdade. Jogou na minha cara o Ato de Privacidade, toda vez que teve chance. Estes, — ele segurou os tablets, — iriam arrumar o problema protético, mas ela os deixou aqui. Eu inclusive disse que você as tomava, também.

— Mas isto não é verdade, Doutor. Eu não as tomo. Você também mentiu a Saavik sobre esses exames? Ou ocultou a informação?

— Droga, nós estamos dando voltas! Ela não queria me dar o tempo necessário. A verdade é, Spock, nós não acertamos exatamente o alvo. E por

falar em ocultar informação; você não me disse porque as suas memórias eram tão importantes.

— Eu encorajarei Saavik para lhe contar.

McCoy suspirou e jogou suas mãos para o alto. — Bem, pelo menos alguém me disse alguma coisa, eu estou trabalhando no escuro. Veja, tudo que eu quis dizer antes foi... vá devagar com ela, Spock. Ela é uma menina.

— Uma observação astuta.

— Você sabe o que eu quero dizer! Tente encorajá-la, dê uma mão quando ela cair, esse tipo de coisa. É o que ela precisa agora.

— Como você a entende tão pouco, Doutor. O que Saavik precisa é da verdade. Eu insisto que você lhe forneça isso, completa e transparente. Qualquer coisa a menos será considerada uma ofensa contra ela. Você ganhou a sua desconfiança por esconder fatos que ela tinha direito de saber. É a sua vez de lhe contar, eu ordeno que o faça. Suas teorias estão bem além do ponto desta questão.

— Você não tem coração, Spock; e ela está pagando por isso. Você apenas não consegue aceitar que está errado.

— E você, Doutor, constantemente falha em observar os fatos por sobre os julgamentos de sua própria espécie. No melhor de meus conhecimentos, Saavik nunca "caiu" em sua vida. Ela não apreciaria a sugestão. Eu temo que sua simpatia será gasta com ela, e eu acredito que já saiba do seu efeito sobre mim. Bom dia, Doutor.

— Espere um minuto aí, Spock! — McCoy apontou para uma leitura. — A química do seu sangue mostra que ela é meio-romulana. Isto tem algo a ver com a sua ansiedade? Ela sabe?

No caminho para a porta Spock virou e suspirou. — Claro que ela sabe, Doutor. E isso tem tudo a "ver". — Ele deixou McCoy balançando a cabeça e jurando para si mesmo:

— Aquele filho de uma... agora ele me conta...

Saavik sentava na mesa de Spock, acertando o teclado e parecendo rebelde. Através da sala ele perscrutou um jornal e ignorou seus murmúrios. Todas as tentativas de persuadi-la sobre as evidências de se ter um vocabulário limitado nunca produziram o efeito desejado. Saavik simplesmente aumentava o seu léxico para evitar aparecer limitada. Ela fez isso pesquisando línguas, as quais Spock não era familiar, logicamente pensando que ele não iria fazer objeções a algo que não entendesse. O seu repertório tinha se tornado extenso, eclético e era sempre o aviso da tempestade. Finalmente Spock se virou e encarou a tempestade.

— Desarmonia de espírito não requer tradução, Saavikam. Além da tangente dimensional, o que a está perturbando?

A sua face se escureceu. — São... são esses humanos!

— Ah.

— Eles são uma espécie auto-limitada, Sr. Spock! E eles sabem disso! Eles estão sempre dizendo: "Eu sou apenas humano" e "O que você esperava?" e "Ninguém é perfeito"; mas como eles podem evoluir se pensam dessa maneira? Eles esperam tão pouco de si mesmos; apenas escute o que dizem. Enquanto os vulcanos se desejam "Vida longa e próspera", os humanos dizem "Tenha um bom dia!"

— E por que isso a deixa nervosa, Saavikam?

— Porque... porque as coisas são tão simples para elas. Eles riem e choram, e ficam com raiva, então pedem perdão a si mesmos por fazerem exatamente o que gostaram. E eles acham que todos os seus problemas saíram de uma caixa vinda de alguns deuses, que eram tão odiosos quanto os romulanos. E eles acham que a esperança irá consertar o mundo. Bem, eu acho que eles são muito bobos... alguns deles... algumas vezes...

— E eu acho, — disse Spock calmamente, — que talvez você tenha encontrado exceções para sua denúncia contra as espécies como um todo. Talvez você deseje que eles pensem boas coisas ao seu respeito. E talvez você deseje que as coisas fossem de vez em quando tão... fáceis.

Saavik fitou-o longa e duramente, tentando pensar uma maneira de refutar aquilo. Ela andou pela sala e o observou mais um pouco. Finalmente ela parou, olhando para ele. — mas eu não quero ser como eles, Sr. Spock. Eu quero ser uma vulcana, e... não são esses humanos que me perturbam. Sou eu mesma. Eu tento e tento me lembrar, mas eu não posso! Eu não sei o que eu fiz, e nós estaremos lá logo, e eu... — Ela se jogou na cadeira ao lado dele. — Eu quero ser uma vulcana verdadeira, mas eu fico tão nervosa. E algumas vezes, a maioria das vezes, eu não sei nem porquê.

— Eu acredito que você tenha um grande motivo para ter raiva. Eu não discuto o seu direito à emoção, somente a sua inutilidade para você. Por exemplo, você ficou nervosa com o doutor hoje, não ficou?

— Aquele doutor pareceu bastante irracional para mim!

— Mmmm...

— E ele não ia me contar nada!

— E eu suspeito que você lhe disse até menos do que ele lhe disse. Isto é, claro, um direito seu. Mas você quer recuperar a sua memória, e ele possui o conhecimento médico. Eu estou de certa maneira surpreso que você tenha deixado passar esta possibilidade inexplorada. Mas quando alguém está nervoso, esse alguém não vê todas as possibilidades.

Saavik digeriu aquilo em um silêncio inescrutável; Spock a deixou. Ela se curvou em sua cadeira, e se passou um longo tempo até que falasse.

— Eu tenho sonhado um outro sonho, — ela disse suavemente, — mas somente quando eu estou acordada. Isso o torna uma fantasia?

— Eu não posso dizer, Saavikam, até saber o sonho.

— Ele acontece... em uma nave, quando nós estamos indo muito rápido e

as estrelas vem correndo em nossa direção. Eu as observo com muito cuidado. E me parece que há... um lugar de onde todas aquelas estrelas estão saindo, e que eu estou indo até lá, e estando lá, tudo ao mesmo tempo. Eu não posso ver como ele é, mas eu sei como será. Não haverá raiva lá, Sr. Spock. Apenas estrelas. E eu as conheço. Eu pertencço. Se apenas eu pudesse chegar lá, eu saberia de tudo naquele lugar, e o que tudo significa, e inclusive a razão de eu ter nascido. E seria tudo o que eu quero ser. O meu lugar é muito bonito, mas... se eu olho do lado, mesmo que só por um segundo, ele se desaparece. Eu acho que eu o criei, Sr. Spock, — ela disse com tristeza, — porque eu queria que ele fosse verdade. E gostaria de fazer uma pergunta. Posso aprender a ser vulcano e ainda manter a minha imaginação; apenas essa aqui? Mesmo sabendo que não é real?

— É real. — A voz de Spock estava quase inaudível. — Você é muitas coisas, Saavikam, mas nunca duvide que também seja vulcana. Este... lugar... de que você fala não é nas estrelas; é em você. Em mim. Em nós todos. E você deve mantê-lo, sempre. Você experimentou um lampejo, uma breve sapiência, o que não é incomum. Há muito, muito mais. A fusão do intelecto e do espírito, a paz da pura lógica, é um estado de mente que nós chamamos o Tempo da Verdade, Kolinahr.

— Quer dizer que... eu posso aprender isso? Eu posso encontrar esse Kolinahr em mim?

— Ele é um caminho, Saavikam, um estilo de vida. E aqueles que o procuram devem deixar tudo para trás, todas as emoções, todo apego. Somente eles terão a mente verdadeiramente livre para raciocinar claramente, para ver as coisas como elas realmente são e não como gostariam que fossem. Somente eles podem aprender o verdadeiro significado da nossa existência, nossa própria... razão de ter nascido. *Kolinahr* é... Iluminação. Uma experiência profundamente íntima.

— Eu nunca soube... você quer dizer, mais íntima que o *Pon*...

— Sim, mais íntima que isso. Nós não escrevemos ou falamos a respeito disso. O significado chega a cada pessoa de maneira diferente, como dizem os Mestres. Mas sua verdade não pode ser ensinada. Sua paz não pode ser compartilhada. Não pode ser dada a outra pessoa. Só pode ser vivida. Você conheceu o desejo. Mas até isso deve ser descartado para obtê-la. Você deve se desfazer de tudo, de todos...

*Sua resposta está em outro lugar, Spock..e o sol de Vulcano ardeu mais intensamente nesse dia sobre as antigas pedras de Gol. E ainda estava ardendo.*

— Mas isto é *possível*! — Os olhos de Saavik estavam brilhando. — Se eu estudar e aprender tudo e controlar a minha raiva? Mesmo sendo meio vulcana...

— Eu não sei, Saavikam. Eu já passei por isso uma vez e se esse for o

caminho de sua escolha, em Vulcano, com os Mestres, talvez seja possível para você. Mas não para mim. Eu tentei. Eu... falhei.

— Mas... — Saavik não podia acreditar no que ouvia —... você *nunca* está zangado. Nem mesmo quando quebrei seu novo computador ou quando molhei seus cristais de memória, ou...

— Você era apenas uma criança, Saavikam. Você nunca me deu motivos. E o meu fracasso... — as palavras vieram vagarosamente —... não foi aborrecimento.

— Então por que... — Ela franziu o cenho em sua direção, intrigada. Spock aguardava pela questão inevitável, sabendo que ele deveria responder, imaginando como. Mas a pergunta nunca veio. — ... o que eu acho, — ela sussurrou, de repente meio insegura, — é que isso é uma coisa muito vulcana, e eu não a entendo muito bem. Mas talvez você não tenha realmente falhado, Sr. Spock. Talvez, para meio-vulcanos, apenas leve mais tempo. Não acha que deve ser isso? — Ela o observou ansiosa.

Spock não podia dizer como o fracasso crescia facilmente, mas ele estava gratificado de qualquer maneira. Ele nunca a vira se negar uma pergunta antes. Saavik estava se tornando gentil.

O intercomunicador silvou. Ele foi até sua mesa, então parou para olhar ela curvada na cadeira. — Saavikam, eu acredito que você deve estar certa, — ele disse. — ... Spock falando.

— Sr. Spock... — Sulu estava na tela, sua face preocupada. — Nós estamos captando um sinal de nave à deriva. É um pedido de socorro, senhor. Coordenadas 038 ponto 7. Devemos responder?

— Existem outras naves na área?

— Não, senhor, nenhuma. Nós teremos que ir a velocidade sub-luz em doze minutos ou iremos perde-la . E ainda está lá. Nós nem mesmo sabemos o que é.

— Tempo estimado que iremos perder se desviarmos?

— A nossa chegada no planeta será atrasada de no mínimo um dia solar e meio, e isso somente se... Sr. Spock, — Sulu hesitou, — Uhura diz que é um sinal automático. Não varia, senhor.

O que significava que tudo à bordo podia estar morto. Quebrar o silêncio de rádio tão perto da Zona Neutra divulgaria a presença de Enterprise para as sondas de vigia romulanas. O que eles não podiam arriscar. E tempo era essencial nesta missão; investigar uma nave morta acabaria com ele. Mas havia mais na equação: O que aconteceria se a Enterprise chegasse a Hellguard para descobrir que as armas já tinham se ido, enquanto pessoas morriam porque o seu pedido de socorro fora ignorado? Menos de dois dias longe do espaço da Federação. Em violação flagrante das leis da Federação. Por uma nave da Federação. Aquele sinal era forte o suficiente para ser captado a esta distância, indicando um grande vaso. Podiam haver centenas

de pessoas naquela nave.

— Sr. Sulu, — ele suspirou pesadamente, — nós iremos à velocidade sub-luz. Marque sua referência, e mantenha o silêncio de rádio. Estou a caminho.

— Ele desligou, franzindo o cenho. — Uma complicação, Saavikam, e não, — ele a antecipou, — você não pode. Você deve conquistar a tangente dimensional antes.

— Sim, Sr. Spock, — ela o seguiu até a porta, — mas eu gostaria de fazer uma pergunta. Este *Kolinahr*. Ele é muito difícil?

— Sim.

— E é isso o que significa ser um vulcano verdadeiro? — Ela esperou, mas ele não respondeu. — Isto... é tudo que um vulcano pode ser?

— Não, — ele disse com canseira em sua voz. — Não Saavikam, é apenas o começo. Estude bem.

Ela sentou novamente, tentando se concentrar, então se lembrou de uma coisa. Ela acessou a Lingüística, falou a palavra, e franziu frente a definição na tela: seqüestrar: se apropriar ilegalmente de pessoas, bens ou serviços (esp. transportes) e levá-los para um destino não agendado por meios de força, armas ou coação.

Bom, aquele doutor era irracional! E ele se contradisse sozinho. Os humanos geralmente fazem isso. Sim, deve ser isso, ela decidiu, e pôs sua mente em uma pergunta mais intrigante:

O que, em todo esse Universo, fez Spock... falhar?

Kirk não podia dormir, exceto em cochiladas exaustas, nos intervalos de algum alarme interno que o acordaria, o coração batendo, a adrenalina se permeando em suas veias até a vista de Renn ou Kinski em sua tela dizendo-lhe que a Terra ainda estava viva e que ele não estava sozinho. Ele começava a se cansar. Tão cansado que sombras viravam pessoas nos cantos de sua visão, tão cansado que elas, algumas vezes, falavam em claras e familiares vozes, tão cansado que o Refúgio se tornava a ponte de comando da Enterprise de uma piscada a outra dos olhos, e o desejo de se render à ilusão... exceto que esse caminho levaria à loucura. Portanto ele marcou o curso de sua nave a cada hora, se exercitava até que suar, explorava passagens espaços de vivência, ligando monitores quando queria banir o silêncio vazio com sons de vida. O tempo passava devagar no Refúgio.

E um por um, os experimentos falharam. O vinis resistiu a todas as tentativas de envenená-lo, neutralizá-lo, ou de romper sua estrutura molecular. Centros de pesquisa da Terra até Vulcano estavam ligados com a Frota Estelar por canais codificados; teorias eram discutidas, experimentos montados, e agora robôs rodavam pelos corredores do Q.G., cumprindo instruções por controle remoto. A esperanças cresciam com a abertura de



cada cilindro de oxigênio, e caíam novamente. Análises e longas consultas seguiam, deixando Renn e Kinski com pouco a fazer exceto comer ou dormir.

No momento, Nogura estava na linha, e Renn estava relatando os desapontamentos do dia.

— *...e a segunda tentativa não funcionou também, Almirante. Nós não começamos a quebrar o seu código genético. Os vulcanos estão trabalhando em um método de divisão molecular dos genes para torná-lo vulnerável, mas o que eles estão fazendo está acima do meu conhecimento, eu estou com medo.*

— *Obrigado, Doutora. Alguma coisa a mais?*

Renn hesitou. — *Apenas especulação, senhor. Minha.*

— *Então eu gostaria de ouvi-la,* — Nogura disse gentilmente, e Kirk sentiu uma certa afeição pelo velho homem. Renn estava obviamente triste, e tentando não mostrar isso a ninguém. A fadiga a estava pegando, também.

— *Este vírus, Almirante. Nós temos assumido que há alguma fraqueza ou antídoto já feito. Mas eu acho que os romulanos construíram algo pior do que eles imaginavam. Quando ele não pode se alimentar simplesmente fica dormente, e nesse estado nada o afeta, nem mesmo o vácuo total. Senhor, isto significa que ele poderia sobreviver além da atmosfera, ser carregado por naves ou ventos solares. Se ele escapar, eu acredito que possa infectar um sistema estelar completo. E eu não acho que eles planejaram isso. Esse deve ser o primeiro uso em um alvo planetário. Senhor, eu acho que talvez eles apenas queriam ver se funcionava.*

Nogura escutou atentamente. — *Isto é muito interessante, Doutora. Eu quero a sua especulação no relatório. Mande-me uma cópia. E tente não se desencorajar, Dr. Renn. Você tem feito um grande trabalho.* — Ele se virou para Kirk. — *Um momento de seu tempo.* — Kirk achou uma irônica escolha de palavras. — *Jim,* — Nogura perguntou quando eles estavam sozinhos, — *Como você está levando?*

— *Ah, está ótimo,* — Kirk disse zombando. — *Quais são as novas?*

— *Devemos escutar da Enterprise amanhã. Mas nada de tão longe do Império, e o conselho está em um impasse. Komack se reuniu com os delegados. Sarek está segurando-os, por mais de seis horas agora, ele não parece querer ceder. Um voto é uma coisa, mas ele não irá se comprometer: eles irão assistir em medidas de salvamento-de-vidas, mas Vulcano não irá aceitar nossas preparações de guerra; simplesmente não é uma opinião. Ele e alguns dos outros estão indo uns contra os outros, e o tempo que está nos levando pode rasgar a Federação ao meio. Mundos membros estão dizendo que a Federação, supostamente, teria que defendê-los, e ninguém está pondo nenhuma fé em soluções científicas.*

— *Mas por que Komack está liderando a reunião? Heihachiro, por que*

você não está lá? Eles não entendem que...

— Você é *que não entende, Jim! Os delegados estão assustados. Eu preciso daquele relatório da Dr. Renn por que há um boato no conselho que a Federação havia desenvolvido o vírus. Todo mundo precisa saber que esse tipo de pesquisa poderia nos matar no processo.*

— Mas., você não pode deixar isso acontecer!

— *Quem é você para me dizer isso?* — A fúria na face Heihachiro acumulada por dias veio à tona. — *Jim, você joga a sua carreira como um jogo! Você acha que a Enterprise é sua propriedade pessoal, e você quer fazer o relógio parar! "Mande-me as suas melhores mente," o nosso presidente disse, e a minha está presa duzentos metros abaixo da superfície por causa de uma brincadeira de criança! Mas você ficou para servir onde é necessário, Jim; e eu preciso você aqui. Eu quero que pense a respeito disso!*

— Droga, Eu *tenho* pensado! — Kirk disse ferozmente. — Eu simplesmente não sou o seu homem! Mais cedo ou mais tarde, eu irei empurrar alguém.

— *Cresça, Jim,* — Nogura suspirou. — *Você não empurra pessoas, você as mantém com as rédeas curtas, onde você pode tomar conta.*

— E esta é a razão do porque eu não pertencço ao seu escritório! Eu não *trabalho* com as rédeas curtas! Eu peguei minha nave de volta porque é no que eu *sou realmente bom*, e eu farei novamente se eu sair daqui. Mas nós sabemos as conseqüências disso, não é! Você deve ganhar, Almirante. Ruim que você não seja um homem de apostas. — Kirk se escutou cansado e exausto, odiando a si mesmo por isso.

— *Você está tão errado... Almirante!* — Nogura disse, e desligou.

— *Maldito seja, Nogura!* — Kirk balbuciou à frente da tela vazia, furioso. As suas palavras rasgaram o silêncio aveludado do Refúgio, onde não havia ninguém para escutá-lo. Ninguém.

## NOVE

— Uma pessoa a bordo, Sr. Spock, sinais vitais fracos. — Chekov olhou do painel à tela, onde uma nave pairava imóvel no espaço.

Preto sobre preto, uma silhueta no Universo, riqueza e poder eram evidentes em cada pedaço daquelas linhas escuras. As pontas das asas terminavam em filigranas de redes sensoras; duas naceles pontiagudas apontavam na parte posterior. Seu casco refinado e caro não ostentava nome, registro planetário ou identificação da Federação - e isso fez com que Spock fosse direto ao computador da biblioteca, procurar uma pista referente ao desenho da nave.

— Um phaser, alta potência, — Sulu relatou, — mas não está apontado nem travado, nem mesmo está ligado. Senhor, todos os sistemas estão em nível mínimo. Deve estar frio lá dentro.

— Nave a nave, comandante Uhura, feixe estreito.

— Sim, senhor... aqui é a *Enterprise*. Vocês podem responder?... *Enterprise* para nave à deriva, vocês estão ouvindo?... — Finalmente, ela balançou a cabeça. "Nada, senhor. O senhor Scott disse que não podemos recebê-la. A sala de transportes está esperando.

— Não, comandante. Informe o senhor Scott que nós vamos trazer aquela nave *a bordo*! Equipes médicas e de segurança ao deck de atracação. Sr. Sulu, o comando é seu. — Spock deixou a ponte com um ar preocupado.

Chekov calou-se até a barra ficar limpa. — Mas ela é muito *pequena*, Sulu, para termos ouvido seu sinal de deriva.

— E é poder e sensores demais para seu tamanho. Passamos este tempo todo resgatando um *contrabandista*! Você viu os *olhos* de Spock?

— Eu vi, Sulu. Não eram de um vulcano feliz.

Na janela de observação do deck de atracação, os médicos aguardavam. A equipe de segurança silenciosamente sacava e programava seus phasers. McCoy brincava com seu tricorder, e Scott fascinava-se com a nave. Ela adentrou, descendo na área de pouso, e sua superfície negra não refletia nenhum facho das lâmpadas do deck. E mesmo antes do hangar ser repressurizado, Spock estava falando com a ponte no intercom, dando ordens de por a *Enterprise* de volta na trajetória para Hellguard.

— Sugiro precaução, senhores — ele disse ao atravessarem o deck, o ar que expiravam condensando-se no ar fino e frio como o espaço. Pararam à única escotilha da nave, e Scott moveu-se para experimentar a trava. Quando ele estendeu os braços para tocá-la, ela começou a girar por dentro. Com um zunido de vapor sob pressão e porta desceu e veio descansar no chão, formando uma rampa. Uma figura alta estava na entrada da nave, enrolada numa capa de capuz, preta e volumosa, contra o frio.

— Sou-lhes grato — falou uma voz profunda e masculina, em perfeito português. — Pensei que estivesse preso por muito, muito... — Ele balançou, e caiu para a frente num monte de tecido preto. Mãos agarraram-lhe, descendo-o ao deck. O capuz caiu revelando uma face entalhada e angulosa que parecia sinistra até mesmo em repouso, uma cabeça de cabelos prateados, e um par de proeminentes e elegantemente pontiagudas orelhas.

— Ele vai ficar bom. — McCoy olhou as leituras enquanto médicos colocavam o paciente numa maca. — Provavelmente pensou que ia ficar preso aqui por um bom tempo e tomou Metabonil. Quero monitorá-lo antes de passar o efeito. Ele não vai falar nada hoje.

— Está bem, doutor. Sr. Scott, reviste esta nave. Exaustivamente. Quero saber de onde veio, o que aconteceu, e o que tem aí. Faça-me um relatório, qualquer que seja a hora.

— Sim, senhor. Nunca vi nada parecido com isso! Não sabia que os vulcanos estavam fabricando coisas deste tipo. Venham, crianças. — Ele passou sua mão enluvada sobre o casco, e subiu à escotilha. A equipe de segurança acompanhou-o. Os médicos estavam atravessando o hangar com a maca, e McCoy ficou lá sacudindo a cabeça, ainda estranhando as leituras do tricorder.

— Mas ele não é vulcano, Spock. É romulano. Que diabo de coincidência, não?

Na manhã seguinte o paciente estava acordado, alerta, e pronunciou-se apto ao interrogatório. Parecia tranqüilo, mas seus olhos negros eram muito atentos, e atrás deles Spock sentia uma inteligência poderosa e sofisticada. Ele respondia as perguntas livremente: a nave, disse, era dele mesmo; era um homem de negócios, e seu nome era Achernar.

Estas preliminares foram interrompidas por um Scott cansado, desolado, que remexia numa amostra da carga da nave, flutuando numa esteira: uma cálice cerimonial vulcano, uma adaga do Império Klingon, barris de vinho romulano, caixas de cerveja romulana, e duas antigas esculturas de Orion, consideradas relíquias religiosas. Todos aqueles itens eram de comercialização ilegal. McCoy espiou a cerveja, e enquanto Scott fazia seu relatório, seu olhar passeava entre várias garrafas velhas e poeirentas de algo chamado "Glenlivet".

— ... não *exatamente* uma área de carga! Parece mais um esconderijo sob o deck, que tomou-nos um dia de revista - as placas do deck são protegidas contra *scanners*, e isto é apenas uma amostra do que achamos. — Ele observou o Glenlivet morosamente. — Esta nave tem uma riqueza razoável, e tem motor de dobra, um transporte unitário, e sensores dignos de uma espaçonave grande. Dados de vôo dizem que ele saiu do espaço

romulano, mas por que ele enviou um sinal de deriva-

— Meu estabilizador estava com problemas, senhores — Achernar disse com um sorriso. — Avariou meu sistema de navegação. Os dados de vôo não podiam ser compensados. Eu estava rodando em enormes círculos, como sabem. Poderia ter levado semanas ou anos até chegar ajuda, aqui na beira do nada. Ou nunca. Então eu desliguei a força, liguei meu sinal de emergência, tomei um pouco de - acho que vocês chamam de Metabonil - e fiquei...

— Esperando por *outro* marginal correndo pelo espaço? — completou Scott. — Um que você pudesse comprar com um golinho de...

— Sr. Scott. Doutor... — Spock conduziu-os para fora e esperou até que a porta se fechasse. — Condições médicas?

— Metabonil — McCoy confirmou — salva um monte de vidas quando as naves encalham. Ele devia ter acabado de tomar. Disse que quando ouviu nosso chamado, já estávamos trazendo-o a bordo. Típico. Essa coisa retarda o tempo de reação e o metabolismo. Ele vai ficar fraco e zozinho por alguns dias. Tem que se mexer.

— Dentro daquela *navezinha*! — Scott opinou. — Ele é um contrabandista, senhor, não há dúvida. E nós vamos consertar aquele estabilizador.

— Uma investigação é capaz de confirmar ou derrubar o pedido dele?

— Sim. Mas e a nave, Sr. Spock? Seria bom consertá-la? — Scott corou quando Spock ergueu a sobrancelha. — Não quero dizer para *ele*, senhor! Ele é um bandido, mas sua nave é uma belezinha. Sob medida. Aqueles motores custam uma fortuna, e deixá-las... bem... — A voz de Scott enfraqueceu-se. Spock fechou a cara.

— Muito bem, Sr. Scott. Efetue os reparos, mas faça o inventário da carga e apreenda-a. Será requisitada como prova.

— Sim — Scott suspirou. — Então... isso é tudo?

— Sim, Sr. Scott, *tudo*. — Spock entrou novamente na sala e observou o homem chamado Achernar. Ele portava contrabando de dois impérios hostis, um planeta neutro e dois mundos da Federação, um deles sendo o de origem de Spock. O que ele tinha na mente poderia ser mais útil. O objeto de todas essas considerações estava sentado na cama, olhando Spock com um bom humor sardônico. Inteligente, potencialmente perigoso, não deve ser subestimado.

— Então, — Spock disse, — você é contrabandista.

— Por favor... negociante. — Achernar sorriu.

— Se você prefere. Isso não alivia suas circunstâncias. Você transportava bens restritos no espaço da Federação, sem licença; navegava sem identificação adequada ou códigos espaciais. Você violou a Zona Neutra, e desviou uma nave da Federação, por uma razão que ainda será

verificada.

— Lamento o inconveniente — disse Achernar solenemente. — Acredite, é verdade. Talvez possamos... entrar num acordo?

— Acho que não — disse Spock. — Você é Romulano. Por acaso também é agente do Império?

Achernar jogou a cabeça para trás e gargalhou. — Não, amigo Spock. Eu não sou. Eu só *nasci* Romulano.

— A que mundo você jurou compromisso?

— Meu mundo é minha nave. Meu... *compromisso*, — aquela palavra o deliciava, — é com um princípio muito mais exigente do que licenças ou impérios.

— Muito nobre, se as autoridades da Federação compartilharem desse seu ponto de vista. Tenho muito interesse em ouvi-los.

— Certamente. Governos são obsessivos quanto a fidelidade e regulamentos. Eu trabalho no real. Veja, as pessoas sempre estarão fazendo trocas, a despeito de quem sejam ou de onde morem. E em todas as minhas viagens, descobri que as pessoas têm um preço. Agora, podemos falar abertamente? Agradecido como estou, sua ajuda poderia se tornar... estranha. E acontece que eu possuo informações de valor para a Frota Estelar. Estão, logicamente, à venda.

— Logicamente. Belos princípios. Temo que os seus sejam lamentavelmente escusos. Que informações são essas? Qual é o preço? E que garantias eu tenho de que a informação é precisa?

— Minhas informações, — disse Achernar, — dizem respeito ao mais recente plano Romulano para colocar a Federação de joelhos. Interessa?

— Ah. Um plano. — Spock suspirou com aparente desdém. — Rumores, sem dúvida. Devo dizer que estou desapontado. Você não tem originalidade.

— Mil perdões. Sim, planos são comuns no Império, comuns como disfarces, mas realmente acho que você devia prestar mais atenção. Se não tenho originalidade, o plano tem - e você não tem conhecimento a respeito dos que chama de inimigos. Meu preço é módico: conserte minha nave, deixe-me livre para negociar. Minha carga passa a ser sua, chame isso de um símbolo de minha gratidão. Quanto à confiabilidade, bem, você precisar acreditar em minha palavra - assim como eu preciso acreditar que minha nave não vai explodir comigo dentro quando eu partir. Ora, amigo Spock, — ele murmurou, — acho que as coisas estão ao seu favor. Deixe de lado estas objeções filosóficas. Sou um homem de negócios, então façamos negócios.

Spock pareceu considerar o assunto seriamente, e então balançou a cabeça. — Na verdade, senhor Achernar, se este é de fato seu nome, eu não posso fazer nenhum acordo antes de ouvir este "plano" do qual você fala. Poderia ser a crise do ano passado, já de nosso conhecimento, ou até não ter consequência alguma. Se não é nenhuma destas opções, poderei considerar

uma negociação. A escolha é sua.

Achernar riu novamente. — Vejo que você também é um negociante, amigo Spock. Muito bem, eu aceito. Até responderei suas perguntas, se puder. O que eu sei é o seguinte...

Três longas horas depois, Spock levantou-se de sua cadeira. — Sua nave, — ele disse, — será consertada. Quando houvermos terminado nossa missão, você estará livre para partir. Até então, você só poderá deixar seus aposentos acompanhado de equipe de segurança e vestindo um transmissor de observação. Qualquer tentativa de tirá-lo ou de penetrar em áreas restritas irá acionar um alarme de segurança e nosso trato perde a validade. Você compreendeu meu aviso?

— É claro — Achernar disse graciosamente. — Muito generoso. Spock dirigiu-se à porta, e então deteve-se.

— E quanto ao seu "princípio maior", Achernar: não é apenas moralmente vago, é simplesmente incorreto. As pessoas nem sempre fazem trocas de coisas. Algumas vezes elas manipulam o comerciante. E algumas vezes elas preferem o que têm. Algum dia, com todas as suas viagens, talvez você descubra isso.

— E um dia, amigo Spock, — Achernar sorriu, — você pode achar algo que valha a pena trocar. Então, eu acho, até você pagaria o preço. Foi um prazer negociar com você, amigo Spock...

*Não, mas foi esclarecedor*, Spock considerou no caminho de volta à ponte. Aquelas informações eram verdadeiras, confirmadas por eventos na Terra, e mais: Uma facção militarista secreta no Império Romulano estava financiando tropas, naves, missões secretas havia algum tempo - tudo sem que o governo soubesse ou consentisse. Isto explicaria as décadas de falhas diplomáticas, relações cortadas, cada lado tendo a certeza de que o outro estava mentindo. Agora, com a Terra envolvida no jogo, a intransigência oficial e as negações eloqüentes do Império não cairia bem para os membros do Conselho da Federação. E a horas de distância da Zona Neutra, numa missão confidencial sob silêncio de rádio, Spock não tinha como avisá-los que talvez o Império estivesse dizendo a verdade. Ou talvez não.

Seria Achernar o que ele se dizia ser, um homem tão perturbadoramente bem-informado, que não dá nomes? Por quê faria isso, se era leal apenas para consigo? E se era leal para com algo mais, então o amigo Achernar teria pouco a perder ao mostrar a ratoeira para o rato, uma vez que já houvesse sido disparada.

Naquela noite Saavik sentou-se no consultório do Dr. McCoy fazendo o possível para ser educada, enquanto ele ensinava-lhe os perigos das emoções reprimidas, suas relações com perdas traumáticas de memória, e sua crença

peculiar de que sentimentos tinham algo de benéficos. Saavik achou isso tão absurdo que não conseguia nem argumentar. Finalmente ele cedeu as fitas que ela havia requisitado, murmurando que *alguém* deveria querer falar com ele, e a deixou sozinha. As leituras confirmaram suas lembranças de dor, mas após olhá-las por uma hora não havia chegado a nenhuma conclusão de como tinha conseguido aqueles ferimentos.

Ela encontrou o tenente Harper esperando do lado de fora.

— Olá, Saavik. Sinto muito pelo outro dia. Se tiver tempo, ainda quero conversar com você.

Ela assentiu. Talvez não demorasse muito.

— É uma história meio comprida... — Ele contou-a enquanto caminhavam. — ...e toda a cidade morreu naquela noite. Minha mãe, gente que eu conhecia desde criança, e alguém... alguém muito especial que acabara de conhecer. Tudo por minha causa.

Saavik ouviu, horrorizada. A história do tenente causou algo nela, profundo e assustador - e sua honestidade deixou-a envergonhada. Foi preciso coragem, ela percebeu, para falar sobre isso.

— Eu converso com o Dr. McCoy sobre isso todos os dias. Ele diz que a mente se protege de maneiras engraçadas. Às vezes as pessoas se sentem culpadas pela vida inteira ao invés de admitirem que não poderiam ter mudado o que aconteceu, porque isto seria ainda mais terrível. No começo eu não acreditei. Quero dizer, *eu poderia*... — ele deteve-se. — Mas naquele dia falamos sobre Pandora, está lembrada? Eu fiquei pensando - e quer saber? Eu acho que Pandora foi preparada! Os deuses *sabiam* que ela seria curiosa o bastante para abrir a caixa, e eles sabiam exatamente o que havia lá dentro. Portanto se *cl&foi* preparada... Bem, então talvez o Dr. McCoy tenha razão. Talvez eu também tenha sido. Tenho que conviver com o que eu fiz, e ainda não sei como fazer isso. Mas o que você disse me ajudou bastante. Eu só queria te dizer isso.

— Eu acredito — disse Saavik, querendo gritar contra a injustiça de tudo — que as mortes das pessoas que você conheceu salvaram as vidas de muitos que não chegou a conhecer. Mas isso não oferece muito conforto. Oh, você *foi* enganado. A curiosidade da sua espécie era parte de um *plano*. A culpa não é sua, e *você* não destruiu a sua cidade, os romulanos o fizeram. Você deve odiá-los por isso. Eu odeio. — No instante em disse isso, percebeu o quão errado soava. Harper parecia pensativo. Eles chegaram ao elevador, e ele segurou a porta aberta para ela. Para cobrir sua confusão, ele o seguiu para dentro.

— Bem, eu odeio quem quer que o tenha feito, certamente. Mas odiar uma raça inteira de pessoas que eu nunca conheci... — Ele balançou a cabeça. — Veja, minha mãe não teria gostado disso. Ela sempre costumava dizer, "não há *elas*, mas só pessoas". E eu acho que eu cresci acreditando



nisso.

*Oh, mas existe um "eles", Sr. Harper,* pensou Saavik. *Existe.* O elevador abriu para a luz e o barulho do convés de recreação, e ela recuou.

— Posso perguntar por que estamos aqui, Sr. Harper? O meu período de aprendizado começa em uma hora.

— É uma festa — ele confessou —, e eu não lhe contei antes por temer que dissesse não. Hoje é a nossa última chance de nos divertirmos. Vamos, Saavik. Eu realmente gostaria que você viesse.

— Eu... eu deveria preparar minhas aulas, mas... diversão? Uma oportunidade para observá-la funcionando? Não tinha experiência em convites ou apelos emocionais — e nenhuma experiência em recusá-los.

Assim, na última noite da nave em espaço da Federação, Saavik encontrou-se, ao invés de estar estudando, em uma festa com a tripulação de folga.

Ela não viu evidência alguma de "diversão". Tudo o que eles fizeram foi comer. Grandes bandejas de comida exótica (excedendo em muito as necessidades nutricionais) eram empilhadas nas mesas, e entre bocas cheias, toda a conversa era sobre o contrabandista, sua espantosa nave e sua carga ilícita. Chekov e Sulu o chamavam de velhaco, em tons cheios de admiração, e diziam que ele não era confiável. Uhura, que levou um recado à enfermaria e que realmente o *vira*, disse que nunca confiaria em alguém de tão boa aparência. Obo vinha andando de colo em colo, bebendo alguma coisa efervescente, fazendo barulhos de chupar com seu canudinho, e dando palmadinhas em tantas pessoas quanto possível. Ninguém parecia se importar. Quando foi a vez de Saavik, ela surpreendeu-se em descobrir que também não se importava.

— Sr. Obo — ela olhava para olhos brilhantes, quando o belandrida sentou-se ao seu lado —, eu gostaria de lhe fazer uma pergunta. Como você efetua reparos sem primeiro testar o equipamento e sem usar ferramentas? Eu o vi...

— Conserto *fáaacil!* *Muuuito* ligeiro!

— De fato. Mas *como?*

— Temo que isso é tudo o que você vai ter — disse Harper. — Esses dedos ficam quentes o bastante para soldar metal, e eles são tão finos que você não pode ver as pontas reais... Mas não sabemos como Obo faz. Belandros não tem nenhuma tecnologia. Obo simplesmente parece ter aparecido com isso.

— Você é talentosos, Sr. Obo.

Uhura estivera arranhando uma guitarra; agora ela começou a cantar — uma nova canção, disse-lhes, uma que acabara de escrever. *"Boa nave Terra", diziam suas crianças Deixaremos você qualquer dia em esperança Indo para outros mundos além do seu céu...*

— E você está bbonita, Saavik — Obo sussurrou. Suave, dedos azuis tocaram os seus próprios com pontas mornas, como de aranhas.

*Onde amaremos as estrelas que vagamos,*

*E cantar de nossa volta ao lar.*

*E saber que sempre nos destinamos a voar.*

A música continuou, e Saavik entendeu que Obo estava segurando sua mão. Notas pareciam flutuar em torno dela. Sua mente flutuava também, indisciplinada, de algum modo à vontade. Agora Bobby Harper sorria, Obo acarinhava o seu rosto, e sentimentos que ela não entendia sobrecarregavam seus sentidos.

Cores e formas nadavam ante seus olhos, insanos, brilhantes como os rostos ao seu redor. *Auto-limitante, sim, e algumas vezes tolo, mas...* bonito, ela pensou, como se os estivesse vendo pela primeira vez, *como eles pertencem uns aos outros*. E por um momento, Saavik quase entendeu os humanos, o amor e voltar para casa. Queria contar-lhes isso. Queria contar-lhes tudo, se parte deles, *pertencer...*

Saavik gelou.

Na porta estava um guarda de segurança com um homem alto numa cala preta. Ele tinha cabelos grisalhos, um rosto de ossos finos, e orelhas pontudas. Seus olhos perscrutaram a sala, vieram descansar sobre ela, e não se desviaram. Ele sorriu — e Saavik soube que estava olhando para o rosto do inimigo. Obo afastou-se. O coração de Saavik pulsava em sua garganta.

— Entre — disse Uhura, e, para o horror de Saavik, ela também sorria. — Este é Achernar. É ele que nós resgatamos. Ele tem lhe dado trabalho, Nelson?

— Nada. — O corpulento guarda fez uma careta e balançou a cabeça. — É um mesmo um cavalheiro. O médico diz que ele está fraco de mais para ser qualquer outra coisa.

— E agradecido demais — disse Achernar. — Vocês salvaram a minha nave e podem bem ter salvo a minha vida.

— Nós sabemos — disse Sulu, casualmente. Uhura começou a fazer apresentações. Mesmo embora os sentidos de Saavik se eriçassem, ainda parecia que o mundo enlouquecera. Eles todos estudavam o estranho com interesse, exceto por Obo, que caíra no sono no colo de Harper.

— ...E esta é a cadete Saavik.

— Ah, Gatinha — Achernar murmurou, os olhos pregados nela.

Uma onda de instinto assassino percorreu Saavik, provocando tontura e medo. Seus dedos crispavam-se sobre a mesa ao lado de sua cadeira, polegadas distante de uma faca limpa em uma bandeja. Alguém perguntou a ele alguma coisa, e ele olhou para longe dela, por um momento. Quando

olhou de volta, a faca descansava dura e fria na manga de Saavik. Ninguém ouvia os batimentos de seu coração.

— Preciso ir — disse, erguendo-se.

— Oh, não vá agora, Saavik — protestou Uhura. — É assim que se pronuncia o seu nome? É adorável.

— Como a sua dona — sorriu Achernar, rindo do ódio nos olhos dela. — E esta nave — ele delicadamente mudou de assunto —, é cheia de maravilhas. Não me foi permitido o acesso aos seus computadores, mas talvez alguém possa me iluminar sobre qual é o nosso destino?

— Lamento — disse Uhura. — Ordens.

— *Sssegredo!* — Obo ergueu-se, piscando um olho turvo. — Ssspock disse...

— Então, o que aconteceu com a sua nave? — Sulu interrompeu, rapidamente, enquanto Harper dava a Obo um olhar de aviso.

Achernar deu de ombros.

— Como eu disse ao Sr. Spock...

— Esslabilizador — Obo gorgolejou. — Consertafácil... Desta vez Harper rugiu em voz alta.

— Obo...

— Ops! Secredo, Bobby?

— Com licença — resmungou Saavik, pisando sobre colchões de pés esticados. — Eu realmente preciso ir... Estava desesperada para sair antes que eles notassem que ela estava tremendo. O romulano sabia, ela estava certa, mas ele apenas observou, sorrindo o seu horrível sorriso. Ela fez uma saída apressada sob um coro de "obrigado por vir" e "veja você depois", dilacerada de um lado por temer pelos humanos e, por outro, por medo do que faria se ficasse.

De volta à sua cabine, trancou a porta, encostou-se contra a parede, ainda tremendo, e puxou a faca da manga. Ela brilhou opaca em sua mão, uma coisa inútil e cega. Repulsão e vergonha varreram-na. Em um momento cego de instinto ela traía anos de ensinamentos e confiança de Spock; ela traía a si mesma. Ela a atiraria pelo conduto dos refugos agora mesmo, confiando-a aos recicladores da nave, apagando o objeto e o ato de sua mente, e ninguém nunca iria...

O comunicador assoviou, e o coração dela transformou-se em gelo. Ela abriu com um tranco gaveta de sua pequena escrivaninha, atirou a faca para dentro, e fechou de um golpe. Então respondeu à chamada.

— *Você está dezesseis minutos atrasada para o seu aprendizado, Saavik. Há alguma dificuldade da qual eu não esteja ciente?*

— Eu... eu peço desculpas, Sr. Spock. Estou a caminho. — Ela desligou, olhando para a gaveta fechada, lembrando-se aquele rosto zombeteiro, lembrando-se do motivo de ter roubado a faca, em primeiro lugar.

Quando saiu, ela trancou a porta atrás de si.

\* \* \*

— ...Mas ele é *romulano*!

— Sim, Saavik. Nós sabemos disso.

— Vocês *sabem*? E deixam que ele... Mas como descobriram?

— Pelo escrutinador médico, é claro. Ele registra a identificação dos componentes sanguíneos, uma leve diferença na...

— *Tranque-o em algum lugar!*

— Saavik. Ele está sob guarda, e você está agitada demais. Pelo momento eu devo ignorar sua impertinência. Você imagina que não tomamos precaução alguma? Você advoga o encarceramento de alguém a bordo cujos componentes do sangue?...

— Então tranque-me também! Ele é *perigoso*, Spock! Não confie nele! Ele nos fará mal se puder!

Spock a observava atentamente. Seus olhos faiscavam; manchas de cores febris queimavam em suas bochechas, e a aparência de seu rosto era mortal.

— Por que diz isso? Como ele nos fará mal, Saavikam? Você deve me dizer porque acredita nisso.

— Eu... eu não *sei*! Mas estou *certa*! *Ouça-me*, Spock! Ele está *planejando* alguma coisa! Eu o vi... em seus olhos! Eu senti... oh, isto não soará lógico para você, mas esse sentimento me manteve *viva*! Ele é *romulano*, e ele sabe... o que eu sou. Ele disse o que o meu nome *significa*! Em voz alta! Em frente de todos, apenas para...

Spock levantou sua mão pedindo silêncio e voltou-se para o intercom.

— Ponte, Spock aqui. Onde está o elemento, agora?

— *Convés de recreação, senhor. Área livre três. Sentado com...*

— Entendido. Spock desliga... Você pode ver, Saavikam, que temos a situação nas mãos. Agora sente-se. Componha-se. E explique porque você estava no convés de recreação e não em tempo para suas lições. A presença adstringente de Spock apresentava os seus efeitos usuais, e o romulano era vigiado por tantas pessoas, aqui nesta poderosa nave...

A respiração de Saavik diminuiu. Seu medo começou a parecer irracional até mesmo para ela.

— Para agradecer ao Sr. Harper — resmungou, agitando-se desconfortavelmente em sua cadeira. — Ele me pediu para ir à festa. Disse que seria divertido, o que eu desejava observar, mas eles nunca chegaram a isso. Eles não consumiram nenhum intoxicante, mas comeram um bocado de comida e a tenente comandante Uhura cantou uma canção.

— Você está preocupada sobre amanhã, Saavikam? Devemos falar disso? Amanhã. Hellguard.

— Eu me lembrarei, quando chegarmos lá?

— Não meios de saber, Saavikam.

— E se eu o fizer? Aquele lugar pode me tornar... — ela desviou os olhos — ...me tornar o que eu costumava ser? Quero dizer, é possível?...

— Não. Não tema as suas memórias. O que aprendemos nos faz o que somos. A vida se move para adiante, Saavikam, e assim também nós devemos. Não podemos escolher nossos passados, somente nossos futuros. O passado não tem poder sobre nosso progresso. Ele já foi vivido. Já está para trás de você.

*Aias não é isso, ela pensou, ele está diante de mim, esperando lá em Hellguard, e eu tenho tanto medo...* — Então amanhã... o que devo fazer?

— O que você sempre deve fazer: determinar o seu dever e realizar a tarefa. Mas amanhã — ele disse, intencionalmente — seu dever será bem definido. Você seguirá minhas ordens... *em todas as vezes*. Muitas vidas dependem do que encontrarmos lá. Você deve obedecer-me, Saavikam, e poderá não haver tempo para perguntas. Você entende?

Saavik anuiu. Ela via uma faca roubada jazendo em uma gaveta, e o cansaço nos olhos de Spock. Pensou em todas as suas noites de perguntas, respostas, escolas que ele encontrara para ela em mundos cruzando a galáxia, *tapes* de estudo que sempre chegavam, não importando de quão longe... Sempre Spock, desdobrando os segredos do Universo, das partículas subatômicas aos ciclos de vida das estrelas... e ela queria que essa noite durasse para sempre.

— Mas não há tempo agora — ele estava dizendo. — Eu não sou esperado na ponte pelas próximas quatro horas. Podemos passá-las à sua escolha.

— Então eu gostaria de estudar, como sempre fazemos. Amanhã eu posso não... ter tempo. Ele anuiu sua aprovação, recostou-se na poltrona, ligou o seu visor, e começou a procurar em uma pilha de *tapes*. Saavik trabalhou um instante em silêncio.

— Sr. Spock? Eu gostaria de fazer uma pergunta.

— Mmmm...

— Se eu houvesse feito o exame antigérmico todos esses anos atrás, você teria tido muito menos... inconvenientes, não teria?

Ele considerou por um momento, então balançou a cabeça. — Improvável, uma vez que eu teria pedido para ensinar-lhe, em qualquer caso. Mas podia somente dar-lhe conhecimento, Saavikam, não um lar adequado. Minha urgência foi em seu favor. Por mim... não teria preferido que fosse de outro modo.

— Nem eu — ela disse, quietamente, e voltou ao trabalho. Quase uma hora mais tarde ela olhou para cima, para perguntar algo mais, mas o queixo de Spock descansava em seu peito. Seus olhos estavam fechados. Ele estava em sono profundo. Não fazia isso há anos. Saavik observou-o durante longo

tempo, antes que deslizesse para fora.

Receando voltar à sua cabine, ela dirigiu o elevador de convés a convés, e caminhou pelos corredores da *Enterprise*, contemplando as estrelas através das vigias, bebendo da precisão e beleza da nave, sentindo os anos-luz dissolvendo-se do lado de fora. No convés de recreação ela saltou do elevador, antes que o visse.

Ele estava encostado na parede, observando, como se estivesse esperando-a o tempo todo. Medo fechou-se sobre ela, uma força que roubou-lhe o fôlego, e o sangue pulsava em seus ouvidos.

— Bem, alô, Gatinha — disse Achnar, e sorriu.

— Não me chame assim! — ela sibilou, odiando o modo como sua voz tremia. — Onde... *onde está o seu guarda?*

— Indisposto, mas só por um momento. Não se preocupe, Gatinha. Eu prometi esperar aqui mesmo.

— Você mente! Ele nunca abandonaria o seu posto! Nem confiaria em suas promessas!

*Alertar a ponte*, pensou, mas o intercom estava na parede, polegadas de sua cabeça. Ele apoiava-se em seu ombro direito, a mão direita oculta nas dobras de sua capa. Saavik perguntou-se se seguraria uma arma.

— E você não confia em nada, não? Mas responda à minha pergunta. O que esta gatinha romulana está fazendo em uma nave estelar da Federação?

— Eu tenho *direito* de estar aqui! Você não... criminoso!

— Então, você me teria deixado à deriva no espaço?

— Eu? — Saavik sentiu o calor subindo-lhe ao rosto. — Eu o teria pulverizado. Eu conheço-o.

— Então você me tem como uma desvantagem. Sobre você eu quero saber mais. Gosto de você, Gatinha. Diga-me, é o significado do seu nome que você tanto despreza? Ou o seu sangue romulano? Ou apenas a mim?

— Você. E suas mentiras. Você não sabe *nada* sobre mim!

— Sei que você tenta ser o que não é. Uma pena. Nenhuma vulcana poderia ser tão bonita. Bem, eu deverei manter o seu segredo, Gatinha, mas há mentiras e mentiras.

Saavik apertou os punhos.

— Deixe-me dizer-lhe algo, Sr. Achnar. Eu sei que é nosso inimigo. Se algum mal vier a esta nave ou a qualquer um a bordo dela, eu irei procurá-lo. Nem todo o Universo o manterá a salvo. Eu o caçarei e arrancarei seu coração. Juro!

Achnar riu, e o som fez o sangue de Saavik ferver. — Você pode não ter a chance, se estamos indo para onde penso.

— Pense o que quiser. Aonde estamos indo não é do seu...

Uma porta se abriu descendo o corredor, e um embarçado guarda de segurança emergiu e correu até eles.

— Obrigado por... Oh, alô, cadete. Perdoe-me — disse, estendendo o braço para além de Achernar, até o intercom. — Ponte, Nelson. Estou de volta, nenhum problema... não, apenas um chamado da natureza. Estamos a caminho. Ele tirou um pequeno cilindro de seu cinto. Com um sorriso enlouquecedor dirigido a Saavik, Achernar moveu sua capa de lado e suspendeu sua mão direita, tanto quanto o seu bracelete de segurança permitia. O cilindro o libertou de seu pulso, e então da pesada grade de um duto de ventilação onde estava atado.

— Lamento sobre isso — disse-lhe Nelson, enquanto assinalava o elevador. — Regulamentos.

— Eu entendo — disse Achernar, sempre gracioso —, mas a sua cadete não. Ela antes me veria arrastado e confinado.

— Não há necessidade — Nelson sorriu para Saavik. — Nós sabemos onde ele está a cada segundo. Já tivemos piores. Ora, eu poderia contar-lhe histórias que... Cadete, você está OK? Parece que viu um fantasma.

— Não... não existe tal coisa, tenente. Eu estou bem.

— Então una-se a nós — convidou Achernar. — Estávamos tendo uma conversa tão prazerosa. Poderia ser ainda mais, eu prometo.

— Não. Eu vi suas promessas — disse Saavik, tremendo com raiva, enquanto os dois homens entravam no elevador. — Não se esqueça das minhas.

— Eu as guardarei como um tesouro... Saavik. — Achernar sorria, e Nelson parecia confuso, quando o elevador os levou.

Oh, os tolos humanos! Eles não viam o perigo, e Spock via apenas lógica. Essa habilidade era nova para Saavik; ela não confiava nisso, agora. Sua vida dependera por tempo demais de ver coisas, fazer coisas que nem mesmo Spock entenderia, coisas sem nenhuma lógica. *Visto um fantasma..* Sim, aquele sorriso foi como um veneno familiar.

*Há mentiras e mentiras...* As palavras feriam; a verdade feria.

Ela pegou o elevador de volta à sua cabine, parando só uma vez. No corredor do Convés 6 os galhos de uma figueira cresciam quase ao teto. Ela a admirava a cada vez que por ali passava. Agora olhava para as pedras de areia ovais cobrindo o solo em sua base. E apanhou uma.

Sozinha em seu quarto, ela passava a lâmina cega da faca contra a pedra, repetidamente. Ela fazia um som pequeno e amargo. *Você tenta ser o que você não... Sim! Sim, eu tento! Quero ser melhor do que sou... mas não posso ser tola.* Assim, na quieta escuridão de sua cabine, ela continuou afiando a faca.

Não pretendia cair no sono. Não pretendia sonhar o sonho. Mas após evitá-la por várias noites, ele voltou, através de uma espiralante nuvem da poeira de Hellguard. Para além das paredes de luz turva, ela corria da morte que não morreria, voltava-se para lutar com a mão vazia, amaldiçoava a

escuridão que a arrastava para baixo. E como um eco de sua vida, os gritos continuaram, para sempre.

Só que desta vez havia um outro som: uma voz de um tempo de antes, de um lugar além do sonho. Ela chamava claramente em seu sono, agitando-a para acordar; e suas palavras deixavam-na suando de medo, soluçando no escuro, e contraindo-se da dor relembrada. *Olhe para cima, Gatinha, a voz dizia. Olhe para cima e veja as estrelas...*

\* \* \*

— Aproximando-nos, Sr. Spock. Os sensores lêem claramente.

O Sistema 872 Trianguli continha um sol feroz (e mesmo a sua ainda mais feroz estrela vizinha nascia e morria como uma gêmea malévola no céu de Hellguard) e cinco planetas — quatro chamuscadas até se tornarem pedaços de rocha sem vida, eons atrás, com atmosferas venenosas ou sem nenhuma, em absoluto. O quinto era morto pelos padrões da Federação, vermelho e marrom, árido e não-convidativo. A maioria das espécies precisaria de trajes ambientais para sobreviver em seu fino e queimante ar, e à sua poeira sulfurosa e corrosiva.

— Sr. Spock — Chekov já estava no posto de ciência —, um pequeno ponto imóvel em meu escrutinador. Sob aquelas montanhas. Eu não tenho nenhuma...

— Sem leituras, sem dados dos sensores. Sim, Sr. Chekov, um campo disruptivo. — O mesmo que intrigou os vulcanos, seis anos atrás. — Esse é o nosso destino. Sensores e o transporte não vão penetrá-lo. Eu deverei estabelecer um ponto de checagem, e irradiação, a partir da superfície. Perguntas, Sr. Sulu?... Muito bem, você tem suas ordens.

— Sim, senhor — Sulu assentiu, mas ele não gostava delas. Nem o Scott. Eles se encontraram naquela manhã, na privacidade dos alojamentos de Spock para ouvir ao seu plano, e Sulu não podia nem mesmo contar a Chekov do que se tratava. Agora, enquanto a superfície árida do planeta curvava-se na tela, uma única mancha brilhante ergueu-se no seu horizonte.

— Espere! Nave batedora! Armas em Unha!

— Embaralhe as comunicações dele — Spock disse a Uhura; mas ela já o havia feito. — Não atire, Sulu. Ative o raio trator, Sr. Harper... agora!

A minúscula nave voltou-se para se esconder atrás do planeta, mas então o raio lançado através do espaço arrastou-a para o encontro deles. Suas armas, mesmo à toda potência, não penetrariam os seus escudos. Batedores eram construídos para olhar, ouvir, correr — não para combater naves estelares. Esse minúsculo veículo não era ameaça para eles, e Spock não tinha paladar para execuções.

— Abra uma frequência de saudação, comandante Uhura, e ative o tradutor. Nave batedora — disse para o comunicador —, nós não temos o



desejo de fazer-lhe mal. Cesse suas tentativas de escapar. O esforço destruirá o seu vaso. Quando nossa missão estiver completada aqui, você será liberado. Você entende? Por favor, acuse a recepção.

Nenhuma resposta veio de lá, mas a nave parou a sua luta para soltar-se.

— Um estorvo indesejado — Spock suspirou. — Quantos a bordo?

— Apenas um, senhor. Está completamente sozinho.

— E não pode fugir ou alertar a qualquer um de nossa presença. Não deveria nos colocar nenhum perigo, Sr. Sulu. Não atire a menos que ele lhe de motivos.

— Sim, senhor — disse Sulu, sem alegria, preferindo um pequeno motivo e nenhuma presença inimiga. Só então as portas do elevador se abriram, e McCoy entrou na ponte.

— Então aqui estamos, huh? Só pensei em subir e ver o quê...

— Doutor, sua presença é desnecessária e se constituirá em uma distração. — Spock tocou o intercom. — Saavik — disse —, reporte-se à sala de transporte. É hora.

— Hora do *quê*? Você não vai levá-la lá para baixo? — McCoy perseguiu Spock até o elevador. — Isso é *loucura*, Spock! Isto não é...

— Depois de você, doutor. Sr. Sulu, a nave é sua.

Um silêncio que não era natural estabeleceu-se na ponte, quando Sulu tomou a poltrona do capitão. Chekov virou-se, incapaz de manter-se quieto.

— Sulu, eu tenho um pressentimento muito mau...

— Guarde-o, Pavel. Temos nossas ordens. Não temos que gostar delas. E Sulu não gostava. Nem um bocadinho.

\* \* \*

— Sim, Sr. Spock — Saavik desligou o comunicador e abriu a gaveta de sua escrivaninha. A faca estava ali dentro, afiada até o fio de uma navalha. Ela a apanhou com uma mão, a pedra arenosa na outra, desdenhando ambas. Seu punhos fechou-se apertado em torno da rocha; ela esmagou-se, de terra a pó, e derramou-se através de seus dedos para dentro da gaveta. Ela deixou a faca cair a seguir, fechou a gaveta de um golpe, e saiu.

Não trancou a cabine; isso já não mais importava.

— Convés Sete — disse ao elevador. Quando ele abriu, ela saltou para o corredor, contemplando a porta da sala de transporte principal, querendo fugir. Mas estivera fugindo a vida toda.

Spock estava ali, agora. E Hellguard estava esperando.

\* \* \*

A *Enterprise* estava atrasada.

Kirk correu os cálculos mais uma vez, e mais uma vez, dizendo a si mesmo que elas não significavam coisa alguma, que o aviso viria a qualquer

momento. E quando não viesse ele amaldiçoaria, em desamparada fúria, na segurança de sua prisão, faminto por algum desafio, algum risco, algum modo de fazer qualquer diferença. Mas não havia nada neste casulo, nesta inútil existência sem uma outra alma, onde minutos passavam mais lentamente que a eternidade e os únicos perigos eram confrontados nos campos de batalha de sua mente. Em seus momentos mais escuros, o pânico vencia, quando não mais podia imaginar que a porta jamais abrisse, ou as faces de seus amigos, ou o toque de uma mão — pelo resto de sua vida... não mais. Não nesses termos.

E então ele lutaria até retornar da extremidade, esperando, acreditando, porque não havia mais a fazer. Sua voz tornou-se rouca, suas mãos tremiam. Ele esqueceu de comer, e há muito passara o ponto da exaustão; se ele dormisse, não se lembrava. A realidade estreitara-se até a Cela 2103 e seus companheiros em exílio. Um outro dia arrastava-se para o fim, um dia que havia visto mais duas teorias caírem.

— *Senhor, está se sentindo bem?* — perguntou Kinski.

— *Sim, almirante.* — Reen olhou para cima, desviando os olhos do seu relatório. — *Perdoe-me, senhor, mas você nunca descansa?*

— Por quê? Estou dando nos seus nervos, doutora? — Kirk sorriu.

— *Não, senhor. É só que você parece exausto. Deveria ir ver um médico. Quando foi a última vez que você dormiu ou comeu uma boa?...*

— Você cuida do seu tricô, doutor, e eu cuidarei do meu.

Renn sacudiu a cabeça em desaprovação, e voltou ao trabalho, mas Kinski foi até o comunicador.

— *Almirante* — ele disse —, *o senhor tem um minuto?*

— Acontece que — disse Kirk, gravemente — eu tenho.

— *Bem, tenho pensado um bocado... sobre o que faria se eu um dia saísse daqui.*

— Isso é normal, Kinski. Mas você está fazendo um bom trabalho.

— *Obrigado, senhor, mas não é o trabalho... sou eu. Você pensa que as pessoas deveriam fazer aquilo no que elas são boas?*

*Mesmo se elas tivessem que mudar de carreira, para fazer isso? Mesmo que significasse... abandonar a Frota?*

— Dúvidas também são normais, Kinski. Você está sob um bocado de pressão. Isto não é hora de fazer decisões sobre carreira — Kirk acautelou-o.

— O que mais você gostaria de fazer?

— *O que eu fazia antes* — disse Kinski, parecendo embaraçado. — *Veja, senhor, quando eu era mais jovem, eu... fazia games de computador. Eu comecei a empresa quando tinha quatorze, mas então entrei na Academia, e não houve mais tempo...*

— *Games Kinski!* Eu sabia que esse nome era familiar! — Kirk estudou o jovem nervoso com novo interesse. — Você fez a Curva Infinita, não fez?

— *Sim, senhor.* — Um sorriso transformou o rosto de Kinski. — *Esse foi o meu me mor. Você ouviu falar nele?*

— Eu joguei-o — Kirk admitiu. — Também o meu primeiro oficial Vulcano. Ele chegou a todas as dezesseis soluções, também.

— *Dezessete, senhor. Um menino lá de Iowa ou algum lugar achou uma nova, este ano. A coisa é a seguinte, senhor, eu penso que sou melhor fazendo games do que servindo na Frota. Você está certo sobre a coisa real ser diferente. Comparado com isto, a Academia foi apenas um jogo. Eu não consigo evitar de me sentir assustado, senhor. Não acho que conseguirei parar. E se sair aqui, apenas quero ir para casa e fazer meus games... você sabe o que estou dizendo?*

— Realmente — Kirk suspirou — eu sei exatamente o que você diz. E lhe direi uma coisa, Kinski. Não há vergonha em estar assustado. E não há vergonha em desistir da Frota. Agora, eu sou sério no que digo. Não se precipite. Você empenhou um bocado de trabalho para chegar onde está. Assim, espere até que tudo isto esteja acabado, e reflita um pouco. Então, se você ainda sentir o mesmo, você vá para casa e faça aqueles games. Porque a única vergonha nesta vida, Mr. Kinski, é não fazer o trabalho para o qual você é talhado. E uma vez que o encontre, não deixe ninguém tirá-lo de você.

— *Sim, senhor* — disse Kinski, com autoconfiança começando a aparecer em sua face. — *Eu farei isso... e obrigado, almirante.*

— Disponha, Sr. Kinski...

Uma luz começou a piscar no painel de Kirk: Nogura, chamando pela primeira vez em dois dias. *A Enterprise?...*

— ...mas eu penso que você fará aquela pausa, agora. Segure-se aí, Kinski. As coisas vão melhorar.

— *Sim, senhor.*

Mas no instante em que Kirk viu o rosto de Nogura, soube que as coisas estavam pior, muito pior.

— Almirante.

— *Jim* — disse Nogura, carrancudo —, *às 0920 horas de hoje, recebemos do Império a negação formal de todas as acusações. O debate foi suspenso, e o Conselho votou. A natureza dessa ameaça, a falta de progresso da ciência... isso tudo contribuiu. Nem mesmo Sarek pôde persuadi-los de que a paz é o caminho, não desta vez. A delegação vulcana inteira retirou-se.*

— Então nós estamos... em guerra? — Em torno de Kirk, a sala pareceu obscurecer-se.

— *Estaremos. O Conselho autorizou um ataque tático. Grupos de batalha estão posicionados para cobrir a Zona Neutra da Base Estelar Dez até os pontos...*

— Minha nave ainda está lá fora! Ela não terá nenhuma chance!

— *Jim... ela nunca teve. Spock sabia disso. A Enterprise entrou porque tínhamos que tentar. Já teríamos ouvido se...*

— Eles estão vivos, almirante! — Kirk ouviu-se gritando, sabendo que somente traia a sua exaltação e os nervos em frangalhos. — Não se passou tanto

*tempo...* — A piedade nos olhos de Nogura enfureceu-o. — Eu saberia se... *maldição, eu saberia!*

— *Diga isso aos mundo de Rigel, Jim. Diga aos bilhões que morrerão se esta arma funcionar de imediato. E diga isso ao Conselho da Federação. Nós executamos a sua vontade., ou você esqueceu isso? E pelo amor de Deus* — ele esperou, em silêncio —, *componha-se. Você sabe contra o que nós lutamos.*

— Tempo, Heihachiro — Kirk esforçou-se para soar razoável. — Apenas dê a Spock um pouco mais de tempo. Isso é tudo o que estou pedindo.

— *Não acho que você entende a situação, Jim. A destruição de uma cidade, uma nave estelar não estará lá quando as ordens chegarem... e agora você quer que eu obstrua um mandato do Conselho?* — Sim! Quero dizer... *não!* Eu... — Kirk lutou contra a exaustão que, ele sabia, estava atrapalhando seu cérebro. — Eu apenas quero dizer... As ordens da Frota vêm diretamente de você, almirante. Enquanto a minha nave estiver viva, pode haver uma chance de *parar isso*. Agora, isso não vale cada segundo que você puder implorar, emprestar, ou roubar?

— *Nem um único comandante de esquadra iria me apoiar nisso.*

— Eu vou — Kirk ouviu-se dizer. Nesse instante ele estava certo de que as teias de aranha em sua mente foram-se. Estava agarrando-se a palhas, mas talvez ele *pudesse* fazer uma diferença, afinal. — Ouça-me, Heihachiro! — disse, desesperadamente. — Com as naves em posição, a Zona está defendida. Ache um modo de parar essa ordem, e eu... — Não havia retorno disto, mas subitamente as palavras vieram fáceis. — Eu *aceitarei* aquela designação em terra! Você terá o meu apoio, e eu estarei por perto para *fazê-la resistir!* Isso *significará* alguma coisa, almirante... com o Comando e com o Conselho... e você *sabe* disso!

Nogura ficou observando-o, sem dizer nada. *Essa velha raposa*, Kirk pensou, *o que se passa em sua cabeça? Maldição, eu nunca sei...*

— Eu não vou dar para trás desta vez. Sem truques. Sem jogos. Palavra de honra. — *Você compreende, Jim* — disse Nogura, cuidadosamente —, *que estamos falando somente de cerca de vinte e quatro horas. No máximo. O Conselho votou, e mesmo a minha discrição não cobrirá mais tempo que isso. Você estaria assumindo um bocado em um dia. Tem certeza de que você quer?...*

— Minha nave está lá fora... — e eu farei qualquer coisa, qualquer coisa! Mas Kirk não pôde fazer passarem pelo nó em sua garganta. Finalmente Nogura assentiu.

— *Eu sei, Jim* — ele disse, gentilmente. — *Você sempre foi um homem de apostas.*

A tela se apagou, e a visão de Kirk embaçou-se. Os monitores estavam escuros agora, e a exaustão desceu sobre ele em ondas. Seu corpo doía, braços e pernas transformados em chumbo, e ele afundo no silêncio vazio como uma pedra, enquanto vencer e perder corriam em círculos em seus pensamentos... *Mas eu venci, não venci?*... E os círculos alargaram em piscinas, refletindo lembranças de ar e luz. Mundos onde caminhara — jovens mundos verdes, onde pessoas viviam e riam em baixo de suas estrelas, nada sabendo de Fede-

rações ou Impérios. E os amigos que caminharam com ele, e tocado e amado e lutado, e algumas vezes morrido. E o profundo e amplo Escuro dos oceanos sem fim e sóis que nunca se punham, onde um capitão estabelecia o curso, e a nau velejava... para sempre...

Kirk dormiu.

\* \* \*

Nogura desconectou o intercom, sabendo que Jim arriscara demais sua cartada somente porque estava tão cansado. Mas as vitórias eram poucas nestes, e esta foi um presente inesperado — ou a promessa de um homem que se afogava.

Ele atravessou o seu escritório até a vigia que ocupava a parede exterior. A Terra dormia, um disco escuro com um contorno de luz. E na mesa de ônix, os galhos da sua árvore bonsai agitavam-se. Ele pensava em carvalhos e Jim Kirk, quando a campainha soou.

— Senhor? — Seu adjunto apareceu à porta. — Esse foi o almirante Komack. As naves estão em posição, exceto pela *Enterprise*. *Ele diz que a Enterprise* não transportou nenhum delegado para o Conselho. Ele está... aborrecido, senhor.

— E o que você disse a ele, Michaels? — Nogura contemplava a sua árvore: um salgueiro ainda dobrando-se, um ancestral há muito falecido, uma lição do passado que o decepcionava no presente.

— Uh... o que você disse esta manhã, senhor. Disse que quando ele chamasse eu deveria dizer-lhe que a *Enterprise* estava a caminho, o seu ETA era um dia solar, e que a Frota não se moverá sem ela...

— Está correto. — E Jim deveria ter imaginado isso sozinho, houvesse ele sabido que um velho almirante encontraria um modo — mas Jim estava tão exausto que não estava pensando direito. *Palavra de honra*, a promessa de um homem que se afogava... Chegara a tanto um velho almirante?

—...Então foi isso o que eu disse, e o almirante Komack disse... Bem, ele disse um bocado de coisas, senhor. Quer que eu?...

— Eu sei o que ele disse, Michaels. Quando ele chamar de volta eu estarei ocupado, entendido?

— Sim, senhor. Almirante? Posso fazer algo pelo senhor?

A casca da árvore era verde, exibindo minúsculos brotos. A primavera vinha devagar no espaço, mas vinha. Atrás dele pés mexiam no carpete, jovens, ansiosos. — Agora não, obrigado. Como vai você, Michaels?

— Bem, almirante. É só que toda esta espera!... Mas isso é o que dizem, não é, senhor? Que a esperar é sempre o pior.

— É o que dizem? Cada segundo que puder implorar emprestar ou roubar. O salgueiro dobrou-se ao seu toque, como deveria ter se dobrado aquele dia, três séculos atrás, embaixo do peso do corpo do seu ancestral, aquele dia em que o céu transformou-se no inferno de Hiroshima. Um milagre, esta árvore. Mas nenhum milagre naquele dia, para os ancestrais.

— Então eles estão *errados*, Michaels — Nogura disse, ríspido. — A espera *não é* o pior.

872 TRIANGULI V; *Thieurrull*; Hellguard. Em qualquer língua, sinônimo de Fogo e Enxofre. O tremular gêmeo do transporte colocou Spock e Saavik dentro da velha comporta que dava para o vento quente de um forno, um céu em brasa desmaiada, argila que chamuscava suas botas e se partia em fissuras ziguezagueantes até onde os olhos podiam ver. Sóis desciam, baixos por trás das montanhas, e a luz do dia morria sobre as ruínas de uma colônia reclamada por um mundo vingativo. Poeira já não mais soprava pelas entradas vazias; não havia mais entradas, somente pilhas de pedras esmigalhando-se com o tempo. Spock varreu a cena com seu tricorder.

Abalos haviam torturado as montanhas que circundavam a borda ocidental da colônia, e derrubado grandes pedaços de rocha e os arremessado para onde os prédios costumavam ficar. Matacões recém-caídos mostravam traços de magnetismo, mas o campo disruptivo que repelia os sensores das naves vinha debaixo das montanhas, não da pedra em si. Nenhuma vida registrada; nesse deserto coberto de rochas eles estavam completamente sós. Ele abriu o seu comunicador. — Spock, aqui. Estamos prosseguindo rumo às montanhas. Eu me comunicarei a intervalos. Situação, Sr. Sulu?

— *Os escrutinadores lêem com clareza, senhor. E aquele batedor está à reboque, bonito e tranqüilo. Não está se comunicando ou indo a lugar algum.*

— Garanta que ele não o faça, Sr. Sulu. Spock desliga... Saavik?

Fitou-a, o rosto pálido à luz fraca, segurando seu tricorder como um talismã, como se ele pudesse deter o mal desse lugar. Spock sentiu uma súbita antecipação, um anseio de chamar a nave, e irradiá-la de volta a bordo. — Saavikam. Os regulamentos não me permitem designar-lhe um phaser. De fato, armas podem ter pouco uso para nós aqui, mas acredito que esta pertence a você.

Uma faca jazia na palma de sua mão. Seu punho estava quebrado, sua lâmina perdera o fio após todos esses anos. Saavik recuperou o fôlego e a apanhou lentamente, buscando alguma lembrança, enquanto sua mão se fechava em torno dela. Olhou para cima, tentando agradecer-lhe, falar-lhe daquela outra faca que deixara para trás, mas não encontrou palavras.

— Devemos ir agora — ele disse. — Você pode achar o caminho?

Ela assentiu, e eles partiram rumo oeste, na noite que se formava. O vento noturno começou a soprar, levantando poeira para girar a seus pés. Ela rastejava de uma rocha a outra, procurando manter-se nas sombras, observando, escutando antes de cruzar um trecho de terreno aberto.

— Saavikam — disse Spock —, não há ninguém aqui. Não sabia se ela ouvira, se nunca alcançariam a caverna, ou o que poderia estar esperando por

eles se não a encontrassem; Sabia somente que tinham que tentar. A poeira soprava, a noite descia, e as estrelas apareceram em toda a sua glória, enquanto ele seguia Saavik para dentro da ventania.

*Estrelas. Sempre estrelas à noite em Hellguard, sempre poeira, sempre o vento...* E isso suspirava para ela — coisas velhas e cruéis. Estranho andar neste chão calçada, com alimentos que não precisava comer, roupas quentes contra a sua pele, uma presença às suas costas que ela não precisava temer. Tentou pensar em lições aprendidas em salas limpas, em outros mundos cujos povos e céus eram amáveis. Mas essas lições eram para outros tempos; aquelas salas estavam muito longe. A dor vazia arranhando em seu ventre não era real, não podia ser; ela não mais tinha fome. Mas estava lá como se nunca houvesse partido: dor antiga e triunfante, dizendo-lhe que estava viva. Não morta pela sede ou pega pelos Guardas ou morta pelos Outros Bastardos, como os estúpidos Pequenos que gritavam alto e caíam no sono à noite. Não, lições aprendidas eram diferentes aqui: observar e esperar; atirar suas pedras em segredo, duras o bastante para esmagar um crânio, quando fosse preciso matar alguém; odiar, e esconder-se, e nunca morrer, porque então Eles venceriam, e então Tudo pararia, e então não poderia mais odiar a Eles...

Saavik agachou-se ao abrigo de uma rocha e limpou a areia dos olhos, enquanto Spock chamava a nave para confirmar suas novas coordenadas. Ele ligou a lanterna portátil quando eles partiram outra vez. O amplo jato de luz cortou a escuridão, e brincou sobre pedras roladas sobre o caminho, e pedras agudas espalhadas no terreno. Saavik não precisava da luz. Ela achou seu caminho pelo brilho das estrelas, como sempre havia feito, e ouviu ecos familiares no crescente... *sons de pés batendo... de lutas árduas e ruidosas... um berro moribundo de alguém pego. Um outro alguém. Não eu. Não esta noite...*

— Saavikam, não há ninguém aqui.

*...Mas fantasmas... formas altas e descarnadas de robes esfarrapados e olhos fundos: os Quietos que observavam os céus e davam sua comida, que nunca matavam ou fizeram-lhe mal, e nunca lutavam para continuarem vivos. Estranho, e estúpido, não lutar! Estúpido não se esconder, quando os Guardas sempre vinham e os Quietos sempre desapareciam. E alguns apenas saíam andando. Observavam o céu a noite toda, os dedos no rosto de um outro, e no alvorecer saíam para a planície, deixavam cair seus robes sob sóis assassinos, e se ajoelhavam, esperando na poeira para morrer. Algumas vezes levava o dia todo. E algumas vezes ela corria atrás deles, gritando, "Não não! Vocês voltem!" tão irada que mal sentia a pele queimada separar-se de seus pés. Mas eles nunca a atendiam, aqueles Quietos estúpidos, estúpidos...*

— O que é isso, Saavikam? Você está com dores? — A voz de Spock



estendeu-se para ela, saída do vento. Seu rosto dobrou-se próxima, olhos inquisidores na poeira girante. O coração dela seguro pelo medo e pela vergonha. Não podia contar-lhe como era, como sempre eram os errados que morriam, como eles não pareciam tão estúpidos agora. Ela balançou a cabeça, agarrou sua faca apertada na mão. Memórias agitaram-se novamente: ela nunca possuía essa faca; havia obtido-a em algum lugar, se pudesse somente...

*Olhe para cima, Gatinha. Olhe para cima e veja as...*

— Espere! — disse Spock. Ele recuou contra uma pedra. A colônia ficara para trás, agora. Rochas caídas cobriam os últimos quinhentos pés até uma projeção inclinada de penhascos que formavam a face da montanha. — Spock para *Enterprise*. — Os assovios do canal soaram.

— *Sim, Sr. Spock. Ainda o estamos ouvindo, mas muito fracamente.*

— A sala de transporte pode ser travada nestas coordenadas?

— *O Sr. Scott diz que sim. Isto é um SIM, mas um pouco mais perto e...*

— Marque nossa posição. Vamos investigar e retornaremos para cá.

— *Positivo, Sr. Spock. Boa sorte!*

— Entendido. Spock desliga.

Tomou um ponto de referência, alinhando a pedra onde estavam com dois picos da cadeia de montanhas. — Saavikam. — Mostrou a ela. — Lembre-se deste ponto de referência. Se nos separarmos, retorne aqui a qualquer custo e chame a nave. Ela parecia apavorada, mas nada disse enquanto seguiram em frente. Aqueles velhos poços de mina que a expedição havia considerado não-ultrapassáveis, estavam adiante e à direita deles, mas Saavik não o levava para essa direção. Ela se movia agilmente pelo terreno traiçoeiro, dirigindo-se direto rumo a um veio na parede de rocha sólida. Um tremor sacudiu o chão, e uma chuva de poeira e pedregulhos desceu a montanha, espalhando-se. Quando terminou, Saavik não estava visível em parte alguma.

— Saavik! — Spock gritou. — Saavik, onde está você?

Ele fez a luz brilhar pelo penhasco. Ela estava em pé numa falha estreita, uma fenda atrás do veio. Entretanto, não parecia nada além de uma rachadura natural na face da montanha. Ele aproximou-se cautelosamente, compondo reprimendas agudas em sua mente, e então esquecendo-as quando a alcançou e viu seu rosto. Essa rachadura na montanha era bem escondida e muito mais larga do que parecia.

— Lá — ela cochichou, apontando. — Lá embaixo.

\* \* \*

— Não, eu tenho que ver *Spock*! Chame-o imediatamente, ou leve-me até ele!

— Não posso fazer isso, Sr. Achernar. — A mão de Nelson colocou-se

firmemente na corronha do seu phaser, enquanto a porta da enfermaria deslizou, abrindo-se. — Seu encontro é com o Dr. McCoy. Agora vamos, senhor.

— Jovem tolo! Isto é...

— Apenas uma pequena checagem em como você vai indo — disse McCoy, adiantando-se para encontrá-los. — Agora você, para dentro e fique à vontade. Eu já estarei lá. — Fez um gesto para a sala de exames.

A presença considerável de Nelson bloqueava o corredor. Achernar fez uma pausa, os olhos viajando de um para o outro, e então suspirou e fez como lhe foi dito. Quando a porta se fechou atrás dele, McCoy trancou a fechadura.

— Muito bem, Nelson. Qual é o caso com ele?

— Não sei, senhor. Ele queria ver os jardins, por isso eu desci com ele até a Botânica. Ele olhou a paisagem do porto e ficou realmente agitado. Começou a falar selvagemmente, ordenando-me que o levasse à sua nave. Tentou subornar-me, senhor. Chamou-me um tolo por recusar. Agora quer o Sr. Spock, se não se importa. E de pronto.

— Ele viu aquela pequena nave em nosso raio trator?

— Não, senhor, e nem esse planeta. Nada a estibordo além do espaço profundo. Ele não me diz porque, apenas que estamos todos em perigo, se não o deixamos ir. O senhor pensa que eu deveria reportar isto à ponte?

— Que ele gostaria de ter sua nave de volta, muito obrigado? Isto é o *Império* Romulano, Nelson! É *claro* que estamos em perigo! Eu deixaria a ponte saber o que ele sabe. — McCoy começou a dirigir-se à sala de exames, e então voltou-se. — A propósito, o que aconteceu de errado com a nave dele?

— O estabilizador. A engenharia substituiu a unidade inteira. Fratura de fadiga na cobertura da interface *warp*, mas eles não sabem como aconteceu. Não há fadiga o bastante para dar conta disso, diz o Sr. Scott Diz que Achernar poderia tê-lo feito de propósito. Somente isso faria *sentido*, não, senhor?

— Não há uma maldita coisa que faça sentido aqui, Nelson.

— Pensa que isso poderia ser importante, sobre a nave dele?

— Talvez. Pelo amor de Deus, não o deixe saber que está consertado.

— Mas... ele *sabe*, doutor. Descobriu noite passada. Senhor, quer que eu vá lá para?...

— Não, não. Você não se mexa. Mas se ele sair e eu não, você atire nele ou coisa assim, ouviu? McCoy entrou na sala de exames, medindo seu paciente com os olhos.

— Doutor! Onde está Spock? Preciso falar com ele imediatamente! — Achernar cobria o piso com passadas longas e impacientes.

— Ele está muito ocupado, Achernar. Você pode me dizer o que está...

— Chame-o aqui, ou leve-me a ele! — Ele baixou a voz e moveu-se para mais perto de McCoy. — Sei onde estamos, doutor. Conheço estas estrelas. E sua nave está em grande perigo.

— Uh-huh. — McCoy ignorou a ameaça implícita e consultou o seu *scanner*. — Pressão sanguínea alta, pulsação alta... nada bom... — Ele ajustou um hipospray. — Você tem tido alguma tontura? Náusea? Insensibilidade nas mãos ou?...

— Ouça-me, homem! Você... — Os olhos de Achernar tornaram-se frios e irados. Uma garra capaz de esmagar ossos fechando-se sobre o pulso de McCoy, fazendo a mão tremer em sua mão. — Que droga é esta?

— Isto! Maldição! — McCoy enraiveceu-se. — É a sua última *imunização* série X-9. Sem a qual, moço, você não sai da minha *enfermaria*! E o único perigo que eu vejo aqui é um *paciente*! Segurando o *pulso* do seu médico! Agora você *componha-se e comporte-se*, moço! *Está me ouvindo?*

Achernar recuou e libertou a mão do médico. Colocou-se sobre a mesa.

— Desculpe, doutor. Estou apenas preocupado com a sua nave.

— Bem, somos dois. — O *spray* sibilou contra o braço de Achernar. — E já é hora de *alguém* fazer *alguma* coisa...

— Doutor... seu... *toló*... — Os olhos de Achernar rolaram para cima quando ele tombou. McCoy deitou-o, ergueu seus pés para a mesa e trancou as correias em torno de suas pernas e braços.

McCoy deu alguns passos para trás, para admirar o seu trabalho manual, e procurou o intercom.

\* \* \*

— ...Sim, doutor, ele ficará grato em ouvir isso. — Uhura virou-se com um sorriso. — Sulu, Dr. McCoy reporta que nosso hóspede romulano diz que estamos todos em perigo. Mas parece que ele teve uma reação engraçada a um certo medicamento.

— Não brinque. — Sulu tentou uma careta. — As melhores notícias que tive no dia. Pena que uma outra...

— Maldição! — Chekov xingou para dentro do visor do posto de ciências. — Tremor no planeta, Sulu! Pressão sísmica acumulando-se no interior. Não é nada bom que eles tenham ido para o subsolo.

— Traga-o de volta, Uhura.

Ela dobrou-se em seu painel, tentando, e finalmente sacudiu a cabeça. — É aquele campo. Há interferência demais, agora.

— Então informe o Sr. Scott sobre o tremor. Isso é algo que ele precisa saber. Spock chamará quando puder. — Sulu desejou que o capitão estivesse ali. A poltrona de comando parecia grande e solitária.

Na tela, a nave-batedora era arrastada abaixo deles — uma nave de folgada. Sulu não gostava de folgados. Lançou um olhar a Chekov, que o

retribuiu.

— Pavel — murmurou —, não sou eu quem decide. Por isso esperamos. A questão era por quanto tempo.

\* \* \*

O túnel descia e descia por baixo da montanha. Spock fez sua luz brilhar nas paredes rochosas onde as passagens se ramificavam para cada um dos lados. Mais túneis, alguns com carros-de-mina e ferramentas, alguns trancados por barras de ferro postas na pedra. Ele usou o seu tricorder como uma câmera; a distâncias maiores que umas poucas polegadas os escrutinadores era tão embaralhados pelo campo disruptivo quanto os sensores da *Enterprise*. Uma série de leituras aproximadas, contra as paredes dos túneis, finalmente apresentou resultados.

Depósitos daquela forma anômala de silicone estavam ligados ao minério de ferro a essa profundidade. Uma substância nativa neste planeta fora descoberta, estudada, engendrada em um vírus ativo — essa era a razão de existir desta colônia onde ninguém deveria ter estado. E agora ele poderia prová-lo — se saíssem dali vivos.

Saavik caminhava ao seu lado, claramente perdida em sua dolorosa jornada de volta no tempo, e lutando por controle. Os tranquilos murmúrios de descobertas de Spock nada fizeram para aliviar as ondas de terror sufocante, odientas, emanções de uma mente curvada pela vingança. Um outro tremor retumbou através da montanha. Ele conhecia o perigo, mas era tarde demais para enviá-la de volta.

O piso inclinou-se para baixo, virando-se acentuadamente para a direita, e adiante o túnel virou-se de novo. Spock apagou a luz, pois agora já não estava escuro. Na curva, uma placa pintada bania o uso de armas de raios-partículas, e as paredes recortadas devolviam uma luz própria, bruxuleando em cores. Subitamente percebeu que Saavik já não se encontrava ao seu lado. Ela erguia-se mais adiante, banhada por aquela luz ondulante, a faca brilhando em sua mão.

— Saavik! *Não!*

Ela caminhou para dentro da luz e desapareceu.

— Saavik, volte! Eu *ordeno* que você... — Mas ela se fora. Spock alcançou a curva correndo, e estacou diante do que via: aqui o túnel alargava-se em uma ampla caverna sustentada acima por uma rede de grades de aço, um armazém iluminado pelo que armazenava.

Caixas. Fileiras sobre fileiras delas, empilhadas em paredes maiores que sua cabeça, construída com tijolos mortais de luz entrançada e iridescente.

Mas Saavik não estava visível em parte alguma. Ele tentou o seu escrutinador, pegou uma estática inútil, e olhou para baixo, para um número de corredores reluzentes, parando para gravar perturbações na poeira —

quatro espaços vazios em uma parede próxima ao túnel, onde os tijolos faltavam. Checou o cronômetro construído em seu tricorder: cinquenta e um minutos desde que chamara a nave. Por agora eles deveriam estar se dirigindo à superfície, para terminar o serviço que a Enterprise viera fazer. Qualquer que tenha sido o torturado impulso que enviou Saavik àquele labirinto iluminado, poderia levá-la a sair do outro lado.

— *Saavik!*

Sem resposta. Sem escolha. Ele escolheu uma passagem e começou a andar.

\* \* \*

*Pega. Pendurada de ponta-cabeça sobre uma saliência. Arrastada feito uma coisa morta por guardas odiosos com mãos que machucavam... dor rasgando seu peito, sangue borbulhando de sua boca e nariz, uma trilha escura pingando no chão...* Assim foi como ela chegara ali antes.

Pega? Não, ela nunca fora pega! Parte da mente de Saavik ainda estava fazendo perguntas, enquanto lembranças irrompiam em seu cérebro.

*Dor. Olhos deslizando, vigiando: um quadril movendo-se, um cinto retinindo, um diminuto brilho de metal. Braços balançando, dedos estendendo-se*

— *faca reluzindo! Dor atordoante. Então deslizando de uma saliência, caindo no chão. Guardas xingando - não vendo como ela enrolou-se em uma bola e empurrou a faca para dentro dos trapos em volta de sua cintura. Botas ásperas chutando, risos. Levantam-na. Escuridão levando tudo embora.*

E aqui estava ela, novamente — nesta armadilha com as paredes de olhos, luzes que se moviam como a poeira aos sóis, este lugar sem onde esconder-se. Mas ela tentara, confusa no brilho doentio deles, com sangue brotando de sua garganta. Saavik olhou em torno e encontrou-se sozinha. *Não se mexa, não agora, nem mesmo faça um ruído...* Não, isso foi *depois* — depois que o fizera. A vergonha abriu-se nela como uma ferida. Não podia lembrar-se do porquê. Seu coração batia forte, bombeando medo, e a loucura fechou-se em volta das bordas de sua visão. Em alguma outra realidade distante, alguém chamou — uma voz que não deveria estar chamando aqui. Sabia que deveria responder, mas os gritos em sua mente cresceram com cada passo que dava, engolindo sua voz, abafando o seu nome. Tudo acontecia novamente. Botas soavam, vozes chamavam, a morte caçava nesses salões de luz... *que Aquilo nunca me veja... que Aqui lo nunca me ouça, que Aquilo...*

AQUILO... havia *vivido!*

Ela se lembrou disso, o sangue correu gelado em suas veias. Porque Aquilo... era *real*. Ainda estava ali. E ela sentia Sua presença agora,

esperando por ela no escuro, esperando ao fim de toda a luz...



\* \* \*

— Saavik! — Spock deixou os corredores para trás, chamando, ajustando seus olhos ao brilho. Contornos pesados de maquinários agigantavam-se à luz ambiente: recipientes, manômetros, conduítes alimentando um poço de gerador perfurado fundo no piso da caverna e atravessado por um passadiço elevado. Ele considerou uma tentativa de anular o campo de força — e rejeitou-a: uma tarefa que consumiria tempo, mesmo se o passadiço suportasse o seu peso. E algo mais perturbava-o.

Isto era uma fábrica acumulando poeira, sua automação escondida,

encarcerada em aço, sua esteira transportadora parada há muito tempo. Mas não havia salvaguardas adequadas para se lidar com esses produtos mortais. Um armamento terminado ainda descansava em uma plataforma; outros estavam empilhados em um carrinho perto, e lá embaixo, dentro do poço, células de energia ainda reluziam, carregadas pela energia geotérmica do centro do planeta. A produção aqui cessara abruptamente. O lugar fora abandonado em desordem, tanto quanto a colônia lá em cima. Adiante a caverna estendia-se em sombras. Mais equipamento, balcões de laboratório, alinhavam-se em uma parede, e para além disso... formas.

Muitas delas, contornos penumbrosos com fracos pontos de luz, altas, oblongas. .. Ele moveu-se para a frente com o coração derreado, subitamente sabendo o que iria encontrar. Sua luz perfurou a escuridão, o tricorder zumbia, e Spock ficou cara a cara com o horror que era Hellguard: câmaras de teste. Objetos de testes. Fileiras sobre fileiras...

Os vulcanos estiveram aqui todo o tempo, aquelas malfadadas tripulações da *Perceptor*, *Criterion*, *Constant*, e *Diversity*. Os homens e mulheres de ciência e de paz que partiram para mapear as estrelas há tanto tempo, não estavam mais perdidos.

\* \* \*

Saavik sentia o seu caminho ao longo da parede da caverna, vendo coisas que já não estavam mais ali: maquinários retinindo e fazendo barulho junto a um poço de fogo. Poeira erguida em torno do fosso do gerador como fumaça, vermelha no ar refulgente. Sentia as mãos rudes dos guardas aferradas aos seus braços, ouviu o riso despeitado deles enquanto a arrastavam, chutando, mordendo, arranhando, para este lugar dentro dos seus sonhos.

Lembrar-se a fez esfriar. Tremendo, agachou-se atrás de um balcão de laboratório, apertou os nós dos dedos contra as pálpebras, para fazer com que passasse, mas não pôde deter as visões. Ergueu a cabeça, olhou através dos frascos nebulosos e provetas, onde um jato partido de luz balançava entre os pilares dos mortos, onde memórias tomavam forma e caminhavam, e queimavam-lhe a alma com seus olhos tristes e desesperados.

*Os Quietos. Nem tantos ali todos juntos, mas mais dele do que guardas — Guardas Bastardos! Estúpidos Quietos não lutavam, não sabiam como iam morrer...*

— ...Resistindo, Senhor. Eles se recusavam a se mover.

— *Eles sempre fazem, a princípio — disse um homem em uma longa capa preta.*

*Guardas gritavam, empurravam, eles próprios temerosos de chegarem perto daqueles lugares de morte. Os Quietos não escutavam. Eles sabiam. A morte estava em seus olhos, tristeza quando olharam para ela, todos os*

rostos afundados, ossos nus... Por que os Quietos sempre morriam? Seus guardas a sacudiram adiante para um anel de luz. Lutou para alcançar sua faca, lançou um olhar para ela. E esse olhar congelou seus esforços e seu coração. A ponta brilhante da faca aparecia através dos trapos em volta de sua cintura, trapos que estavam desatando-se.

— Então eles devem aprender — a voz suspirou, aborrecida. Capa Preta deslizou, voltando-se para ela. — Centurião! O que é isto?

— Nada, Senhor, perdoe-me. A cadelinha provocou encrenca lá em cima. — Mãos de ferro dobraram-se, e a seguraram rápido. Capa Preta aproximou-se mais, olhou para baixo com olhos frios. Então Aquilo sorriu. Um sorriso mau e horrível. Ela xingou, cuspiu n 'Aquilo, guinchando ameaças vazias.

— MATA SUA CARA! MATA SEUS OLHOS! MATA VOCÊ BASTARDO...

...E ganhou com isso um golpe vacilante contra sua cabeça. Os olhos daquilo observaram-na, furioso com seus guardas.

— Calem-na. Já temos nossa própria encrenca, mas nenhuma que não possa ser resolvida. Os Quietos se mexiam todos perto uns dos outros, fingindo não ouvir. Capa Negra fez um som farfalhante. Seus dedos apontaram para o meio deles.

— Pegue aquele primeiro...

Ele não parecia ter medo. Um soldado o agarrou, arrastou-o para fora, arrancou os trapos do seu robe.

— LUTA! VOCÊ LUTA! — Saavik gritou. Uma mão fedorenta fechou-se sobre sua boca. Ela lutou por ar, sentiu afaça começar a escorregar, e então prender-se novamente e ficar pendurada, pesada, em sua cintura.

Aquele Quietos nunca modificou sua expressão, nem mesmo quando a espada cantou pelo ar e cortou fora o seu braço. Sangue jorrou, borrifou, encharcou o piso. A lâmina subiu, desceu. Outra vez. Outra vez. Outra vez. Gritos cresceram, congelados na garganta de Saavik. Ela não podia desviar os olhos. Seu mundo tornou-se respingado do sangue verde e escuro. Finalmente ele caiu. A espada golpeou uma vez mais. Sua cabeça rolou livre, os olhos arregalados olhando para as partes dele próprio. Então tudo ficou quieto, nenhum som além dos soluços estridentes quando ela sugava o ar por entre dedos de uma mão sufocante. Capa Preta suspirou.

— Uma pena — Aquilo disse. — Que desperdício. As câmaras, agora! E ainda assim eles não se moveram.

— Eu não serei desobedecido! — Aquilo gritou. — Se eu precisar... Não!

Não há necessidade! — A capa ondeou e rodopiou. Os olhos acesos sobre o que buscavam, e o rosto contorcido no sorriso d'Aquilo. A mão erguida, um dedo apontado direto para Saavik — Pegue aquela como a próxima, pegue-a...



\* \* \*

As mãos de Spock tremeram. Ele firmou-as. Pesar borrou seus pensamentos, e isso despertou uma raiva avassaladora. Centenas de vulcanos e seus filhos olhavam de suas câmaras-stasis servindo-lhes de tumba, uma caixa quebrada em cada uma, e em cada porta uma placa de dados mostrava quanto tempo cada espécime levou para morrer. Faces escurecidas congeladas em agonia, o último vestígio de controle arrancados deles no final. Forçou sua mente ao pensamento lógico: sua tortura terminara há muito; o conhecimento que tinham deste lugar estava perdido para sempre. Caminhou pelas colunas que corriam para o centro das fileiras e prestou-lhes homenagem do único modo que sabia — gravando tudo. Refez os seus passos, notando que as câmaras penduravam-se suspensas em cabos presos ao gradeamento no alto, mais seguras do que descansando no chão instável do planeta. Não exibiam nome algum. Mas havia datas, começando nas fileiras mais anteriores, há quase vinte anos atrás. Vítimas posteriores, muitas delas crianças, tiveram mortes muito mais rápidas. A fileira na frente não estava inteiramente completa; câmaras abertas esperavam, vazias exceto por uma reluzente caixa de arco-íris.

Aquele último registro — Spock converteu-o para a data estelar da Federação. Não podia ser coincidência.

Naquela mesma data, mais de seis anos atrás, a *Enterprise* ouviu um sinal vindo da Zona Neutra, e seus dedos descansaram no rosto de uma mulher moribunda. Corajosa e malfadada T’Pren. Para ela, e para muitos, aquele sinal chegou tarde demais. Mas não para um punhado de crianças esquecidas, a última geração nascida para alimentar estas câmaras. Uma delas vira este lugar e sobrevivera — e assim ocorreria com mundos inteiros, se houvesse tempo. Não, T’Pren não morreu em vão. E Saavik...

— Saavik! — gritou. — Saavik, responda-me! Um som. Poderia ter sido o de um passo.

— Saavik?...

Outra vez. Definitivamente passos. Ele sondou as sombras com sua luz, sabendo que ela poderia se esquivar dela, se assim escolhesse — e então sabendo algo mais, um fato que sempre tomou por certeza até agora. Saavik não fazia barulho quando andava.

Os passos arrastaram-se mais perto dos recessos da caverna, muito além das fileiras de câmaras. Spock fez sua luz brilhar entre elas, apanhou um movimento no escuro: alguma coisa alta, ornada toda de preto.

Não era Saavik.

\* \* \*

... Aquela *como a próxima, pegue-a...*

Simsim! Pegue-me! Ponha suas mãos bastardas longe e...

— NÃO! — disse alguém. Ela nunca soube Qual foi A palavra reverberou até silenciar. Todos os olhos deles estavam nela por um momento, então os Quietos viraram-se, movendo-se todos juntos, indo para onde Aquilo queria que fossem, todos por causa dela.

— NÃO! - tentara gritar. - NÃNÃO! ACHA FACA! MATA PRA VOCÊS! MATA ELES TODOS!... — Mas a mão em sua boca manteve as palavras dentro. Portas se fecharam, uma a uma. Em cada câmara veio um flash cegante de luz. Agora os seus rostos mudaram. Quietos retorciam-se em seus lugares, batiam as mãos contra as paredes, mas suas bocas não fizeram um som — enquanto isso Aquilo caminhava para cima e para baixo, observando as pequennas luzes cambiantes. Então os Quietos pararam. As luzes pararam. Aquilo parou, voltou-se novamente... e sorriu.

— Então. Isto serviu a um propósito, afinal Livrem-se disso. BASTARDO! BASTARDO MENTIROSO! Loucura explodia em sua cabeça.

Eles a arrastaram pelos braços até uma câmara vazia, através de um piso lavado com sangue. Ela se debateu e chutou e lutou, esquecendo que se feria, esquecendo que não podia vencer, esquecendo tudo.

Os farrapos em volta de sua cintura soltaram-se. Afaça caiu, retinindo nas pedras, e ficou ali brilhando na luz. — Bem, bem. O que temos aqui? — Aquilo disse, rindo da sua pequena faca.

— Cadela! — xingou o proprietário legítimo da faca, e cometeu o seu último erro. Ele afrouxou o punho por um instante, dobrou-se para agarrar afaça de volta. Ela debateu-se como uma enguia, e no momento em que os dedos dele alcançaram o chão, afaça estava enterrada em sua barriga, rasgando e soltando-se com arrancos. Ele arfou e gemeu, abraçou o ventre, mirou em descrença para as entranhas escorregando através de suas mãos. O outro guarda desferiu um golpe Ela esperou que ele viesse e enfiou a lâmina através do seu coração.

Dirigiu a faca para cima através de camadas de roupas, e virou-a de lado com toda a sua força. Capa Preta caiu guinchando de joelhos. Sangue jorrou descendo o rosto d'Aquilo, e dedos se fecharam em garra onde os olhos costumavam estar, e Aquilo gritou... Oh, como Aquilo gritou...

Saavik correu, correu dos guardas que se precipitavam e pelas fileiras de câmaras, passando por trabalhadores de olhos arregalados. Gritos soaram; passadas marcharam atrás dela; gritos roucos e atormentados encheram o ar. Quietos morreram, por causa dela... Aquilo ainda vivia, por causa dela... e sem nenhum, nenhum lugar para esconder-se. Ela atirou-se ao labirinto bruxuleante, arremessando-se nesta direção, naquela, em qualquer uma...

E acordou. Ensopada em sangue, perdida em um labirinto de luz, tentando lembrar porquê. Mas alguém gritava, tão alto que ela não conseguia pensar; alguma coisa vinha encontrá-la, matá-la, pelo que quer

*que ela tenha feito. Que Aquilo nunca me veja.. Mas alguém a viu.*

*CORRECORRECORRECORRECORRE..*

*Aquilo estava vivo. Ela devia lembrar-se disso, e que Aquilo a caçaria, não importando para onde ela corresse, ou quão duro ou rápido ou longe. Aquelas paredes de olhos a vigiariam para sempre, e Aquilo sempre estaria ali, esperando no escuro, enquanto Aquilo gritava e gritava e gritava..*

\* \* \*

Era um espectro, uma casca vazia, a sombra do que costumava ser um homem, que tateava o caminho ao longo da passagem entre as câmaras. Sua capa estava surrada, rasgada, e Spock viu porque ele nunca recuava diante da luz. Por baixo do capuz e o cabelo embranquecido uma cicatriz goivava aquele rosto espectral, cortando até as órbitas vazias dos seus olhos. Ele sentiu uma presença, parou, endireitou-se. Algum vestígio de autoridade ainda sustentava-se em seu porte. Quando falou, sua voz tremeu, e sua língua era romulana.

— Quem vem lá? — chamou.

— Senhor — Spock respondeu-lhe na mesma língua, a cortesia azedando-se em sua boca. — Eu venho... para servir.

— Ah... Você voltou, afinal! Tenho esperado! Mantido tudo em ordem! Vê

— gesticulou cegamente —, quão bem feito é o meu trabalho? O Primeiro requisitou-me, agora? É chegado o tempo de fazer meu relatório?

*Quem? A quem ele se reporta?*

— Sim — disse Spock —, é chegado o tempo.

— ...Relatório... ah! — O homem cambaleou mais perto alguns passos, ainda longe, na passagem central cercada por fileiras de tumbas. — Meu trabalho, minha descoberta das eras! Ninguém, nenhum mundo pode resistir a ela! Eu lhe disse há muito tempo como seria: muitas naves, muitos mundos novos... Relatório? É tempo? Eu mantenho este lugar para ele... mantenho tudo em ordem. Vê quão bem feito é o meu trabalho?

Spock agitou a luz em torno, procurando abertamente por Saavik, querendo saber o que seria melhor para levar a ambos a bordo. A mente deste homem há muito descera à loucura, mas qualquer conhecimento que pudesse ter restado dever-se-ia preservar. A voz continuou zumbindo, e os debrios assumiram uma escura e irada torção.

— ...Ou meu trabalho de tantos anos! Eles *deixaram-me* aqui, você percebe? Aaaaaii! — ele gemeu e tocou o rosto, torturado por alguma lembrança.

— *Você* percebe, mas eu *não!* Você... você ainda está aí?

— Sim. — Spock aproximou-se, ansioso em mantê-lo falando. — Conte-me do seu trabalho. Houve... algum acidente aqui?

— *Acidente?* — ele chiou, e começou a rir. Uma risada oca e medonha.

— Sim, acidente! Uma *criança*, uma insignificância... ela tentou fugir! Mas meus guardas a pegaram. Sim, muitos guardas uma vez... contaram-me de como a pegaram! Oh, ela morreu pelo que...

— MENTIROSO! — Um grito fendeu o ar.

A sombra de Saavik caiu entre eles, a meio caminho, descendo a passagem, e ela pisou dentro do jato de luz. Spock apanhou um relance de cabelo ondulado, o rosto de uma fúria vingativa, e o reflexo do metal em sua mão erguida.

— Saavik! Não! — ele gritou. Mas ela não podia ouvi-lo, pondo para fora, aos gritos, uma vida de ódios.

— GUARDAS MENTIRAM! VOCÊ MENTIU! SEU ODIOSO, ASSASSINO BASTARDO!

Ele recuou, indefeso e temeroso. — Quem vem?...

— EU! — Sua voz ressoou. — A QUE FUGIU! MAS EU VOLTEI! E VOCÊ VAI MORRER! — O espírito dela exultava. Sentia o gosto de sangue — e de triunfo — e não fugiria mais; nunca fugiria de coisa alguma novamente. Seu braço estendeu-se para cima...

— Não, *Saavik*! Não!

...E alguma coisa escura assomou-se atrás dela, e desceu estendendo-se para a sua mão. Ela conhecia isso; tudo isso acontecera antes, e acontecia tudo novamente. Com um uivo de raiva, ela girou, a lâmina cortando o ar... e o presente chocou-se com o passado.

Faca reluzindo, uniforme da Frota Estelar, e... Spock. De algum modo, ela deslocou o golpe para o lado, que desviou-se passando por seu ombro, rasgando tecido, não pele. *Oh, Spock... e o seu rosto nunca mudou, nem mesmo quando...* Saavik atirou fora a faca, arremessou-a longe na escuridão, ouvindo-a bater em algum lugar nas pedras. A figura encapuçada balançou e recuou tateando no ar, e seus gemidos cresceram até se tornarem gritos roucos e atormentados. Saavik avançou; Spock bloqueou o seu caminho.

— Saavikam. Nós devemos sair deste lugar.

— Eles... — ela olhou em torno, para as câmaras, suas mãos tapando os ouvidos para deter o som — não *lutariam*! Eles apenas... *andavam para dentro*! Por *minha causa*, Spock! Porque ele... *ele fez isso*! E ele está indo embora! Não o deixe viver! Deixe-me...

— Pense, Saavik! — Spock sacudiu-a pelos ombros. — Pense no que ele sabe! Pense nas vidas em perigo! Pense!

Mas Saavik não podia pensar. Ela fez a única coisa que pôde: correr. Fugir dos mortos e do inimigo, de Spock, e de si mesma, enquanto gritos reverberavam pela caverna.

E com uma frustrada olhadela na direção dos gritos que afastavam-se, Spock seguiu-a, parando apenas uma vez durante o caminho.

— *Correio, Sr. Sulu. Três recipientes de contenção graduada. Irradie-os para baixo imediatamente. A carga de retorno será triplamente selada, mas isole o suporte de vida da sala de transporte até que a carga esteja segura a bordo. Então leve-a escoltada até o laboratório um.*

— Sim, Sr. Spock, eu certamente o farei. — Sulu engoliu em seco e acenou com a cabeça para que Uhura transmitir as ordens. A carga transformaria a Enterprise em uma nave-fantasma. — Recipiente a caminho, senhor. Agora, quanto a esse sobrevivente, você diz que ele poderia conhecer...

— *Isso ainda está para ser verificado. Ele não está de posse de suas faculdades mentais. Eu o levarei comigo, quanto tiver completado nossa tarefa. Sr. Scott...*

— *Mais vinte minutos, senhor.* — Scott comunicou da Engenharia. — *E não posso fazer mais rápido. Estamos adicionando escudos extras, e, pelos céus, espero que seja o bastante! Aquele planeta está se sacudindo em suas...*

— *Estou ciente das atividades sísmicas. Por favor, continue.*

— Saavik virá com o senhor? — Sulu perguntou.

— *Não. Ela será irradiada em breve. Prepare-se para receber carga.*

— No aguardo, Sr. Spock. Nós confirmaremos.

— Sulu... — Chekov voltou-se, apontando para a tela do seu escrutinador. Sulu veio olhar por cima dos seus ombros. Na beirada da tela três pontos de luz piscavam, movendo-se lentamente para dentro da grade. Leituras surgiam em um canto.

— Sr. Spock, nós acabamos de captar três naves nos sensores, ainda sem dados sobre tamanho. Elas rumam nesta direção. Na velocidade e curso presentes, ETA é de... quatro horas, vinte minutos. Isso é o bastante?..

— Deverá ser, Sr. Sulu. Do contrário, você tem suas ordens. — *Sulu — Uhura anunciou —, sala de transporte confirma.*

— ... Sim, senhor. E aquela carga, Sr. Spock. Está a bordo.

— *Atrase duas horas, Sr. Spock. E corra com isso. Spock desliga.*

A ponte estava muito quieta. Sulu olhou para os pontos piscantes no escrutinador, então para a tela principal onde a nave batedora permanecia suspensa no raio trator. Como um folgado, pensou, *só esperando para soltar-se*. Pensou sobre suas ordens, se Spock não conseguisse voltar à tempo. Pensou sobre essa carga agora a bordo da *Enterprise*. Perguntou-se porque nunca quisera um comando próprio.

— Sulu? — Uhura sussurrou. — Correr com o *quê*?

— A bomba — ele disse. — Spock vai explodir aquela montanha.

Spock assinalou o fim da transmissão, com os olhos em Saavik, que não deu sinal de sua presença. Ela amontoava-se no chão, seu rosto escondido contra a rocha onde ele lhe pedira, no que parecia anos atrás, que esperasse. Ajoelhou-se ao lado dela, e quando ela não afastou-se, colocou seus dedos levemente contra sua têmpora. Lembranças fluíam brutas e claras agora, pela superfície de sua mente, todo o caminho até o início. Olhe para cima, Gatinha, dizia uma voz do passado...

...Diferente dos outros, essa Quieta de olhos irados. Ela não *era* tão quieta. Ela vigiava e odiava também... e encontrava maneiras para lutar. — Pegue a minha comida, Gatinha, pois assim você fica feroz e rápida... Vêm vindo guardas, Gatinha, então corra e esconda-se... Um dia, Gatinha, eu vou tirá-la daqui. Devo contar ao meu povo. Devo achar um modo...

*E Ela apontava para o céu e falava sobre um lugar chamado Lar, ao qual pertenciam Quietos e Pequenininos, onde não havia guardas ou gente morrendo na noite, onde o alimento era livre e crianças dormiam e ninguém tinha medo. O Lar era aquela, lá, junto com as outras brilhando na noite.*

— Estrelas, Gatinha, você deve sempre observar as estrelas. Elas são as únicas coisas belas neste mundo esquecido. Observe-as, pois elas zelam por você.

*O tempo passou. Naves vieram, levaram trabalhadores com elas ao irem embora, deixando guardas irados para trás, e eles seguraram todo o alimento.*

— ...Você está faminta, Gatinha, e tudo o que tenho para lhe dar são estrelas. Você é como elas, corajosa e brilhante. Lembre-se disso, quando estiver faminta e com medo. Não importa o quanto a noite seja escura e terrível, olhe para cima. Elas todas pertencem a você. Lembre-se de olhar para cima, Gatinha. Olhe para cima e veja as estrelas...

*Mas os últimos Quietos desapareceram, na noite em que a nave desceu, levantando poeira por toda a planície. Saavik procurou em todos os lugares. Dela, soluçando em desespero. Foram-se, foram-se como os outros, para nunca voltar. Assim Saavik vigiou a nave, naquela noite, os guardas bebendo, caminhando descuidadamente. E então uma voz chamou do vento.*

— Aqui! Aqui, Gatinha! — *Ela estava lá! Uma sombra nas sombras da nave.* — Corra! Corra, Gatinha! Nós estamos indo para casa!

*Tão longe, tão longe... Pedras cortaram agudas os pés que corriam. Os guardas ouviram, vieram gritando, pisando duro e se aproximando por trás. Jatos de fogo passaram por sobre sua cabeça, incendiando o solo, deixando cicatrizes no metal da nave. Eles A queimariam, com nave e tudo, e Ela morreria e Eles venceriam... NÃNANÃO! NÃO ESTA AQUI!*

*Saavik parou de correr. Ela virou-se e atirou-se a eles quando passavam por ela correndo, e desequilibrou dois deles, arranhou, mordeu, agarrou suas gargantas.*

— Viva! Você tem que viver, Gatinha! Eu voltarei para buscá-la! Oh, perdoe-me, Gatinha... *Punhos martelaram e armas de fogo gemeram. Ossos quebraram-se e motores rugiram. A nave levantou poeira fustigante, pairou por um momento, e então voou alto para dentro da noite. E eles continuaram batendo nela, gritando imprecações enquanto faziam chover os golpes. E arremessaram-se cruzando uma saliência, enquanto a carregavam embora. Ela viu os pequenos covardes ocultando-se nas rochas: outras crianças observando, nada fazendo, com medo. Mas aquelas trilhas de luz continuavam subindo, mais altas e mais altas na escuridão, e parte dela subiu com eles até que o próprio céu apagou-se...*

Spock viu isso tudo: o horror na caverna; as horas escondendo-se nos túneis até que os guardas se fossem; os dias de sangramento, balançando entre vida e morte enquanto a febre comandava sua mente e a fome comia seus ossos. Mas de algum modo Saavik sobreviveu, para atirar sua faca e amaldiçoar o seu mundo e sempre olhar as estrelas, e tentar nunca cair no sono, pois não ouviria os gritos.

Viu as novas luzes brilharem no deserto e os Quietos caminharem pelo mundo novamente, e talvez eles tivessem comida... Escutou com ela na tenda: *Aquelas crianças, Spock, nunca deveriam ter nascido... A natureza humana destruída e envergonhada...* E sentiu um temor sem nome, enquanto tremia com ela no vento, tentando se lembrar porquê. E finalmente, ouviu a si mesmo: Quieta diferente dos outros, a Quieta que não era tão quieta, naquela noite falara de um local chamado Lar... Eu agora sei, Saavikam. Spock retirou a mão. Sua mente buscou colocar-se novamente em indiferentes e bem-estruturadas salas de pensamento onde a lógica reinava e as coisas caóticas ficavam trancadas do lado de fora, mas não encontrou consolo ali. Sua vida privilegiada surgiu diante dele, e suas próprias pequenas lutas empalideceram. Sua disciplina pareceu-lhe vazia agora, e a abnegação mera vaidade. Conhecimento enciclopédico não chegava a lugar algum, aqui; as velhas equações falhavam. Porque Saavik sofria dores, sozinha no escuro, e ele daria qualquer coisa, qualquer coisa que possuísse, para terminar com isso. Mas, fora apagar as memórias que ela duramente reuniu juntamente com o sofrimento, ele não conhecia um modo de fazê-lo. E parecia errado que não soubesse. Parecia-lhe o maior fracasso de sua vida.

O vento de Hellguard soprava gentilmente agora, empurrando a poeira rente ao chão, e acima as estrelas queimavam, frias.

— Ela... deu-me comida — Saavik sussurrou — e eu nunca soube o seu nome. Ela era... minha mãe, Spock? Terá ela enfim encontrado o seu lar? Sim, ele desejou mentir. *Lar e segurança.* — T’Pren. Seu nome era T’Pren. Eu a conheci por instantes. Ela foi corajosa, Saavikam, quase tão corajosa quanto você. — E enquanto eles observavam as estrelas brilhantes e indiferentes, muito tranqüilamente, ele contou-lhe a verdade. — ...Não, ela

não era a sua mãe. Mas teria sido. Teria vasculhado o Universo para encontrar você.

— Isso fez com que Saavik virasse o rosto para longe.

— Então você encontrou-me. Deu-me tudo... e eu... eu quase...

— Mas não o fez. Não chore, Saavik. Está acabado, agora..

— *Não* está acabado! — ela enfureceu-se. — *Nunca* acabará! Eu quero matá-lo... vou querer isso a *vida toda*! E se eu jamais tiver a chance...

— Olhou para ele com lágrimas correndo por seu rosto e nenhum orgulho que restasse para fazê-las parar. — Perdoe-me, Spock, por falhar com você, mas eu nunca poderei ser uma vulcana. *Isto...* é o que eu *sou*.

— Não há nada a perdoar — ele disse, enquanto tirava o cabelo dos olhos dela. — Nunca houve. Exceto um professor que guarda seu fracasso para si mesmo. Venha comigo, Saavikam. Veja o que eu vejo, saiba o que eu sei...

— *Sim, eu sou o que sou*, ele pensou, enquanto estendia-se para ela. Pois ao menos uma vez em sua vida, absurdamente, estava grato.

Saavik soluçou como se fosse morrer. O uniforme de Spock estava molhado, suave contra o rosto dela. Seus dedos alisaram o cabelo dela e se estenderam fundo para suavizar sua mente. Tão estranho sentir um outro coração batendo com o dela própria, um outro fôlego dentro de uma outra vida. Tão brilhante, este calor, uma quieta cortina que caía entre ela e a dor. Deu-lhe novos olhos, nova visão, uma lente entrando em foco...

Subitamente ocorreu a Saavik que ela não fizera o seu mundo; como as crianças em toda parte, apenas lhe aconteceu de ter nascido... Porque nunca pensara nisso? Pensou outras e estranhas coisas. Questões fluíram como ondas na praia. Os vulcanos caminharam para dentro daquelas câmaras gratos pelo significado que a chance de salvar uma vida dava às suas mortes? T’Pren achou a coragem para agarrar-se à vida durante tanto tempo por causa de uma criança que se voltou e lutou e escolheu ficar para trás? E aquele momento corajoso mudou este mundo que ela nunca fez, e os eventos que viriam passados anos?... As questões se tornaram dela mesma. A mão de Spock descansava em seu rosto. Seus braços envolvendo-a, e o tempo imobilizara-se. Ela não estava com medo. Era tão quente ali, tão brilhante dentro da mente dele. E havia salas — salas maravilhosas. Bibliotecas reunidas durante uma vida, universos de conhecimento com precisão matemática, abstrações de refinada clareza — e uma porta.

Uma bela e perfeita porta. Nunca aberta. Nunca alcançada.

*Sua resposta jaz em outra parte, Spock..* e uma Mente vasta e indiferente

— um Viajante incapaz de brilho — mantinha-se lembrando a ele do porquê de ser assim. Mas essa perfeita porta mantinha-se. Suas salas entendiam tudo isso. Pessoas surgiram e passaram, somando equações à sua passagem



— e uma nunca saiu, aquela que chegou às equações de Spock sobre propósito, rindo, iluminando. As paredes assimilaram até mesmo isso, crescendo mais altas, mais fortes, encontrando equilíbrio. E então...

Uma criança impossivelmente familiar estava em pé na poeira. De olhos cavos, nua, faminta. Orgulhosamente clamando propriedade sobre nada menos que todos os céus. *Spock! Diga-me algo novo agora! Primeira vez!* As salas assumiram a incerteza e a desordem. Novas matrizes se formaram apressadamente, deletaram a si mesmas, formaram-se outra vez. Erros ocorreram. Terríveis gritos agudos de computadores. Olhe, Spock! Eu CONSEGUI!... E equilíbrio tornou-se um estado de fluxo. Mas mais brilhante. Refulgindo em segredo em coisas tão minúsculas: olhos abertos de encantamento; punhos fechados que não atacavam; pequenos dedos industriais, golpeando criaturas indefesas, espiando em tudo — menos uma caixa posta alta em uma estante.

*Oh, eu pretendia dizer-lhe — na nave em uma gaveta... Vitória. Uma batalha vencida. Uma promessa mantida, aquela faca caída lá.*

*Mas todos os meus enganos — estão se virando ao avesso! Você começa a atender.*

E uma outra gaveta, secreta como a luz, que continha uma outra faca e um velho pedaço de papel: SPOCK NÃOVÁ..., um holograma de seu rosto carrancudo e um tape de arquivo da Academia: EXAME AVALIAÇÃO DA CIDADÃ DA FEDERAÇÃO, SAAVIK. Tanta luz dentro daquela gaveta, derramando-se sobre as distâncias, vertendo através dos anos. Sem fracasso, sem vergonha, somente Saavik — perguntando, aprendendo, vencendo cada dia.

*Mas isso é somente o que eu sou — e não é o bastante! Ah, sim. A porta.*

Brilho podia projetar sombras. Luz podia cegar, trair. Ela juntava-se acima em um sol. Sol dos sóis, dia dos dias. Os mais Quietos de todos, serenos em robes, pedras gravadas em baixo de seus pés, vozes cantando: *Aqui nestas areias nossos antepassados expulsaram...*

*...a luz, Spock? Sim. E a escuridão. As salas, as pessoas, o que ri... e você. Tudo. Por aquela porta.*

*Talvez, para meio-vulcanos, apenas leve um pouco mais de tempo... As salas forçavam as paredes de seu confinamento, desejosos de novas dimensões. Vozes entoavam no ar, o sol sobre pedras antigas...*

*...E alguma coisa acontecia a Spock, acontecia no seu antes-e-agora. Saavik percebeu-o, e ficou com medo. Sentiu sua mão esfriar, seu respirar diminuir, sua mente voltar-se para a canção. Seu coração não mais batia com o dela; em verdade ele escarçamente batia. Eu não pertencço a este lugar, ela tentou dizer. Mas braços a seguraram, braços e a luz.*

*Sua resposta mente...*

*Por trás daquela porta, Spock, essa bela...*

*Outra parte!* disse Spock, de uma vez por todas, para o seu sol e pedras e vozes de Vulcano. Respirou fundo e livremente. *Eu não busco nenhuma verdade que não possa ser ensinada, nenhuma Paz que não possa ser partilhada. Sou o que sou. E algumas coisas — eu escolho não deixar para trás.*

E então tudo passou, o sol e pedras e o canto. Um espaço vazio tremeu onde estivera a lembrança, com nada deixado nele além de silêncio, braços e luz, e uma perfeita e bela porta...

Abrindo-se. Abrindo-se amplamente.

E em sua soleira todas as paredes ruíam, objetivas mesmo em sua dissolução. *Ao avesso. Fascinante...*

Luz jorrou e ondulou enquanto eles caminhavam — estanho, pois eles estavam parados, e a imobilidade tocava uma música particular. O brilho fluiu à volta deles acenando, envolvendo, varrendo-os para longe. Ela conhecia este lugar que nunca havia visto: um continuum de luz e escuridão, uma taciturna fiando equilíbrio em harmonias de cristal de pensamento. Enigmas deslindavam-se aqui, onde Passado e Futuro, Plano e Chance, Tempo e Distância perdiam suas formas — e encontravam-nas. Equações refratadas em prismas estendendo-se ao infinito. Eram naves e estrelas, jornada e destino, indo rumo a ela e estado lá todos ao mesmo tempo. E não estavam sós.

Todos estavam lá. Cada alma que Spock jamais tocou, cada ser que jamais conheceu: mãe, pai, capitão, amigos... e T'Pren — inteira e em paz, em casa e em segurança. E havia as multidões que Spock nunca encontrara que o conheciam assim mesmo: legiões ávidas de um passado antes do seu tempo começar, espíritos esperando para nascer em um futuro que ele nunca veria. Vida tocando vida tocando vida, encontrando-se aqui nesta eternidade da mente. Spock estava entre eles exatamente como era — na poeira de Hellguard, apesar de tudo, segurando o que não deixaria para trás — e ninguém parecia surpreso.

*O significado vem diferentemente...* As razões para se nascer. E Saavik entendeu como suas diferenças faziam de suas Verdades a mesma. Como bastava estar em pé onde eles estavam, quem eles eram, fazendo o que deviam e vivendo em seus dias, enquanto eles todos andavam juntos ali dentro da luz. O bastante e tanto mais. *Nós todos somos o que somos, e todos somos um ao outro...* Mesmo no escuro e na poeira. Ele devia lembrar-se disso. Como uma vez vira este lugar sem raiva, sem dor, sem mais metades de coisa alguma; como uma vez, apenas uma vez, ela pertencera. Como Spock lhe deu até mesmo isso. *Eu lembrarei, Spock, prometo. Mas eu sei que terá terminado em breve...*

Enquanto esse pensamento errante vagabundeou por sua mente, Saavik também soube que ainda chorava, que Spock ainda acariciava seu cabelo, e

somente alguns minutos haviam passado. O brilho demorava-se mesmo quando o chão tomou forma em baixo de seus pés outra vez. Poeira ainda soprava. Estrelas ainda cintilavam no céu. Identidades dividiam-se lentamente, cada uma na sua própria forma, mas nenhuma delas movia-se. Ela procurou por Densamente para perguntar sobre essa luz, o que era, de onde veio...

*Eu não sei, Saavikam. Somente que ela brilha.* E algo mais, terrivelmente importante, que Spock estava para dizer-lhe...

Mas seu comunicador chiou um som agudo e urgente. Ele a deixou ir, endireitando-a sobre seus pés. O chão tremeu, e Saavik sentiu um temor oprimido, um ardor em seu coração. *Eu seu..* Spock colocava o seu próprio tricorder em suas mãos, deslizando a correia em torno do pescoço dela... *Sei o que era! Ele estava me dizendo... adeus...*

— Você será irradiada para cima, Saavikam. Dê isto ao Sr. Sulu. Isto deve alcançar o Comando da Frota. Você entende? — Ela anuiu, entontecida, sem condições de argumentar. — ...Spock aqui.

— *Está pronto, senhor* — disse Uhura — , *mas o Sr. Scott quer...*

— *Não faça isso, senhor!* — Scott interrompeu. — *Esse planeta está para sofrer um abalo maior. A caverna está em uma falha, e a pressão no centro do...*

— Sr. Scott — Spock andou alguns passos para longe e abaixou sua voz

— *^* por favor confine suas especulações ao equipamento pelo qual você é responsável. Você pré-ajustou o timer?

— *Sim, para duas horas. Está trancado, e uma vez que a seqüência começa, nada se pode fazer pra pará-la. Mas deixe-a na superfície, senhor! Irradie Saavik pra cima! Se nós voltarmos pra lá...*

— Ela será colocada corretamente, Sr. Scott, na profundidade maior possível. Uma detonação na superfície não assegurará o sucesso. E há um sobrevivente lá embaixo que tem informações...

— *Você será morto, homem! O abalo está vindo! Se você for pego lá embaixo, não sairá vivo!*

— Devo lembrá-lo, Sr. Scott, da gravidade da nossa missão ou da perda em vidas se falharmos? Irradie o dispositivo para baixo. Agora. Prepare-se para irradiar Saavik a bordo. E Sr. Scott, eu preferiria você nos controles de ambas as transferências.

— *Sim, Sr. Spock! Nós traremos a mocinha de volta, sã e salva. Mas o resto. .. Eu não gosto disso! Eu o farei, mas não gosto disso!*

— Entendido, Sr. Scott. E anotado. Spock desliga.

Um cilindro prateado gigante materializou-se no ar. Três metros de altura, um de diâmetro, ele flutuava pouco acima do chão em seus antigravs internos. Spock moveu-o para o lado.

— Venha, Saavik — disse, com naturalidade — Eu seguirei em breve.

Ela anuiu, não oferecendo nenhum argumento. Entendia, o que o deixou orgulhoso. Caminhou para ele, então parou.

— Sr. Spock, eu gostaria de fazer-lhe uma pergunta. Como isso funcionará? Vai mandar a caverna pelos ares?

— Isso são duas questões, Saavikam, contudo... — ela havia conquistado isso, e tinha o direito de saber — ...Aguarde, Sr. Scott, um momento mais. — Spock fechou seu comunicador e começou a examinar os controles do mecanismo, enquanto explicava: — *Não pelos ares*, Saavikam. Para baixo. Para destruir o arsenal sem contaminar o espaço em redor. O Sr. Scott construiu uma bomba gravitacional, em efeito, uma carga de profundidade planetária. O disparador inicial propõe uma carga de anti-matéria para dentro do manto do planeta, a qual então detona com a força de cem torpedos fotônicos. Uma fusão termonuclear massiva resultará, fazendo com que toda a matéria em um raio de cinquenta quilômetros se liquefaça e forme uma crosta fundida. Assim, como vê, *terá* acabado, Saavikam — disse gentilmente. — O lugar que você conheceu terá desaparecido. Você pode observar o evento a partir da ponte, eu prometo. Agora...

— E essa caverna é profunda o bastante? — Saavik espiou sobre o ombro de Spock para o dispositivo, enquanto ele o inclinava e manobrava, testando o equilíbrio dos antigravs. Então ele ajoelhou para examinar o nariz adelgado contendo a garrafa magnética com sua carga de antimatéria. O botão de armar e o ajuste do *timer* estavam a meio caminho do alto, sob um painel fechado, claramente marcado, e já coberto com uma película de poeira.

— Sim — disse ele, tentando o fecho. Ele funcionou suavemente. — E o tempo é curto. Você deve ir agora, Saavikam. Por favor entenda.

— Eu entendo — ela disse, quando sua mão desceu sobre ombro dele e seus dedos enterraram-se no plexo nervoso na base do seu pescoço. Ele desabou. Ela o apanhou antes que atingisse o solo.

— Eu entendo. — *Ele será* morto, homem... *não vai sair vivo*. — E nenhum vulcano morrerá aqui!

Deitou-o gentilmente na poeira, tirou o tricorder do pescoço e deslizou a correia sobre o pescoço dele, cujo comunicador caíra no chão. Ela o recuperou, e o colocou cuidadosamente em sua mão estendida.

— Não pude pensar em nenhum outro jeito — disse, como se ele pudesse ouvir. — Você não me perdoará por isso, mas viverá. Vida longa, Spock. E próspera! Viva para sempre! — Limpou lágrimas frescas de seus olhos, e então ergueu um punho para o céu estrelado. — *Não este!* — gritou para o vento. — *Você não vai pegá-lo, seu mundo bastardo! Vendi minha alma para ver você morrer! E vou matá-lo, eu mesma!*

Levantou-se, seu próprio tricorder firme, seu próprio comunicador no cinto, e partiu, guiando aquele cilindro letal, ignorando a terra retumbante,

que estremecia e erguia-se. Vento soprou em seu rosto, e poeira incomodou seus olhos, mas ela continuou caminhando no escuro. Ela em momento algum viu a fenda que se na terra atrás dela, alargando-se, e correndo o seu curso em ziguezague pelo chão a polegadas da cabeça de Spock. E quando seu comunicador começou a bipar, ela estava longe demais para ouvir.

Spock ouviu. Ele podia abrir os olhos agora, ver o comunicador em sua mão e seu braço estendido sobre uma fissura que não existia há um momento atrás. Desejou que seu braço se mexesse, que os dedos fechassem. Nada aconteceu. Nada aconteceria por algum tempo; Saavik sempre foi uma estudante hábil... A fissura aprofundou-se em um abismo. Pedras e poeira escorria para dentro com cada movimento líquido e sacudida do chão. O comunicador continuou bipando, mesmo quando deslizou de seus dedos inúteis, piscou uma vez na luz das estrelas, e desapareceu.

\* \* \*

Muito acima do planeta, aprisionado no raio trator da *Enterprise*, o piloto do batedor romulano observou três marcas em movimento na sua tela, partículas como poeira pela interferência do raio. Esperou os minutos se escoarem até que estivessem perto o bastante para ler seu aviso. Ele tomara grandes cuidados para não alertar o inimigo, mas não estivera ocioso. Os cabos do seu pequeno gerador de campo *warp* foram cortados, e sua reserva de emergência manualmente desmontada. A única fonte de energia para o isolamento magnético agora era a força da nave em si.

Era tempo. Olhou para fora, para a larga barriga do leviatã dos invasores, e além dela para as estrelas do seu lar. Acionou um comutador, puxou um doce fôlego, e pediu aos deuses que considerassem bem a sua morte. E então os viu sorrirem.

\* \* \*

— ...Ainda sem resposta. Algo está errado, Sr. Scott — disse Sulu. — Trave e irradie-os para cima. Nós enviaremos Spock de volta outra vez.

— *Mocinho, não há trava em coisa alguma. Não com o planeta pulando por*

*aí Você não os quer de volta em pedaços.*

— Então quando você puder, senhor. Os escudos ficam erguidos até que os encontremos. — Sulu desligou, tranqüilamente desesperado. — Uhura, continue emitindo. Fique nos sensores, Pavel. Talvez os tremores afetarão esse campo de distorção. Bobby, fique atento. Se os nossos amigos lá fora espirrarem...

Harper franziu as sobrancelhas para a sua tela. — Mr. Sulu, ele simplesmente cortou a *energia!*

— *O quê?*

— Sim senhor, os sistemas de suporte e tudo. Aquela nave está morta. Subitamente Sulu entendeu. — Não! Ele está... DESLIGUE AQUELE TRATOR!

O batedor estourou em um *cegante flash*, quando o campo magnético entre matéria e antimatéria entrou em colapso no seu campo *warp*. Os escudos da *Enterprise* absorveram o impacto, defletindo o bombardeamento de raios gama. Mas o pulso eletromagnético, já viajando no vórtice à velocidade da luz, passou ao longo do raio trator através da nave, ao invés de ricochetear em seu casco. Circuitos se fundiram em nano-segundos; supressores supercarregaram-se, e megavolts de energia transitória transbordaram através dos sistemas elétricos, por todo o caminho até o centro do computador.

Quatros se acenderam em luzes vermelhas. Telas fulguraram e piscaram, sumindo em manchas doentias. Luzes pulsaram, diminuíram, apagaram. O visor principal brilhou por um instante com fragmentos incinerantes revolteando no espaço, queimados até o negros. Então ela se apagou.

— Eu odeio folgados! — Sulu disse, no escuro.

## ONZE

Na luz vermelha da iluminação de emergência, relatórios de situação filtraram-se até a ponte através de ruidosos canais internos. Quando sistemas de apoio e secundários irromperam, monitores voltaram à vida, tentando executar rotinas de diagnose. Frequências de comunicação guincharam. O campo warp e os sistemas de armamentos falharam em responder. Visores continuaram escuros, e os sensores estavam mortos. A Enterprise estava sega e surda.

— Nenhum visual aqui em cima, Sr. Scott — Sulu sentiu-se sufocado pelo claustrofóbico vazio. — Nenhum curto-alcance sobre o planeta, nenhum sensor naquelas naves. E o computador enlouqueceu. As sub-rotinas estão rodando o que não deviam, e os diagnosticadores lêem que um sistema está limpo em um minuto, e mal-operante no próximo. Nós não sabemos em que acreditar.

— *Em nada disso, moço!* — Scott gritou acima da estática. — *Danos de primeiro grau... os bancos de memória principais e auxiliares, e sem que se saiba até onde isso vai chegar. Os sistemas ainda estão lá, mas não podemos chegar a eles. Desligue tudo o que for possível...*

— Estamos tentando isso, mas os circuitos exauridos não são confiáveis. E os de operação manual nem sempre vão conectar. Precisamos daqueles sensores, Sr. Scott.

— *Você terá potência total nos visuais rápido o suficiente. Mas os sensores... não. A radiação, mocinho. Precisarei de dois dias apenas para...*

— Você quer dizer... que não podemos trazê-los de volta?

— *Não através dos sensores. Podemos travar sobre um sinal. O transportador está escudado. Isso não é problema.*

— Então... explique, Sr. Spock. Eu devo estar deixando passar alguma coisa.

— *Aquelas naves vindo, Sulu! Eles estão nos escrutinando agora, e eles chegarão rápido. Aquele batedor mandou pra cima um jato bem apropriado, tanto quanto ele queria que fosse. Nós não venceremos luta alguma, moço. As ordens de Spock dizem que estaremos rumando pra fora daqui* — Pelo tom de sua voz, Scott não também não gostava dessas ordens.

*Proteja o status da missão; não entrar em contato com o fogo inimigo; abandonar órbita — levar a Enterprise pela Zona Neutra se a situação deteriorar...* Pois a situação não fez outra coisa. Uma gota de suor desceu pelo rosto de Sulu. Sentia todos escutando às suas costas. Prioridades. Escolhas...

— Eu... eu estou adiando aquelas ordens agora, Sr. Scott. Preciso desta ponte funcionando e qualquer poder de fogo que possa me dar. Envie-nos alguma ajuda cá para cima. Eu não partirei sem eles... Não enquanto houver

uma chance. Senhor, você tem o direito de render-me.

— *Agora, por que eu deveria fazer isso? Vamos achá-los, moço, mesmo que tenhamos que enviar escaleres lá pra baixo. Sim, e nós teremos um bom bocado e explicações a dar.*

— Sim, senhor. Realmente espero que seja assim.

\* \* \*

Saavik equilibrou-se no passadiço que atravessava o poço do gerador, usando de toda a sua força para endireitar o cilindro de metal quando um outro tremor sacudiu a caverna. O passadiço estremeceu. Terra e pedras caíram por entre as vigas de aço acima, e atrás dela o labirinto de luz refulgiu por baixo de uma nuvem suspensa de poeira. Quando o tremor acalmou, ela olhou para baixo: a *maior profundidade possível*, isso foi o que Spock dissera, e este poço era largo o bastante. Células de força queimavam fracamente, e além delas o negror sem fim.

Sua mão avançou um pouco para cima, abriu o fecho, virou a chave, fechou-o com um golpe. 01:59:59, 01:59:58, 01:59:57... Segundos passavam pelo visor do *timer*. A bomba moveu-se ao seu toque. Ela guiou-a saindo balaustrada do passadiço, e segurou-a reta, sentindo sua energia, sentindo sua própria pulsação. Então ela a deixou ir. A bomba flutuou por suas mãos, brilhando à luz das células de força, passando os cordames de cabos e conduítes cobertos de poeira, e então além deles e saindo de vista.

Saavik desceu do passadiço e afundou-se no chão. Seus joelhos pareciam gelatinosos, mas sua mente estava clara. O medo de que Spock pudesse segui-la diminuiu; conjurou uma imagem dele seguro na ponte, desejou que assim fosse, e lutou para ficar em pé. Adiante as câmaras cresciam como sentinelas, mas desta vez fantasma algum caminhava. Passado e presente eram separados agora, distintos, como se um véu se levantara de sua visão. Viu eventos como eles foram, viu como haviam se deformado em seus sonhos: *Aquilo* nunca a havia caçado; *Aquilo* nunca a caçaria novamente. Ela havia saboreado o tormento Dele, regozijara-se de que este lugar seria reduzido a átomos e que sua mão é que causaria a sua morte. Sentia-se orgulhosa, invencível. Ela não ia morrer — isso foi só um sonho. Ela ia *vencer* — tendo somente uma coisa mais a fazer.

Ao longo da parede recortada da caverna, passando as tumbas silenciosas, ela apertou-se por trás de balcões de laboratório e bancos computadores mortos, enquanto seguia seu caminho rumo aos recessos da caverna. Um outro tremor atacou. Sua vibração tornou-se um crepitar, e então um rugido, fazendo chover terra e pedras. Câmaras de teste balançaram, rangendo em seus cabos; provetas de vidro retiniram, rolaram sobre os balcões e estouraram no chão. Saavik agachou e colou-se às costas de um console até que os tremores morreram. Os abalos estavam piorando. E



esta unidade que ele tocava — recuou, tocou-a novamente.

*Quente. Viva com energia. E dados armazenados?...* Ela digitou o seu tricorder para o modo visual e contornou a unidade. Então ela viu. *Lógico*, disse a sua mente, mas sua alma pedia por sangue.

Os sintetizadores de alimento ainda estavam funcionando. *Comida*. Crianças haviam lutado e morto por ela, crescido famintas por ela — e muitos nunca chegaram a crescer — enquanto os seus assassinos comiam desta máquina que podia ter alimentado o mundo. Sangue ribombava em seus ouvidos. Ela recuou, sua mente agitando-se, e seu pé atingiu alguma coisa metálica.

A faca jazia onde ela a tinha atirado, brilhando no solo. Apanhou-a, pegando de volta a única coisa que este lugar jamais lhe dera e continuou, uma caçadora mortal na escuridão.

Bem atrás, além das fileiras de câmaras, a caverna se ramificava em catacumbas. Em uma delas uma figura num robe negro estava sentada em uma alta cadeira entalhada. Suas costas estavam voltadas para Saavik. Suas mãos seguravam um copo de vinho e descansavam no braço da cadeira. A única luz vinha de uma fogueira bruxuleante em um anel de pedras, e um cheiro peculiar preenchia o recinto. Saavik aproximou-se sorrateiramente, os dedos crispados em sua faca, sua mão livre flexionada. Queria matá-lo mais do que jamais quisera qualquer coisa na vida — mas devagar. Oh, tão devagar.

— Levante! — sua voz resvalou de volta, vinda das paredes. Ele não se moveu, não deu sinal algum de ter ao menos ouvido. — Eu disse *levante-se!* Seu *bastardo*, você merece *morrer!* Sua faca ergueu-se, dirigida por uma vontade dela própria. *Pense Saavik, pense...* E a luz da fogueira dançou ao longo da lâmina. Pense no que ele sabe! Pense nas vidas em jogo!... E algo imobilizou sua mão. Tremendo com o esforço, ela forçou-a a descer, desejosa de matar, dizendo a si mesma que de algum modo havia vencido. Um triunfo insatisfatório, mas uma espécie de vitória, ainda assim. — Viva um pouco mais, *bastardo* — sibilou —, e venha comigo! Haverá *um julgamento! Justiça!* Eu contarei a eles *tudo!* *E todos vão saber o que aconteceu aqui!* LEVANTE, MALDITO...

A caverna começou a sacudir. A fogueira brilhou em luminosas línguas de fogo que se atiravam para o teto. Saavik atingiu a cadeira, furiosa, e o copo de vinho caiu, estourando no chão com um emergente odor de amêndoas amargas — e algo mais, pungente, familiar...

Saavik atirou-se à grade, arremetendo faca e mãos para dentro da fogueira, espalhando carvões, brasas, quadrados derretidos de plástico que uma vez foram tapes de computador — conhecimento que se desintegrava em fagulhas diante dos seus olhos.

Ela girou, praguejando, e arrancou-o da cadeira. Seus dedos enterraram-

se na garganta dele. O capuz caiu para trás, revelando seu rosto cheio de cicatrizes, e o cheiro de amêndoas amargas preso em toda a sua capa. Cianureto. Nenhuma pulsação sob a mão dela. Ele pendia flácido e sem vida, enganando-a mesmo na morte. Enganando Spock. Enganando a todos...

Os gritos de Saavik ecoaram através das cavernas retumbantes de Hellguard, amaldiçoando-o pela eternidade e além. Os ossos do pescoço dele estalavam como gravetos. A faca relampejou, a loucura tomou conta de sua mente... Quando diminuiu, ela viu o que tinha feito. E não se envergonhou. Empurrou a faca para dentro do coração dele, deixando-a ali, onde ela pertencia. E então jogou o corpo na fogueira. As chamas pegaram rapidamente, tomando a capa em uma flamejante mortalha, e estalando enquanto comiam a sua carne e ossos. E Saavik soluçou com raiva, porque ele não podia senti-lo. Soluçou pela justiça perdida e o conhecimento que se fora com as mortes fáceis por veneno e fogo — e porque ela era a culpada. Lá fora entre os mortos ela o avisara, dera-lhe tempo para...

Tempo. Esquecera-se quanto ao *tempo*. Correu buscando o ar livre. Quanto tempo se fora desde que começara a contagem regressiva? *Erros*, praguejou, seu coração batendo forte, *estou cometendo erros e Hellguard está vencendo*.

Começou de novo quando ela alcançou a caverna: primeiro silêncio, câmaras balançando em seus cabos, poeira dançando no ar, e então um retumbar como um trovão. Vigas de aço gemeram quando a montanha estalou e estremeceu. Seções do teto desmancharam-se em chuvas de rochas e poeira. Ela seguiu lutando entre as fileiras de câmaras, colidindo com elas quando elas balançavam em seu caminho, e viu a sombra do passadiço crescer contra o brilho dos armamentos. Correu até ele, passou por ele, e adiante na direção da luz, e ouviu ao longe a montanha rugir. Vigas gritaram e dobraram-se, partindo-se ao meio. Uma caiu sobre o poço do gerador, dividindo o passadiço em dois. Uma onda de pó veio rolando através da caverna.

Saavik correu, correu por sua vida, pensamento e movimento diminuídos para o tempo torturado do sonho. Seu coração pulava, explodindo em seu peito. Pulmões trabalhavam, respirando poeira. Um suor gelado verteu por seu rosto, queimando quando penetrou em seus olhos, e a tornaram fria, muito fria. Muros de caixas mais altos que sua cabeça balançavam e estalavam, e o mundo todo era então luzes poeirentas, mortais corredores de luz, cores que somente vinham... *O sonho!*, ela pensou, o pânico apunhalando a sua mente. *Algo sobre o sonho, alguma coisa que eu esqueci! Erros, erros demais...*

Deixou o labirinto para trás, alcançou a curva que ia para o túnel — e o chão abriu-se na frente dela. Saltou, caiu ao comprido do outro lado, então levantou-se, tossindo, sufocada com a poeira. Arfou, procurando ar — e

olhou para trás.

As paredes de luz estavam ruindo. Caixas desalojadas arrebentavam-se no chão. E a caverna escurecia, porque em toda parte suas luzes apagavam-se. Saavik correu. Subindo o túnel estreito e cheio de curvas, até que a luz foi engolida e ela não viu mais nada. Sentia a poeira soprada, o borrito agudo de rocha voando enquanto as paredes do túnel abatiam-se atrás dela — mas foi apenas em seu sonho que podia correr tão livremente na funda e ruidosa escuridão.

Agora as dobras e voltas não eram familiares, com o escuro absoluto e todo o senso de direção perdido. Ela empurrou-se para diante, uma mão resguardando-a contra um muro de pedra recortada, a outra estendida para sentir o caminho. O chão ergueu-se acentuadamente, a parede virou em uma curva aguda — era isso, a última curva. Haveria ar fresco soprando pela entrada da caverna. A qualquer segundo agora, ar e céu e...

Uma parede que não estava ali antes. Um muro de terra sólida e rocha. Saavik bateu em todas as direções, batendo os punhos, arranhando a pedra e a terra com suas mãos nuas. Pele foi arrancada de seus dedos. Sangue correu quente, aderindo-se aos seus braços. A montanha se ergueu e retumbou, e um rio de rochas soltas derrubaram-na. Terror a assolou como uma onda de frio desespero. E enquanto a poeira de Hellguard queimava sua garganta e a falta de ar obscurecia a sua mente, Saavik lembrou o que havia esquecido sobre o sonho, a coisa que drenava a sua vontade, transformava seu coração em gelo:

Isso sempre vencia. Isso sempre a pegava no final. Porque ela não podia correr para sempre, e este lugar era uma armadilha. Sem saída. Ela ia morrer.

\* \* \*

Spock não viu o clarão de luz ou o chuveiro de escombros incandescentes em órbita sobre sua cabeça. Quando o tremor diminuiu e a poeira começou a clarear, ele via somente os seus dilemas imediatos. O retalho de chão onde ele estava era agora uma ilha, uma de muitas em um mar de fendas recém-formadas. Deslizamentos de terra caíam e retumbavam em suas profundezas; poeira levantava e se agitava dentro de suas paredes. A montanha e sua saliência rochosa que mascarava a entrada da caverna crescia na distância cruzando um canyon de 500 pés de largura. Estava além do alcance, tanto quanto Saavik.

Ela estava viva — ele sentia; talvez ela alcançasse a caverna. Mas ao menos que o abalo perturbasse o campo disruptivo, seu comunicador era inútil, e os sensores não poderiam encontrá-la ali.

Os sensores não o haviam encontrado. Deveriam já tê-lo feito. Durante calmaria entre os tremores, Scott deveria ter rastreado a sua leitura de vida, e tê-lo irradiado de volta para averiguar a sua situação. Scott não o fez, o que

significava que não estava capacitado a tanto, o que significava que algo saíra errado a bordo. E não havia absolutamente nada que Spock pudesse fazer sobre isso.

A sensibilidade retornou lentamente ao seu braço e dedos. Empurrou-se para longe do precipício. O terreno à volta dele despedaçava-se, mas seu tricorder estava pendurado à salvo em seu pescoço. Se apenas Saavik houvesse tomado tal cuidado com o seu comunicador! Duvidava que ela planejara a sua mal-considerada proeza. Mas ele devia tê-la antecipado, devia tê-la enviado de volta de uma vez, com lágrimas e frustração e tudo. A ligação mental entre os dois sustentara custos ocultos — como acontecia com qualquer indulgência emocional — e isto não era um preço que ele teria pago. O que era sempre o problema em se negociar algo por algo.

Através do nevoeiro de pó, um alvorecer vermelho se erguia no céu, e sua luz vindoura revelava uma terra desértica. Nada em absoluto sobrevivera para mostrar que pessoas jamais viveram nesta obscenidade que os romulanos haviam chamado de mundo. O que fosse que o Império acreditava, a colônia aqui não fracassara; ela nunca pretendeu ser bem-sucedida.

Spock não estava certo de porque observava a montanha, mas isso era para lá que enviava os seus pensamentos: *Saavik, quando eu chegar em casa...*

O chão elevou-se outra vez, em um longo e sustentado tremor que enviou mais Matacões despencando montanha abaixo, arrebatando-se no canyon. A projeção rochosa partiu-se e caiu, expondo a entrada da caverna — mas só por um momento. Deslizamentos de pedras soltas escorreram pela encosta, e quando a poeira baixou, a caverna não mais estava lá. Saavik não iria para casa.

Viva, Saavik, ele pensou, contra qualquer razão. *Viva...*

\* \* \*

...Viva! A palavra ressoou em sua mente, mas o ar se fora, e as vozes que ouvia... *Viva, Saavik...* não podiam ajudá-la agora. *Olhe para cima, Gatinha...* Mas não havia estrelas ali. *Não importa o quão escura e terrível seja a noite, lembre-se...* Ela o fez, lembrando-se de tudo desde o momento preciso em que nasceu. Mas a escuridão a arrastava para baixo, e a poeira a sufocava, roubava-a, matando — *Olhe para cima, Gatinha!* Ela tentou — *Lembre-se de olhar para cima* — tentou novamente, empurrando a morte para longe. *Olhe para cima! E veja a...*

Luz.

Um minúsculo ponto de luz brilhando bem acima de sua cabeça. Estendeu-se para ela, ofegou e agarrou-se. Partículas de pó iluminadas pela luz do sol entravam com o ar. A montanha sacudiu-se. Escombros caíram

para dentro, alargando o buraco. Saavik escalou o monte de rocha, e sorveu o ar para dentro de sua garganta, e então olhou para fora, para a luz cegante onde ventos uivantes sopravam a poeira. Nenhum terreno restava abaixo da entrada da caverna. Sua rota de fuga era um desabamento de terra derramando-se para dentro de um abismo. E, cruzando o seu voraz precipício...

Spock. Ilhado em um pináculo rochoso, uma medonha silhueta contra os sóis nascentes — mas isso era *errado!* Por quê? *Por quê?*... Ele a viu então, ergueu suas mãos — mãos vazias — e Saavik entendeu. Ela cavou seu comunicador do bolso, e limpou seus dedos sangrentos.

— *Enterprise!* — gritou. — *Enterprise!* — O comunicador podia muito bem ter sido um pedaço de pedra. — *ENTERPRISE!* — Nenhuma resposta.

Ninguém iria — algo sobre essa montanha...

— Spock! — gritou, lutando por apoio, enquanto pedaços da montanha caíam à sua volta. Matações se arrebatavam no *canyon* vindos de cima; o chão deslizava sob ela. Lutou por equilíbrio, julgou a distância e o vento, sentiu a forma e o peso do comunicador em dedos escorregadios de sangue. Queria limpar as mãos novamente. Sem tempo para isso. Sua visão estreitou-se até um ponto no espaço entre as mãos vazias de Spock. Em todo o Universo nada mais importava, nada mais existia além de uma peça de metal, 150 metros, e Spock.

Saavik arremessou-o.

Ele voou, girando no ar, brilhando aos sóis.

Ela nunca viu o que aconteceu. A encosta desceu sobre ela, selando a caverna novamente. A luz desapareceu. Rochas cortaram fundo em sua carne. Terra forçou-se para dentro de sua boca e nariz e olhos. O peso cresceu, sufocando, esmagando... e então parou...

\* \* \*

...E começou a cair para longe. Havia alguém gritando.

— Peguei-a! E metade de uma montanha também! Pr a trás... pra trás!

...E um ensurdecedor ruído quando a larga coluna de terra e rocha foi liberada pelo transportador e derramou-se na plataforma em uma nuvem de poeira. Saavik levantou-se, no meio dela, tossindo, de algum modo ainda em pé. O médico dizia alguma coisa, tentando ajudá-la a descer, e uma figura alta e familiar estava parado imóvel em seu caminho. A ira dele a atingiu como uma onda.

— Onde, Saavik? Há quanto tempo atrás?

— Fundo... o poço. Não... sei... — ela arquejava entre fôlegos.

— E você está sozinha. — Ele irradiava desaprovação.

Ela quis explicar, mais isso não importava. Queria segurar-se em alguma coisa, mas havia apenas o seu tricorder, ainda em torno do seu pescoço —

incrivelmente, ainda funcionando. A *máquina de comida*, lembrou-se vagamente, *esqueci de desligar...* Isso explicaria a ele — e ele nunca lhe falaria novamente. Ela estendeu-o. Ele o apanhou e desligou. — Cadete, apresente-se à ponte.

— *Sobre o meu cadáver!* — McCoy gritou, acenando para a poeira com o escrutinador em sua mão. — Vocês dois estão uma bagunça! Eu a quero na...

— Saia do caminho, doutor! — Spock afastou-o com a mão, para alcançar o comunicador. — Escudos levantados, Sr. Sulu! Tire-nos da órbita, *warp...*

— Impulso, senhor — interveio Scott. — O *warp* está fora.

— A melhor velocidade, Sr. Sulu. Estou a caminho. Scott, venha comigo!

E então ela estava no elevador, com o Sr. Scott falando sobre sensores e explosões e naves, e o médico argumentando que alguém estava em choque. Saavik encostou-se na parede e perguntou-se quem, perguntou-se por que ela estava ali afinal — a menos que para alguma proclamação pública de sua culpa. Sim, pensou, *deve ser isso...*

Na ponte as luzes eram brilhantes. Quadros de instrumentos e circuitos jaziam expostos em cada posto. Rostos acesos com alívio mudaram para alarme. Spock estava coberto de pó, suas roupas sujas e rasgadas. Saavik viu que não havia pele nas mãos dela, e que sangue descia verde por camadas de sujeira, e pingava nos restos do seu uniforme da Frota. Isso não tinha importância. Ela olhou para a tela, onde a imagem de Hellguard minguava.

— Visão anterior, Sr. Chekov. Aumentar e regular.

Spock tomou o assento de comando e a tela saltou para o *dose-up*. Nuvens de poeira eram visíveis, flutuavam sobre as sombras das montanhas atingidas pelos sóis nascentes. Nada aconteceu por um momento. Então as montanhas estremeceram. Um ponto vermelho-baço começou a brilhar e rebrilhar, expandindo-se sob a terra em ondas de anéis concêntricos.

— Na mosca! — gabou Scott. — Estarei olhando os motores...

— Alacridade seria aconselhável, Sr. Scott. McCoy bufou irritadamente para a tela.

— Bem, isso é bacana! Agora, se você já terminaram, eu poderia?...

— Não, doutor. A cadete fez uma barganha. E ela deve mantê-la. Então Saavik entendeu: *Eu vendi minha alma para ver você morrer*. Assim, ele a ouvira, apesar de tudo. E permitia a ela este...

No instante da detonação, a caverna e a colônia e tudo o que ela conhecia de Hellguard foi vaporizado. Massas de terra começaram a entrar em colapso para dentro, formando uma cratera gigante na superfície. Montanhas tombaram, derretendo em um vasto mar de nêutrons. Enquanto a onda frontal espalhava-se, a segunda carga penetrou o manto do planeta por todo o

caminho até seu instável centro fundido. A profundidade somada da explosão multiplicou sua força exponencialmente, excedendo as previsões de Spock. Placas continentais partiram-se e alteraram-se. Magma vomitou à superfície como uma crosta fraturada em redes de veios, e sangrou em rios de fogo. Depósitos de gases presos muito abaixo do solo entrou em ignição, com reações em cadeia, abrindo fendas vulcânicas e enviando tempestades de fogo varreram a terra. Hellguard estava queimando. Suas rochas, sua poeira, seus segredos e suas mortes — mesmo o seu ar seria consumido antes que o holocausto acabasse. Vida alguma poderia viver aqui por milênios, somente cinzas escurecidas, soldadas juntas, orbitando 872 Trianguli em uma noite fria e vazia. E o que Saavik sentia enquanto observava a morte do seu mundo era a coisa mais próxima de alegria que ela jamais conhecera.



A *Enterprise* recuou, os motores de impulso sendo forçados. Por fim a tela ligou-se para a vista adiante, mas uma ardente imagem pendia ainda diante dos seus olhos. Uma súbita imobilidade veio-lhe a mente, um largo silêncio descendente da qual ela nunca ouvira antes. A mão de alguém estava em seu ombro, uma voz tranquila falando em seu ouvido.

— Venha, querida, você está perdendo sangue. Está tudo acabado, agora... A luzes da ponte pareciam muito próximas, e as cores queimavam os seus olhos. Formas, texturas, rostos sobressaíam-se em um perfil agudo — bordas de existência que eram belas e claras. Tudo era claro. — ...Enfermaria, Spock! E não tente...

— Sim, doutor. Dispensado.

Tudo acabado. Ela fora uma visitante aqui, e era hora de ir. Mas Spock vivia, e ela vivia, e Hellguard não mais. E os gritos finalmente pararam.

— Sr. Spock. — Sulu estava apontando para o campo estelar, áreas que se distorciam, ondulavam. Mesmo sem sensores, a aberração era familiar. — Temos um problema!

As distorções tomaram cor, e então forma. Dois cruzadores de batalha pintados e vistosos materializaram-se, saindo do espaço ondulante, manobrando para posições em volta da *Enterprise*... E então uma terceira nave, maior que as outras, adiantou-se e rumou para elas. Sulu não precisava de sensores para saber que torpedos seriam carregados, e os seus phasers apontados e travados.

— Vá para Alerta Vermelho, e parada total, Sr. Sulu. Situação de armamento?

— Alerta Vermelho! — Uhura estava dizendo no intercom. O alto-falante começou a berrar. — Alerta Vermelho! Posições de combate! Isto não é um exercício...

— Nada bom, senhor. Escudos, mas nenhum phaser, nenhum torpedo fotônico...

— Venha, Saavik — McCoy disse, empurrando-a para dentro do elevador.

— ...Controles congelados e os circuitos auxiliares não funcionam. O raio trator...

— Sim, dano central. Isso torna todos os sistemas não-confiáveis. Reparos levarão algum tempo. Sr. Scott — disse Spock, para o comunicador —, nós temos companhia. Alguma estimativa sobre o motor warp?

— *Pelo menos uma hora, senhor. Dê-nos algum tempo para... Maldito inferno!* — ele praguejou, quando Spock digitou a imagem da tela para o seu comunicador.

— Como vê, não sou eu quem deve dar-lhe tempo.

— *Mas eles não estão atirando em nós!*

— Eu suspeito que eles querem esta nave. Faça o seu melhor, Sr. Scott



— Senhor — Uhura virou-se —, eles estão saudando.  
Spock sentou-se na poltrona do capitão.  
— Na tela, comandante.

\* \* \*

O Pretor Tahn estava na ponte da sua nave capitânia, contemplando horrorizado a monstruosidade da Federação na tela, tentando não deixar que seus oficiais vissem que ele tremia em suas botas. Isto não fazia parte do seu plano, o qual correria tão bem, até agora. Exatamente como os seus velhos amigos disseram para que fizesse, ele chegaram em posição — ostensivamente para inspecionar suas naves — cercado pelos seus reais guardas e sentindo os olhos dos assassinos do Prior por toda parte nos conveses. Eles esperariam até a hora certa, quando as naves partissem e os guardas relaxassem e nenhuma testemunha restasse. E então algum lamentável "acidente" sucederia com ele, quando estivesse retornando.

Assim, ele não retornou. Isso era a saída genial. Ele simplesmente ficou a bordo — para liderar suas tropas nesta missão da maior importância. Ah, tanta devoção ao dever. Tanta bravura. Tanta *beleza* em seu plano.

Mas ele não os sussurros nos canais subespaciais: encontros secretos no Império, rumores vindos dos postos mais distantes, dados codificados esvaziados de sondas semeadas na Zona Neutra. Naves da Federação se aglomeravam além da Linha, causando consternação em altos escalões e interrogações cuidadosamente expressas sobre o que tal atividade poderia significar.

Tahn sabia. Deuses, ele sabia. E então aquele ominoso jato de sensores os enviou correndo direito ao seu destino, somente para encontrar o inimigo já ali e o planeta *Thieurrull* queimando na noite além, ardendo como uma tocha. Uma, apenas uma das naves eles podia fazer isso com um mundo? *Ó Deuses...*

— Eles não atiram! — disse ao seu comandante. — Por quê?

— Os sensores indicam energia em suas armas, Lorde. Poderia ser alguma espécie de truque. Mas nós somos três, e eles são um. Podemos destruí-los... Se isso é o que deseja o Lorde.

E trazer mil naves através da Zona para girar em volta de suas orelhas? Deuses, não... — Eu ouvirei sua estratégia — disse Tahn, imaginando-se hábil. — O que mais eu poderia desejar?

— Capturá-los, meu Lorde. Tomar a nave para si, prisioneiros para o Império, e voltar vitorioso. Traga esses criminosos à justiça, e o Império será para sempre seu devedor. Com tal façanha e tal nave, você comandaria a frota. Há muita glória aqui. E honra, Lorde.

*E tal nave exigiria um tal comandante, não?* pensou Tahn, que não era tolo completo. Mas as coisas haviam mudado desde que ele partira; um

plano falhara, e assim ele devia ter um outro. E isso pode funcionar, isso simplesmente pode...

— Fale a esses invasores — disse, e viu o seu ambicioso comandante inchar-se de orgulho. — Tomaremos a nave deles e pouparemos suas vidas. Diga-lhes.

Longos momentos passaram-se. Então um rosto surgiu na tela, deixando o estômago de Tahn agitado.

— Invasores da Federação — latiu o seu jovem comandante. — Vocês violam um espaço soberano! Vocês destroem um vaso imperial! Vocês destroem um mundo inteiro! Vocês zombam do seu tratado com o Império... mas vocês nunca escaparão! Meu Lorde está preparado para ser misericordioso. Abaixem os seus escudos, entreguem sua nave, e pouparemos suas vidas.

— *Eu devo refletir a respeito* — disse o vulcano. A tela apagou-se. A boca de Tahn estava seca.

— Ele é arrogante, Lorde. E indeciso. Devemos persuadi-lo.

— O que propõe?

— Atirar. Não para destruir, mas para romper os seus escudos. Então enviar nossas tropas a bordo para conquistar os invasores. Não devemos mostrar fraqueza. Devo dar a ordem, Lorde?

O estômago de Tahn subiu e desceu; suas mãos tremiam, e por isso ele as escondeu atrás do robe. Este negócio de glória não era fácil com os nervos de alguém.

— Comece a atirar — disse.

\* \* \*

— ...Brincando conosco, senhor — dizia Sulu, enquanto a ponte balançava sob o bombardeio vindo de três lados. — Esses phasers estão só com meia-potência, mas nossos escudos não agüentarão por muito tempo.

— Esse é o objetivo do exercício, Sr. Sulu. Quanto tempo?

— Talvez vinte minutos, senhor. Sem instrumentos é difícil...

— Entendido. — Spock tocou o comunicador. — Sr. Scott, relatório.

\* \* \*

— No propulsor? — Scott balançou a cabeça diante de mais uma tentativa fracassada de sua equipe. — Nós não alinharemos novos cristas com todo esse balanço! Quarenta, cinquenta minutos de paz... e talvez possamos...

— *Nossos escudos não aguentarão tanto. Delegue as tarefas, Sr. Scott. Sua presença será necessária na ponte.*

Houve um momento de silêncio, e então um pesado suspiro.

— Sim, isso ela será. À caminho. Continuem trabalhando nisso, moços.

McInnis, você está no comando.

— Senhor? — Medo aparecia em seus olhos. — Temos uma chance?

— Que tipo de conversa é essa? Vamos a isso, homem! — Scott caminhou pela porta giratória e seu campo descontaminador. Foi até o quadro de monitoração, onde Obo sentava-se com todos os seus dedos dos pés e das mãos enterrados nos circuitos. Leituras estavam finalmente começando a aparecer nas telas.

— Deixe estar, mocinho — disse. — E venha comigo.

— Não *ttterminei*! — Obo protestou.

— Certo. Mas você vai querer estar com o Sr. Harper agora. E eu estou pensando que ele vai querer estar com você. Deu uma última olhada em seus motores, e rumou para o elevador. Obo seguiu-o bem de perto.

\* \* \*

— Maldição! — McCoy praguejou e endireitou o emplastro de pele sintética que aplicava nas mãos de Saavik. Limpar ferimentos abertos, selar rasgos arrebatados, enxertar pele clonada das próprias células dela (uma cultura de rotina foi iniciada dias atrás) — tudo isso era complicado o bastante sem a martelação que estavam levando. Era incessante e dava nos nervos. Com aborrecimento sincero, ele trancou o perigo para fora de seus pensamentos, pondo a culpa da coisa toda em Spock.

— Fique falando comigo, Saavik. O que aconteceu então?

O seu factual e frio de ter sido presa sob a superfície em um terremoto era de arrepiar os cabelos, mas conversar era melhor para ela do que essa silêncio vidrado e isolado... *E o que diabo estava errado com aquele maldito vulcano, afinal?* McCoy estava na sala de transporte quando veio o sinal, A voz de Spock gritando coordenadas que não eram as suas. Então ele voltou sozinho, com pesar e medo nus em seu rosto enquanto aquela coluna de rocha começou a se materializar nas plataformas. Mas nenhum "prazer em ver você, menina"

— nenhuma palavra gentil. E empurrando-a para a ponte daquele modo — uma cadete ferida, pelo amor de Deus! Nunca teria acontecido se Jim...

— ...Espere! — disse, subitamente, sua atenção atraída por suas palavras.

— *O quê* foi isso? — Mas ela parara de falar, retrocedendo novamente para alguma realidade dela própria. — A caverna — ele incitou —, você estava tentando sair, e *o quê*? Diga de novo!

Mas o comunicador os interrompeu, e a voz de Spock encheu o recinto.

— *Ponte para todos os conveses. Este é Spock. Como vocês sem dúvida estão cientes, nós estamos sob fogo de três naves romulanas, sem propulsão warp ou capacidade de armas para resistir a elas. A Enterprise já teria sido destruída, se isso fosse a intenção deles. E não é. Ouçam:*

— ...Me cansando destes jogos! — A fala estrangeira ecoou em inglês através do tradutor. — *Seus escudos estão se dobrando! Vocês não podem escapar! Preparem-se para serem abordados, e entreguem sua nave à pessoa de Tahn, nobre Pretor do Império Romulano...*

— *Menos de quinze minutos de energia resta em nossos escudos* — Spock continuou. — *Será meu dever então confiar este vaso à Ordem Geral Seis da Frota Estelar, parágrafo quinze. Deverei fazê-lo... com o maior pesar. Permaneçam em seus postos. Spock desliga.*

— Maldição! — McCoy praguejou contra o comunicador. — Agora, Saavik, isso é de real importância! O que você viu lá embaixo? Conte-me outra vez!

Devagar, mecanicamente, ela o fez.

— Tem *certeza*? — ele quase gritou. Ela anuiu, confusa.

— Fique aqui mesmo! — Ele já estava na porta. — Eu voltarei! ecoou do corredor.

Enquanto seus passos morriam ao longe, Saavik olhou em torno na enfermaria e viu que não estava só.

No lado mais distante da sala de exames, uma figura encapuçada em negro abriu seus olhos e sacudiu-se, testando as faixas de retenção da mesa. Elas o seguraram rapidamente. Ele encontrou o olhar de Saavik e sorriu.

— Alô, Gatinha — disse, suavemente. — Conte-me alguma coisa agora. Qual é o significado da Ordem Geral Seis?

Saavik considerou-o friamente, não mais se importando com o modo como ele a chamava. Nunca passou por sua mente convocar o guarda de vigia do lado de fora da porta.

— Ela significa — disse —, entre outras coisas, que inimigos não capturam naves da Federação. Nunca.

— Então Spock nos destruirá antes?

— É claro. — Ela o observou esforçar-se contra o retentores.

— E se eu lhe dissesse que ninguém precisa morrer? Ouça-me, Gatinha... Eu posso *resolver* isto! Deixe-me ir, e eu o farei.

Ela afastou o rosto dele. Suas palavras eram traiçoeiras, falsas.

— Ah, amiga Saavik, eu sinto que você não acredita em mim.

— Você não é meu amigo, Sr. Achernar. — Ela deslizou da mesa e se aproximou para confrontá-lo. — Eu não gosto de você. Seu sorriso, sua mentira, você nos observa, enquanto esconde alguma coisa. Talvez tenha planejado contra nós o tempo todo. Oh, eu acredito que queira a sua nave, de modo que possa salvar o seu pescoço. Vida alguma lhe importa além da sua própria.

— Então — ele anuiu, resignado — você não gosta de mim, e eu quero salvar meu pescoço. Isso é um crime tão grande assim? Esta não é minha luta, Gatinha. Significaria tanto se eu fosse embora? Não, mas eu lembro a

você o que você é. Isso é o que você não gosta. E por isso eu vou morrer. Minha vida está em suas mãos, mas e se você estiver errada?

Ele continuava lutando contra as faixas, e Saavik sentiu uma tola onda de pena. *Morrer indefeso, preso... Seu sorriso é apenas um sorriso. Sua capa é apenas uma... O que eu estou pensando! Já cometi erros o bastante hoje para durar o tempo de uma vida!* Mas não haverá mais vida.

— Sei o que sou — disse —, e não estou errada. Não gosto de você. Mas... — *Tanto sangue em minhas mãos, tanto ódio em meu coração. E como ele poderia me fazer mal, agora?* — ...Mas eu não causarei a sua morte. — Ela alcançou a alavanca, destravando os restritores. — Salve o seu pescoço então, Sr. Achernar. Se puder.

— Venha comigo! — Ele saltou para o piso, e agarrou-a pelos ombros. Ela gelou ao seu toque, perguntando-se por que não o matou. — O Universo é grande — ele sussurrou —, e você está destinada a coisas melhores. Venha comigo, Gatinha... você não tem que gostar de mim. Posso mostrar-lhe mundo dos quais você nunca sonhou. Posso dar-lhe qualquer coisa... uma nave, um lar, uma fortuna. O que quer que deseje.

Seu rosto estava perto, suas mãos eram gentis, e seu sorriso era real.

— Um lar... Você mente. Ninguém pode me dar isso.

— Posso comprar-lhe mansões. Mundos! Lar é somente onde você está. Os seus preciosos vulcanos nunca lhe disseram isso?

— Sim. Hoje. E eu estou aqui, Sr. Achernar. Com estas pessoas, nesta nave. Agora vá. Está desperdiçando o seu tempo.

— E você, Gatinha, é uma *tola*! — Ele deixou as mãos caírem e suspirou. Então, com um giro e um ondular da capa preta, e ele fora-se.

Após um momento Saavik deixou a enfermaria, passando por sobre a forma inconsciente de Nelson, e desceu ao salão vazio. Onde ele terminava, no corredor externo do Convés 7, ela achou o que procurava, uma pequena vigia instalado no casco. Quando suas mãos tocaram a janela, uma outra descarga phaser fez tremer o convés. Sentiu uma alma nesta nave que deveria ter voado para sempre, sentiu as lágrimas e os pesares de todos abordo, perto de perderem suas vidas. Nenhum sinal do inimigo, visto daqui, nem mesmo quando ela pressionou sua testa contra a vigia e olhou para a noite.

Uma presença morna e familiar roçou em sua mente. Sabia que podia somente ser uma memória, mas segurou-a perto e enviou-lhe um último pensamento: *Eu quis ser uma verdadeira vulcana, Spock Quis ser... como você.* Então deixou-a. E quando ficou sozinha para encontrar o seu fim, havia apenas as estrelas.

\* \* \*

— O computador pode não executar, Sr. Scott Mas devemos tentar.

— Sim, senhor. E levar os vilões conosco, eu garanto!

Isso era consolo pequeno para Spock, enquanto ele contemplava seu derradeiro fracasso. Após procurarem por um meio de saída, desde que aquelas naves primeiro apareceram, todos os seus cálculos terminaram em becos-sem-saída, e duas constantes permaneceram: A *Enterprise* não deve cair em mãos inimigas; e, a despeito da tentadora oferta de poupar suas vidas, sabia bem demais o que aconteceria aos prisioneiros. Se o computador recusasse os códigos de destruição, seu fracasso seria combinado à desgraça: A *Enterprise* voltada contra a Federação à qual fora construída para servir, e seus tripulantes condenados a uma vida de servidão, na melhor hipótese. Scott e Sulu estavam em pé atrás dele no posto de ciência. Os outros observavam, com perdão em seus olhos. Mas Spock não perdoou a si mesmo. Jim Kirk não o teria perdoado, também.

— Computador. Este é Spock, primeiro oficial em comando da *Enterprise*. Requerendo acesso de segurança, e confirmação de funcionamento.

Houve uma longa pausa.

— TRABALHANDO — o computador finalmente disse.

— Computador. Destruição sequência um. Código um, um A. As palavras apareceram na tela; o computador esperou.

*Vai doer muito?* Uhura perguntou-se, e perguntou-se se ninguém mais estaria se perguntando também. *Capitão, eu não estou mais assustada...*

— Comandante Montgomery Scott, oficial engenheiro chefe. Destruição sequência dois. Código um, um A, dois R

E novamente o código confirmado, sem hesitação. *\bi acontecer*, Chekov pensou, *desta vez vai acontecer*.

— Computador. Este é o tenente-comandante Sulu, oficial timoneiro e de armas. Destruição sequência três. Código um R, dois R três. — Sulu olhou a ponte, e viu Chekov observando-o.

— SEQUÊNCIA DE DESTRUIÇÃO COMPLETADA E ATIVADA...

— *Spock!* — As portas do elevador estavam abrindo. Com a cara vermelha e gritando, McCoy irrompeu na ponte. — Não faça isso! *Pare* essa coisa, maldição! Eu achei a *resposta!*

— ...PARA CONTAGEM REGRESSIVA DE UM MINUTO.

— Ela os *viu*, Spock! — Ele abriu caminho com os ombros, passando por Sulu e Scott — Mas ela *não morreu!* Você está me *ouvindo?*

A ponte balançou, quando phasers atingiram os escudos novamente.

— Sim, doutor, mas como de costume você não faz sentido. Que resposta?

— SEQUÊNCIA COMPLETADA E ATIVADA. ESPERANDO CÓDIGO FINAL...

— Pare essa coisa e *escute*, maldição! Ela estava no subsolo, o teto

estava caindo. Ela viu aquelas coisas *quebrando... mas ela não morreu!* Você não vê? *Deve haver alguma coisa na POEIRA!*

Spock viu. — Mesmo se estiver certo, Doutor...

— Inferno, sim, eu estou certo! Aquelas coisas estavam se arrebentando no chão! Suas luzes se apagavam, do mesmo modo que fizeram em casa! Mas ela *ainda está viva...* E metade daquela montanha está por toda a nossa maldita sala de transporte! Podemos encontrá-la, Spock! O que quer que a salvou, podemos *encontrá-la... naquela poeira!*

— SEQUÊNCIA DE DESTRUÇÃO COMPLETADA E... McCoy não desistiu.

— Nós não precisamos começar uma guerra, Spock! Podemos deter isso! E salvar a Terra... e *Jim!* Vamos apenas analisar a...

— Doutor, nós estamos para ser...

A nave mergulhou novamente. Indicadores de danos pulsaram vivos desta vez, e uma sirene começou a gemer. Chekov virou-se para relatar.

— Um impacto, senhor. Escudos dois e três caíram.

— Doutor, tropas inimigas abordarão esta nave. Nós não temos nem número nem armas para resistir a eles. Alguma sugestão?

— SEQUÊNCIA DE DESTRUÇÃO COMPLETADA E ATIV...

— *Sim*, Spock! Nos leve para fora disto! — McCoy mirou-o e disparou o tiro final. — Isso é o que *Jim* faria!

— Senhor — disse Uhura. — Eles estão nos saudando outra vez.

— Maldição, diga-lhes... — McCoy virou-se, então olhou passando por ela, para o elevador. — *Espere* um minuto! O que diabo *ele* está fazendo aqui?

Achernar saltou das portas que se abriam, a capa preta voando.

— Fiquem onde estão, amigos! — Ele agigantou-se sobre Uhura, no posto de comunicações. — Responda-lhes! — disse a ela.

— Lamento — ela ergueu o queixo —, mas eu não sigo as suas ordens.

— Responda à saudação, Uhura — disse Spock, tranquilamente. Ela o fez.

— ...E abandonem esta tolice! — Um novo rosto, mais velho, franzia a testa para eles na tela. — *Ou preparem-se para morrer! Eu ofereço misericórdia, e...* — Saudações, Tahn! — Achernar chamou. — Vejo que você mantém os seus compromissos.

O franzir na tela mudou para espanto.

— *Velho amigo! Você veio! Mas como?...*

— Assumindo um grande risco, amigo Tahn. Estes idiotas pretendem...

Sulu e Scott avançaram para ele, então pararam pouco antes. Achernar arrancara Uhura do assento. Um phaser brilhava em sua mão, descansado contra a têmpora dela, e o último retalho de esperança morreu na ponte. A *Enterprise* não tinha mais tempo — e o inimigo já estava a bordo.

— SEQUÊNCIA COMPLETADA E ATIVADA. ESPERANDO CÓDIGO FINAL...

*Isto é ridículo!* Uhura pensou. No canto de seu olho o phaser eram uma mancha em sua visão periférica. Ela piscou...

— Eles pretendem destruir esta nave! E isso seria uma pena, amigo Tahn, porque eu realizei nossa missão!

...e piscou de novo diante do que via: aquele phaser não estava ajustado para matar. *Não estava ajustado para coisa alguma.* — Sr. Spock! Ele não está...

— *Silêncio!* — Achernar trovejou. — Eu dou as ordens agora! E na calma que se seguiu:

— Código zero, zero, zero... — disse Spock.



## DOZE

— Não seja *tolo* — sibilou Achnar. — Eu posso nos *tirar* disto! Ele não quer a sua nave. E eu sei o que ele quer!

Spock fez uma pausa, suspendendo o tempo. Ninguém moveu-se.

— *O que é isso que você diz, velho amigo? Como você pode estar com estes?...* — Eu encontrei o que você procura, Tahn. E como eu cheguei até aqui é uma longa e cara história. Mas você nunca terá a nave deles. Eles a explodirão se você tentar abordá-la. De fato, eles podem fazê-lo por princípios gerais, mesmo enquanto eu tento persuadi-los do contrário. Por isso pare com sua prática de tiro, e deixe-nos falar de negócios.

Mais uma descarga atingiu o casco da *Enterprise*, fazendo a tela chuveirar, e ordens serem berradas na ponte romulana.

— É isso, Sr. Spock — disse Chekov; os escudos caíram. A tela clareou-se, o canal estalou.

— *Fale, velho amigo* — vieram as palavras. — *Estou ouvindo.*

— Como eles, Tahn. Minha nave foi incapacitada no que eles chamam de espaço "deles". Eles gentilmente me colocaram a bordo. Por isso estou aqui... Mas o que você quer está na minha nave. Um belo problema, não? Talvez possamos chegar a uma solução mútua.

— Computador — disse Spock, muito tranqüilamente. — Este é o comandante Spock, da U.S.S. *Enterprise*. Código um, dois, três, continuidade. Abortar a ordem de destruição. Código um, dois, três...

Um suspiro perpassou pela ponte, uma exalação de alívio que subitamente soou em cada garganta.

— 59... — disse o computador. — 58... 57...

Olhos arregalaram-se. Faces gelaram. Isso não podia estar acontecendo.

— 56... 55... — Mas estava.

Achnar desconsiderou a situação que ele não podia controlar — e agarrou-se àquela que podia. Ele atirou Uhura de volta ao seu assento e girou para a poltrona de comando, onde se recostou com aparente despreocupação.

— Mas primeiro, Tahn, o problema da minha comissão...

Uhura pensou rápido: se os romulanos soubessem do perigo que corriam, ele estourariam a *Enterprise* em pedaços. Ela estreitou o ângulo do visor, tentando bloquear a voz eletrônica contando os segundos até a destruição de todos. Nenhum indicador disse-lhe se funcionou ou não.

— Computador. Circuito de apoio. — A voz de Spock estava calma, como se estivesse falando a uma criança desobediente. — Código um. Dois. Três...

— 50... 49...

— Sem circuitos de apoio, senhor! — Scott começou a bater combinações de teclas sem resultados, resmungando sobre danos centrais.

— 47... 46... 45...

Spock sentiu alguma coisa bater contra seu joelho. Ele ignorou-a, repetidamente tecendo comandos. O computador recusava-se a desativar.

Todos eles sabiam que dez segundos era o ponto-de-não-retorno da contagem. Nada no mundo a deteria, então... E nada a estava detendo agora. O computador recusava-se a desativar.

— 41... 40... 39...

A pancada no joelho de Spock veio novamente, tornando-se um puxão. Ele olhou para baixo, para os olhos brilhantes de amarelo-neon que espiavam através de uma floresta de pernas em torno do posto de ciência.

— Ccoconcertafácil? — uma vozinha perguntou.

— De qualquer maneira! — Ele saltou de seu assento, enquanto Scott atirou Obo para cima. Mãos e pés voaram para levantar coberturas de painéis, e tocar componentes e circuitos acima e em baixo do console. Os dedos dos pés e das mãos de Obo pareciam não estar tocando coisa alguma enquanto suas extrusões filamentosas traçavam caminhos, sondavam padrões de energia. Com instrumentos, isso levaria horas. A mão de Spock descansava na cabeça de Obo, enviando imagens, informações... mas não havia tempo, nem chance.

— 29... 28... 27...

— ...Mas isso é roubo! — Tahn guinchou. — *Nos concordamos em que...*

— ... que eu poderia fazer o meu preço, amigo, e este é de quarenta por cento. Se você soubesse pelo que passei...

— Rápido, Obo — Harper sussurrou, urgentemente. — Apenas faça-o parar... do modo que puder!

— Trinta e cinco por cento, Tahn. Nenhuma grama a menos!

— *Ultrajante! Quinze! E mesmo que... espere! O que está marcando tempo? Eu quero essa nave... O que eles estão fazendo?*

— 17... 16... 15...

— Doze segundos, Obo — disse Spock.

— Agora parece que eles estão tentando não nos explodir. Do contrário toda a nossa discussão terá sido em vão, amigo. Achernar olhou por sobre o ombro. Na tela pragas ecoaram atrás do rosto horrorizado de Tahn. As naves romulanas começaram a retrair.

— Mas no caso de não ser, eu faço uma grande concessão: trinta e três por cento.

— 11... 10...

— É isso, então — disse Scott, derrotado. Spock recuou a sua mão.

— Uma brava tentativa — murmurou. Os olhos de Harper encontraram-se com os dele, e cintilaram.

— 8... 7...

— Vamos, Obo! — Harper continuou encorajando. — Você pode fazê-lo!

— Moço — Scott tocou o ombro de Obo. — Está acabado.

— Nnnãooo — gritou Obo. — Não aaach...

— 2...

Arcos voltaicos passaram pelo corpo de Obo quando um chuveiro de fagulhas se espalhou do console. Seus olhos arregalaram-se, brilhando. Seu corpo sacudiu-se, enrijecendo-se enquanto a corrente dançava azul em torno, mas uma mão atingiu rápido o interior do painel. Cheiros acres de ozônio e carne

queimada encheram o ar. Scott violentamente restringiu Harper. Spock estendeu-se para puxar Obo, mas a carga o derrubou no convés. — 2... — disse novamente o computador. — 2... 2... 2...

E então a energia falhou. A tela do posto de ciência apagou-se.

E olhos de néon escureceram-se. Fumaça quente revolteava da mão ainda presa ao painel. Quando Obo deslizou da cadeira, carne chamuscada e cartilagem desintegrada, e dedos arrancados de suas membranas. Um líquido claro e iridescente esguichou sobre o convés, e mão se estenderam para interromper a queda de Obo. Seus membros estavam frios como gelo.

— Obo... — Harper ajoelhou-se ao seu lado. — Médicos! — Uhura gritou sobre o intercom. — Para a ponte! Médicos!

— Segure-se, filho. Deixe-me... McCoy empurrou-se adiante, procurando o seu *medscan*, praguejando entredentes, quando lembrou onde estava, na mesa ao lado de Saavik na enfermaria. *De todas as malditas coisas...* Mas suas mãos e experiência lhe disseram o que já sabia: os ferimentos internos seriam muito piores que dedos cortados. Uma carga elétrica sustentada infligia danos massivos de tecido e cérebro, e Obo absorvera corrente demais por tempo demais. Mesmo em *stasis*, não haveria muito a salvar. Sem sinais vitais... Ele parou de sondar e praguejou novamente; a parte mais dura de ser um médico era saber quando parar.

O computador começou a bipar. Sua tela voltou a acender-se com padrões de códigos correndo em quadrados multicoloridos, e então retornando à leitura de sessenta segundos antes. "OPERANDO", ele anunciou. "SEQUÊNCIA DE DESTRUÇÃO COMPLETADA E ATIVADA, ESPERANDO CÓDIGO FINAL PARA CONTAGEM DE UM MINUTO."

— Computador. Este é o comandante Spock da U.S.S. *Enterprise*. — Ele puxou-se do piso, agarrou-se ao console, e tomou um fôlego profundo. — Código um... dois... três. *Continuidade*. Abortar a ordem de destruição. — Os apitos e bips continuaram. — Repito. Código um, dois, três. *Continuidade*. Abortar a ordem de destruição.

O barulho parou. A sequência do código apagou-se da tela.

— ORDEM DE DESTRUÇÃO ABORTADA.

— Computador. Desativar. Desligar tela.

Novamente, ele obedeceu. Obo fizera o impossível, mas McCoy olhou para > cima, balançou a cabeça, e seu rosto disse que o corajoso ato do belandrida

havia sido o seu último. Spock suspirou.

— ...Fora de questão, Tahn! — Achernar protestava. — Maldito seja, homem! Eu tive *custos*. Trinta por cento...

— Obo — sussurrou Harper, colocando-o gentilmente em seu colo. Ele o segurou como a uma criança e começou a balançar para frente e para trás. — Eu sei que dói, mas você vai ficar bem...

— Filho...

—... porque nós vamos fazer você ficar bem. Não vamos, doutor! — Harper insistiu, recusando-se a registrar o pesar de McCoy.

— Sr. Harper, você não entende...

— Não, Spock. Deixe estar.

— Senhor? — Harper sorriu para cima, para Spock enquanto aninhava Obo. Seus olhos brilhavam com lágrimas e orgulho. — Eu simplesmente sabia que o senhor não teria pena. Veja, Obo pode consertar qualquer coisa, senhor. Honestamente.

— ...Vinte e cinco por cento, Tahn. E essa é minha proposta final...

\* \* \*

— ...Mas a *nave*! — O Pretor Tahn sentiu os olhares de motim do seu comandante, centuriões, os soldados na ponte, que não tinham idéia de porque foram ordenados para estarem ali, nenhuma idéia de que a fortuna dele e seu futuro estava sendo mantida como refém por esses inimigos mortais. — E sobre o?...

— *Então espere. Veja o que você fará. Eles podem aniquilá-lo sem aviso. Eles nunca o deixarão subir a bordo... e eu preciso lembrá-lo, Tahn, de que o destino deste vaso é também o meu? Não vamos ficar jogando aqui amigo! Vinte e cinco por cento. O seu silêncio até que cruzemos a Zona, e eu retornarei com o que você busca.*

E o que eu farei então? perguntou-se Tahn, suando entre por baixo do seu robe e contemplando o planeta *Thierrull* em chamas. As naves invasoras viriam, reduzindo todos os seus pequenos planos a cinzas. Não haveria a boa vida para ele agora — não haveria nem a vida. Mesmo se seus oficiais não se voltassem contra ele, mesmo se sobrevivesse nessa vil noite sem ar, o Primaz saberia da verdade e o caçaria — a menos... *a menos*...

Um pensamento desesperado ocorreu-lhe, o início de um plano tão ousado que seu sangue agitava-se com o seu arrojo. Nenhuma nave, sem prisioneiros, sem um retorno gloriosa — mas Tahn *tinha* alguma coisa para

dar ao Império: a *razão* para aquelas naves que se agrupavam, a traição e o propósito do Grande Desígnio. Ele poderia ir e contar-lhes — tudo! Não sabia de nomes — mas sabia de algo melhor: a hora e o lugar desse próximo encontro. Todos eles, juntos em uma sala, onde escudos sonoros poderiam ser penetrados, portas poderiam ser postas abaixo. Haveria uma chance então, para o Império, para ele mesmo. Uma nova vida, em um novo mundo, onde o som fosse quente e o vinho doce — e talvez ninguém notasse, se ele vivesse especialmente bem. Sim, barganhar primeiro como que por misericórdia, e então havia uma chance de que ele pudesse ter tudo...

— Vinte e cinco por cento. Fechado! — disse. — Explique estes termos ao vulcano. Então eu falarei. Aconselhe-o a ouvir bem.

— *Um momento, Tahn. Devo perguntar se ele falará com você...*

— Senhor! — Os olhos do seu comandante eram perigosos. — Isto é traição ao Império! Estes são nossos inimigos! Eles não têm armas, nem escudos! Podemos destruí-los... ou deixá-los destruírem-se a si mesmos! Qualquer coisa mesquinha pela qual você barganhe...

— Silêncio. — Tahn ergueu-se. — Você nada sabe do que eu barganho! Você nada sabe de nossa missão aqui! Você, ou qualquer um de vocês, deseja responder ao Império se minhas ordens forem desobedecidas?

Olhos abaixaram-se, e agitaram-se. Claramente ninguém o faria. Tahn fez um voto então, de fazer da sua repugnante casa e terras, suas custosas naves e grosseiras tropas — e acima de tudo esta víbora de um comandante — um presente para o Império.

Aquele rosto vulcano voltou à tela. Seus olhos encapuçados e cruéis fizeram a pele arrepiar-se na nuca de Tahn.

— *Concordo* — o vulcano disse. — *Você deseja estender-se?*

Tahn pensou em ouro e sol, o brilho de preciosos rubis e tudo o que eles poderiam comprar. Ele não era dado ao jogo, mas devia jogar agora, com tudo a ganhar e tudo a perder.

— Sim — disse —, um aviso à sua Frota Estelar. Nós vemos o resultado de sua presença em nosso Império. Sabemos que suas naves se agrupam além de nossas fronteiras. Sabemos de seu plano de atacar. Vocês podem queimar nossos mundos, mas nunca conquistar-nos-ão. O que você diz sobre isso?

Nem um vacilo naquele rosto.

— *Que eu pararei com isso, se puder. E retornar o seu amigo para a nave dele. Mas em não deverei fazer nenhuma dessas coisas, aqui.*

— Velho amigo? Este vulcano mantém a sua palavra?

— *Eu assim acredito, Tahn. Você sabe que mantenho a minha. Ele havia prometido reparar minha nave. Nós deveremos nos encontrar aqui, como planejada*

— Então vá. Não há nada para detê-lo entre aqui e a Linha. Além dela,

eu não posso dizer. Velho amigo, estarei esperando.

Tahn interrompeu a ligação e deu ordens concisas ao seu comandante, que as confirmou com um novo respeito. A nave alienígena moveu-se, deixando para trás os seus danos. *Thierrull*. Tahn nunca estivera lá antes, apenas ouvira o seu nome sussurrado pelos anos, através de modificadores-vocais por baixo de capas negras. Para o governo era uma outra colônia fracassada; para Os Dez era o Grande Desígnio; para os soldados era a pior designação de todo o Império.

— Senhor — seu comandante sussurrou —, qual *era* a nossa missão aqui?

— Aquela. — Ele indicou com a cabeça as fogueiras distantes. — O invasor a executou para nós. Aprenda a usar seus inimigos, comandante, para que não aprendam a usar você. A mentira veio tão fácil que Tahn entendeu-a como verdade. Um lugar do mal, um perigo que estava melhor destruído — e deveria ter havido alguma razão dos soldados o chamarem de "Guarda do Inferno".

\* \* \*

— Eu não acredito nisso, senhor — disse Sulu, do seu posto no leme. — Eles estão nos deixando ir!

— Sim — Scott desviou os olhos do corpo flácido nos braços de Harper. — Eu vou ver os motores.

A equipe médica chegou em um elevador, quando Scott estava partindo em outro. McCoy acenou-os para que ficassem de lado, e pôs um braço em torno dos ombros de Harper. Spock veio ficar em pé atrás dele.

— Sr. Harper. Você deve ir com o doutor, agora. — Sim, senhor... vamos Obo, você vai ficar... — Ele viu todos observando-o, e tentou sorrir. — Um rapaz durão, heim?

— De fato, tenente — Spock disse, quietamente. Num gesto de respeito e pesar, ele deitou sua mão na cabeça de Obo. E ergueu uma sobrancelha.

— Doutor — disse —, você está negligenciando o seu paciente!

— *O quê?* — McCoy arrancou um *scanner* do médico mais próximo, que transferia o braço arrancado para uma unidade criogênica. — Bem, eu... não fique aí em pé, Harper! *Mexa-se!* Médicos! Peguem aquela unidade...

— Tudo bem, pessoal. Eu posso lidar com isso.

— Acho que pode. — McCoy agitou-se sobre seu paciente. — Devagar, Harper. Enfermaria! — ordenou ao elevador, quando todos enfiaram-se dentro.

Spock ligou o comunicador, e começou a solicitar instrumentos para a sala de transporte e o laboratório científico. Equipes de trabalho começara a chegar à ponte. Com elas veio também Nelson, esfregando seu pescoço e esperando reprimendas. Achernar caminhou para encontrá-lo, e para o agudo

embarço de Nelson, devolveu o phaser com um sorriso.

— Perdoe-me, amigo. Você não parecia acessível a persuasão. E você, comandante... — Voltou-se para Uhura, com uma reverência. — Eu sinceramente lamento a inconveniência. Amigo Tahn não teria acreditado em mim sem alguma demonstração de força.

— Tosca — disse Uhura —, mas efetiva.

— E Spock — Achernar olhou para o piso onde Obo havia caído —, eu também lamento... eu esperava prevenir o dano.

Spock assentiu.

— Sr. Nelson, escolte o Sr. Achernar à sua nave. Ele pode aprontá-la para partida, e seu transmissor pode ser removido. Tente se manter consciente.

— Sim, senhor — Nelson resmungou.

— Achernar, se e quando alcançarmos a segurança, você está livre para ir. Sua carga será devolvida. Uma vez que os registros do nosso encontro foram apagados, a presença da carga sem você seria difícil de explicar. Parece que, hoje ao menos, os nossos interesses coincidiram.

— Sim — disse Achernar —, e mais frequentemente do que você possa pensar. Essas hostilidades são cansativas... e tão ruins para os negócios.

Quando Nelson deixou a ponte com sua carga, Spock desceu ao leme, estudou a tela principal, e falou em voz baixa:

— Sr. Sulu. Se eu entendi a seqüência dos eventos, há algum lapso de tempo entre a explosão na nave-batedora e minha irradiação de volta. Correto?

— Sim, senhor. — Sulu sabia o que estava vindo. — A energia foi interrompida por um instante, mas eu penso que foi por cerca de duas horas. Senhor.

— E embora o motor *warp* estivesse inoperável, você estava ciente da aproximação de naves inimigas e você tinha potência de impulso. Correto?

— Sulu anuiu. — Então de fato você poderia ter abandonado a órbita.

Poderia ter executado minhas ordens, todavia escolheu não fazê-lo. Correto?

— Uma outra concordância. — E você empreendeu esta ação como sua própria?

— Eu o fiz, senhor — disse Sulu, calmo como qualquer vulcano.

— Isso será relatado, Sr. Sulu. Abandone o comando em favor do Sr. Scott, quando ele retornar. E não deverei estar disponível.

— Sim, senhor. — Sulu manteve seus olhos estudadamente no leme, mas Uhura e Chekov fitavam abertamente a Spock. Vários outros técnicos trabalhando na ponte sabiamente mantiveram suas bocas fechadas, mesmo depois das portas do elevador se fecharem e Spock não poder mais ouvir.

— Talvez ele deixe isso passar, Sulu — Uhura murmurou, sob um emaranhado de cabos no seu posto. — Pois afinal você salvou as vidas

deles... e aquelas naves nos teriam pego, de qualquer modo. Ele *sabe* disso.

— Não é esse o ponto — disse Sulu, sem rancor. — Eu tinha as minhas ordens. O fato é que eu simplesmente não podia executá-las. Ele sabe disso também.

— Você está em boa companhia — falou Chekov, lealmente. — Nem o capitão o faria. Mas "alferes Sulu" não soa tão mal.

— É um pouco cedo para piadas, Pavel. A ponte está uma bagunça, nós estamos em potência de impulso do lado errado da Zona Neutra, e nossos sensores estão fritados. Então fique atento, e nos mantenha fora de encrenca.

— Estou tentando, Sulu. Mas o que Spock está fazendo? Por que ele não está?...

— Eu não *sei!* — Sulu respondeu, com ferocidade.

Isso silenciou a todos. Durante a hora seguinte, os reparos prosseguiram. Alguém trouxe bandejas de sanduíches e café. A tripulação sênior estivera em atividade quase que virando o relógio, mas ninguém falava sobre substituições, e as estrelas lá fora mal mudaram de posição enquanto a *Enterprise* rastejava pelo espaço. O passo de caracol desgastava os seus nervos. Quando Uhura limpou a interferência sobre os canais da nave, seu painel começou a bipar firmemente com chamadas que chegavam: departamentos enviando relatórios, oficiais reportando que sistemas retornavam, e o Dr. McCoy, da enfermaria. Suas notícias provocaram um viva na ponte.

— ...Obo vai conseguir! Aquele carinha tem dois cérebros... *Quando um se fecha, o outro continua indo. Não pude reimplantar os dedos, porém. Danos de tecido em demasia... Mas Obo não parece se importar. Ele acordou e falou com Harper, por um minuto, e então voltou a dormir. Agora o que eu quero saber é...*

— Nós passaremos a notícia, senhor. — A atenção de Sulu estava em Scott, que acabara de entrar na ponte, parecendo uma nuvem de trovão. — Preciso ir agora, doutor. Diga a Harper para aproveitar o seu tempo.

— *Harper não está aqui* — McCoy rosnou. — *Spock veio até aqui e levou-o! E Saavik também não está aqui! Agora eu quero saber...*

— Ela não está aqui em cima, senhor. Nós a mandaremos de volta, se a virmos — Sulu prometeu, desligando. — O comando é seu, Sr. Scott, e...

— Sim, mocinho, eu sei. A fera está viva e nosso motor está funcionando. — Mas Scott não estava celebrando. Ele espiou o que havia no posto de engenharia e finalmente pareceu satisfeito com o que achou. — *Warp* um, Sulu. Vamos ver como ela vai.

Ela foi, e a tripulação gritou vivas uma vez mais. *Warp* um tornou-se *warp* dois, então *warp* três, e a ponte estava respirando mais fácil, ao entrarem na Zona Neutra. Quando Chekov captou duas patrulhas caindo sobre eles, a *Enterprise* acelerou novamente e deixou os romulanos



disparando em frustração contra os jatos de partículas emitidas. Ela acelerou por aquela terra de ninguém do espaço, com um ano-luz de largura, mas o humor de Scott não se tornou nem um pouco mais leve, nem mesmo quando Sulu e Chekov deram poderosos suspiros e curvaram-se em suas poltronas, aliviados.

— Entrando no espaço da Federação, Sr. Scott — disse Sulu, tranquilamente. — Conseguimos, senhor. Estamos em casa. E, senhor, eu devo dizer-lhe que...

— Ponte para todos os conveses. — Uhura comunicou a notícia, nos canais da nave. — Conseguimos, pessoal. Eu só pensei que vocês gostariam de saber.

— ...Então eu acho que estou no relatório, senhor. — Sulu terminou o relato de seu debate com Spock, e Scott bufou, em desgosto.

— Você ficará no leme, moço, onde você pertence! Ele murmurou alguns votos em gaélico, inspecionou o progresso dos reparos, e então espantou os técnicos da ponte.

— Há uma coisa que vocês não sabem — Scott anunciou. — Podemos estar perto de casa, mas não conseguimos ainda. E eu não posso dizer se conseguiremos. Nosso Sr. Spock tirou folga da sua razão! Ele e Harper...

Scott parou. O elevador estava chegando, e seu passageiro estava gritando. Como de hábito.

— *Uma vez!* — McCoy gritava, enquanto precipitou-se através das portas abertas. — *Uma vez*, alguém me dirá o que *diabo?*...

— Scotty estava para fazê-lo — disse Uhura. — *Não estava*, senhor?

— Sim — Scott rosnou. — Isto é contra as ordens, mas eu não posso mantê-lo só para mim. Spock e o moço Harper selaram o laboratório um. Eles estão lá com uma daquelas danadas caixas romulanas! Eles estão trabalhando em trajes, testando pedaços de rocha e poeira. Barreiras de contenção, linhas de alimentação, oxigênio... Eu os instalei, mas não gosto disso. Se ele estiver certo, tudo estará bem, diz ele. E se ele estiver errado... — Scott balançou a cabeça.

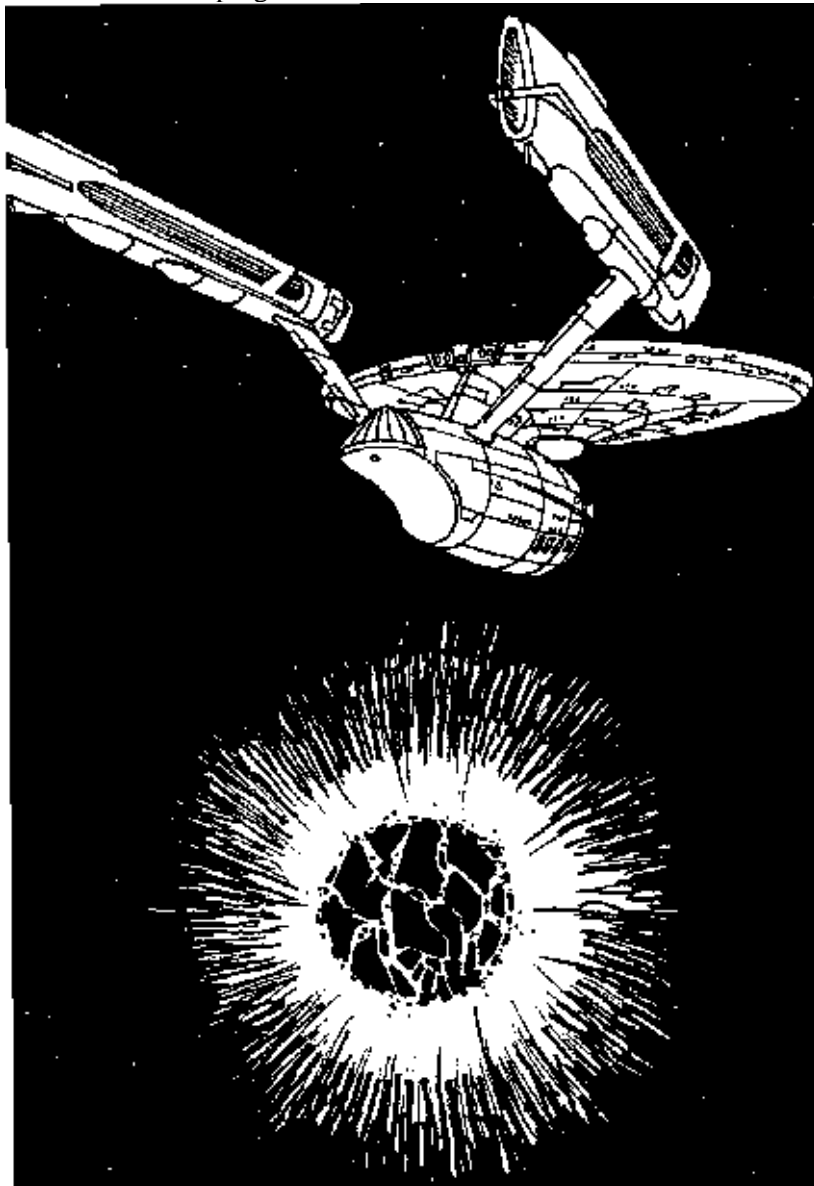
— Se estiver errado... *o quê!* — exigiu McCoy. — *Continue*, maldição!

— Você não repetirá uma palavra disto, doutor! — replicou Scott — Nem nenhum de vocês, entendido? Se der errado, nós damos um curso ao computador, e então transmitimos os registros e abandonamos a nave. Sim, deixando Spock e Harper para trás, vivos ou não, pois se a contenção quebrar, não haverá meio de trazê-los para fora. Nós ficaremos à deriva nas cápsulas, até que alguém nos pegue. Esta praga a bordo não pode ser detida! Agora, nem uma palavra, ou Spock vai me...

— De fato! — a voz de Spock retumbou atrás deles; desta vez ninguém notara o elevador. Ele e Harper caminhara para dentro da ponte, sem os capacetes, mas ainda vestidos em roupas ambientais brancas, que estavam

cobertas com uma poeira brilhante. Harper tinha uma aparência de quieto triunfo e precipitou-se sobre McCoy, perguntando sobre Obo. Spock segurava um tape de computador em sua mão, e foi direto ao posto de Uhura, ignorando as caretas e exclamações de alívio.

— Rompa com o silêncio de rádio, comandante. Somente para os olhos do almirante Nogura. Eu entendo que o seu encriptador pode confirmar nossa identidade sem perguntas?



— Sr. Spock — Uhura apanhou o *tape* e começou a codificar —, o senhor simplesmente deixe comigo.

Spock observou-a trabalhar, e Scott pairava sobre os seus ombros.

— Senhor — ele prontificou-se —, nós poderíamos saber o que você encontrou. — O antídoto estava na poeira — disse Spock. — O Dr. McCoy estava correto. Afortunadamente, pois sua teoria era a única pista que tínhamos.

— Bem, maldito seja eu! — praguejou McCoy, sorrindo largamente.

— Não tenho dúvida sobre isso — concordou Spock. — Não obstante, neste caso sua dedução foi realmente lógica, o que seria um divisor de águas em sua carreira. Eu posso assumir que o seu paciente está estável, doutor? Uma vez que você está aqui empenhado em fofocas inúteis?

— Spock, Obo está sendo observado pelo melhor do *staff* médico e por cada monitor operante em minha enfermaria! E eu não *precisaria* estar aqui, se alguém apenas houvesse me contado o que diabo...

— Mensagem enviada — Uhura interrompeu. — O que fazemos agora?

— Já fizemos tudo o que podíamos. Mas você pode ter esperança, comandante, se quiser. Espere que estejamos em tempo. Chame pessoal de substituição para a ponte. Sr. Sulu, tire-nos do posto. Sr. Scott, nós ficamos aqui, para supervisionar os reparos. Eu deverei retornar em breve. Talvez — ele olhou de Scott para Sulu enquanto começava a sair da ponte —, você possa executar *essas* ordens sem embelezamentos criativos.

— Oh, sim — Scott murmurou, indo atrás dele. — Mas, senhor, sobre Sulu estar no relatório. O moço enganou-se, senhor. Eu empurrei a hierarquia sobre ele, eu fiz. Eu disse... Pare aí, mocinho! — avisou, quando Sulu abriu a boca para protestar. — Ele não estava contradizendo ao seu superior. Aqui está como aconteceu, senhor. "Nós os acharemos!" eu disse, "mesmo que tenhamos que mandar pra baixo os escaleres!" Agora — ele olhou em torno, procurando confirmação —, não é isso o que eu disse? Todas as cabeças, menos a de Sulu, assentiram à deixa. Spock voltou-se; sua sobancelha pendia como um pingente de gelo.

— E o que *eu* disse, Sr. Scott, é que as ações de Sulu seriam reportadas. Como serão as performances de cada tripulante desta nave... ao capitão, é claro. E, dada as próprias tendências criativas dele — Spock suspirou, resignado —, eu tenho pouca fé de que a disciplina irá melhorar. Deverei estar no convés do hangar.

— Não tão rápido, Spock! — McCoy colocou-se em seu caminho. — A sua Saavik saiu andando da minha enfermaria, e eu a quero de volta. Se você a ver...

A expressão de Spock endureceu.

— Isso é muito improvável, doutor — disse, e ultrapassou McCoy a passos largos, rumo ao elevador.

A ponte irrompeu com perguntas e congratulações. Harper começou um relato de seus experimentos de laboratório, e Scott e McCoy convergiram sobre Uhura para ver o conteúdo daquela mensagem.

— Eu não entendo — ela disse. — Apenas uma fórmula e algumas instruções. Soa simples, se eles tivessem esse material lá na Terra.

— Mas isto... — Scott franziu o sobrolho para a tela de Uhura, balançando a cabeça. — Oh, moça, eles têm isso aos montes. A Frota Estelar esteve sentada sobre a resposta o tempo todo. Mas eu não posso acreditar! O material não vale nada!

— Não, senhor — assegurou-lhe Harper. — Agora não mais.

\* \* \*

— Bem-vindo a bordo, amigo Spock. — Achernar sentava-se no esplendor almofadado de sua nave, checando as leituras no seu painel de instrumentos. — Meus cumprimentos à sua tripulação. Minha nave está reparada e sem danos.

— Ela estava energizada na hora da explosão. E, sem dúvida, o seu casco estava escudado...

Spock subiu pela escotilha, inspecionando o interior com interesse. Scott estava certo: a nave era um deleite, obviamente construída ao gosto do cliente, e sem poupar gastos. Um transporte com capacidade para um ocupava o convés principal posterior, uma extravagância para uma nave tão leve. Pérola cinza e cromo, mais mobília, ornamentos de madeira talhados à mão, uma instalação de sensores que Spock desejou poder estudar. Tudo isso era muito mais pródigo do que um vulcano consideraria de bom gosto, mas a elegância e o artesanato envolvido ultrapassava tudo o que ele já vira. Um *tape* musical tocava suavemente. A única coisa fora de lugar era um buraco escancarado no centro do convés, o qual revelava um compartimento de carga vazio.

— ...Como ele precisava estar — Spock acrescentou. — A Zona é um lugar perigoso, atualmente.

Achernar deu de ombros.

— Ela sempre é. Então, você mantém a sua barganha?

— Sim. O que me intriga, Achernar, é como você planeja manter a sua. O que é essa coisa de valor que Tahn pensa que você tem?

— Uma fortuna — Achernar sorriu —, que ele fez extraviando fundos de uma certa "organização". — "Uma organização", Achernar pensou consigo mesmo, "que está para ser dissolvida para sempre." — Eu o assisti ao longo dos anos para render aos seus fundos mais... ganho líquido, digamos. Mas então essa organização demandou as naves e tropas dele, e nessa mesma noite vinte arcas sumiram da sua adega trancada. Tahn viu os seus dias serem numerados. Quis escapar, mas sem riqueza ele não poderia ir a lugar

algum. Assim, ele me contratou para recuperá-la. Vale mais para ele do que qualquer nave... mesmo a sua. Achernar recostou-se em sua poltrona feita sob encomenda e observou Spock. Seu sorriso alargou-se.

— Assim... uma coisa em troca de uma coisa — Spock murmurou.

— Sempre. O segredo, veja, é saber o quê.

— O que eu vejo, Achernar, é que você barganhou em má fé. Você não tem vinte arcas. Nenhuma fortuna.

— Você não acredita em mim.

— Não — disse Spock, e descobriu-se estranhamente desapontado. —

Nós o resgatamos em espaço da Federação. Demos busca em sua nave. Você carregava apenas contrabando. Sua palavra empenhada é problema seu, é claro.

— E eu não estou acostumado a tê-la impugnada! — Os olhos de Achernar faiscaram. — Acho que isso incomoda-me. Então, amigo Spock, eu também deverei fazer um acordo. Olhe novamente. Uma mão esfregou-se sob o painel de voa, mas Spock nunca viu-a. Seus olhos seguraram o dedo de Achernar apontava, para o compartimento de carga, onde um segundo abria-se por baixo do primeiro. E este não estava vazio.

A barriga da pequena nave estava forrada com ouro. E prata. E o ardente brilho de rubis romulanos espalhados sobre montes de moedas, taças, barras de ouro puro...

— Não culpe a sua tripulação, amigo. Quando se descobre um compartimento de carga cheio, raramente se pensa em olhar adiante. E que uso teria o meu caro bloqueador de sensores se ele não funcionasse?.

— Fascinante — disse Spock.

— Malditamente complicado! — Achernar franziu o cenho, aborrecido.

— Um incômodo pernicioso! Eu roubei o tesouro de Tahn eu mesmo, veja... Oh, vamos, Spock. Um tolo e seu ouro em breve são separados, não são? Melhor que eu o roubasse, do que um outro. Ele viria a mim pedindo ajuda. Eu lhe devolveria, cobraria uma modesta soma por meus esforços, e no Ínterim satisfaria um certo cliente do seu lado da Zona Neutra que tem uma incomum ânsia por rubis.

— E a adega trancada? — O olhar de Spock transferiu-se para a seção posterior.

— Um transporte não precisa de chaves. Sensores localizam metal precioso. Mas eu somente converti os ganhos mal-obtidos de Tahn. Nunca lhe perguntei de onde vieram. Tal curiosidade seria indecorosa. Não, eu não sabia nada dessa absurda política até que ele me convocou, certo de que seu grande líder o descobrira, removera dele seu ouro e apropriou-se dos soldados que poderiam defendê-lo. Eu dificilmente poderia contradizê-lo, não? Assim, eu o mandei embora com suas tropas. Nós planejávamos nos encontrar em *Thierrull*, e eu fui cuidar dos meus negócios... Mas esse ouro

amaldiçoado era pesado demais. Arruinou meu estabilizador, e me deixou à mercê da Frota Estelar. Eu até mesmo tentei avisá-lo, quando soube para onde você nos trouxera, mas o seu médico me drogou e me amarrou como a galinha, ao invés de escutar o bom senso. Esta transação inteira — ele reclamou impertinentemente —, não tem sido nada exceto *política* do começo ao fim. Evite a política, amigo Spock. É perigosa e muito ruim para os negócios.

— Eu abomino os seus negócios — disse Spock —, mas eu assumo que você mantém sua palavra... contra o meu melhor julgamento. Uma pergunta, se eu posso...

Houve o lamento de carrinhos elétricos do lado de fora, e o som de passos, então uma batida no arco da comporta.

— Sua carga, Sr. Achernar, e eu fiz como o senhor disse com a... Oh, Sr. Spock.

— Sr. Nelson, cavalheiros. Prossigam. A equipe de segurança carregou os conteúdos de seus carrinhos no compartimento, o qual agora parecia tão vazio quanto antes. Não escapou a Spock que dois itens estavam faltando: a cerveja

romulana e o Glenlivet. Ele suspirou e absteve-se de comentar; uma vez ao menos, ele simplesmente não queria saber.

— Agora — disse Achernar, quando eles partiram —, alguma coisa ainda o intriga, amigo. Qual é a sua pergunta?

— Por que fez isso? O Sr. Harper disse que você sabia que sua nave estava reparada. Não está claro para mim como você escapou da enfermaria, mas você poderia ter vindo para cá, ao invés de para a ponte. Você assumiu o risco.

— Sim. — O rosto de Achernar suavizou-se. — Como o fez a gatinha que me libertou... contra o melhor julgamento dela. Ela não gosta de mim. Ela fez um voto — ele recordou-se ternamente — de que, se algum mal viesse a atingir sua nave, ela me caçaria e arrancaria meu coração. Digamos que acreditei nela. Ele vasculhou um bolso e trouxe de lá uma moeda. — Ouro romulano — murmurou, segurando-a à luz. — Nenhum que seja mais fino, em toda a galáxia. De-lhe isto por mim, algum dia, para lembrar-lhe do seu próprio valor. — Riu da hesitação de Spock, e apertou-o na mão do vulcana — Eu deverei deduzi-la de minha comissão, é claro.

— É claro. E algum dia talvez ela apreciá-lo-a. Tenha uma jornada segura, Achernar. Você nos prestou um serviço.

— Eu o fiz. Um que eu espero venha a ser retribuído, se nossos caminhos se cruzarem novamente, e se a necessidade surgir. Como os humanos dizem, amigo Spock, você deve a mim. E diferentemente de vulcanos — ele sorriu —, eu cobro minhas dívidas. Ele ainda sorria quando Spock alcançou o fundo da rampa e voltou-se para levantar a mão.

— Vida longa, Achernar, e... próspera.  
— Eu me esforço para ter ambos. Prospere, amigo Spock. E viva longamente.

\* \* \*

— ...Sim, senhor, é isso o que diz. — O tenente-adjunto Michaels estava, nervosamente, diante da mesa de Nogura. — Mas suas ordens já foram *enviadas*, senhor! No momento aquelas naves...

— Onde está a verificação disto? — Nogura retrucou, furiosamente calculando atrasos de tempo subespaciais e a distância em que a sua frota estava da Zona Neutra. — Nós estamos certos de que veio da *Enterprise*?

— Confirmado, senhor. — Michael digitou a data da transmissão e a análise. — E ela não está em mãos inimigas. Isto superou todas as seqüências de prioridade na rede. Mesmo se os romulanos tivessem o nosso novo código, ele não poderia fazer isso. Isto foi enviado por um *expert*, almirante. Ela repete três vezes, cada uma cifrada por um data diferente... a data em que o Tratado foi retificado, então a data em que a *Enterprise* foi comissionada, então... bem, esta é a do seu aniversário, não é, senhor?

— O departamento de ciência recebeu tudo isso?

— Sim, senhor. Mas levará algum tempo para achar o suficiente dessa material para pulverizar e irradiá-lo para dentro do suprimento de ar...

O intercom chiou: Komack. Novamente.

Nogura contemplou a data em sua tela. Uma guerra estava começando, cem anos de paz terminando porque uma mensagem chegou tarde demais. Se a mensagem estava certa, isso não precisava acontecer. Mas se estava errada...

— ...Um momento, senhor. — Michaels cobriu o minúsculo sensor do remoto do comunicador com seu dedo. — Senhor, o escaler do almirante Komack está atracando, e ele quer vê-lo, senhor... sobre porque você adiou o ataque. Ele quer subir aqui. Quer saber o que, uh, diabo você está fazendo. Lamento, senhor. Isso é uma citação.

Nogura assentiu. Cruzando a sala, os galhos do seu salgueiro sacudiam-se na brisa que vinha da grade de ventilação. Sobrevivendo. Dobrando-se. Constantemente lembrando-o que a vida seria mais fácil se o seu proprietário fizesse o mesmo. Mas árvores não eram almirantes. A vida não era fácil. E neste instante e preferiria estar olhando para um carvalho.

— Virando algumas naves — disse, estendendo-se para o seu codificador —, é o que diabo eu estou fazendo. Diga-lhe isso, Michaels. — Ele começou a bater nas teclas.

— Sim, senhor. — O jovem adjunto engoliu em seco, resmungou miseravelmente para dentro do comunicador e encolheu-se durante a extensa resposta. Então ele cobriu o sensor novamente. — Almirante, ele... ele diz

que você não pode *fazer* isso, senhor!

Os dedos de Nogura continuaram dedilhando as teclas.

— Senhor, ele diz que o Conselho *votou!* Diz que escreverá um *relatório! Diz que...*

— Michaels.

— ...Senhor?

— Faça-o esperar.



## TREZE

Saavick sentou em um canto escuro do deck de observação onde ela gastou sua viagem de volta observando as estrelas, falando a ninguém, e considerando como a sua vida tinha mudado. Spock não tinha mandado chamá-la e tampouco ela sentia o desejo de apressar o momento que chegaria em breve. A partir de procura interior e de suposições mal formuladas, ela encontrou muito para pensar em sua nova vida que se abria diante dela. Mas de uma coisa ela tinha certeza: que não havia lugar na Federação Estelar para ela agora, não para nenhum cadete que desobedecia ordens e agredia o seu oficial comandante. Os regulamentos eram bem específicos neste ponto; e Spock o seguia à risca, como ela sabia muito bem a essa hora. Isso não mudava nada. Ela fizera o que devia fazer, e ele fez o mesmo.

Dr. McCoy aparecia todo dia, passava o seu analisador sobre ela, e examinava a camada de pele sintética que cobria suas mãos e seus braços.

Ele fazia sons de aprovação jogando spray frio nas suas feridas e mostrando uma delicadeza que ela nunca podia suspeitar que ele possuísse ao deixá-la sozinha. Uhura veio uma vez, sentou com ela por um tempo, tocou-a no ombro e então foi embora novamente.

E Bobby Harper trazia as notícias. Ele a encontrou aqui na primeira noite e desde então, toda noite, com seu jeito quieto e gentil começou a lhe contar os eventos de cada dia, nunca fazendo perguntas ou esperando respostas. Ela ouviu como Achernar era uma lenda agora; e como a meio caminho da Zona Neutra, toda a frota da Federação voltou atrás quando a resposta chegou a tempo.

— ... E funcionou, — Harper estava lhe contando agora. — As notícias vieram de algum almirante hoje. O quartel-general e Life City estão abertas. Os serviços de memorial serão amanhã, e nós estamos quase em casa. Nós conseguimos, Saavick, nós paramos a guerra. E a Terra está salva novamente. Portanto o que quer que seja que você fez lá, fez diferença. Eu só queria que você soubesse.

Saavick ainda estava em silêncio, mas Harper achou que ela parecia um pouco menos distante do que antes. E ela ouviu cuidadosamente quando ele lhe contou como Obo estava se recuperando. Portanto tenha sido bom ter ficado falando com ela desse jeito. Ela não parecia se importar, mas era sempre difícil saber em se tratando de vulcanos.

— Engraçado, a respeito daquela poeira, - ele comentou, colocando-se ao lado dela para observar a paisagem. - O Sr. Spock disse que ela imunizou o planeta inteiro e ele deveria saber disso. As máquinas que fizeram as armas não foram projetadas para manter o vírus *dentro* mas sim para manter a poeira *fora*. Todos aqueles componentes de ferro e enxofre, dos quais o ar

estava cheio. Mas um, FeS<sub>2</sub>, acabou por quebrar a estrutura molecular do vírus. A Federação Estelar realmente estava esperando pela resposta, bem como estava a Life City. Veja, nos velhos tempos as pessoas vinham para a Califórnia a

procura de ouro, e muitas delas perdiam tudo o que tinham com o FeS<sub>2</sub>. A pirita de ferro. Ela realmente parecia bonita, mas não era real. Esse é o motivo porque foi chamado de "ouro dos tolos." Eu imagino o que elas pensariam agora se soubessem que isso salvou o mundo.

— Sr. Harper, - disse Saavick suavemente, a primeira vez que ela falara em dias, - Eu gostaria de fazer-lhe uma pergunta. O que os humanos fazem quando. .. eles perdem tudo?

Harper desejaria saber. Ele tinha perdido tudo, claro; Obo estava indo bem. Mas esta manhã o Sr. Spock ofereceu a ele um cargo na Enterprise, ele disse para pensar a respeito e depois dar a sua resposta. *Não há nada para voltar*, ele ficou se dizendo o dia inteiro. *Mamãe se foi, e a casa nunca será a mesma...*

Ele tinha de parar de ficar vendo o rosto de Jessie Korbet em seus sonhos e desejando por coisas que não poderiam existir. Mas existia Obo. O que fazer à respeito de Obo?...

— Tudo? - Ele pôs a sua mente na pergunta de Saavick. - Você quer dizer como fortunas, casas, ou... pessoas que nós amamos? Coisas como estas?

— Sim. - Saavick meneou a cabeça com os olhos fixos nas estrelas. - Coisas como estas.

Harper pensou naqueles mineradores e pioneiros de anos atrás. Ele pensou nos domos brilhantes, fantasias de infância e sobre crescer em uma cidade que fez de mil mundos seu lar. Ele pensou em sua mãe, todos aqueles prêmios em seu escritório, todo trabalho que ela nunca terminaria. Ele pensou em Obo. E de repente ele sabia o que dizer ao Sr. Spock.

— Bem, quando nós perdemos tudo, - Ele disse calmamente, - Nós reconstruímos. Nós começamos novamente, e fazemos isto quantas vezes for necessário, eu quase tinha esquecido isto. Eu tenho que decidir algo importante hoje, e agora eu sei o que fazer. Obrigado, Saavick.

— Pelo que, Sr. Harper? Você sabia a resposta.

— Mas eu não sabia que eu a sabia, - Ele sorriu, - Até você fazer a pergunta certa. Os humanos não são lógicos como os vulcanos. Nós sempre procuramos por finais felizes. E quando as coisas não dão muito certo, nós apenas tentamos novamente. Por isso nós mantemos nossas velhas histórias, como aquela sobre Pandora, porque nós precisamos acreditar que alguma coisa foi deixada dentro daquela caixa. Uma chance de vitória, eu acho, contra todo o mal que existe no mundo.

— Esperança.

— Sim. E algumas vezes nós vencemos. Mas outras vezes... parece que somos desclassificados. Os vulcanos não acreditam em esperança, acreditam?

— Eu não sei. Eu não experimentei até agora, mas existem muitas coisas que eu não experimentei. O que eu acho, — Ela disse bem devagar, — que as pessoas fazem seus próprios vilões... e o resultado não é uma questão de escolha. Eu acredito que uma caixa se abra, Sr. Harper, porque é de sua natureza, e a curiosidade é nossa. Confiar em deuses não a mantém fechada, e a esperança não impede que o mal entre no mundo. O único caminho de fazer isto... é não fazer a caixa.

— Mas alguém sempre faz. Você acha que as pessoas podem mudar?

— Eu acho que aqueles que procuram por finais felizes devem insistir nisto, e eu conheço pessoas que podem mudar.

— Agora isso - Ele sorriu, - parece um pouco como esperança, Saavick

— Não, - ela suspirou, - depende de trabalho duro. Mas toda a vez que eu falhar irei me lembrar do que você disse, Sr. Harper. E eu irei começar novamente. .. - Ela se virou para as estrelas entrando dentro de seus próprios pensamentos enquanto suspirava para si mesmo, - ... quantas vezes for necessária.

E pouco depois, Harper foi atrás do Sr. Spock, ele ainda não sabia o que acontecera para deixá-la tão triste. Mas, pensando bem, ele não sabia muito a respeito de Saavick. Exceto que ela era o torpedo fóton, ele a tinha visto fazer três lançamentos perfeitos sem nem mesmo desmanchar seu uniforme. E ele achava que alguém com um braço daquele nunca falharia... em nada.

— Spock venha dar uma olhada nisto. - McCoy curvou sobre o seu analisador. Eu juro que esse pequeno monstinho é mais forte do que qualquer um já imaginou. Olhe, estão crescendo novos dedos. Regeneração celular em um estado muito avançado. Como será que ele faz isto?

Spock estudou a tela por um momento.

— Fácil conserto, sem dúvida. - E muito rápido! Mas o que acontecerá a Obo agora? E o que será feito a respeito de Harper?

— O Sr. Harper pediu uma transferência para Life City, e eu devo atender seu pedido. O seu conhecimento será de muito valor durante a restauração. Eu estou recomendando o Belandrid, junto as autoridades do museu, para uma posição lá. Portanto a preferência do Sr. Obo de permanecer junto ao Sr. Harper, será honrada. Não vejo lógica em separar pessoas que trabalham mais eficientemente juntas.

— Bem, — disse McCoy, aliviado, — Já era tempo da sua lógica fazer algum sentido!

Spock foi na direção da porta, então hesitou. Para um vulcano, McCoy pensou, ele estava quase divagando. — Doutor, — ele disse finalmente, —

Eu vim perguntar a respeito de Saavik. Qual é a sua condição?

— Ela não vai ter seqüelas, se é o que você quer saber. Pelo menos não externamente. Agora por aquilo que passa em sua cabeça, você deve saber melhor do que... Spock? Ela não foi falar com você também? Eu pensei...

— Eu não a tenho visto, Doutor. Tenho esperado, mas ela tem escolhido por perder as suas aulas todo dia desde...

— Perder as... ela foi enterrada viva! Chegou a um milímetro de morrer lá embaixo! E você se preocupa com a maldita lição de casa?

Spock permaneceu hirto. — Eu pedi uma opinião médica, Doutor.

— E eu estou lhe dando uma! Não que alguma vez você me conte o que está acontecendo! Mas o meu palpite é que além de tudo isso, talvez ela tenha se lembrado do que havia se esquecido. E talvez tenha sido muita informação, muito rápido. Dê a ela um descanso, Spock, pelo amor de Deus. Ela não vai conseguir aprender nada por enquanto.

— Isso é inaceitável. — Disse Spock inalterável.

Foi a última gota para McCoy. — Agora escute aqui, seu filho de um Vulcano de sangue verde! Você a levou lá embaixo! Você quase a matou! E você nem teve a decência de perguntar a ela, como está indo? Bem, já que você está tão preocupado, ela está lá em cima no deck de observação, parecendo como se sua vida tivesse acabado! Eu não sei porque mas você é a única maldita pessoa que ela respeita. Portanto suba lá, e faça o que for necessário para animá-la! VOCÊ ME ESCUTOU?

— Certamente uma questão retórica, Doutor. E como você corretamente apontou, eu sou a pessoa mais indicada para o serviço. O qual, é óbvio, eu sabia em primeiro lugar. — A palidez no rosto de Spock pegou McCoy de surpresa. A sua raiva evaporou, deixando-o contrito.

— Ah, você vai pensar em alguma coisa. Deus sabe que tem prática adquirida o suficiente nesses anos. Apenas faça o que sempre faz, Spock. — Um pontinho de afeição surgiu em sua voz. — Apenas... seja você mesmo.

Spock levantou uma sobrancelha e considerou isso por um momento. Então ele se virou e deixou McCoy falando sozinho.

— O que eu estou dizendo? Eu simplesmente enviei o Grande Lobo Mau ir ajudar a Pequena Chapeuzinho Vermelho!

Uma fina poeira dourada ainda rodopiava pelo ar do Quartel General da Frota Estelar enquanto trabalhadores com roupas e máscaras passavam pelo longo processo de limpeza. A Praça da Federação se enchia com naves aterrizando vazias, e levantando vôo com esquifes negros selados cobertos por bandeiras da Federação. Os mortos iam para casa, serem enterrados em cidades por toda a Terra e em mundos muito distantes, com medalhas por seus serviços e escoltas de honrarias. Mas de toda essa tragédia subsistiu um pequeno e esperançoso pedaço de boas-novas: Pela primeira vez na história,

o governo romulano usou um canal sub-espacial para falar diretamente ao Conselho da Federação. Esse contato sem precedentes sinalizou uma nova esperança para um diálogo. Eles disseram não saber do ocorrido, até certa informação vir à tona; os traidores foram devidamente tratados; ninguém queria a Guerra. Portanto a paz da galáxia, que por pouco se estilhaça, reforçou-se novamente.

No seu escritório da Doca Espacial Nogura franziu o cenho ao seu comunicador, onde dois guardas de segurança estavam checando a Sala 2103 da Administração.

— Ela quer levar o que com ela?

— Um livro, Almirante, — Renn interrompeu, — apenas um livro. Senhor, nós recebemos uma chamada do Departamento Médico; eu sabia que o Almirante Kirk não estava tomando conta de si! Ele vai ficar bem, Almirante?

— Sim, Doutora. É apenas exaustão. E a respeito do livro?

— Bem, eles disseram que ele ficava falando dormindo sobre um livro e um irmãozinho. E eles perguntaram se nós sabíamos o que significava. Nós não tínhamos idéia, mas este era o único livro por aqui. Pertencia àquele alferes que morreu na mesa de recepção. Portanto eu pedi à Segurança que o trouxesse para cá. Gostaríamos de dá-lo a ele, senhor.

— Tudo bem. Mas você terá que correr. Vocês dois estão indo para Life City. Eles precisam de ajuda para restaurar as exposições e um computador. As horas serão mais agradáveis, eu garanto. E ambos receberão comendas por ótimo serviço. Doutora, Sr. Kinski, sua nave os aguarda. Dispensados, com agradecimentos. — Nogura desligou e atendeu a um outro chamado. — Sim, Michaels?

— Aquela nave foi descontaminada, Almirante. Todas as armas destruídas. Eles testaram o dispositivo de camuflagem. Não funciona, senhor. E os circuitos de Dobra foram queimados por uma descarga de força. A Enterprise está no sistema, Almirante. Ela irá atracar dentro de uma hora.

— Eu estarei aí.

Nogura desligou e foi aguar o seu bonsai, contrastando, agora, com os oceanos azuis da Terra. Era uma tarefa que nunca havia delegado, e ele estava saindo hoje a noite. Amanhã falaria no memorial e dedicaria um monumento para os falecidos em serviço da Frota Estelar; ele insistiu nisso. Uma nova árvore crescerá na Praça da Federação. Nogura mesmo irá plantá-la.

E ele fez questão que fosse um carvalho.

— ... mas você não pode desistir agora, Kinski, — Renn argumentou. — Não quando Life City precisa de nós. E apenas a hora errada!

Eles sentaram no banco de trás da nave enquanto ela escalava as nuvens

que cobriam o céu de São Francisca

— O Almirante Kirk me disse para pensar a respeito, e eu o tenho feito,

— Kinski declarou. Ele estava soando muito certo de si, ultimamente.

— Então pense um pouco mais!

— Tudo bem, e não significa que eu estou saindo agora. Mas como eu vou saber quando não é a hora errada?

— Eu acho que não vai, — Renn suspirou, — é apenas sorte.

— Diga, Sr. Kinski, — disse o piloto de seu assento à frente, — quando chegarmos à Life City, por que você não dá uma andada por lá, olhando as estrelas? Isso ajuda a pensar. Foi o que fiz a última vez que estive lá.

O piloto se virou e os fitou com olhos azuis solenes.

— De qualquer maneira, — ela disse, — meu nome é Jessie. E deixe-me contar-lhes uma estória sobre uma hora errada...

O Almirante James T. Kirk observava a tempestade se aproximando de sua janela na Torre Médica da Frota Estelar. Trovões ressoavam. Raios rasgavam o céu, e gordos pingos de chuva começavam a nublar a sua vista da Praça cintilante. Ele se lembrava muito pouco de seu resgate do Refúgio. Era uma mistura de mão generosas, vozes sussurrantes, e um ir e vir de um sono inconsciente. Nos últimos dias ele havia dormido bastante, celebrado todas as notícias. A Enterprise estava segura. A Terra estava salva. A Federação estava salva...

E Heihachiro Nogura ainda o fazia pensar.

*Por quê?* Kirk imaginava. *Por que ele fez isto? Quando eu havia prometido? Quando ele me tinha, amarrado e atado? Eu nunca vou entendê-lo...*

Nogura havia atrasado a sua designação em terra. As ordens de Kirk ainda o listavam como Almirante e Capitão ativo da Enterprise. Nogura o estava tirando do gancho; mas *por quê?* Tempo para achar um substituto? Um simples ato de bondade? Talvez ambos, mas havia algo a mais; uma corda curta.

E ele já a sentia apertar. Por que dessa vez não seria por muito tempo. Logo viria o dia em que Nogura o chamaria para casa, e ele deverá ir. Sem truques, sem brincadeiras, sem jeito. Palavra de honra. *Maldito Nogura...*

*Vou pegar o que conseguir*, ele disse a si mesmo, mas uma sensação fria e cinza percorreu seus ossos. "Exaustão", os médicos disseram. Ou talvez ele estivesse ficando... velho. Talvez chegue o dia em que reconheça Nogura estar com a razão. Por que as cordas puxam e os relógios não ficam parados, e todo mundo tem que crescer um dia.

Kirk virou o livro em suas mãos. Ele estava dormindo quando o deixaram. Discutindo alto o suficiente para acordar os mortos, a enfermeira noturna lhe contou, enquanto lhe trazia seu uniforme para o memorial de

amanhã.

Uma nova jaqueta. Com medalhas, fitas e tranças de ouro que pendiam como correntes.

Kirk não queria pensar sobre isso essa noite. Ele levou a cadeira para perto da janela e abriu o livro. Amanhã ele iria encontrar aquele irmãozinho, mas hoje queria ler novamente a estória; a respeito de um outro Jim, eternamente jovem, que desbravava os mares. Essa noite ele queria esquecer sobre tranças de ouro e promessas. Ele queria ser uma criança de dez anos novamente, e ter tudo diante dele...

*Se contos e canções de marinheiros,  
Tormenta e aventura, frieza e fúria,  
Se escunas, ilhas e bucaneiros  
E náufragos, e o ouro que à terra iria,*

Kirk leu noite adentro, enquanto a tempestade batia contra a janela e balançava as árvores no lado de fora. Ele mal notou. E deve ter sido a impressão que fez seus olhos lacrimejarem mandando uma gota ocasional a escorrer-lhe pela face, mas ele mal notou isso também. Parecia, apenas, fazer parte da chuva.

Spock estava ali de pé a algum tempo, mas as costas de Saavik estavam viradas. Ela se aproximou da janela observando a aproximação com a Terra, e se tivesse sentido a presença dele, estava esperando que ele comesse a conversa.

— Foi muito mal planejado, — ele disse finalmente. — Sem dúvida você teve tempo para um segundo pensamento. Se você quiser expressar arrependimento por suas ações, isso seria deveras apropriado. Pode falar.

Ela o encarou então, frio e distante. Se esse momento causou-lhe ansiedade, ela não iria mostrá-la. Parecia resignada, em paz, inteiramente vulcana. Por alguma razão, Spock achou isso perturbante.

— Eu me arrependo do meu erro, Sr. Spock, — ela disse calmamente.

— Deveras.

— Sim. Eu deveria ter chamado a nave, dito a eles que você estava inconsciente, e mandado que o trouxessem à bordo. Eu... não pensei nisso.

— Você violou ordens, atacou o seu oficial superior; e esta é a extensão da sua desculpa? Falta um certo remorso.

— Sim. A missão não requeria muita força ou inteligência. Não havia o porquê de lhe pedir permissão, visto que não concordaria. Minha obrigação estava clara, Sr. Spock. Eu não vi outro meio de realizá-la. Acredito ter agido logicamente.

— A Frota Estelar não permite tal lógica, Saavik.

— Nunca imaginei que permitisse. Mas algumas coisas são mais

importantes do que a Frota Estelar. Senhor, você não teria sobrevivido.

— Na sua opinião.

— Eu estava lá.

— Entendo. Você tem mais alguma coisa a dizer?

— Sim. Eu não me arrependo de minhas ações. E qualquer coisa que aconteça, agora, é mais do que eu mereço, por que eu faria tudo de novo.

— Você não está ajudando o seu caso, Saavik.

— Eu não tenho caso algum. Ganhei mais do que perdi, e nunca vou perder o que você me ensinou. Agora eu sei... o que significa ser um vulcana E vi. E o que eu vi sempre estará além do meu alcance. Mas eu acho que isso não está em questão. Eu vou tentar, e continuar tentando, Sr. Spock, cada minuto da minha vida. Porque não há coisa melhor para ser. — Ela respirou profundamente. — É isso o que eu queria dizer. Agora eu terminei.

— Mas eu não, — disse Spock. — Não tenho prazer algum no que vou lhe dizer. Como um oficial da Frota Estelar eu tomo como deplorável a sua escolha. Como seu professor, entretanto, devo discutir um assunto já a muito tempo postergado. Pelo o que me cabe, Saavik, — ele a olhou fixamente. — você tem negligenciando os seus estudos. O Dr. McCoy acredita que você esteja de alguma maneira incapacitada. Este dificilmente parece ser o caso. Eu tenho uma dispensa de um mês para conduzir um seminário na Academia da Frota Estelar e irei pessoalmente instruí-la. Esteja avisada que não apreciarei abstenções, em aulas regulares ou particulares. Agora, a respeito do outro assunto...

Spock se sentou e mostrou todos os indícios do começo de uma longa palestra. Saavik estava muito sobrecarregada para falar. Ela se virou para esconder sua confusão, pensando se havia apenas sonhado com tudo isso. Mas não...

— ... quando o pessoal de serviço leva precedência^ — ele dizia. — Mas planos apropriados são imperativos quando alguém vai desobedecer ordens. Decisões apressadas são invariavelmente desastrosas. Cada resultado deve ser revisto, cada contingência remediada; inclusive, eu me sinto compelido a mencionar, terremotos e perda de comunicadores. "Eu não pensei nisso" é exata-mente o tipo de coisa que ninguém gostaria de falar ao Comando da Frota Estelar. Infelizmente, eu falo de... ah, este assunto é deveras desagradável para mim, Saavik, e eu devo falar sobre ele apenas uma vez. Tenho sua atenção?

— Sim, Sr. Spock!

— Muito bem. Então escute cuidadosamente e tente não interromper. No meu caso a acusação foi. de motim, e eu fui culpado desse crime. Eu forjei ordens para um destino ilegal, enganei membros da Frota e ilegalmente me apropriei desta nave e tripulação como meio de transporte. O meu plano, entretanto, sem nenhuma exceção...



— Seqüestrou? — Saavik soltou, se esquecendo completamente. Os olhos escancarados. Sua paz recém-encontrada se fora. E quando a palavra retornou sem resposta, um sorriso se delineou nos cantos de sua boca. — Você, Spock? Você seqüestrou a Enterprise?

Spock pegou a sua vez de responder. Com monumental paciência ele dobrou seu braços. — Eu acredito, — ele murmurou, — que foi isso que eu acabei de dizer. Você acha isso de algum interesse?

O sorriso de Saavik se foi tão rapidamente quanto chegara. Ela pegou sua respiração e tentou recompor-se, mas não a sobrancelha que escalou sua testa.

— Fascinante! — ela disse.

*Isso não está certo*, Uhura decidiu. Ela não estava esperando aplausos ou fanfarras, ou uma comitiva de naves como acontecera no passado. Mas a ponte estava deserta. Spock, Scotty, e McCoy estavam em algum lugar ignorando a vista ou a vendo em particular. Sulu e Chekov sentados em seus postos fingindo que não se importavam e que não havia grandes novidades, apenas outra volta ao lar. Era mais que isso, esse caminho de trafico normal, essa nuvem de satélites rodando em suas órbitas, essa vista do seu planeta precioso rodando coberto por nuvens. E Uhura sentia que alguma cerimônia se fazia necessária, algum senso de ocasião, quer alguém mais pensasse assim ou não. Além disso, ela tinha o comando.

— Está certo, Controle de Aproximação, mais uma volta para atracarmos.

— Ela deu de ombros. — Cavalheiros...

— Permissão para manobrar, madame? — Sulu riu para Chekov e mexeu seu dedos sobre os controles.

— Faça-o, Sulu, com sentimento... — Ela apertou uma tecla, e enquanto as notas de uma sinfonia percorria cada andar da nave, Uhura começou a cantar.

*"Indo pra casa, indo pra casa,  
eu estou indo pra casa  
Como num dia congelado,  
Eu só estou indo pra.... casa...."*

— O que é esta música, Sr. Spock?

— Terráquea. Uma antiga canção chamada Do Novo Mundo. Aquelas palavras foram escritas por um dos estudantes compositores. Eu acho a sinfonia suficiente, mas a música folclórica tem algo ainda.

— É muito... emotiva.

— Deveras. A música honra um jovem país, seus nativos, e os imigrantes que foram fazer novos lares em uma terra virgem.

— Eles... fazem lares? Como eles fazem isso?

— Da mesma maneira que eles fazem agora em mundos por toda a galáxia. Estude os humanos, Saavikam. Eles acreditam ser possível pertencer a todos os lugares. Também é costume deles, e talvez o seu melhor, recepcionar estrangeiros.

— Sim, eles são generosos. E adaptáveis. E eles tem algumas boas idéias, assim como algumas bem tolas...

— Mmmm...

— ... mas eles tomam muitas coisas como certo. Apenas olhe para o seu mundo. É tão belo, eles são tão agraciados. Você acha que eles sabem?

— Eles aprendem, Saavikam. Devagar, mas eles aprendem.

— Oh. Bem, nesse caso, Sr. Spock, eu gostaria de fazer uma pergunta...

# Glossário Star Trek

*Este Glossário contém nomes e termos específicos mencionados neste livro. Procuramos destacar os nomes próprios que têm alguma importância na trama e os termos técnicos mais frequentemente mencionados na série Jornada nas Estrelas. Os conceitos científicos deste Glossário fazem parte do universo ficcional da série, não devendo, portanto, serem confundidos com os conceitos científicos reais abordados no Glossário Cultural.*

**ACADEMIA:** Centro de treinamento e formação dos oficiais da Frota Estelar. Um dos seus testes mais conhecidos é o *Kobayashi Maru*, um exame prático que testa a capacidade de comando e o caráter daqueles que almejam o posto de capitão de nave estelar. Durante a missão de cinco anos da *Enterprise* a direção da Academia ficou a cargo do almirante Heihashiro Nogura.

**ACADEMIA VULCANA DE CIÊNCIAS:** Localizada na cidade de Shi-Kahr, capital do planeta Vulcano, a Academia é conhecida através da Galáxia por seus estudos e pesquisas em todas as áreas do conhecimento. Devido às suas habilidades telepáticas, os vulcanos naturalmente estão interessados nos poderes da mente. A Academia Vulcana investiga também isto, de maneira científica, embora coexista com uma corrente mística bem desenvolvida.

**AHN-WOON:** Arma vulcana utilizada em caçadas e rituais desde a "Época do Início". Como a boleadeira dos gaúchos, tem pedras amarradas nas pontas de uma tira de couro.

**COMANDO DA FROTA ESTELAR:** Localizado na São Francisco do século XXIII, onde as decisões mais importantes da Federação de Planetas são tomadas.

**CONSELHO DA FEDERAÇÃO:** Órgão de maior autoridade da Federação de Planetas que constantemente avalia suas próprias decisões. O Conselho se autofiscaliza e se autogerencia. Fazem parte dele as mentes mais sábias da Federação, o que inclui diplomatas, educadores, dirigentes, cientistas e outros profissionais.

**DATAPAD:** Prancheta de dados com a qual pode-se fazer anotações em qualquer localidade da nave e que pode ter conexão com o computador central. Uma espécie de computador portátil extremamente sofisticado, mas de utilização simples.

**DISRUPTOR:** Arma usada pelos klingons, similar ao phaser padrão utilizado pelos tripulantes da Frota Estelar.

**DOBRA ESPACIAL:** Conceito físico que se utiliza das características métricas do espaço-tempo. Para ir de um ponto à outro de um mesmo espaço, em vez de percorrer todos os pontos entre eles, "dobra-se" o espaço (WARP), fazendo os dois pontos ficarem mais "próximos". Sua utilização para vencer distâncias interestelares foi proposta pelo cientista Zefram Edark Cochrane, um nativo de Alpha Centauri, e propiciou um avanço da exploração espacial, derrubando as barreiras das distâncias interestelares. Nos primórdios da era espacial do planeta Terra, em fins do século XX, a nave mais veloz construída na época atingia velocidades da ordem de 50.000 km/h. A essa velocidade, uma viagem até a estrela mais próxima - a *centauri* - teria demorado quase 100.000 anos.

**ESCUDO DEFLETOR:** Uma barreira física invisível que suporta cargas (disparos e impactos) de altíssima intensidade. Todos os escudos do sistema de defesa são ativados automaticamente por qualquer objeto em curso de colisão com a nave.



#### FEDERAÇÃO UNIDA DE PLANETAS:

Organização política, econômica e social fundamentada no conceito da diversidade com diferentes mundos, espécies e culturas. Reconhece os direitos individuais de todos os seres à autodeterminação, o direito de escolher e seguir seu próprio destino. Seus membros não podem interferir com o desenvolvimento natural de qualquer cultura. Os planetas fundadores da Federação são: Terra, Vulcano, Tellar, Andor e Alpha Centauri. O Conselho da Federação de Planetas é o seu órgão de maior autoridade e constantemente avalia suas próprias decisões. O Conselho se autofiscaliza e se autogerencia. Fazem parte dele as mentes mais sábias da Federação, o que inclui diplomatas, educadores, dirigentes, cientistas e outros profissionais.

**FILOSOFIA DE SURAK:** O planeta Vulcano passou, nos primórdios de sua história, por um período sangrento no qual diversas tribos digladiavam-se na busca da soberania do planeta. Surak, um filósofo, historiador e político, usando seu carisma e seus imensos poderes mentais, iniciou uma

campanha para substituir as emoções pela lógica. Graças a essa filosofia, baseada na "disciplina lógica", é que os vulcanos conseguiram escapar à auto destruição e floresceram como uma das raças mais inteligentes, sábias e pacíficas do Universo. Os dissidentes que não aceitaram a filosofia de Surak, emigraram de Vulcano e acabaram fundando o Império Romulano.



**FROTA ESTELAR:** Uma divisão de segurança e pesquisa da Federação que controla a navegação espacial. Frequentemente toma decisões no tocante ao bem-estar das civilizações. Apesar de ser taxada de braço militar da Federação, a Frota é controlada por leis muito rígidas como, por exemplo, a Primeira Diretriz, que proíbe a interferência física, política ou ideológica em outras civilizações.

**HEALER:** Médico vulcano que cuida tanto da mente quanto do corpo das pessoas. Usa conhecimentos médicos tradicionais para tratar da parte física. Tem grande poder telepático, usando-o para cuidar da parte emocional e psíquica das pessoas, através de elos mentais.

**HIPO:** Contração de hipospray, a seringa para aplicação de injeções subcutâneas.

**I.D.I.C. :** Símbolo e base da filosofia do planeta Vulcano, estabelece que a "Suprema Glória da Criação está em sua Infinita Diversidade em Infinitas Combinações".

**IMPÉRIO KLINGON:** Constituído por vários planetas sob um regime violento e ditatorial dos klingons, uma raça de cultura militarista. A guerra é o conceito central da religião klingon - um complexo código de ritual, honra e crueldade - e tem suas bases firmadas na conquista de outros planetas. Seus objetivos se chocam diretamente com os interesses da Federação. Apesar disso nunca ocorreu uma guerra interestelar entre as duas organizações, graças ao Tratado de Paz Organiano, firmado pelas duas partes. Isso porém, não impediu freqüentes escaramuças com naves da Frota.

**INCIDENTE ENTERPRISE (*THE ENTERPRISE INCIDENT*):** Dominado por um repentino desequilíbrio emocional, Kirk ordena que a *Enterprise* invada o espaço romulano e, ao fazê-lo, é cercado pela Armada Romulana comandada por uma bela oficial romulana Levados à bordo da nave inimiga,

Kirk tenta atribuir a sua invasão a problemas de ordem técnica na nave, mas Spock, surpreendentemente, responsabiliza seu Capitão pela invasão. Revoltado, Kirk ataca seu Primeiro Oficial que, para defender-se, é obrigado a matá-lo, o que o faz ganhar a confiança da comandante romulana. De volta a *Enterprise*, McCoy revive o corpo inanimado do Capitão, pois tudo não passou de uma simulação arquitetada pela Federação de Planetas para que, uma vez dentro dos domínios do Império Romulano, Kirk pudesse localizar o maior segredo militar dos romulanos: o dispositivo de camuflagem que torna suas naves invisíveis. Enquanto Spock conduz um jogo de sedução com a comandante romulana para ganhar tempo, Kirk sofre uma operação plástica para se passar por romulano e assim poder roubar o dispositivo. A *Enterprise* acaba fugindo, camuflada pelo próprio aparelho e, além disso, também levam a comandante como prisioneira.

KAHS-WAN: Na idade dos sete anos, o jovem vulcano deve passar por um rito de iniciação: o *kahs-wan*. Esse teste de maturidade é, na verdade, um curso de sobrevivência, onde o jovem deve passar no máximo dez dias no deserto.

KATRA: É a palavra vulcana para designar a alma, o espírito vivo, a essência, tudo que não é material, toda a sabedoria, tudo o que se é, verdadeiramente. Os vulcanos acreditam na presença da Mente Universal, com quem é possível entrar em contato. Eles possuem numerosas disciplinas — como a do *Kolinahr* — e cerimônias místicas para conseguir esse contato. Devido a sua natureza telepática, possuem também uma versão da imortalidade racional. Quando a morte de um vulcano se aproxima, ele une a sua mente com seu amigo mais próximo. Ele passa a sua essência, o seu *katra*, para essa pessoa, que passa a ser o Guardião do *Katra*, devendo levá-lo então para o Monte Seleya, em Vulcano onde está o Pavilhão do Antigo Pensamento. O *katra* é retransmitido para uma espécie de depósito. O conhecimento e as experiências da pessoa morta passam, então, a integrar a hereditariedade da raça, disponível para qualquer um que deseje consultá-la. No caso de Spock — que morrera após restaurar a força dos propulsores de dobra da *Enterprise* — o Dr. McCoy foi o seu *Guardião do Katra*. Como não conseguiram autorização para ir até Vulcano, Kirk, McCoy e a tripulação da *Enterprise* roubaram a nave e fugiram. Primeiramente foram para o planeta Gênesis, em resgate ao corpo de Spock, regenerado pela Onda Gênesis; e em seguida para Vulcano, onde Sarek, o pai de Spock, exigiu a realização da cerimônia do *fal tor pan*, a reunificação. Até então, existiam apenas lendas a respeito do processo de reunificação, em que o *katra* é reintegrado ao corpo. Esse processo é considerado perigoso e muito difícil para ambos. A cerimônia foi realizada com sucesso por T'lar, a alta sacerdotisa do Pavilhão.



**KHAN:** Khan Noonian Singh, guerreiro *sikh* do norte da Índia, foi líder e ditador de um quarto do planeta Terra e um dos "super-homens" geneticamente engendrados que protagonizaram as Guerras Eugênicas. Foi encontrado, junto com sua tripulação, pela *Enterprise* em unidades de congelamento criogênica na nave *SS Botany Bay-DY100*. Khan manobrou, então, a historiadora da *Enterprise*, tenente Maria McGivers, para reviver sua tripulação. Após quase morrer, Kirk venceu Khan condenando-o e ao seu pessoal, ao exílio no planeta Alfa Ceti V. Catorze anos depois, a *USS Reliant NCC-1864*, procurando um local para os testes do Projeto Gênesis, encontrou Khan e o que sobrou do seu pessoal. O capitão Clark Terrel e o primeiro oficial Chekov, pensando estarem em Alfa VI, foram presos por Khan, que explicou que Alfa VI havia explodido seis meses após o seu desembarque. O choque deslocou Alfa V de sua órbita devastando e transformando o planeta em um enorme deserto. Khan, insano e obsessivamente, culpava Kirk por não investigar seu progresso no planeta, provocando com isso a morte do seu pessoal e, principalmente, de sua esposa. Utilizando-se, então, de um pequeno animal nativo do planeta — cujos filhotes entram pelo ouvido e se alojam no córtex cerebral, fazendo a vítima extremamente suscetível à sugestão — dominou o capitão Clark e Chekov, controlando, assim, a *Reliant* que passou a perseguir a *Enterprise* para matar Kirk.

**KOLINAHR:** O filósofo e líder vulcano Surak estabeleceu um método de disciplina, uma complexa combinação de exercícios mentais e físicos auto-impostos que possibilitam a descoberta e um senso de aperfeiçoamento, realização e serenidade. O ritual final ligado com esta disciplina é o *Kolinahr*, a queda final das emoções, só conseguido através do domínio da mente após um árduo treinamento físico e mental. Surak, na realidade, pregava o controle da emoção, não sua supressão; seus seguidores, no entanto, se viram obrigados a tornar a disciplina mais rígida para prosseguir com a doutrina na cultura de um povo acostumado à violência. O *Kolinahr* foi instituído pelos Mestres de Gol para expurgar totalmente a emoção e fazer prevalecer os conceitos de Surak. Representa a retirada dos medos e necessidades do corpo e a união harmônica com a Mente Universal, o encontro da perfeita lógica.

KUNAT KELIFE A cerimônia conhecida como *Koon-ut-Kal-if-fee* ("casamento ou desafio") é feita em um terreno específico para esse propósito. Através de um acordo de casamento entre as famílias, os meninos e as meninas predestinados realizam um ritual telepático que produzirá uma compulsão para que o macho faça uma jornada até o local do *Koon-ut-Kal-if-fee* durante seu período de *pon farr*. A fêmea envolvida escolhe entre *Kal-if-farr* (casamento sem desafio) ou *(al-if-fee* (desafio, com dois rivais machos lutando até a morte pela fêmea).

PHASER: Armamento básico da Frota Estelar que sobrepujou o antigo laser. É usado em armas portáteis para defesa pessoal, canhões e pequeno porte e em bancos de armazenamento de astronaves para ataque e defesa em manobras no espaço.

PLANETA CLASSE M: Planetas que têm crostas onde predominam silicatos, mares ou oceanos de protóxido de hidrogênio (água), atmosfera oxidante e ainda geologicamente ativos.

PON FARR: Durante o período conhecido como *pon farr*- uma espécie de ciclo de reprodução vulcana, o macho deve se reunir à fêmea para o acasalamento. Na época do *pon farr* de Spock, a mulher vulcana podia optar pelo combate, rejeitando o homem a quem foi prometida e escolher um campeão para lutar por ela e tomá-la como esposa. T'pring, a noiva prometida de Spock, fez uso dessa prerrogativa e pediu o desafio até a morte entre seu noivo e seu campeão: Kirk.

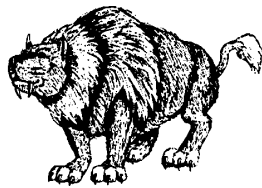
PRIMEIRA DIRETRIZ: Afirma que o direito de cada espécie senciente de viver de acordo com a sua evolução cultural natural é inviolável, ninguém da Frota Estelar pode interferir com o desenvolvimento da vida e cultura alienígena, tal interferência inclui a introdução de conhecimento superior, força ou tecnologia para o mundo cuja sociedade é incapaz de usar tais vantagens de maneira sábia. Ninguém da frota pode violar esta primeira diretriz, até mesmo para salvar sua vida ou sua nave, a menos que esteja atuando no caso de violação anterior ou contaminação acidental de tal cultura. Esta Diretriz tem precedência sobre quaisquer outras considerações e assume a mais alta obrigação moral.

SAAVIK: Única sobrevivente de uma colônia sob controle romulano, foi encontrada por uma patrulha da Frota. É o primeiro caso que se conhece de miscigenação romulano-vulcano. Foi levada por Spock para Vulcano, que quebrou o seu silêncio com Sarek, seu pai, para pedir-lhe que aceitasse a órfã em sua casa. Ele concordou e Saavik foi educada na maneira vulcana. Ela é parcialmente telepata e possui enorme força, como os vulcanos, mas sente grandes dificuldades em controlar suas emoções. Decidiu desde cedo que iria participar da Frota e principalmente da causa da paz galáctica.



Estava em treinamento a bordo da *Enterprise* quando ela foi atacada por Khan, que tentava destruir Kirk. Logo após a criação do planeta Gênesis, solicitou transferência para trabalhar com o Dr. David na investigação do mundo que acabara de nascer. Descobriram que Spock, cujo corpo havia sido enviado para o planeta, não estava morto de fato. Seu corpo fora regenerado pela Onda Gênesis e era agora uma criança em contínuo crescimento, numa estreita ligação com o planeta, que também envelhecia rapidamente. Saavik auxiliou Spock, em seu corpo indisciplinado a lidar com a idade e a chegada do *pon farr*. Mais tarde, foram capturados pelos klingons que procuravam o segredo de Gênesis. David sacrificou sua vida para protegê-la, num gesto que marcou Saavik profundamente. Permaneceu em Vulcano após a missão Gênesis.

SAREK: Embaixador de Vulcano e diretor da Academia Vulcana de Ciências. Pertence a uma das mais importantes famílias de Vulcano. É casado com a professora terrestre Amanda Grayson, com quem teve um filho, Spock. Por anos não falou com seu filho, depois que ele decidiu entrar e seguir carreira na Frota Estelar. A total reconciliação só ocorreu recentemente.



SHELAT Grande mamífero, frequentemente descrito como um grande urso de estimação com enormes presas. Este animal tem capacidade de formar fortes ligações mentais com seu dono. Nos tempos antigos, os vulcanos domesticavam os *shelats* como sentinelas e guardas pessoais. Atualmente o *shelat* foi reduzido ao papel de simples animal de estimação. Entretanto, ainda é capaz de defender os vulcanos dos predadores que permanecem no planeta.

SHIKAHR: Capital do planeta Vulcano, onde está localizada a Academia Vulcana de Ciências, conhecida através da Galáxia por seus estudos e pesquisas em todas as áreas do conhecimento. Devido às suas habilidades telepáticas, os vulcanos naturalmente estão interessados nos poderes da mente. A Academia Vulcana investiga também isto, de uma maneira científica, embora exista uma corrente de crença mística bem desenvolvida em Vulcano.

STASIS: Animação suspensa em que são colocados os pacientes para tratamento de seu sistema nervoso. O sistema nervoso involuntários é "desligado" e todo o corpo é controlado por computador. A regeneração do sistema nervoso voluntário é induzida. Rara retirar uma pessoa do *stasis* é

necessário um *healer* que alcance sua mente e a traga de volta à consciência, (veja CRIME EM VULCANO, volume 8 da Coleção Star Trek® Editora ALEPH)

**TELETRANSPORTADOR** :Um aparelho de teleportação que desmaterializa qualquer pessoa, "dissolvendo" sua estrutura atômica e materializando-a novamente em qualquer outra parte. Um transportador permite o desembarque da tripulação ou da carga de uma nave sem necessidade de uma nave auxiliar.



**T'PRING**: Princesa vulcana prometida para Spock desde a infância dos dois para o período do *pon farr* - uma espécie de ciclo de reprodução vulcana. Durante esse período o macho deve se reunir à fêmea para o acasalamento. Na época do *pon farr* de Spock, a mulher vulcana podia optar pelo combate, rejeitando o homem a quem foi prometida, e escolher um campeão para lutar por ela e tomá-la como esposa. T'Pol rejeitou o primeiro oficial da *Enterprise*, escolhendo o capitão Kirk para defendê-la, tendo por objetivo livrar-se dos dois e ficar desempedida para Stonn, um outro pretendente.

**T'PAU**: Mulher mais importante e proeminente de Vulcano. Sábia e de uma lógica incomparável, T'Pol tem laços muito estreitos com a família de Spock, tanto que realizou a cerimônia de *pon farr* quando o oficial de ciências da *Enterprise* se reuniu a T'Pol.



**TRICORDER**: Aparelho portátil de múltiplas funções, misto de computador e sensor. Mede, analisa e arquiva uma infinidade de parâmetros. Existem várias versões, dependendo das especialidades: o

tricorder médico tem suas funções voltadas para análise de órgãos internos de seres vivos; o de engenharia para análise de materiais e assim por diante

**UNIDADES ANTIGRAVITACIONAIS:** Aparelhos que anulam o efeito da gravidade quando em operação. Podem ser encontrados na forma de sistemas mecânicos que, implantados no objeto, o fazem "levitar", facilitando assim o transporte, ou então como feixes de energia. Sua tecnologia foi descoberta durante o ano 2196.

**USS EXCELSIOR:** A *USS Excelsior NX-2000* é a nova geração de naves estelares, construídas para substituir as naves de classe *Constitution* (como a *Enterprise*).. Tendo como base algumas teorias avançadas do Dr. Cochrane, ela possui a tecnologia dos propulsores de velocidade de transdobra. Da mesma maneira que a dobra pode ser descrita como um pequeno corte através do espaço regular, a transdobra pode ser descrita como um pequeno corte através do espaço de dobra. Sulu havia sido indicado por Kirk para o seu comando, porém, após os eventos da missão Gênesis, na qual conspirou e desobedeceu ordens com Kirk e a tripulação da *Enterprise* para retornar a Gênesis e salvar a vida de Spock, foi preterido no comando.

**VULCANO:** Um dos principais planetas da Federação. Conhecido por suas temperaturas elevadas durante o dia e muito baixas durante a noite, este exótico mundo tem uma atmosfera muito rarefeita que dificulta a respiração para os humanos.

**WARP** Veja Dobra Espacial

**ZONA NEUTRA ROMULANA:** Uma demarcação tridimensional que separa dois setores da Galáxia, guardada por satélites de monitoramento e defesa guardada de um lado pelo Império Romulano e do outro pela Federação Unida de Planetas. Entre os séculos XXI e XXII os romulanos travaram uma violenta guerra com naves da Terra e a trégua só foi estabelecida após o Tratado de Dannon no qual foi criada uma "zona neutra" separando as duas regiões de influência dos beligerantes.

# GLOSSÁRIO CULTURAL

*Este Glossário contém verbetes sobre diversos ramos do conhecimento humano. Objetiva não apenas uma compreensão de alguns termos usados neste livro, mas procura também servir de alicerce, estímulo e motivação para a ampliação e busca de novos conhecimentos.*

**ANO-LUZ:** Distância que a luz percorre, no vácuo, em um ano terrestre. Como a velocidade da luz é da ordem de 300.000 km/s, um ano-luz é da ordem de 10 metros (ou 10 trilhões de quilômetros). Rara distâncias interplanetárias é muito usado, também, o minuto-luz, ou seja, a distância que a luz percorre em 1 minuto. O nosso Sol, por exemplo, dista da Terra 8 minutos-luz.

**BONSAI:** Antiga arte oriental de se fazer crescer árvores em forma de anãs. Um entusiasta desta arte pode gastar até 3 anos cultivando uma árvore em miniatura, principalmente podando raízes e galhos. Podem ser miniaturizados os carvalhos, pinheiros, ciprestes, cedros, etc.

**CAMPO GRAVITACIONAL** Todo corpo com massa produz no espaço ao seu redor um campo gravitacional. Qualquer outro corpo com massa, sujeito a esse campo, é por ele afetado e atraído para o corpo que o originou. A intensidade do campo num dado ponto depende da massa do corpo que lhe deu origem e da distância deste ao ponto em questão. Normalmente, o campo gravitacional é extremamente fraco, se comparado a outros tipos de campos (eletromagnético e nuclear) e apenas corpos muito massivos (como estrelas, planetas e asteróides) geram campos gravitacionais facilmente perceptíveis. A tecnologia atual (1992) não permite vislumbrar a possibilidade de se criarem campos gravitacionais artificiais. O máximo que podemos conseguir é simular um campo gravitacional no interior de uma nave, por exemplo, colocando-a em rápida rotação. A inércia faz com que os corpos tendam a sair pela tangente, mantendo-se pressionados contra as paredes laterais, como se houvesse um campo centrífugo.

**CIANURETO:** Ou cianeto. Ânion de fórmula  $CN^-$  (um átomo de carbono e um de nitrogênio muito usado como veneno na forma de cianeto de potássio ( $KCN$ )). Se ingerido, em contato com o ácido clorídrico do estômago, transforma-se em gás cianídrico ( $HCN$ ) matando quase instantaneamente. O gás cianídrico tem cheiro de amêndoas amargas e é ainda usado, em alguns estados norte-americanos, para execuções nas câmaras a gás.

**CLAUSTROFOBIA:** estado neurótico em que o indivíduo não consegue permanecer em ambientes fechados. Do latim *claustrum*, participio passado do verbo *claudere*, fechar. O oposto é a **agorafobia**, medo de espaços abertos (agora *αγορά* - praça, em grego)

**CLONES:** Seres gerados a partir de células não germinativas. Como não é uma reprodução sexuada, os clones são cópias genéticas idênticas ao original. E como se os organismos filhos fossem gêmeos idênticos dos pais.

**DILATAÇÃO TEMPORAL** Segundo a Teoria Especial da Relatividade de Einstein a "velocidade" com a qual o tempo se "escoa" depende da velocidade do referencial em relação ao qual ele é medida. Se a velocidade de uma nave espacial for  $v$ , a velocidade da luz for  $c$  ( $3 \times 10^8$  m/s), a duração  $\Delta t'$  de um fenômeno medida por um observador estacionário difere da duração  $\Delta t$  medida por um observador situado na nave segundo a relação:

$\Delta t' = \Delta t / (1 - v^2/c^2)^{1/2}$  Rara uma nave viajando a 99% da velocidade da luz, a dilatação temporal seria tal que um ano transcorrido a bordo equivaleria a mais de 7 anos aqui na Terra.

**HEMATITA:** Minério de Ferro constituído pelo óxido  $Fe_2O_3$  que ocorre sob a forma de Hematita Vermelha ou Parda (limonita).

**ESPECTROQUÍMICA:** Cada elemento químico emite, quando excitado, fótons correspondentes aos saltos quânticos que seus elétrons dão entre um orbital e outro. Como cada elemento tem uma distribuição de elétrons característica e cada salto quântico se caracteriza pela emissão de um fóton característico também, a análise da luz emitida por uma amostra permite determinar os elementos que a compõem. É muito usada na análise, por exemplo, das atmosferas de planetas e estrelas, de outra forma inatingíveis. Um dos feitos mais importantes da espectroquímica, em seus primórdios, foi o de identificar um elemento químico no Sol antes de sua descoberta aqui na Terra: o gás nobre Hélio.

**ESCUNA:** Pequena embarcação, normalmente com dois mastros, muito usada nos mares do sul e pelos piratas do Caribe.

**E.T.A. :** Estimated Time of Arrival - Tempo Estimado de Chegada

**ETANOL** Outra denominação para o álcool etílico ( $CH_3-CH_2-OH$ ) contido nos vinhos, cervejas e licores.

**FÓTON:** Partícula subatômica de massa nula quando em repouso que transporta energia eletromagnética. Em linguagem vulgar, os fótons seriam

"grãozinhos" de luz, emitidos toda vez que uma carga elétrica sofre uma transição de energia.

**GAÉLICO:** Língua céltica nativa da Irlanda (Irish Gaelic), Ilha de Manx e das terras altas da Escócia (Scottish Gaelic)

**GAMÃO:** Jogo de azar e cálculo no qual dois parceiros disputam com quinze tabelas cada um, em tabuleiro especial.

**GEOTÉRMICA:** Referente ao calor despreendido pelo interior da Terra. Este calor provém da energia de contração liberada quando da formação do planeta e da liberação de energia provocada pelo decaimento de elementos radiativos.

**HABITAT:** Lugar habitado por uma raça, um animal, uma planta em estado natural: a selva, por exemplo, é o habitat do tigre

**HOLOGRAMA:** Imagem que se forma através de figuras de interferência de ondas eletromagnéticas. Cada pedaço do holograma contém informações suficientes para reconstruir a imagem inteira. Quando um holograma é convenientemente iluminado, apresenta imagens ligeiramente diferentes em função do ângulo do qual está sendo observado. Desta forma, a imagem observada pelo olho esquerdo é diferente da observada pelo olho direito, criando uma ilusão perfeita de tridimensionalidade

**ICEBERG:** Literalmente "montanha de gelo", é constituído por enormes blocos de gelo flutuantes que se deslocam no mar. Como sua densidade é de pouco inferior à da água, sua fração emersa é apenas uma pequena parte do total, donde a metáfora "ponta do iceberg" para designar a pequena fração visível de algo muito mais vasto porém oculto. Foi num choque contra um iceberg que o Titanic afundou.

**IRIDESCENTE:** Aparecimento de cores devido ao fenômeno da interferência da luz. Quando um raio luminoso de certa cor sofre duas reflexões, gerando dois raios paralelos dirigindo-se ambos para o olho do observador, pode haver entre eles interferência construtiva (eles se reforçam, provocando um brilho mais intenso naquela cor) ou destrutiva, fazendo a cor correspondente desaparecer. É facilmente observável em bolhas de sabão, manchas de óleo no chão de um posto de gasolina em dia de chuva, nas asas das borboletas ou no íris (parte colorida) do olho humano.

**ISÓTOPO:** literalmente "mesmo lugar". São ditos isótopos dois átomos que ocupam o mesmo lugar na tabela periódica, tendo portanto o mesmo

número atômico e, portanto, o mesmo número de prótons em seu núcleo. Diferem apenas no número de nêutrons, tendo, consequentemente, diferentes números de massa

**KAMIKAZE** Inspirados pelo código de honra samurai de auto-sacrifício, os japoneses criaram , durante a II Guerra Mundial, uma força suicida de pilotos de avião: *Kamikaze*, "Vento Divino". Deliberadamente jogavam seus próprios aviões, carregados de explosivos, contra os alvos inimigos.

**KIEV:** Terceira maior cidade da ex-URSS, capital da Ucrânia. Conhecida na Rússia como a "mãe das cidades". Foi fundada antes do século IX e foi a sede da Igreja Ortodoxa Russa desde 988 a. D.

**LEVIATÃ:** Grande monstro marinho na mitologia bíblica. O nome é usado metaforicamente para designar coisas muito grandes, como enormes navios ou dirigíveis. Foi usado por Hobbes como alegoria ao Estado.

**MATÉRIA/ANTI-MATÉRIA:** Toda matéria é constituída de átomos, e estes, de partículas elementares. As principais partículas são o próton, o nêutron e o elétron. Existem partículas idênticas a essas, em massa, mas com características magnéticas e elétricas opostas. Assim sendo, temos por exemplo, elétrons positivos chamados anti-elétrons ou pósitrons. Com essas partículas é possível a formação de anti-átomos, os constituintes da anti-matéria. Quando matéria e anti-matéria entram em contato, se aniquilam, transformando-se totalmente em energia. De fato, essa é a forma mais eficiente de produção de energia.

**NÊUTRON:** Partícula subatômica de massa quase igual à do próton porém destituída de carga elétrica. Ao se chocar com um próton, o desloca tomando seu lugar. Bombas de nêutrons produzem grandes quantidades destas partículas que, chocando-se contra os núcleos de hidrogênio (prótons) das proteínas dos seres vivos os deslocam alterando o equilíbrio de cargas e desnaturando-as. Assim sendo, apesar de produzirem danos irrelevantes em objetos inanimados, eliminam todos os seres vivos em seu raio de ação.

**PARSEC:** Unidade de distância usada em Astronomia para indicar distâncias estelares e galácticas. Equivale à distância a que deve se encontrar um astro para apresentar uma paralaxe anual (aparente deslocamento sobre o fundo de estrelas afastadas) de 1 segundo de arco. Um observador, nesse astro, veria a Terra e o Sol afastados de 1" de arco, perpendicularmente Um parsec corresponde a cerca de 3,26 anos-luz (mais de 30 trilhões de quilômetros).

**Ph.D. :** Philosophy Doctor, doutor em filosofia, título referente aos que

se dedicam às ciências puras. O "doutor" em medicina é um Md. D.

**PIRITA:** Ou "pedra de fogo" (em grego purithes lithos) também chamada de "ouro dos trouxas" pois brilha como uma pepita de ouro quando, na realidade, se trata de um sulfeto de ferro ( $\text{FeS}_2$ )

**PRAETOR:** Na Antiga Roma, o pretor era um magistrado eleito anualmente para administrar a Justiça. Hierarquicamente situava-se logo abaixo do Cônsul.

**SAKÊ:** Bebida alcoólica japonesa obtida pela fermentação de arroz contendo de 14 a 15% de etanol.

**STEVENSON, ROBERT LOUIS:** Autor escocês (1850-1894) conhecido pelos seus romances de aventuras, destacando-se *A Ilha do Tesouro* (1883) e *O Estranho Caso de Dr. Jekyll e Mr. Hyde* (1886).

**SUPERNOVA:** Estrela que explode após ter se tornado muito instável. Seu brilho, durante a explosão, pode superar, por um curto período de tempo, o de uma galáxia inteira, constituída por bilhões de sóis!

**UA:** Unidade Astronômica (em Inglês: AU). Unidade de medida correspondente à distância média entre o Sol e a Terra, ou seja 149 597 870 km, aproximadamente 8 minutos-luz.

**VODKA:** Bebida alcoólica sem cor e cheiro obtida pela destilação de milho fermentado ou batatas. Muito consumida na Europa Oriental.

*O Glossário Cultural e o de Jornada nas Esteias foram preparados com a colaboração de:*

*Claudia Freitas, Paolo F Pugno, Ivo Luiz Heinz,  
Lilia Leal de Oliveira, Luiz A. Navarro,  
Pierluigi Piazza, Renato da Silva Oliveira,  
Christiano Nunes e Silvio Alexandre.*